MICHAEL BLAKE

DANÇA COM LOBOS



Rocco

MICHAEL BLAKE

DANÇA COM LOBOS



Rocco



MICHAEL BLAKE

DANÇA COM LOBOS

Tradução de

AULYDE SOARES RODRIGUES

Rio de Janeiro — 1991

2

Título original

DANCES WITH WOLVES

Copyright © 1988 by Michael Blake

Todos os direitos reservados ao autor em todo o mundo Direitos para a língua portuguesa reservados,

com exclusividade para o Brasil, à

EDITORA ROCCO LTDA.

Rua da Assembléia, 10, Gr. 3101

Tel.: 224-5859

Telex: 38462 EDRC BR

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Preparação de originais

MAIRA PARULLA

revisão

SANDRA PÁSSARO/WENDELL SETÚBAL

HENRIQUE TARNAPOLSKY

CARLOS NOUGUÉ

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Blake, Michael

B568d Dança com Lobos / Michael Blake ; tradução de Aulyde Soares Rodrigues. — Rio de Janeiro : Rocco, 1991

Tradução de: Dances with wolves.

1. Romance americano. I. Rodrigues, Aulyde Soares.

II. Título

CDD — 813

91-0425 CDU — 820(73)-3

3

O isolamento a que o Tenente Dunbar é condenado após a Guerra Civil, destacado para um posto próximo aos índios e longe dos brancos, lhe oferece a oportunidade rara de ver a vida de outra perspectiva.

Educado acreditando que a civilização indígena é primária, seu hábito mais marcante o furto, Dunbar descobre, através de um contato incidental, que a cultura dos povos que habitavam os EUA antes de sua descoberta é rica, profunda, e lida com a existência humana de forma superior. A ponte que o une a esse mundo tão diferente do seu é De Pé com Punho, uma branca criada pelos Comanches, completamente integrada.

Pouco a pouco, à medida que vai entendendo melhor os índios, Dunbar, a quem

eles chamam Dança com Lobos, vai percebendo que se afasta dos parâmetros de sua própria civilização.

Confrontando com a possibilidade de voltar para sua comunidade branca, retomando a vida tal como era antes da vinda para o posto, o Tenente Dunbar se percebe mais índio do que esperaria. E recebe do chefe Dez Ursos um convite irrecusável. Ficar. No acampamento, afinal, os brancos nunca o encontrariam. Não um tenente desertor. Em seu lugar só havia um bom guerreiro Comanche e sua mulher. Vivendo os últimos tempos de uma época gloriosa que os brancos em breve varreriam para sempre.

4

Pássaro Esperneante sabia que acabava de ver algo muito precioso, algo que explicava um dos enigmas que envolviam o homem branco... o enigma de como chamá-lo.

Todo homem deve ter um nome verdadeiro, pensava ele, a caminho do seu encontro com o Tenente Dunbar, especialmente quando se trata de um homem branco que age daquele modo.

Lembrou-se dos nomes antigos, mas nenhum servia realmente.

Agora sabia que tinha encontrado o nome certo. Adaptava-se à personalidade do soldado branco. Todos lembrariam dele por esse nome. E

Pássaro Esperneante, acompanhado por duas testemunhas, estava presente quando o Grande Espírito fez a revelação.

Enquanto descia a encosta da montanha, repetia o nome para si mesmo. O som era tão bom quanto o nome.

Dança com Lobos.

5

No fim, a inspiração é tudo.

Isto é para Exene Cervenka

6

CAPÍTULO I

um

O Tenente Dunbar não havia sido realmente engolido. Mas essa foi a primeira palavra que lhe veio à mente.

Tudo era imenso.

O céu enorme e sem nuvens. O oceano ondulante de relva. Nada mais, até onde a vista alcançava. Nenhuma estrada. Nem sinal de sulcos para a passagem da grande carroça. Somente espaço, puro espaço vazio.

Ele estava à deriva. A idéia dava ao seu coração um ritmo estranho e profundo.

Sentado no banco descoberto da carroça, com o corpo acompanhando o movimento ondulante da pradaria, o Tenente Dunbar ouvia o próprio coração. Estava emocionado. Contudo, o sangue não corria mais rápido em suas veias. Sentia-se calmo. Esse fato estranho criava pensamentos deliciosos. Palavras surgiam em sua mente, tentando formar frases e sentenças para descrever o que sentia. Era difícil definir exatamente.

No terceiro dia a voz em sua mente disse, “Isto é religião”, e parecia a coisa mais acertada a se pensar até aquele momento. Mas o Tenente Dunbar jamais fora um homem religioso, assim, embora a frase parecesse certa, ele não sabia como explicá-la.

Se não estivesse tão emocionado, provavelmente conseguiria explicar, mas no seu devaneio não se preocupou com isso.

O Tenente Dunbar estava apaixonado. Apaixonado por aquela região selvagem e bela e por tudo que ela continha. Era o tipo de amor que as pessoas sonham sentir por outra pessoa, generoso e livre de dúvidas, reverente e eterno. Seu espírito acabava de receber uma promoção e seu coração saltava, excitado. Talvez por isso o belo tenente da cavalaria houvesse pensado em religião.

Com o canto dos olhos viu Timmons virar a cabeça para o lado e cuspir, pela milésima vez, na relva alta. Como sempre acontecia, a saliva saiu num jato

irregular e o cocheiro limpou a boca com a manga. Dunbar não disse nada, mas aquele hábito constante de Timmons o repugnava.

Era um ato inofensivo, mas irritante, como o ato de levar constantemente o dedo ao nariz.

Durante toda a manhã tinham viajado lado a lado. Mas só porque o vento soprava na direção certa. Embora separados por menos de um metro, a brisa leve e persistente estava na direção certa e o Tenente Dunbar não sentia o cheiro de Timmons. Nos seus quase trinta anos de vida já havia 7

sentido o cheiro da morte e não havia nada pior. Mas a morte estava sempre sendo levada para outro lugar, enterrada ou deixada para trás e não era possível fazer nada disso com Timmons. Quando o vento mudava, o fedor envolvia o Tenente Dunbar como uma nuvem imunda e invisível.

Assim, quando o vento soprava do lado errado, o tenente passava do banco para o alto da pilha de provisões, na parte de trás da carroça. Às vezes viajava ali durante horas. Outras vezes, saltava para a relva alta, desamarrava Cisco e cavalgava uns dois ou três quilômetros na frente.

Olhou para Cisco, atrás da carroça, satisfeito, com o focinho enfiado no saco de ração, o pêlo castanho brilhando ao sol. Dunbar sorriu e por um momento desejou que os cavalos vivessem tanto quanto os homens. Com sorte, Cisco viveria mais uns dez ou doze anos. Outros viriam ocupar o seu lugar, mas ele era o tipo de animal que só se tem uma vez na vida. Jamais seria substituído.

Enquanto o tenente o observava, o pequeno baio ergueu os olhos ambarinos do saco de ração, como para verificar onde estava seu dono e, satisfeito com o que viu, voltou a mastigar pacientemente.

Dunbar endireitou o corpo no banco e tirou de dentro da túnica um papel dobrado. Aquele papel oficial do exército o preocupava porque continha suas ordens. Seus olhos escuros haviam percorrido as frases uma meia dúzia de vezes, desde que saíram do Forte Hays, porém, essa repetição não melhorava o que sentia a respeito das ordens.

Seu nome estava escrito errado duas vezes. O major, exalando um forte bafo de bebida ao assinar a ordem, havia passado a manga pela tinta úmida e a assinatura oficial ficara borrada. A data da ordem fora escrita pelo Tenente Dunbar quando

já estavam viajando. Mas escreveu a lápis e ela contrastava visivelmente com os rabiscos do major e as letras impressas do formulário.

O Tenente Dunbar suspirou olhando para o documento oficial. Não parecia uma ordem do exército. Parecia lixo.

Lembrou-se então da origem da ordem e isso o deixou mais perturbado ainda. A estranha entrevista com o major com bafo de bebida.

Ansioso para receber o novo posto, ele foi direto da estação para o quartel-general. O major foi a primeira e única pessoa com quem falou, desde sua chegada até o fim da tarde, quando subiu na carroça e sentou ao lado do fedorento Timmons.

O major examinou-o demoradamente com os olhos congestionados.

Quando falou, afinal, foi com extremo sarcasmo.

— Quer lutar contra os índios, certo?

O Tenente Dunbar jamais vira um índio em toda a sua vida, muito menos havia lutado contra eles.

— Bem, não no momento, senhor. Acho que eu poderia lutar. Eu sei lutar.

8

— Um caçador de índios, hem?

O tenente não respondeu. Olharam em silêncio um para o outro por um longo tempo e o major começou a escrever. Escrevia furiosamente, ignorando o suor que escorria copioso da testa. Dunbar via mais gotas oleosas aparecendo no alto da cabeça quase completamente calva. Alguns fiapos gordurosos de cabelo grudavam-se no topo da calva, atravessando-a de um lado ao outro. O penteado fez o Tenente Dunbar pensar em alguma coisa doentia.

O major parou de escrever só uma vez. Tossiu e cuspiu uma bola de catarro no balde sujo ao lado da mesa. Naquele momento, o Tenente Dunbar desejou que a entrevista acabasse logo. Tudo naquele homem o fazia pensar em doença.

O Tenente Dunbar havia acertado mais do que imaginava, pois há muito tempo apenas um fio tênue ligava o major à sanidade mental, um fio que se partiu finalmente dez minutos depois de o tenente deixar seu escritório. O major cruzou as mãos sobre a mesa, calmamente, e esqueceu de toda a sua vida. Uma vida insignificante, alimentada pelas míseras esmolas que recebem todos os que servem obedientemente, sem marcar sua presença. Porém, todos os anos em que fora ignorado, todos os anos de solitário celibato, todos os anos de luta com a bebida, desapareceram como num passe de mágica. A amarga escravidão da vida do Major Fambrough foi suplantada por um evento iminente e encantador. Antes do jantar ele seria coroado rei do Forte Hays.

O major terminou de escrever e ergueu a mão com o papel.

— Eu o estou designando para o Forte Sedgewick. Apresente-se diretamente ao Capitão Cargill.

O Tenente Dunbar olhou para o formulário borrado de tinta.

— Sim, senhor. Como eu chego lá, senhor?

— Você pensa que eu não sei, não é? – disse o major, asperamente.

— Não, senhor, de modo nenhum. Só que eu não sei.

O major recostou na cadeira, pôs as mãos na frente do corpo e sorriu maliciosamente.

— Estou me sentindo generoso e vou lhe dar uma pista. Uma carroça carregada com mercadorias vai sair brevemente do reino. Procure o camponês chamado Timmons e vá com ele. – Apontou para a folha de papel na mão do tenente. – Minha assinatura vale como salvo-conduto por duzentos e cinquenta quilômetros do território dos pagãos.

Desde o começo da sua carreira, o Tenente Dunbar aprendera a não questionar as excentricidades dos oficiais de campanha graduados. Fez continência, disse “Sim, senhor”, e girou nos calcanhares. Encontrou Timmons, voltou para atrelar Cisco à carroça e em meia hora tinham saído do Forte Hays.

Agora, olhando para as ordens, depois de viajar oitenta quilômetros, ele pensou, acho que tudo vai dar certo.

A carroça diminuiu a marcha. Timmons observava atentamente alguma coisa na relva alta, quando pararam.

— Veja lá adiante.

Havia uma mancha branca sobre a relva, a menos de seis metros da carroça. Os homens desceram para ver o que era.

Era um esqueleto humano, os ossos brancos e brilhantes, o crânio virado para o céu.

O Tenente Dunbar ajoelhou ao lado dos ossos. A relva crescia entre as costelas. E flechas, umas vinte ou mais, pareciam alfinetes numa almofada. Dunbar retirou uma das que estavam cravadas no chão e a girou entre os dedos.

Quando passou a mão na haste da flecha, Timmons disse, atrás dele, com uma risada áspera:

— Alguém lá no leste deve estar imaginando, “por que ele não escreve?”

dois

Naquela noite choveu a cântaros, mas em pancadas sucessivas, como é comum no verão. Uma chuva que, de certo modo, parecia menos úmida do que nas outras épocas do ano, e os dois viajantes dormiram confortavelmente sob a carroça coberta pela lona.

O quarto dia foi como os outros, sem nada de especial. E o quinto e o sexto. O Tenente Dunbar estava desapontado com a ausência dos búfalos.

Não vira nenhum. Timmons disse que as grandes manadas às vezes desapareciam completamente. Disse também para Dunbar não se preocupar porque quando aparecessem ia ser como uma nuvem de gafanhotos.

Também não viram nenhum índio e para isso Timmons não tinha explicação. Disse que esperava não ver outro índio tão cedo em sua vida e que não passavam de ladrões e mendigos.

Porém, no sétimo dia, Dunbar estava prestando pouca atenção ao que Timmons dizia.

Naquele final de viagem, ele pensava mais e mais na sua chegada ao posto.

três

O Capitão Cargill inspecionou o interior da boca com o dedo e olhou para o alto, concentrando-se. Uma atitude de compreensão foi seguida imediatamente por um franzir da testa.

Outro dente mole, pensou. Maldição.

10

Desolado, olhou para uma parede, depois para a outra da sala úmida e escura. Não havia absolutamente nada para ver. Era como uma cela.

Alojamento, pensou ele com ironia. Maldito alojamento.

Todos estavam usando a frase há mais de um mês, até o capitão. Ele a usava sem hesitação, na frente dos seus homens. E os homens, na frente dele. Mas não era uma coisa interna, uma brincadeira entre camaradas. Era uma verdadeira maldição.

E os tempos não eram bons.

O Capitão Cargill tirou a mão da boca. Sentado sozinho na quase escuridão do seu maldito alojamento, ele escutava atentamente. Estava quieto lá fora, e aquele silêncio partia seu coração. Em tempos normais, o ar estaria cheio de ruídos, os sons dos homens fazendo suas tarefas. Porém, há muitos dias não tinham tarefas para fazer. Até mesmo as atividades inúteis tinham sido abandonadas. E o capitão não podia fazer nada. Era isso que o preocupava.

Ouvindo o silêncio terrível, compreendeu que não podia esperar mais tempo. Chegara a hora da ação que ele tanto temia. Mesmo que significasse fracasso. Ou a ruína da sua carreira. Ou coisa pior.

Descartou o “coisa pior” do pensamento e levantou-se pesadamente.

Caminhou para a porta, atrapalhando-se por um momento com um botão da túnica. O botão soltou-se do fio de linha gasto e caiu no chão. Ele não se deu ao trabalho de apanhá-lo. Não tinha agulha para pregá-lo de novo.

Saindo para a luz clara do sol, o Capitão Cargill permitiu-se imaginar, pela última vez, que havia uma carroça do Forte Hays parada no pátio do seu maldito alojamento.

Mas não havia nada. Só o lugar tristonho, aquela ferida na terra que nem merecia um nome.

Forte Sedgewick.

O Capitão Cargill parecia de ressaca, ali parado na porta da sua cela úmida. Estava abatido e com a cabeça descoberta, fazia o reconhecimento pela última vez.

Não havia cavalos no pequeno cercado que, até pouco tempo, abrigava cinquenta animais. Nos últimos dois meses e meio os cavalos tinham sido roubados, substituídos e roubados outra vez. Os comanches haviam levado todos.

Olhou para o armazém no outro lado do forte. Além do seu maldito alojamento, era a única estrutura ainda de pé no Forte Sedgewick. Fora uma péssima construção, desde o começo. Ninguém sabia construir com grama e barro seco e, duas semanas depois de construído, uma boa parte do telhado afundou. Uma das paredes estava tão abaulada que parecia impossível que ainda estivesse de pé. Sem dúvida ia desabar em breve.

Não tem importância, pensou o Capitão Cargill, contendo um bocejo.

11

O armazém estava vazio há quase um mês. Viviam dos restos de biscoitos e do que conseguiam caçar na campina, em geral coelhos e galinhas-d’angola. O capitão desejara ardentemente a volta dos búfalos.

Mesmo depois de tanto tempo, suas papilas gustativas excitavam-se quando ele pensava em carne de búfalo. Cargill franziu os lábios, procurando conter as lágrimas.

Não tinham nada para comer.

Atravessou os cinquenta metros de solo árido até a borda da colina sobre a qual fora construído o Forte Sedgewick e olhou para o regato tortuoso que corria em silêncio trinta metros abaixo. Uma camada de lixo variado cobria suas margens e mesmo sem a ajuda de uma corrente de ar ascendente, o cheiro azedo de dejetos humanos chegava até o capitão.

Dejetos humanos misturados a todas as outras coisas que estavam apodrecendo lá embaixo.

O capitão olhou para a encosta suave da colina no momento em que dois homens saíam de uma das vinte aberturas que pareciam marcas de varíola na rocha. Os homens, imundos, pararam, piscando para a luz do sol.

Olharam sombriamente para o capitão sem nenhum sinal de reconhecimento ou cumprimento. Cargill também não se mexeu. Os soldados voltaram para o buraco na rocha como que obrigados a isso pela presença do comandante, deixando-o ali de pé, sozinho, na beirada da colina.

Cargill pensou no pequeno grupo enviado por seus homens que o havia procurado oito dias atrás. Sua reivindicação era razoável. Na verdade, necessária. Mas o capitão resolveu não atender ao pedido. Esperava ainda uma carroça. Sentia que era seu dever esperar pela carroça do Forte Hays.

Nos oito dias que seguiram o pedido, ninguém tinha falado com ele nem uma palavra. A não ser pelas incursões de caça, à tarde, os homens ficavam perto das suas cavernas, sem se comunicar, raramente vistos.

O Capitão Cargill caminhou para seu maldito alojamento, mas parou no meio do pátio, olhando para as botas descascadas. Depois de alguns momentos de reflexão, ele resmungou, “Agora”, e voltou para a borda da colina, com passo mais leve e decidido.

Só depois de chamar três vezes pelo Cabo Guest, houve um movimento na frente de uma das cavernas. Ombros magros sob uma túnica sem manga apareceram, depois um rosto pálido olhou para cima. O soldado teve um acesso de tosse e só depois que esta passou Cargill começou a falar.

— Reúna os homens na frente do meu maldito alojamento em cinco minutos.

Todos, mesmo os que não podem trabalhar.

O soldado bateu com as pontas dos dedos na testa e desapareceu no buraco.

12

Vinte minutos depois, os homens do Forte Sedgewick, que mais pareciam um bando de prisioneiros horrivelmente maltratados, estavam reunidos no espaço plano e aberto na frente da choupana horrível de Cargill.

Eram dezoito ao todo. Dezoito, do grupo original de cinquenta e oito.

Trinta e três homens tinham desertado, dispostos a arriscar o que quer que os esperava na imensa pradaria. Cargill enviara uma patrulha de sete homens atrás do maior grupo de desertores. Talvez estivessem mortos ou tinham desertado também. Jamais voltaram.

Agora eram apenas dezoito homens miseráveis.

O Capitão Cargill pigarreou.

— Orgulho-me de todos vocês por terem ficado – começou ele.

O pequeno grupo de zumbis não disse nada.

— Apanhem suas armas e qualquer outra coisa que queiram levar daqui. Logo que estiverem prontos, marcharemos de volta ao Forte Hays.

Os dezoito estavam se movendo antes mesmo de ele terminar a frase, atropelando-se como bêbados, de volta aos buracos na encosta do rochedo, como temendo que o capitão mudasse de idéia se não se apressassem.

Tudo estava pronto em menos de quinze minutos. O Capitão Cargill e seu grupo fantasma caminharam cambaleantes para a campina e trotaram a rota de duzentos e cinquenta quilômetros até o Forte Hays.

A quietude envolveu completamente o monumento militar fracassado, logo que eles o deixaram. Depois de cinco minutos, um lobo apareceu na margem oposta do regato e começou a farejar a brisa que soprava a seu favor. Resolveu que era melhor deixar em paz o forte morto e seguiu seu caminho.

Assim, completou-se o abandono do posto militar mais remoto, a ponta-de-lança de um grande plano para levar a civilização até o centro do coração da fronteira. Para o exército seria apenas um contratempo, um adiamento da expansão que teria de esperar o fim da Guerra Civil, quando então teriam recursos para instalar e manter uma imensa linha de fortes.

Voltariam, é claro, mas naquele momento a história do Forte Sedgewick parou. O capítulo perdido da história do Forte Sedgewick, o único que podia ter pretensões à glória, estava para começar.

quatro

O dia nasceu ansioso para o Tenente Dunbar. Antes de abrir completamente os olhos, já pensava no Forte Sedgewick, piscando para as tábuas da carroça um pouco acima da sua cabeça. Pensava no Capitão Cargill e nos seus homens, imaginava como seria o forte, como seria sua primeira patrulha e outras centenas de coisas que passavam por sua cabeça.

Nesse dia ia finalmente chegar ao seu posto, realizando assim o sonho antigo de servir na fronteira.

13

Afastou as cobertas e rolou o corpo, saindo de baixo da carroça.

Tremendo de frio na luz do nascer do dia, calçou as botas e deu alguns passos, impaciente.

— Timmons – murmurou, olhando sob a carroça.

O cocheiro fedorento dormia a sono alto. Dunbar o cutucou com a ponta da bota.

— Timmons.

— Sim, o que é? – resmungou o homem, sentando, sobressaltado.

— Vamos embora.

cinco

A coluna do Capitão Cargill fazia bons progressos, pouco menos de quinze quilômetros até o começo da tarde.

O moral dos homens também havia progredido um pouco. Eles cantavam, eram canções cheias daquele orgulho de corações esperançosos, enquanto caminhavam pela campina. Aquele canto levantava o espírito do Capitão Cargill tanto quanto o dos homens. Dava-lhe mais coragem. O

exército podia mandar fuzilá-lo, se quisesse, e ele ainda fumaria seu último cigarro com um sorriso satisfeito. Havia tomado a decisão certa. Ninguém poderia dissuadi-lo disso.

E enquanto marchava pela campina aberta, sentiu voltar uma satisfação há muito perdida. A satisfação do comando. Pensava outra vez como um comandante. Desejou uma marcha de verdade, com uma coluna de homens a cavalo.

Eu teria grupos avançados agora, pensou ele. Dois quilômetros ao norte e ao sul.

Olhou para o sul, pensando nos flancos avançados da sua coluna.

Então Cargill virou para o outro lado sem desconfiar de que, se seus observadores avançados estivessem dois quilômetros ao sul, naquele momento, teriam visto alguma coisa.

Teriam descoberto dois viajantes, interrompendo por um momento sua jornada para examinar os restos de uma carroça queimada num regato raso. Um deles fedia de longe, o outro, jovem e rudemente belo, vestia uniforme do exército.

Mas não havia observadores avançados, portanto nada disso foi descoberto.

A coluna do Capitão Cargill marchava bravamente, cantando, a caminho do Forte Hays.

Depois da breve pausa, o jovem tenente e o cocheiro voltaram para a carroça, seguindo apressadamente para o Forte Sedgewick.

CAPÍTULO II

um

No segundo dia de marcha, os homens do Capitão Cargill abateram uma fêmea gorda de búfalo de uma pequena manada de uns doze animais, e pararam algumas horas para o banquete de carne deliciosa, à moda indígena. Os homens insistiram em grelhar um pedaço de lombo para o capitão e os olhos de Cargill iluminaram-se de prazer quando enfiou os dentes que lhe restavam na carne celestial, que parecia se derreter em sua boca.

A boa sorte da coluna continuou, e mais ou menos às doze horas do quarto dia encontraram um grande grupo de reconhecimento do exército. O

major que os comandava viu nas condições dos homens de Cargill toda a história da provação pela qual haviam passado e compreendeu imediatamente.

Com meia dúzia de cavalos emprestados e uma carroça para os doentes, a coluna do Capitão Cargill fez um tempo excelente e chegou ao Forte Hays em quatro dias.

dois

Muitas vezes acontece que as coisas que mais tememos são as que menos mal nos causam, e assim foi com o Capitão Cargill. Ele não foi preso por ter abandonado o Forte Sedgewick, muito pelo contrário. Seus homens, que até alguns dias atrás estavam a ponto de destituí-lo do comando, contaram a história da sua provação no Forte Sedgewick e nenhum soldado deixou de apontar o Capitão Cargill como um líder no qual eles confiavam cegamente. Todos afirmaram que sem o Capitão Cargill não teriam conseguido sobreviver.

O exército da fronteira, com os recursos e o moral desgastados ao máximo, ouviu tudo isso alegremente.

Duas providências foram tomadas imediatamente. O comandante do posto contou a história do Forte Sedgewick para o General Tide, no quartel-general em St. Louis, terminando o relato com a recomendação de que o forte permanecesse desativado, pelo menos até nova ordem. O

General Tide concordou e em poucos dias o Forte Sedgewick foi desligado do governo dos Estados Unidos. Não existia mais.

A segunda providência dizia respeito ao Capitão Cargill. Foi alçado à posição de herói e recebeu, em rápida sucessão, a Medalha de Bravura e a 15

promoção a major. Organizaram um “jantar da vitória” em sua honra, na cantina dos oficiais.

Foi no fim desse jantar, quando bebia com seus companheiros, que o capitão ouviu a estranha história do que havia acontecido no posto, pouco antes da sua chegada triunfal.

O velho Major Fambrough, um administrador de nível médio, com uma carreira sem brilho, tinha enlouquecido completamente. Certa tarde, ele parou no pátio de manobras e começou a divagar incoerentemente sobre seu reino, pedindo com insistência a sua coroa. O pobre homem fora levado para o leste há alguns dias.

O capitão ouviu a história sem a menor idéia de que a triste partida do Major Fambrough havia apagado para sempre qualquer vestígio do Tenente Dunbar. Oficialmente, o jovem oficial só existia nos recessos obscuros da mente do Major Fambrough.

Cargill ficou sabendo também que o mesmo major enviara uma carroça com provisões para o Forte Sedgewick. Deviam ter se cruzado no caminho. O Capitão Cargill e seu amigo deram boas gargalhadas, imaginando a surpresa do pobre cocheiro quando chegou ao forte abandonado, sem a mínima idéia do que tinha acontecido. Tentaram até imaginar a reação do homem e concluíram que, se fosse esperto, seguiria para o oeste, vendendo as provisões nos vários postos de comércio que havia no caminho. De madrugada, Cargill cambaleou bêbado para o alojamento e pôs a cabeça no travesseiro com a idéia maravilhosa de que o Forte Sedgewick era agora apenas uma lembrança.

Assim aconteceu que só uma pessoa no mundo sabia do paradeiro do Tenente Dunbar e até mesmo da sua existência.

Essa pessoa era o civil pobre e andrajoso com cuja vida ninguém se preocupava.

Timmons.

16

CAPÍTULO III

um

O único sinal de vida era o pedaço de lona que balançava lentamente na porta do armazém abandonado. A brisa do fim da tarde soprava com insistência, mas só aquele pedaço de lona rasgada se movia no forte.

Não fosse pelas letras rusticamente gravadas acima da porta da última residência do Capitão Cargill, o Tenente Dunbar não teria acreditado que estava no lugar certo. Mas lá estava, escrito claramente.

“Forte Sedgewick.”

Os dois homens, sentados em silêncio no banco da carroça, olhavam para a ruína que era o destino da sua jornada.

Finalmente, Dunbar desceu e entrou cautelosamente no “alojamento”

de Cargill. Voltou depois de alguns segundos e olhou para Timmons, que continuava sentado na carroça.

— Não é o que se pode chamar de um lugar próspero – gritou Timmons.

O tenente não respondeu. Foi até o armazém, afastou a lona rasgada e olhou para dentro. Não havia nada para ver e ele voltou para a carroça.

— Acho melhor descarregar a carroça.

— Para quê, tenente?

— Porque chegamos.

Timmons se ajeitou no banco.

— Não tem nada aqui – resmungou.

O Tenente Dunbar olhou para seu novo posto.

— Não no momento.

Fez-se um silêncio carregado com a tensão do impasse. Dunbar, com os braços caídos dos lados do corpo, e Timmons, segurando as rédeas.

Então o cocheiro cuspiu para o lado.

— Todo mundo fugiu... ou foi morto. – Olhava fixamente para Dunbar, com cara de quem não está disposto a ouvir mais bobagens. –

Acho melhor a gente dar a volta e sair daqui.

Mas o Tenente Dunbar não tinha intenção de voltar. Precisava descobrir o que tinha acontecido no Forte Sedgewick. Talvez os homens tivessem fugido, talvez estivessem mortos. Talvez houvesse sobreviventes a uma hora de distância, tentando voltar ao forte.

Havia outro motivo para ficar, algo muito além do senso do dever.

Às vezes desejamos uma coisa com tanto ardor que o preço ou as condições nada significam. O Tenente Dunbar desejava a fronteira acima de tudo.

17

Agora estava ali. Para ele não importava o que era o Forte Sedgewick nem as condições do mesmo. Sua decisão estava tomada.

Por isso disse, olhando firmemente para Timmons e com voz bem clara:

— Este é o meu posto e estas são as provisões do posto.

Entreolharam-se por um longo tempo. Então os lábios de Timmons abriram-se num sorriso. Ele riu.

— Menino, você está louco?

Timmons falou como se soubesse que o tenente era um novato, que provavelmente nem sabia o que era um combate, que nunca havia estado no oeste e não tinha vivido o suficiente para saber das coisas. “Menino, você está louco?” As palavras soaram como se fossem ditas por um pai farto da teimosia do filho.

Timmons estava errado.

O Tenente Dunbar não era um novato. Era gentil e cônscio dos seus deveres, às

vezes doce e delicado. Mas não era um novato.

Vira combate durante quase toda a vida. E sempre foi bem-sucedido porque possuía uma qualidade rara. Dunbar tinha um senso inato, uma espécie de sexto sentido que lhe dizia quando precisava ser duro. E quando chegava esse momento crítico, algo intangível acionava sua mente e Dunbar transformava-se numa máquina insensível e mortal que não podia ser desligada. Não até alcançar seu objetivo. Quando a provocação era evidente, Dunbar atacava primeiro. E todos que retribuíam seu ataque sempre tinham muito do que se arrepender.

Aquele “menino, você está louco?” ligou o mecanismo e o sorriso de Timmons desapareceu quando viu os olhos de Dunbar ficarem completamente negros. No instante seguinte, Timmons viu a mão direita do jovem soldado erguer-se lenta e deliberadamente. Viu a palma de Dunbar pousar de leve na coronha do enorme revólver da marinha que ele levava no cinto. Viu o dedo indicador deslizar sobre o cão da arma.

— Tire seu traseiro da carroça e me ajude a descarregar.

O tom do tenente teve um efeito profundo em Timmons. Dizia claramente que a morte tinha entrado em cena. A sua morte.

Timmons não hesitou. Também não respondeu. Quase com um só movimento amarrou as rédeas no freio, saltou do banco, caminhou rapidamente para a parte de trás da carroça, abriu a portinhola de madeira e apanhou o primeiro volume de provisões que encontrou.

dois

Acondicionaram a maior quantidade possível de provisões no armazém semi-desabado e o resto no antigo alojamento de Cargill.

18

CAPÍTULO IV

um

Dizendo que a lua logo ia aparecer e que queria fazer uma viagem rápida, Timmons saiu do forte ao anoitecer.

O Tenente Dunbar, sentado no chão, enrolou um cigarro e viu a carroça ficar cada vez menor na distância. O sol desapareceu quase no mesmo momento em que a carroça sumiu na planície e Dunbar ficou sentado no escuro durante um longo tempo, saboreando a companhia do silêncio. Depois de uma hora, começou a sentir os músculos rijos, levantou-se e foi para a cabana do Capitão Cargill.

O cansaço chegou e ele deitou-se vestido na cama, no meio das pilhas de provisões.

Seus ouvidos estavam muito atentos naquela noite. O sono demorou a chegar. Cada pequeno ruído da noite pedia uma explicação que o tenente não podia dar. Havia algo estranho naquele forte à noite, algo que ele não tinha notado durante o dia.

Assim que começava a adormecer, o estalo de um graveto ou o ruído de alguma coisa mergulhando no regato o acordava. Isso continuou por um longo tempo e gradualmente venceu as suas defesas. O cansaço aliado à inquietude abriu caminho para uma visitante indesejável. A dúvida entrou pela porta do sono acordado do Tenente Dunbar e o desafiou duramente naquela primeira noite. Murmurava coisas horríveis a respeito de tudo.

Dunbar estava agindo como um tolo. Estava completamente errado. Não valia nada. Seria melhor se estivesse morto. Naquela noite, a dúvida quase o fez chorar. O tenente lutou contra ela, procurando se acalmar com pensamentos positivos. A luta continuou e nas primeiras horas do dia, quase de madrugada, Dunbar finalmente venceu a batalha e adormeceu.

dois

Eles pararam.

Eram seis.

Eram pawnees, a mais terrível das tribos. Cabelo enrolado no alto da cabeça raspada, rugas precoces e um estado de espírito coletivo semelhante à maquina na qual Dunbar se transformava ocasionalmente. Mas não havia nada de ocasional no modo dos pawnees verem as coisas. Eles as viam com olhos sem sofisticação, mas selvagemente eficientes, olhos que, uma vez fixos em um objetivo, decidiam numa fração de segundo se ele devia morrer ou viver. E se

ficava resolvido que determinado objeto devia cessar 19

de existir, os pawnees providenciavam sua morte com precisão psicótica.

Quando se tratava de lidar com a morte, os pawnees eram automáticos e todos os índios da planície os temiam mais do que a qualquer outra tribo.

Os seis pawnees pararam por causa de algo que tinham acabado de ver. Montados nos seus pôneis magros, olhavam para baixo, para a série de ravinas. Uma fina espiral de fumaça erguia-se no ar da manhã a mais ou menos um quilômetro de distância.

De onde estavam, numa pequena elevação, viam perfeitamente a fumaça, mas não a origem dela, escondida pela borda alta da última ravina.

E por que não podiam ver o que queriam, começaram a discutir com suas vozes guturais e baixas, procurando imaginar de onde podia vir. Se estivessem bem-dispostos, teriam descido a encosta a galope, mas há muito tempo estavam fora de casa e sua última incursão fora um desastre.

Tinham começado com um grupo de onze homens, seguindo a trilha para o sul, com intenção de roubar os cavalos dos comanches. Depois de quase uma semana de jornada, foram surpreendidos por um grande grupo de kiowas quando atravessavam um rio. Por sorte escaparam só com um morto e um ferido.

O homem ferido resistiu uma semana com o pulmão transpassado por uma flecha e retardou a marcha do grupo. Quando finalmente ele morreu e os nove pawnees restantes puderam continuar a procura livremente, a sorte não os ajudou. Os bandos de comanches estavam sempre um ou dois passos à frente dos infelizes pawnees e durante mais duas semanas só encontraram pistas frias e inúteis.

Finalmente localizaram um grande acampamento com muitos cavalos bons e alegraram-se, certos de que a nuvem negra que pairava sobre suas cabeças tinha se dissipado. Mas o que não sabiam era que sua sorte continuava na mesma. Na verdade, foi a má sorte que os levou àquela aldeia. Os comanches haviam sido atacados há poucos dias por uma grande força de utes e perderam na luta vários guerreiros e trinta cavalos.

Toda a aldeia comanche estava alerta e sedenta de vingança. Os pawnees foram

descobertos assim que começaram a entrar no acampamento e, com a metade dos comanches nos calcanhares, fugiram às cegas, no escuro, com seus pôneis cansados. Somente naquela retirada tiveram sorte. Podiam ter morrido. Porém, no fim, perderam apenas três guerreiros.

Assim, agora os seis homens desanimados na pequena colina, com seus cavalos cansados demais para fazer qualquer movimento, perguntavam o que deviam fazer a respeito da tênue espiral de fumaça a quase um quilômetro de distância.

O debate sobre a conveniência de um ataque é um processo típico dos índios. Mas debater sobre uma espiral de fumaça durante meia hora era coisa muito diferente e demonstrava o quanto estava desgastada a 20

confiança daqueles pawnees. Formaram-se duas correntes, uma a favor de seguirem seu caminho, a outra a favor de investigar a origem da fumaça.

Enquanto discutiam, apenas um homem, o mais feroz de todos, manteve-se firme em sua opinião, desde o começo. Achava que deviam cavalgar imediatamente para a fumaça. À medida que a discussão prosseguia, ele ficava cada vez mais sombrio.

Ao fim de trinta minutos, ele afastou-se dos irmãos e começou a descer a colina. Os outros o acompanharam, perguntando como iam agir.

O guerreiro sombrio respondeu asperamente, dizendo que eles não eram pawnees e ele não podia se aliar a mulheres. Disse que deviam pôr os rabos entre as pernas e voltar para casa. Disse que não eram pawnees e que preferia morrer a discutir com homens que não eram homens.

Ele cavalgou em direção à fumaça.

Os outros o seguiram.

três

Timmons detestava os índios, mas não sabia quase nada sobre eles.

O território estava bastante seguro há algum tempo. Mas ele era só um, sem nenhum meio de defesa, e devia saber, pelo menos, que era perigoso fazer fogo com fumaça.

Mas naquela manhã ele saíra de baixo dos cobertores fedorentos com uma fome canina. Só pensava em café e bacon e acendeu apressadamente o fogo com gravetos verdes.

O fogo de Timmons atraiu o pequeno bando de pawnees.

Timmons estava agachado ao lado do fogo, segurando o cabo da frigideira e aspirando o cheiro do bacon frito, quando a flecha o atingiu. A ponta afiada entrou em sua nádega direita e o impacto o derrubou sobre o fogo. Ouviu os gritos antes de ver os homens e entrou em pânico. Saltou para o fundo da ravina e, sem diminuir o passo, desceu a encosta com a flecha pawnee, colorida e brilhante, espetada no traseiro.

Quando viram que era um homem sozinho, os pawnees não se apressaram. Enquanto os outros assaltavam a carroça, o guerreiro feroz que os havia incitado ao ataque, humilhando-os, galopou descansadamente atrás de Timmons.

Alcançou o cocheiro quando ele estava quase saindo do fundo da ravina. Timmons tropeçou e caiu sobre um joelho e, quando se levantou, virou a cabeça para o som das patas do cavalo.

Mas não chegou a ver o animal nem o cavaleiro. Por uma fração de segundo percebeu a maça de pedra do guerreiro. Então ela se abateu sobre o lado da sua cabeça com tanta força que a abriu com um estalido surdo.

21

quatro

Os pawnees tiraram da carroça tudo que podiam carregar.

Desatrelaram os dois belos cavalos do exército, queimaram a carroça e foram embora, passando pelo corpo de Timmons sem um olhar. Havia tirado dele tudo o que desejavam. O escalpo do cocheiro balançava na ponta da lança do seu assassino.

O corpo ficou o dia todo sobre a relva, à espera dos lobos que o encontrariam ao cair da noite. Mas a morte de Timmons significava mais do que o fim de uma vida. Com ela completava-se o ciclo de circunstâncias estranhas.

O ciclo fechou-se em torno do Tenente John J. Dunbar.

Nenhum homem poderia estar tão só.

22

CAPÍTULO V

um

Ele também acendeu o fogo naquela manhã, porém, muito mais cedo do que Timmons. Na verdade, o tenente estava quase terminando a segunda xícara de café uma hora antes de o cocheiro ser morto.

Duas cadeiras de armar estavam incluídas no rol. Dunbar abriu uma delas na frente da cabana de Cargill e ficou ali sentado por um longo tempo, com um cobertor sobre os ombros, uma xícara de café entre as mãos, vendo passar seu primeiro dia no Forte Sedgewick. Sua mente logo entrou em ação e, com os pensamentos, voltou a dúvida.

De repente, sem mais nem menos, o tenente sentiu-se arrasado. Não sabia por onde começar, quais eram as suas funções, qual o seu posto. Não tinha esquema de trabalho, nenhum programa e não tinha *status*.

Quando o sol começou a subir atrás dele, Dunbar percebeu que estava sentado na sombra da cabana. Com a xícara na mão, levou a cadeira para o meio do pátio, para a luz e o calor do sol.

Ia sentar quando viu o lobo. O animal estava parado na colina na frente do forte, no outro lado do rio.

Seu primeiro instinto foi espantá-lo com alguns tiros, porém, quanto mais observava o visitante, menos gostava da idéia. Mesmo daquela distância, percebia que o animal estava apenas curioso. E de certo modo, embora a idéia não tivesse tomado forma no seu consciente, Dunbar estava satisfeito com a companhia.

Cisco relinchou no cercado e o tenente ficou alerta. Havia esquecido do cavalo. Levantou-se e caminhou para o armazém. Olhou para trás e viu seu visitante dar meia-volta e desaparecer no horizonte, além da colina.

dois

Teve a idéia quando estava colocando a ração de Cisco numa vasilha rasa. Era uma solução simples que mais uma vez afastou as dúvidas.

Por enquanto, ele inventaria trabalho.

Dunbar inspecionou rapidamente o alojamento de Cargill, o armazém, o curral e o rio. Então, começou a trabalhar, retirando o lixo das margens do pequeno regato.

Embora não fosse muito exigente em matéria de ordem, Dunbar ficou escandalizado com tanto lixo. Havia garrafas e outros objetos atirados a esmo por toda a parte. Pedaços de ferramentas e de uniformes amontoavam-se na margem do rio. O pior eram as carcaças em vários 23

estágios de deterioração. A maior parte era de caça pequena, coelhos e galinhas d'angola, mas encontrou também um antílope inteiro e parte de outro.

Examinando aquela imundície, Dunbar começou a ter uma idéia do que tinha acontecido no forte. Evidentemente transformara-se num lugar do qual ninguém se orgulhava. Então, sem saber, ele descobriu a verdade.

Talvez fosse comida, pensou. Talvez estivessem passando fome.

Dunbar trabalhou até depois do meio-dia, vestido apenas com a camiseta longa, calça surrada e botas velhas, separando e retirando o lixo.

Encontrou mais carcaças no fundo do regato raso e com o estômago quase na garganta, retirou os corpos podres dos animais da lama fétida.

Empilhou tudo num pedaço grande de lona, amarrou as pontas, fazendo uma trouxa e, com a ajuda de Cisco, levou a carga nojenta para o topo da colina.

No meio da tarde, o regato estava limpo e o tenente era capaz de jurar que a água corria mais depressa. Dunbar acendeu o fogo e descansou por algum tempo, olhando para o regato. Livre de toda aquela sujeira, parecia outra vez um rio de verdade e o tenente sentiu-se orgulhoso do seu trabalho.

Quando levantou da cadeira, sentiu a rigidez dos músculos das costas.

Não estava acostumado com aquele tipo de trabalho, mas não era uma sensação desagradável. Significava que havia feito alguma coisa.

Depois de retirar os últimos restos do lixo, subiu ao topo da colina e olhou para a pilha que chegava quase à altura dos seus ombros. Derramou um galão de óleo combustível sobre ela e ateou fogo.

Durante algum tempo observou a coluna de fumaça oleosa e escura que subia para o céu. Porém, logo compreendeu seu erro. Não devia ter feito aquele fogo. Acender uma fogueira naquele lugar era o mesmo que soltar um aviso luminoso numa noite sem lua. Era o mesmo que apontar uma flecha imensa e convidativa para o Forte Sedgewick.

Alguém podia ser atraído pela coluna de fumaça e esse alguém provavelmente seria índio.

três

O Tenente Dunbar ficou sentado na frente da cabana até o cair da noite, examinando o horizonte em todas as direções.

Não apareceu ninguém.

Dunbar ficou mais tranquilo. Mas sentado ali, durante toda a tarde, com o rifle Springfield e o grande revólver ao lado, sentiu mais intensamente a solidão. Era uma sensação de *isolamento* completo. A idéia o fez estremecer. Sim, essa era a palavra certa, estava *isolado*. E sabia que ia ficar sozinho por muito tempo. Bem no íntimo, quase inconscientemente, 24

ele queria ficar sozinho, mas a idéia de isolamento não tinha nada da euforia com que havia iniciado a viagem com Timmons.

Era desanimadora.

Jantou frugalmente e escreveu o relatório do seu primeiro dia. O

Tenente Dunbar escrevia bem, o que o fazia menos avesso ao trabalho burocrático do que a maioria dos soldados. E estava resolvido a manter um diário detalhado da sua estada no Forte Sedgewick, especialmente devido às estranhas circunstâncias.

12 de abril de 1863

Encontrei o Forte Sedgewick completamente abandonado. Ao que parece, vinha se deteriorando há algum tempo. Se havia um contingente pouco antes da minha chegada, sem dúvida estava também em deterioração.

Não sei o que fazer.

O Forte Sedgewick é o meu posto, mas não há ninguém para me dar ordens. A comunicação só será possível se eu partir, mas não pretendo abandonar meu posto.

Os suprimentos são abundantes.

Determinei a mim mesmo a tarefa de limpeza. Tentarei reforçar o armazém, mas não sei se é trabalho para um só homem.

Tudo está quieto aqui na fronteira.

Tenente John J. Dunbar

Naquela noite, quando estava para mergulhar no sono, ele teve a idéia de fazer um toldo. Uma cobertura longa, estendendo-se desde a entrada da cabana até o meio do pátio. Um lugar para descansar ou trabalhar quando o calor dentro do alojamento ficasse insuportável. Uma melhoria no forte.

E uma janela, aberta na parede de barro seco da cabana. Uma janela faria grande diferença. Podia diminuir o curral e usar as estacas extras para outras construções. Talvez fosse possível melhorar o armazém.

Dunbar adormeceu antes de terminar a lista das possibilidades para se manter ativo. Mergulhou num sono profundo e sonhou.

Estava num hospital de campanha, na Pensilvânia. Um grupo de médicos o observava, uma meia dúzia deles, com os aventais longos sujos do sangue de outros “casos”.

Discutiam a conveniência de amputar o pé de Dunbar na altura do tornozelo ou do joelho. A discussão ficou acalorada e transformou-se em briga, na frente do soldado aterrorizado.

25

Os médicos agrediam-se mutuamente com braços e pernas amputados de outros pacientes e enquanto percorriam o hospital, brandindo suas armas grotescas, as vítimas das amputações saltavam ou se arrastavam dos catres, procurando entre os destroços da luta os membros que haviam perdido.

No meio da confusão, Dunbar escapou e saiu correndo do hospital com o pé que eles queriam amputar.

Claudicando, chegou a uma campina verde e cintilante, cheios de corpos de soldados da União e confederados. Num movimento de dominó ao contrário, os corpos levantavam-se à sua passagem com as pistolas apontadas para ele.

De repente, Dunbar viu que estava armado e começou a atirar nos cadáveres antes que eles tivessem tempo de puxar o gatilho. Atirava rapidamente e com cada tiro acertava uma cabeça. E cada cabeça explodia com o impacto. Pareciam melões em fileira, explodindo sobre os ombros dos homens mortos.

O Tenente Dunbar via a si mesmo de certa distância, com o camisolão ensanguentado, correndo entre os cadáveres e explodindo suas cabeças à medida que iam se levantando.

De repente, não havia mais cadáveres, nem tiros.

Mas alguém atrás dele chamava com voz suave.

“Querido... querido.”

Dunbar olhou para trás.

Uma mulher corria para ele, uma bela mulher, com as maçãs do rosto salientes, cabelos fartos e claros e havia tanta paixão nos olhos dela que o coração de Dunbar disparou. Ela vestia apenas uma calça de homem e oferecia, na mão estendida, um pé humano ensanguentado.

O tenente olhou para baixo. Seu pé ferido tinha desaparecido. Estava correndo com um toco de osso esbranquiçado.

Dunbar acordou sobressaltado e estendeu a mão desesperadamente para o pé.

Sim, estava no lugar.

Os cobertores estavam encharcados de suor. Dunbar apanhou a pequena bolsa embaixo da cama e enrolou um cigarro. Chutou para longe os cobertores pegajosos, sentou, apoiado nos travesseiros e, fumando, esperou o nascer do dia.

Sabia exatamente o que havia provocado o sonho. Os elementos básicos eram reais. Dunbar relembrou os acontecimentos.

Fora ferido no pé por um estilhaço. No hospital de campanha, discutiram a possibilidade de amputar seu pé. O tenente, apavorado com a ideia, fugiu do hospital. No meio da noite, com os gemidos terríveis dos feridos ecoando na enfermaria, ele saiu da cama e roubou algumas peças de roupa. Borrifou o pé com anti-séptico, envolveu-o numa atadura reforçada de gaze e conseguiu enfiá-lo na bota.

26

Saiu por uma porta lateral, roubou um cavalo e, sem outro lugar para ir, voltou à sua unidade, de madrugada, dizendo que tinha um leve ferimento no dedo do pé.

Agora, sorrindo, ele se perguntava onde estaria com a cabeça.

Depois de dois dias, a dor era tão intensa que o tenente só queria morrer. Assim que surgiu a oportunidade, ele a agarrou.

Sua unidade enfrentava o inimigo em pequenas escaramuças, entrincheirada atrás de muros de pedra, nas duas extremidades de um campo aberto, os dois lados incertos sobre as forças do inimigo e hesitando em desfechar o ataque decisivo.

A unidade do Tenente Dunbar lançou um balão de observação, mas os rebeldes imediatamente o derrubaram a tiros.

O impasse continuava e no fim da tarde, quando a tensão chegou ao máximo, o Tenente Dunbar chegou também ao fim da sua resistência.

Começou a pensar em suicídio.

Ofereceu-se como voluntário para sair a cavalo da trincheira improvisada e atrair

o fogo do inimigo.

O coronel que comandava o regimento não era homem de guerra.

Tinha estômago fraco e pouca iniciativa.

Em circunstâncias normais, jamais teria permitido, mas a pressão era insuportável. O pobre homem estava completamente desorientado e, por motivos que não sabia explicar, a imagem de uma tigela enorme com sorvete de pêssego insistia em se introduzir na sua mente.

Para piorar as coisas, o General Tipton e seus oficiais acabavam de ocupar um posto de observação no topo de uma colina a oeste, e de lá vigiavam seu desempenho. Mas o coronel não estava em condições de agir.

Agora aparecia aquele tenente jovem e pálido, falando em atrair o fogo do inimigo. Os olhos do tenente, escuros, quase sem pupilas, assustaram o coronel.

O comandante inepto concordou com o plano.

O cavalo de Dunbar estava doente e permitiram que ele escolhesse outro na unidade. Escolheu um animal pequeno e forte, castanho, chamado Cisco e conseguiu montar, na frente dos homens, sem gritar de dor.

Quando conduzia o animal para o muro baixo de pedra, soaram tiros esparsos, vindos da outra extremidade do campo, mas, fora isso, o silêncio era total e Dunbar perguntou a si mesmo se era real ou sempre acontecia quando um homem ia morrer.

Esporeou Cisco, saltaram o muro e seguiram a galope velozmente pelo campo aberto e vazio, direto para o muro de pedra que protegia o inimigo. Por um momento, os rebeldes, surpresos, ficaram paralisados e o tenente percorreu os primeiros cem metros num vácuo silencioso.

Então eles abriram fogo. As balas zuniam em volta dele como o borrifo de uma torneira. O tenente não se deu ao trabalho de responder aos 27

tiros. Empertigou o corpo, oferecendo um alvo perfeito e esporeou Cisco outra vez. O pequeno animal, com as orelhas grudadas na cabeça, voou para o muro de pedra. Dunbar esperava ser atingido a qualquer momento.

Mas não foi e quando estava bastante perto para ver os olhos dos inimigos, ele e Cisco viraram para a esquerda e seguiram diretamente para o norte, a cinquenta metros do muro. Os torrões de terra voavam dos cascos de Cisco como a esteira de um barco veloz. O tenente continuou ereto na sela, um alvo irresistível para os confederados. Os homens levantaram-se de repente, como os alvos de uma galeria de tiro, e começaram um tiroteio cerrado, enquanto o cavaleiro solitário passava velozmente por eles.

Não conseguiram atingi-lo.

Os tiros cessaram. A linha de atiradores estava sem munição. Dunbar puxou as rédeas de Cisco. Sentiu um ardor no braço e viu que fora ferido de raspão. A dor quente o trouxe de volta à realidade. Olhou para a fileira de homens pela qual acabava de passar e os viu amontoados atrás do muro, completamente atônitos.

De repente todos os seus sentidos voltaram a funcionar e ele ouviu os gritos de encorajamento dos seus homens, na outra extremidade do campo.

Sentiu outra vez a dor latejante no pé apertado dentro da bota.

Fez Cisco dar meia-volta e quando o pequeno baio mordeu a rédea, o Tenente Dunbar ouviu o aplauso ensurdecedor. Olhou para o outro lado do campo. Seus companheiros levantavam-se em massa, atrás do muro.

Dunbar esporeou Cisco e repetiram a carga, agora em sentido contrário, para provocar o outro flanco dos confederados. Os homens pelos quais ele havia passado, refeitos da surpresa, recarregavam apressadamente as armas.

Mas na frente dele, ao longo do outro flanco, os confederados começavam a se levantar com os rifles apontados, prontos para atirar.

Resolvido a não falhar em seu intento, num gesto brusco e impulsivo, soltou as rédeas e ergueu os braços no ar. Parecia um artista de circo, mas o que sentia era definitivo. Era um gesto de adeus à vida. Porém, para os que o observavam, era uma afirmação de triunfo.

É claro que o Tenente Dunbar não tinha intenção de dar nenhum sinal a quem quer que fosse. Só queria morrer. Mas para seus companheiros da União, todos com o coração na garganta, aqueles braços erguidos foram a decisão definitiva.

Saltaram o muro e uma maré de homens inundou o campo, gritando com tamanha ferocidade que o sangue gelou nas veias dos confederados.

Os homens de uniformes pardos romperam as fileiras e correram, atropelando-se, para o abrigo das árvores atrás deles.

Quando o Tenente Dunbar puxou as rédeas de Cisco, os soldados de azul, da União, já estavam saltando o muro, a trincheira improvisada do inimigo, e perseguiam os rebeldes floresta adentro.

28

De repente, Dunbar ficou atordoado.

O mundo começou a girar em volta dele.

O coronel e seus oficiais convergiam de um lado e o General Tipton e seus homens, do outro. Os dois homens viram quando Dunbar caiu, inconsciente, da sela e correram para ele. Enquanto corriam para a figura inerte no meio do campo, tinham o mesmo sentimento, um sentimento raro nos oficiais de alta patente, especialmente em tempo de guerra.

Ambos sentiam uma preocupação profunda e genuína por um único indivíduo.

Dos dois, o General Tipton era o mais impressionado. Nos seus vinte e sete anos de carreira militar, havia testemunhado muitos atos de bravura, mas nada parecido com o espetáculo daquela tarde.

Quando Dunbar recobrou a consciência, o general estava ajoelhado perto dele com a expressão de um pai que teme pela vida do filho.

E quando ele descobriu que o tenente já estava ferido quando cavalgou para o inimigo, o general abaixou a cabeça, numa atitude de prece, e fez uma coisa que não fazia desde a infância. As lágrimas deslizaram por sua barba grisalha.

O Tenente Dunbar não estava em condição de falar muito, mas conseguiu fazer um simples pedido.

— Não tirem o meu pé.

O General Tipton ouviu e registrou, como se fosse uma ordem de Deus. Dunbar foi retirado do campo na ambulância do general, levado para o quartel do regimento do general e entregue aos cuidados do médico particular do general.

Logo que chegaram ao hospital houve um pequeno incidente. O

General Tipton ordenou ao médico que salvasse o pé do jovem, mas depois de um rápido exame, o cirurgião disse que provavelmente teria de ser amputado.

O General Tipton levou o médico para um canto e disse:

— Se não salvar o pé desse homem, eu o afasto por incompetência, nem que seja a última coisa que eu faça na vida.

A recuperação de Dunbar tornou-se uma obsessão para o general.

Todos os dias, visitava o jovem tenente e olhava ameaçadoramente para o médico que não parou de suar durante as duas semanas que precisou para salvar o pé de Dunbar.

Durante esse tempo, o general não conversava muito com o paciente, apenas demonstrava sua preocupação paternal. Mas quando o pé ficou fora de perigo, ele entrou na barraca, certa tarde, levou uma cadeira para perto da cama e começou a falar.

Dunbar ouvia atônito às palavras do general. Queria que a guerra terminasse para Dunbar por sua ação em combate, ação que, para o general, era suficiente para um homem numa guerra.

Queria que o tenente pedisse alguma coisa porque — e nesse ponto, o general abaixou a voz.

— Nós todos somos seus devedores. Eu sou seu devedor.

O tenente disse, com a sombra de um sorriso.

— Bem... ainda tenho o meu pé.

Tipton não retribuiu o sorriso.

— O que você quer? – perguntou.

Dunbar fechou os olhos e pensou. Então disse:

— Eu sempre quis ser designado para a fronteira.

— Onde?

— Qualquer lugar... na fronteira.

O general se levantou.

— Está certo – disse, dirigindo-se para a porta da barraca.

— Senhor?

Tipton parou e, voltando-se, olhou para Dunbar com afeição comovente.

— Eu gostaria de ficar com o cavalo... Posso?

— É claro que pode.

O Tenente Dunbar pensou naquela conversa todo o resto da tarde, animado com as novas perspectivas da sua vida. Mas uma ponta de culpa o atormentava quando lembrava da afeição nos olhos do general. Não contara a ninguém que estava tentando o suicídio. Agora era tarde demais.

Resolveu que jamais contaria.

Agora, deitado sob os cobertores úmidos, Dunbar enrolou seu terceiro cigarro naquela meia hora e pensou nos caminhos misteriosos do destino que o haviam levado finalmente ao Forte Sedgewick.

CAPÍTULO VI

um

Como uma criança que deixa de lado os legumes e vai direto à torta, o Tenente Dunbar adiou a tarefa de reforçar o armazém, a favor das possibilidades mais agradáveis da cobertura que pretendia construir.

Remexendo nos mantimentos, encontrou um conjunto de barracas que serviriam para fazer o toldo, porém, por mais que procurasse, não achou nada com que pudesse costurar as lonas e desejou então não ter queimado todas as carcaças na margem do regato.

Durante boa parte da manhã caminhou pela margem do rio até encontrar um esqueleto pequeno do qual retirou várias lascas de osso que serviriam de agulhas.

De volta ao armazém, apanhou um rolo de corda fina que forneceu a linha de que precisava. Couro seria mais durável, mas Dunbar preferia dar um aspecto provisório àquelas melhorias do forte. Defender o forte, pensou, com uma risada. Defender o forte até que ele se enchesse de vida com a chegada do novo contingente.

Embora cauteloso nas suas expectativas, estava certo de que mais cedo ou mais tarde alguém ia aparecer.

Costurar as lonas era um trabalho brutal. Dunbar passou todo aquele segundo dia no forte costurando e adiantou bastante o serviço. Mas quando parou, no fim da tarde, suas mãos estavam tão doloridas e inchadas que mal conseguiu preparar o café da noite.

Na manhã seguinte, seus dedos pareciam feitos de pedra, rígidos demais para continuar o trabalho. Assim mesmo, resolveu tentar, pois faltava pouco. Mas não tentou, voltando a atenção para o curral. Depois de um estudo cuidadoso, retirou as quatro estacas mais altas e mais fortes. Não estavam profundamente enterradas e conseguiu tirá-las sem muito esforço.

Cisco não ia à parte alguma e o tenente pensou em deixar o curral aberto. Mas no fim, achou que a inexistência de um curral violava o espírito da sua campanha de reconstrução e levou uma hora arrumando a cerca.

Estendeu a lona na frente da cabana e enterrou as estacas profundamente no solo, amassando a terra em volta de cada uma, para garantir maior firmeza.

O dia estava quente e quando terminou de firmar as estacas, procurou a sombra da cabana de barro. Sentou na beirada da cama, encostado na parede. Suas pálpebras ficaram pesadas. Deitou-se então para um breve descanso e mergulhou imediatamente num sono profundo e reparador.

31

dois

Dunbar acordou com a deliciosa sensação de ter cedido completamente a um impulso, nesse caso, o desejo de um sono no meio do dia. Espreguiçou-se languidamente e, como uma criança ainda sonolenta, deixou cair o braço ao lado da cama, passando os dedos no chão de terra.

Sentia-se maravilhosamente bem ali deitado, sem nada para fazer e ocorreu-lhe então que, além de inventar as próprias tarefas, podia também determinar seu ritmo de trabalho. Pelo menos, por enquanto. Resolveu que, assim como havia cedido ao sono, concederia a si mesmo alguns outros prazeres. Não faria mal nenhum ir um pouco mais devagar.

As sombras entravam sorrateiras pela porta da cabana e Dunbar quis saber quanto tempo tinha dormido. Tirou do bolso o relógio antigo e simples que fora do seu pai. Estava parado. Por um momento, pensou em acertá-lo, calculando aproximadamente a hora, mas apenas pôs o relógio sobre a barriga e começou a meditar.

Que importância tinha o tempo agora? Ou em qualquer outra circunstância? Bem, talvez fosse necessário para a movimentação das coisas, dos homens e dos materiais, por exemplo. Para cozinhar no ponto certo. Para escolas, casamentos, ritos religiosos e para trabalhar.

Mas ali, para que servia?

O Tenente Dunbar enrolou um cigarro e pendurou o antigo relógio num gancho convenientemente colocado acima da cama. Fumando olhou para os números que marcavam as horas, pensando que seria muito mais eficiente trabalhar quando se tem vontade, comer quando se tem fome, dormir quando se tem sono.

Deu um longo trago no cigarro e, com os braços sob a cabeça, soltou uma baforada de fumaça azul.

Como seria bom viver sem o tempo durante alguns dias, pensou.

De repente, ouviu passos pesados fora da cabana. O que quer que fosse andava, parava e andava outra vez. Uma sombra passou pela porta e logo surgiu a cabeça de Cisco, com as orelhas empinadas e os olhos arregalados de surpresa. Parecia uma criança invadindo o santuário do quarto dos pais, numa manhã de domingo.

O Tenente Dunbar riu alto. Cisco abaixou as orelhas, abanou-as rapidamente e sacudiu a cabeça, como para disfarçar o embaraço. Então, observou o quarto com olhar inexpressivo. Olhou diretamente para Dunbar e pateou, como se estivesse espantando moscas.

Dunbar compreendeu que ele queria alguma coisa.

Um passeio talvez.

Cisco estava parado há dois dias.

três

O Tenente Dunbar não era um cavaleiro exímio. Não conhecia as sutilezas da equitação. Seu corpo, forte e magro, nunca havia praticado esporte ou qualquer ginástica organizada.

Mas tinha um dom com cavalos. Ele os amava desde criança, talvez fosse isso. Porém, o motivo não importava. O importante era que acontecia alguma coisa extraordinária quando Dunbar saltava para a sela de um cavalo, especialmente tratando-se de um animal bem-dotado como Cisco.

Estabelecia-se uma comunicação perfeita entre Dunbar e o cavalo.

Ele entendia a linguagem daqueles animais. E quando isso acontecia, o céu era o limite. Dunbar já havia decifrado a linguagem de Cisco e, a partir daí, podiam fazer qualquer coisa. Juntos, tinham a graça de um par de dançarinos.

E quanto mais natural, melhor. Dunbar preferia montar em pêlo, mas é claro que o exército não permitia. Podia ser perigoso e era absolutamente impossível em campanhas de longa duração.

Assim, quando entrou no armazém, Dunbar instintivamente estendeu a mão para a sela.

Interrompeu o movimento. O único exército ali era ele e Dunbar sabia que não ia se machucar.

Apanhou as rédeas de Cisco e deixou a sela no canto do armazém.

Estavam a menos de vinte metros do curral quando ele viu o lobo, parado no mesmo lugar da véspera, na margem oposta do regato.

O lobo ia dar meia-volta, mas quando viu Cisco parou no seu posto de observação na margem alta, olhando atento para o tenente.

Dunbar examinou o lobo com maior interesse. Era o mesmo, sem dúvida, com as meias brancas nas patas dianteiras. Era grande e forte, mas evidentemente não muito jovem. Tinha falhas no pêlo e uma linha irregular no focinho, provavelmente uma cicatriz. Havia nele uma intensa atitude de alerta, o que indicava mais idade. Parecia observar tudo sem mover um músculo. Prudência foi a palavra que ocorreu ao tenente. Prudência sábia, o dom de quem consegue sobreviver por longo tempo. E aquele animal castanho-amarelado, com olhos observadores e cautelosos devia ter sobrevivido muito além da sua cota normal.

Estranho que ele tenha voltado, pensou Dunbar.

Com um leve movimento da rédea fez Cisco se adiantar vagarosamente. Percebeu que o lobo também se moveu e olhou para a outra margem do rio.

O lobo começou a andar também.

Na verdade, ele os acompanhava. Seguiram assim por uns cem metros e Dunbar parou outra vez.

O lobo parou.

33

Impulsivamente, Dunbar fez Cisco dar um quarto de volta, ficando de frente para o lobo. Seus olhos encontraram os do animal e Dunbar teve certeza de ler alguma coisa neles. Algo assim como recordação, lembrança, saudade.

Antes que o tenente pudesse entender o que isso podia significar, o lobo bocejou, deu meia-volta e desapareceu num trote acelerado.

quatro

13 de abril de 1863

Embora tenha suprimentos suficientes, resolvi racionar minha comida. A antiga guarnição, ou outra, deverá chegar a qualquer momento.

Acho que não vai demorar muito agora.

De qualquer modo, resolvi usar os suprimentos como se eu fosse um dos homens do posto e não o único. Vai ser difícil com o café, mas procurarei me esforçar ao máximo.

Comecei a fazer o toldo. Minhas mãos estão em péssimo estado agora, mas se estiverem melhor amanhã, poderei terminar o trabalho até o fim da tarde.

Fiz um breve reconhecimento, mas não encontrei nada.

Um lobo aparece por aqui uma vez ou outra, muito interessado em tudo que acontece no forte. Acho que não tem más intenções e, além do meu cavalo, é a única companhia que tive até agora. Nos dois últimos dias ele apareceu à tarde. Se me visitar amanhã, vou chamá-lo de Duas Meias.

Ele tem as duas patas dianteiras muito brancas.

Tenente John J. Dunbar

CAPÍTULO VII

um

Os dias seguintes passaram sem novidades.

As mãos do tenente melhoraram e a cobertura foi erguida. Vinte minutos depois de terminar o trabalho, quando descansava na sombra, encostado num barril, fumando, uma brisa mais forte derrubou o toldo.

Sentindo-se ridículo, Dunbar arrastou-se de sob a lona e estudou seu fracasso por alguns minutos. Teve a idéia de prender as pontas com cordas guias. Antes de o sol desaparecer no horizonte, Dunbar estava outra vez na sombra, com os olhos fechados, fumando outro cigarro feito a mão e deliciando-se com o som agradável da lona que tatalava, acariciada pelo vento.

Com uma baioneta abriu uma janela larga na cabana e prendeu um pedaço de lona para fechá-la.

Trabalhou com afinco e por longo tempo no armazém, mas só conseguiu retirar uma parte da parede avariada. O resultado final foi um buraco enorme. O barro seco da parede original desfazia-se cada vez que ele tentava aproveitá-lo. O tenente cobriu o buraco com outro pedaço de lona e resolveu dar por terminado o trabalho. Desde o começo, o armazém era um caso perdido.

Deitado na cama de campanha, no fim da tarde, Dunbar estudou o problema do armazém, mas com a passagem dos dias, cada vez se preocupava menos com ele. O tempo estava maravilhoso, sem nenhum sinal da violência da primavera. A temperatura era perfeita, o ar leve e a brisa, que enfunava a lona da janela acima da cama, era doce.

À medida que o tempo passava, tornava-se mais fácil resolver os pequenos problemas diários e, quando terminava o trabalho, Dunbar deitava na cama com um cigarro, maravilhado com a paz que sentia.

Invariavelmente suas pálpebras ficavam pesadas e ele adquiriu o hábito de dormir a sesta antes do jantar.

Duas Meias tornou-se um hábito também. Aparecia no mesmo lugar todas as tardes e depois de dois ou três dias, o tenente passou a contar como certas suas visitas. Ocasionalmente via quando o lobo chegava, mas de um modo geral, quando erguia os olhos do trabalho, lá estava ele, sentado, no outro lado do rio com aquela expressão estranha e inconfundível de recordação ou saudade.

Certa tarde, quando Duas Meias estava no seu posto, Dunbar pôs um generoso pedaço de bacon na sua margem do rio. Na manhã seguinte, não 35

havia nem sinal do bacon e, embora não pudesse provar, Dunbar tinha certeza de que Duas Meias o havia levado.

dois

O Tenente Dunbar sentia falta de certas coisas. Sentia falta da companhia de outras pessoas. Do prazer de uma bebida forte. Acima de tudo, sentia falta de mulheres, ou melhor, de uma mulher. O sexo raramente entrava nos seus pensamentos. Mas partilhar sua vida, sim.

Quanto mais se integrava na rotina fácil e livre do Forte Sedgewick, maior era o desejo de partilhar essa vida com alguém e sempre que Dunbar pensava nesse alguém, encostava o queixo no peito e seu olhar perdia-se no espaço.

Felizmente, esses momentos eram de pouca duração. O que lhe faltava tornava-se sem importância se comparado ao que tinha. Sua mente estava livre. Não havia trabalho e não havia fazer. Tudo era uma coisa só.

Tanto fazia carregar água do regato quanto deliciar-se com uma refeição farta. Tudo dava no mesmo e Dunbar não achava nem um pouco monótono.

Via-se como uma corrente isolada no leito profundo de um rio. Era separado e era um todo ao mesmo tempo. Uma sensação maravilhosa.

Gostava dos reconhecimentos diários que fazia com Cisco, montado em pêlo. Cada dia ia numa direção diferente, às vezes afastando-se quarenta ou cinquenta quilômetros do forte. Não encontrou búfalos e nem índios. Mas isso não o desapontava. A pradaria era gloriosa, pintalgada de flores silvestres, e repleta de caça. O capim de búfalo era o melhor, vivo como o oceano, ondulando ao vento até onde a vista alcançava. Um espetáculo do qual, ele tinha certeza, jamais se cansaria.

Na tarde anterior ao dia em que o tenente havia escolhido para lavar a roupa, ele e Cisco estavam a menos de dois quilômetros do forte quando, por acaso, olhou para trás e lá estava Duas Meias, acompanhando-os com seu trote leve, a uns duzentos metros de distância.

Dunbar parou e o lobo diminuiu a marcha.

Mas não parou.

Deu uma longa volta e retomou o trote rápido. Quando estava na frente do cavalo e do cavaleiro, o velho lobo parou na relva alta, cinquenta metros à

esquerda e sentou, esperando o sinal para recomeçar a marcha.

Dunbar entrou na campina e o lobo o seguiu. Para satisfazer sua curiosidade, Dunbar parou e voltou a andar várias vezes. Duas Meias, com os olhos amarelos sempre vigilantes, fazia o mesmo.

Mesmo quando Dunbar mudou de direção, cavalgando em ziguezague, o lobo o seguiu, sempre a uma distância de cinquenta metros.

Dunbar pôs Cisco a passo e atônito viu o lobo imitar o andar do cavalo.

36

Quando pararam outra vez, Dunbar olhou para seu fiel seguidor, tentando compreender o que estava acontecendo. Sem dúvida aquele animal havia conhecido outros homens. Talvez fosse mestiço de cão.

Porém, olhando a região selvagem que o rodeava, que se estendia sem interrupção até o horizonte, não conseguiu pensar em Duas Meias como outra coisa que não fosse lobo.

— Tudo certo – disse o tenente, em voz alta.

Duas Meias levantou as orelhas.

— Vamos embora.

Os três percorreram uns quatro quilômetros e encontraram uma manada de antílopes. O tenente observou os animais de costas brancas, pastando na relva alta, até perdê-los de vista.

Então se voltou para ver a reação de Duas Meias. Não estava mais lá.

O lobo tinha desaparecido.

No horizonte, a oeste, nuvens pesadas começavam a se acumular e os relâmpagos riscavam o céu. Dunbar voltou para o forte, atento à tempestade que se aproximava. Não o agradou a ideia da chuva.

Precisava lavar sua roupa.

Os cobertores fediam como meias sujas.

37

CAPÍTULO VIII

um

O Tenente Dunbar conhecia os meios tradicionais de previsão do tempo.

Mas dessa vez ele errou.

A tempestade espetacular passou pelo forte durante a noite sem uma gota de chuva e o dia seguinte amanheceu muito azul, com o ar que parecia feito para beber e o sol inclemente que escaldava tudo ao seu alcance, mas sem amarelar uma única haste de relva.

Tomando café, o tenente leu suas anotações dos dias anteriores e concluiu que era uma boa descrição dos fatos. Durante algum tempo estudou as observações subjetivas. Mais de uma vez apanhou a caneta para riscar uma linha, mas no fim não alterou nada.

Servia-se da segunda xícara de café quando viu uma nuvem estranha a oeste. Era marrom e opaca, baixa, quase rente ao horizonte.

Opaca demais para uma nuvem, ele pensou. Parecia fumaça. Os relâmpagos da noite anterior deviam ter atingido alguma coisa. Talvez a campina estivesse em chamas. Resolveu ficar atento e se a nuvem não desaparecesse, à tarde iria com Cisco investigar. Um incêndio na campina podia crescer e se alastrar rapidamente.

dois

Eles haviam chegado no dia anterior, quase ao anoitecer e, ao contrário do Tenente Dunbar, foram apanhados pela chuva.

Mas isso não afetou o moral do grupo. Estava vencida a última etapa da longa viagem começada no campo de inverno, no sul. Esse fato e a chegada da primavera os deixavam extremamente felizes. Seus pôneis estavam engordando e ficavam mais fortes a cada dia. A marcha tinha enrijecido os músculos de

todos, depois dos meses de relativa inatividade, e logo começariam os preparativos para as caçadas de verão. Estavam felizes com a expectativa de alimento mais farto. Os búfalos iam chegar. A fartura estava próxima.

E como aquele era seu campo de verão há muitas gerações, a profunda sensação de estar voltando para casa iluminava os corações dos 172 homens, mulheres e crianças.

O inverno não fora muito rigoroso e todos estavam em ótimas condições. Nesse dia, a primeira manhã em casa, o campo era todo sorrisos.

38

As crianças brincavam entre os pôneis, os guerreiros trocavam histórias e as mulheres preparavam a refeição matinal mais alegres do que nunca.

Eles eram comanches.

A nuvem de fumaça que o Tenente Dunbar julgou ser um incêndio na campina saía dos fogos acesos pelas mulheres.

Estavam acampados na margem do mesmo regato, a doze quilômetros do Forte Sedgewick.

três

Dunbar apanhou tudo que precisava ser lavado e enfiou numa mochila grande. Pôs os cobertores fedorentos no ombro, procurou uma barra de sabão e foi para o rio.

Agachado na margem, começou a tirar a roupa da mochila e então pensou, bem que eu gostaria de lavar a roupa que estou usando.

Mas não teria nada para vestir enquanto a roupa não secasse.

Só o casaco longo do uniforme.

Mas que bobagem, ele pensou. Com uma risada, disse, em voz alta,

“Somos só eu e a campina.”

Era uma sensação agradável ficar nu. Tirou até o chapéu de oficial para se integrar melhor no espírito da coisa.

Inclinou-se para a água com algumas peças de roupa nas mãos e pela primeira vez em duas semanas viu a própria imagem refletida na superfície lisa. Dunbar a examinou atentamente.

O cabelo estava mais comprido. O rosto parecia mais fino, mesmo com a barba que começava a apontar. Definitivamente estava mais magro.

Mas gostou do que viu. Os olhos estavam mais penetrantes do que nunca e ele sorriu carinhosamente para a própria imagem, como um garoto procurando transmitir afeição.

Quanto mais olhava para a barba, menos gostava dela. Foi até a cabana e apanhou a navalha.

O tenente não pensava em sua pele, enquanto se barbeava. Sempre fora igual. Há homens brancos de diversas tonalidades. Alguns são brancos como a neve.

O Tenente Dunbar era espantosamente branco.

quatro

Pássaro Esperneante deixou o acampamento antes do nascer do dia.

Sua saída não seria questionada. Nunca precisava dar satisfação dos seus movimentos e quase nunca das suas ações. A não ser quando se tratava de alguma coisa malfeita. Coisas malfeitas podem provocar catástrofes. Porém, 39

embora fosse jovem e curandeiro somente há um ano, suas ações jamais haviam levado à catástrofe.

Na verdade, seu desempenho era muito bom. Por duas vezes tinha realizado pequenos milagres. Gostava dos milagres, mas gostava também da rotina diária, de cuidar do bem-estar do seu povo. Desempenhava um sem-número de tarefas administrativas, resolvia diferenças importantes, praticava muito a medicina e tomava parte nas intermináveis reuniões do conselho todos os dias. Tudo isso, além de sustentar duas mulheres e quatro filhos. E agia sempre com um ouvido voltado para o Grande Espírito, sempre atento ao menor sinal.

Pássaro Esperneante cumpria seus deveres honradamente e todos sabiam disso. Sabiam, porque conheciam o homem. Pássaro Esperneante não tinha nem um pouco de egoísmo e era respeitado por onde quer que passasse.

Talvez alguns dos que se levantaram cedo naquele dia tivessem curiosidade de saber para onde ele ia, mas ninguém ousou perguntar.

Pássaro Esperneante não estava em missão especial. Procurou a pradaria para clarear a mente. Não gostava dos grandes movimentos, inverno para verão, verão para inverno. A agitação o distraía e o perturbava.

Distraía seus ouvidos e seus olhos da atenção ao Grande Espírito e, nessa primeira manhã depois da longa marcha, o barulho da instalação do novo acampamento ia ser demais para ele.

Por isso montou seu melhor cavalo, um castanho de costas largas, e cavalgou na direção do rio, acompanhando a margem por alguns quilômetros, até chegar a uma elevação escarpada que conhecia desde criança.

Esperou então que a pradaria se revelasse e quando isso aconteceu, Pássaro Esperneante ficou feliz. A campina imensa nunca lhe parecera tão bela. Tudo indicava um verão abundante. Os inimigos iam aparecer, é claro, mas seu povo estava muito forte agora. Pássaro Esperneante sorriu.

Certamente teriam uma estação muito próspera.

Uma hora depois seu entusiasmo continuava o mesmo. Pássaro Esperneante disse para si mesmo, vou dar um passeio por esta bela região, e esporeou o cavalo, partindo para o sol nascente.

cinco

Os dois cobertores já estavam dentro d’água quando Dunbar lembrou que precisava bater a roupa. Não havia nenhuma pedra por perto.

Carregando os cobertores molhados e o resto das roupas, o tenente, novato naquele trabalho, caminhou seguindo o rio, pisando cuidadosamente com os pés descalços.

Depois de andar uns quatrocentos metros encontrou uma pedra que servia. Fez bastante espuma e, como novato que era, esfregou com ela os cobertores.

Aos poucos foi pegando o jeito. A cada peça que lavava, a sequência de ensaboar, bater e enxaguar tornava-se mais precisa e, já quase no final, Dunbar estava trabalhando rapidamente, com a concentração, se não com a precisão, de uma lavadeira experiente.

Naquelas duas semanas ele havia cultivado um novo gosto por detalhes e, vendo que não tinha feito um bom trabalho nas primeiras peças, lavou-as de novo.

Um carvalho nodoso erguia-se na margem do rio e Dunbar pendurou nele a roupa para secar. Era um bom lugar, ensolarado e com pouco vento.

Mesmo assim, ia demorar algum tempo e só então notou que tinha esquecido o papel e o fumo para seu cigarro.

O tenente nu resolveu não esperar.

Voltou para o forte.

seis

Pássaro Esperneante ouvira histórias curiosas sobre o número dos homens brancos. Mais de uma vez ouviu dizer que eram tantos quanto os pássaros da floresta e essa ideia intrigava o pajé.

Porém, baseado no que tinha visto, os homens com cabelo na boca só inspiravam pena.

Parecia uma raça triste.

Aqueles pobres soldados do forte, tão ricos em coisas materiais e tão pobres em todo o resto. Atiravam mal, montavam mal seus cavalos grandes e lentos. Deviam ser os guerreiros brancos, mas nunca pareciam estar alertas. E assustavam-se com tão pouco. Roubar seus cavalos foi tão fácil e divertido quanto colher cerejas no campo.

Eram um grande mistério para Pássaro Esperneante, aqueles homens brancos. Sempre que pensava neles, ficava confuso.

Os soldados do forte, por exemplo. Viviam sem as famílias. E sem seus grandes chefes. Com o Grande Espírito manifestando-se por toda a parte, para qualquer um ver, eles adoravam coisas escritas no papel. E eram tão sujos. Nem cuidavam da limpeza de seus corpos.

Pássaro Esperneante não compreendia como os homens com cabelo na boca eram capazes de sobreviver por um ano que fosse. Porém, todos diziam que sua raça florescia. Ele não podia compreender.

Pensando nisso, lembrou-se do forte e resolveu ver como estava. Os homens deviam ter partido, mas ia ver assim mesmo. Montado no seu pônei, olhando através da campina, viu que tinham melhorado o lugar. O

forte do homem branco estava limpo. Um toldo de lona ondulava ao vento.

41

Um cavalo pequeno, de boa aparência, estava no curral. Não havia nenhum movimento. Nenhum som. O forte devia estar morto. Mas alguém o mantinha vivo.

Tinha de ver de perto.

sete

O Tenente Dunbar caminhou vagarosamente seguindo a margem do rio. Havia tanta coisa para ver.

Por mais estranho que fosse, sentia-se muito mais integrado na paisagem assim sem roupa. Devia ser a coisa certa. Cada pequena planta, cada inseto despertava sua atenção. Tudo estava extremamente vivo.

Um gavião de cauda vermelha com um esquilo preso nas garras voou bem na frente dele, menos de três metros acima de sua cabeça.

Na metade do caminho parou na sombra de um álamo para ver um texugo cavar sua toca um pouco acima da linha d’água. O animal olhava uma vez ou outra para o tenente, mas não interrompeu o trabalho.

Perto do forte, Dunbar parou para ver um ato de amor. Um casal de cobras

d’água negras se contorcia em êxtase na água rasa do regato e, como todos os amantes, o resto do mundo não existia para eles e nem perceberam quando a sombra do tenente passou sobre os dois.

Dunbar começou a subir a encosta, maravilhado, sentindo-se tão forte quanto tudo que o rodeava, um verdadeiro cidadão da pradaria.

Quase no fim da subida, quando estava só com a cabeça acima do topo da colina, avistou o pônei castanho.

No mesmo instante, viu a silhueta do homem na sombra do seu toldo de lona. Logo o vulto saiu para o sol e Dunbar abaixou a cabeça rapidamente, firmando o pé numa saliência da colina.

Agachou sentindo as pernas bambas, suas orelhas do tamanho de pires de chá, escutando com tanta intensidade que a audição parecia ser o único sentido que possuía.

Sua mente voou. Imagens fantásticas dançavam na frente dos olhos fechados de Dunbar. Calça franjada. Mocassins enfeitados com contas. Um machado do qual pendiam mechas de cabelos. Um peitoral de osso brilhante. O cabelo espesso e brilhante escorrendo pelas costas. Os olhos negros e fundos. O nariz grande. Pele cor de barro cozido. A pena tremulando com a brisa na parte de trás da cabeça.

Sabia que era um índio, mas não esperava nada tão selvagem e o choque o atordoou como se tivesse levado uma pancada na cabeça.

Agachado na beirada da encosta, com as nádegas roçando o chão e o suor brotando na testa, Dunbar não compreendia bem o que acabava de ver.

Tinha de olhar outra vez.

42

Ouviu o relincho manso de um cavalo e, reunindo toda sua coragem, levantou a cabeça cautelosamente.

O índio estava no curral, andando vagarosamente para Cisco, com uma corda na mão.

O medo paralisante do tenente evaporou-se. Ele parou de pensar, levantou-se de um salto e subiu para o topo da colina. Seu berro cortou o silêncio como um tiro.

— Ei, você aí!

oito

Pássaro Esperneante deu um pulo no ar.

Voltou-se rapidamente para aquela voz que quase o matara de susto.

Na sua frente estava a visão mais estranha de sua vida.

Um homem nu. Um homem nu marchando diretamente para ele, com os punhos fechados, o rosto feroz e a pele tão branca que ofuscava a vista.

Pássaro Esperneante recuou horrorizado, tropeçou, recobrou o equilíbrio e, ao invés de saltar a cerca do curral, passou através dela.

Correu pelo pátio, saltou para seu pônei e galopou como se estivesse sendo perseguido pelo demônio.

Não olhou para trás nem uma vez.

43

CAPÍTULO IX

um

27 de abril de 1863

Primeiro contato com um índio selvagem.

Um deles veio até o forte e tentou roubar meu cavalo. Quando eu apareci, assustou-se e fugiu. Não sei quantos mais deve haver por perto, mas suponho que onde existe um sempre há muitos outros.

Estou fazendo os preparativos para outra visita. Não posso organizar uma defesa adequada, mas tentarei causar uma forte impressão, quando eles chegarem.

Porém, continuo sozinho e a não ser que logo cheguem mais homens, tudo estará perdido.

O homem que eu vi é um sujeito de aparência impressionante.

Tenente John J. Dunbar

Dunbar passou os dois dias seguintes tomando as providências, a maior parte delas destinadas a dar uma impressão de força e estabilidade.

Era uma cena irreal, um homem sozinho preparando-se para o ataque de muitos índios, mas a força de vontade do tenente o ajudava a fazer muito com pouca coisa. Era uma boa qualidade que contribuía para fazer dele um bom soldado.

Trabalhava como se fosse um dos muitos homens do forte. O

primeiro passo foi esconder as provisões. Separou os itens essenciais e o resto enterrou cuidadosamente em buracos cavados em volta do forte.

Guardou as ferramentas, o lampião a óleo, vários barris com pregos e outros materiais de construção num dos buracos que serviam de alojamento aos soldados. Cobriu tudo com um pedaço de lona, espalhou terra por cima e depois de horas de cuidadoso nivelamento do solo, o esconderijo parecia fazer parte da encosta.

Levou duas caixas com rifles e meia dúzia de pequenos barris de pólvora para a campina. Retirou mais de vinte torrões de terra de um metro quadrado cada um, com as hastes de relva e as raízes. Cavou buracos profundos e enterrou neles as armas. No fim da tarde já tinha recolocado os torrões de terra com a relva, plantando-os com tanto cuidado que dificilmente podiam ser descobertos. Marcou o lugar com uma costela de búfalo descorada pelo sol, enfiando-a no solo a alguns metros do esconderijo.

No armazém encontrou duas bandeiras dos Estados Unidos e usando as estacas do curral como mastros, hasteou uma no telhado do armazém, outra no telhado da cabana.

Os passeios da tarde limitavam-se agora a patrulhas curtas e circulares, nunca

perdendo o forte de vista.

Duas Meias apareceu, como de hábito na sua colina, mas Dunbar estava ocupado demais para dar atenção a ele.

Passou a usar o uniforme constantemente, mantendo as botas altas de montaria sempre brilhantes, o chapéu escovado e o rosto barbeado. Não ia a nenhum lugar, nem mesmo até o regato sem o rifle, uma pistola e o cinto cheio de munição.

Depois de dois dias de atividade febril, achou que estava tão preparado quanto podia estar.

29 de abril de 1863

A esta altura minha presença no forte já deve ter sido comunicada.

Fiz todos os preparativos possíveis. Agora é só esperar.

Tenente John J. Dunbar

dois

Mas a presença do Tenente Dunbar no Forte Sedgewick não foi comunicada.

Pássaro Esperneante guardou o Homem que Brilha como a Neve dentro do seu pensamento. O curandeiro passou sozinho dois dias, profundamente perturbado com o que tinha visto, esforçando-se para compreender o que a princípio pensou ser uma alucinação de pesadelo.

Porém, depois de refletir muito, admitiu para si mesmo que a visão era real.

De certo modo, essa conclusão criou mais problemas. O homem era real. Tinha vida. Estava lá no forte. Pássaro Esperneante concluiu também que o Homem que Brilha como a Neve devia estar ligado, de certo modo, ao destino do seu povo. Do contrário, o Grande Espírito não se daria ao trabalho de fazer com que ele o visse.

Achava que era sua responsabilidade adivinhar o significado disso tudo, mas, por mais que se esforçasse, não conseguia. Sentia-se perturbado como nunca

antes em sua vida.

Suas mulheres perceberam que havia algum problema muito sério assim que ele voltou daquele passeio fatídico ao Forte Sedgewick. Viram o olhar distante e estranho. Mas, além de dispensarem cuidados extras ao marido, não disseram nada e continuaram com seu trabalho.

45

três

Outros homens tinham, como Pássaro Esperneante, grande influência na tribo. Nenhum mais do que Dez Ursos. Ele era o mais venerado e, com sessenta anos, sua severidade, sua sabedoria e a mão extremamente firme com que dirigia seu povo só eram suplantadas por sua enorme habilidade de prever com precisão de que lado os ventos da sorte, pequena ou grande, soprariam no futuro.

Dez Ursos percebeu, ao primeiro olhar, que alguma coisa tinha acontecido com Pássaro Esperneante, a quem ele considerava um membro importante do seu grupo. Mas ele também não disse nada. Tinha o hábito, que sempre dava bons resultados, de observar e esperar.

Porém, no fim do segundo dia, Dez Ursos estava certo de que se tratava de algo muito importante e, ao cair da tarde, fez uma visita informal a Pássaro Esperneante.

Durante vinte minutos fumaram o tabaco do curandeiro, em silêncio, antes de conversar por algum tempo sobre coisas sem importância.

No momento exato, Dez Ursos conduziu a conversa para assuntos mais sérios com uma pergunta de caráter geral. Perguntou como Pássaro Esperneante se sentia, espiritualmente falando, sobre os planos para o verão.

Sem entrar em detalhes, o curandeiro disse que os presságios eram bons. Um sacerdote que procura não falar muito sobre seu trabalho era um sinal claro para Dez Ursos. Ficou certo de que Pássaro Esperneante estava escondendo alguma coisa.

Então, com a habilidade de um diplomata experimentado, Dez Ursos perguntou sobre sinais potencialmente negativos.

Os olhos dos dois se encontraram. Dez Ursos o apanhara na armadilha do modo mais delicado e sutil.

— Há um – disse Pássaro Esperneante.

Assim que falou, sentiu um alívio imenso como se tivessem desamarrado suas mãos e ele contou tudo, o passeio, o forte, o belo cavalo castanho e o Homem que Brilha como a Neve.

Quando terminou, Dez Ursos reacendeu o cachimbo e fumou pensativamente antes de deixá-lo no chão, entre os dois.

— Ele parecia um deus? – perguntou.

— Não. Parecia um homem – respondeu Pássaro Esperneante. –

Andava como um homem, falava como um homem. Sua forma era de homem. Até o sexo era de homem.

— Nunca ouvi falar de um homem branco sem roupa – disse Dez Ursos, agora com expressão de desconfiança. – Sua pele refletia mesmo o sol?

— Dava até dor nos olhos.

46

Os homens ficaram em silêncio outra vez.

Dez Ursos se levantou.

— Vou pensar nisso agora.

quatro

Dez Ursos expulsou todos da sua barraca e sentou sozinho por mais de uma hora, pensando no que Pássaro Esperneante havia contado.

Não era fácil.

Dez Ursos vira homens brancos poucas vezes e, como Pássaro Esperneante, não podia compreender o comportamento deles. Por causa do seu grande número,

deviam ser vigiados e de certa forma controlados, mas, até então, não passavam de um aborrecimento para a mente.

Dez Ursos jamais gostou de pensar neles.

Como uma raça podia ser tão confusa?, pensou.

Mas estava se afastando do assunto e Dez Ursos censurou intimamente a própria dispersão de pensamento. O que ele sabia realmente sobre o homem branco? Quase nada... Tinha de admitir.

O homem estranho no forte. Talvez fosse um espírito. Talvez um tipo diferente de homem branco. Era possível, pensou Dez Ursos, que o ser visto por Pássaro Esperneante fosse o primeiro de uma raça completamente nova.

O velho chefe suspirou com a mente sobrecarregada de pensamentos.

Tinha tanto que fazer com os preparativos da caça de verão. E agora isso.

Não chegou a nenhuma conclusão.

Dez Ursos resolveu reunir o conselho.

cinco

O conselho se reuniu antes do pôr-do-sol, mas estendeu-se noite adentro, o suficiente para chamar a atenção de todo o povoado, especialmente dos jovens que, reunidos em pequenos grupos, procuravam imaginar o que os mais velhos estariam discutindo.

Depois de uma hora de preliminares, entraram no assunto. Pássaro Esperneante contou sua história. Quando terminou, Dez Ursos pediu a opinião dos seus companheiros.

Eram muitos e com atribuições variadas.

Vento no Cabelo era o mais jovem, um guerreiro impulsivo, mas experiente. Achava que deviam enviar um grupo de homens imediatamente para atirar flechas no homem branco. Se ele fosse um deus, as flechas não teriam efeito. Se fosse mortal, teriam um cabelo na boca a menos com quem se preocupar. Vento

no Cabelo ficaria feliz em comandar o grupo.

47

A sugestão foi rejeitada pelos outros. Se aquela pessoa fosse um deus, não era boa ideia atirar flechas nela. E matar um homem branco era coisa para ser feita com a maior delicadeza. Um homem branco morto produzia muitos outros vivos.

Touro Bravo era conservador. Ninguém ousava questionar sua bravura, mas era verdade que ele sempre optava por uma atitude discreta em quase todos os assuntos. Fez uma sugestão simples. Enviar uma delegação para parlamentar com o Homem que Brilha como a Neve.

Vento no Cabelo esperou que Touro Bravo terminasse seu longo discurso. Então, atacou a ideia com ênfase acalorada. O ponto central do seu argumento era algo que ninguém ousava negar. Comanches não mandavam bravos guerreiros para parlamentar com um único homem branco, um invasor sozinho e fraco.

Depois disso, ninguém disse muita coisa e quando recomeçaram a falar, trataram de outros assuntos, como os preparativos para a caça e a possibilidade de enviarem delegados a várias outras tribos. Durante mais uma hora discutiram rumores e fatos que podiam ter alguma relação com o bem-estar da tribo.

Quando finalmente voltaram à questão delicada do que deviam fazer a respeito do homem branco, as pálpebras de Dez Ursos estavam pesadas e sua cabeça balançava de sono. Não adiantava continuar a discussão naquela noite. O velho chefe roncava baixinho quando eles saíram da tenda.

O assunto não foi resolvido.

Mas isso não significava que nada seria feito.

Qualquer grupo pequeno e unido tem dificuldade para guardar segredos e naquela noite o filho de Touro Bravo, um menino de quatorze anos, ouviu seu pai resumir para um tio a história do homem branco. Ouviu tudo sobre o forte e o Homem que Brilha como a Neve. E ouviu falar também do belo cavalo castanho, a forte montaria que, segundo Pássaro Esperneante, valia dez pôneis. A imaginação do menino voou.

O filho de Touro Bravo não conseguiu dormir, pensando na história e tarde da

noite ele saiu da tenda para contar tudo aos companheiros, para avisá-los da grande oportunidade que o acaso lhes oferecia.

Como ele esperava, Costas de Rã e Muitos Sorrisos, a princípio, não concordaram. Era só um cavalo. Como podiam dividir por três? Não era grande coisa. E havia a possibilidade do deus branco estar andando por ali naquele momento. Precisavam pensar muito no assunto.

Mas o filho de Touro Bravo estava preparado para isso. Tinha tudo planejado. A melhor parte era o deus branco. Eles não queriam ser guerreiros? E quando chegasse a hora, não teriam de acompanhar um guerreiro veterano? E não era pouco provável que vissem combates de verdade? Não era pouco provável que tivessem oportunidade de se distinguir em combate?

48

Mas enfrentar o deus branco. Três meninos contra um deus. Isso era alguma coisa. Fariam canções sobre sua façanha. Se tivessem sucesso, provavelmente os três logo estariam comandando grupos de guerreiros ao invés de apenas acompanhá-los.

E o cavalo. Bem, o filho de Touro Bravo seria o dono do cavalo, mas os outros dois poderiam montá-lo. Poderiam correr com ele o quanto quisessem.

Ora, quem podia dizer que não era um grande plano?

Seus corações batiam com força quando atravessaram o rio e escolheram três boas montarias na manada de pôneis. A pé, levaram os cavalos para longe do povoado, depois seguiram caminho, fazendo um grande círculo.

Quando estavam a uma boa distância, esporearam seus pôneis e saíram a galope, cantando alto para fortalecer o coração. Atravessaram a campina escura, mantendo-se perto do regato que os levaria diretamente ao Forte Sedgewick.

seis

Por duas noites, o Tenente Dunbar foi todo soldado, dormindo com um ouvido alerta.

Mas os cavaleiros que chegaram não eram meninos descuidados em busca de

divertimento. Eram comanches prontos para realizar a missão mais importante de suas vidas.

O Tenente Dunbar não os ouviu chegar.

Mas, quando acordou e chegou, sonolento, à porta da cabana, o ruído das patas dos cavalos e os gritos de triunfo dos garotos eram apenas sons que se fundiam com a vastidão da noite na planície.

sete

Os meninos galopavam velozmente. Tudo correu com perfeição. Foi fácil roubar o cavalo e o melhor de tudo, nem tinham visto o deus branco.

Contudo, não queriam se arriscar. Os deuses podem fazer as coisas mais fantásticas, especialmente quando estão zangados. Os meninos não pararam para comemorar o feito. Galoparam a toda velocidade, dispostos a descansar só quando estivessem na segurança da aldeia.

Porém, a menos de três quilômetros do forte, Cisco resolveu fazer o que queria e o que queria não era ir com aqueles garotos.

Cavalgavam a todo galope quando Cisco, com um puxão violento na corda que o prendia, lançou-se para frente. O filho de Touro Bravo foi derrubado do seu pônei, como se tivesse batido num galho baixo de árvore.

49

Costas de Rã e Muitos Sorrisos tentaram perseguir o cavalo, mas Cisco corria a toda, arrastando a longa corda no chão. Cisco era veloz e quando chegou quase ao seu limite de resistência, continuou, levado por pura determinação.

Os pôneis dos índios não teriam conseguido segui-lo nem que estivessem descansados.

oito

Desanimado, Dunbar fazia café junto ao fogo, quando Cisco apareceu calmamente, iluminado pela luz trêmula da pequena fogueira.

O tenente sentiu mais alívio do que surpresa. Estava furioso por roubarem seu cavalo. Mas Cisco fora roubado antes, duas vezes para ser exato, e como um cão fiel, sempre encontrava um jeito de voltar.

O Tenente Dunbar segurou a corda dos comanches, verificou se o cavalo não estava ferido e enquanto o céu se tingia de rosa no leste, levou o pequeno castanho para tomar água no regato.

Sentado na margem, Dunbar observou a superfície da água. Os peixes pequenos subiam à tona para apanhar os insetos invisíveis e de repente ele sentiu-se indefeso, como aquelas pequenas iscas de peixes.

Os índios podiam matá-lo com a mesma facilidade com que roubaram Cisco.

A ideia da morte o preocupava. Podia ser morto naquela tarde, pensou.

O que mais o aborrecia era a ideia de morrer como um inseto.

Resolveu então que, se ia morrer, não seria na cama.

Sabia que alguma coisa estava para acontecer, algo que o fazia vulnerável. Sentiu um frio na espinha. Talvez fosse cidadão da planície, mas isso não significava que seria aceito. Como um garoto novo na escola, todos os olhos estariam nele.

O frio na espinha continuou quando Dunbar levou Cisco de volta para o forte.

nove

O braço do filho de Touro Bravo estava quebrado.

Eles o levaram a Pássaro Esperneante, logo que o trio cansado e enlameado chegou à aldeia.

Os meninos começaram a se preocupar quando descobriram que o filho de Touro Bravo não podia mexer o braço. Se ninguém estivesse ferido podiam manter em segredo a incursão mal-sucedida. Mas as perguntas logo começaram e os meninos, por mais que procurassem resumir os fatos, eram 50

comanches. E os comanches tinham muita dificuldade para mentir. Até mesmo

os garotos comanches.

Enquanto Pássaro Esperneante tratava o braço quebrado, na presença do seu pai e de Dez Ursos, o filho de Touro Bravo contou toda a verdade.

Não era raro um cavalo roubado fugir dos captores e voltar para casa, mas porque podia se tratar de um espírito, a fuga de Cisco ganhou grande importância e os homens mais velhos interrogaram detalhadamente o garoto.

Quando ele contou que o cavalo não havia se assustado, mas que arrebentou a corda deliberadamente, os mais velhos ficaram visivelmente preocupados.

Convocaram outro conselho.

Dessa vez, todos sabiam do que se tratava, pois a história do fracasso dos meninos estava em todas as bocas. Os mais impressionáveis tiveram verdadeiros acessos de tremedeira quando souberam que um deus branco estranho podia estar vagando pelas redondezas, mas a maioria do grupo manteve a calma, certa de que Dez Ursos encontraria uma solução.

Mesmo assim, estavam ansiosos.

Apenas uma pessoa na aldeia estava realmente apavorada.

CAPÍTULO X

um

No verão anterior, quando descobriram que havia soldados brancos na região, ela ficou apavorada. Aquele grupo de comanches não conhecia os homens com cabelo na boca, a não ser os poucos que já haviam matado, ocasionalmente. Ela esperava que jamais os encontrassem.

Quando os comanches roubaram os cavalos dos soldados brancos, naquele verão, ela entrou em pânico e fugiu. Tinha certeza de que os homens brancos atacariam a aldeia. Mas eles não apareceram.

Mesmo assim, continuou inquieta até chegarem à conclusão de que, sem os

cavalos, os soldados brancos estavam praticamente indefesos. Então ela se acalmou um pouco. Mas o medo que a acompanhava como uma nuvem negra só desapareceu quando levantaram acampamento e seguiram para o campo de inverno.

Agora estavam no verão outra vez e durante toda a viagem de volta, ela rezou ardentemente para que os homens com cabelo na boca tivessem partido. Suas preces não foram atendidas e, mais uma vez, o medo enchia todas as suas horas.

O nome dela era De Pé com Punho.

Só ela na aldeia dos comanches sabia que o homem branco não era um deus. Porém, a história de Pássaro Esperneante a deixou intrigada. Um homem branco sozinho e nu? Ali na pradaria? Na terra dos comanches?

Não tinha sentido. Mesmo assim, sem explicar por que, sabia que ele não era um deus. Alguma coisa no seu íntimo dizia que era apenas um homem.

Ela ouviu a história naquela manhã, a caminho da tenda uma-vez-por-mês, o lugar reservado para as mulheres menstruadas. Estava pensando no marido. Normalmente, não gostava de ir para a tenda porque sentia falta da companhia dele. Era um homem maravilhoso, bravo, belo. Um homem excepcional em tudo. Um marido modelo. Nunca batia nela e embora seus dois filhos tivessem morrido (um ao nascer, o outro com poucas semanas de vida), ele se recusava a tomar outra mulher.

Todos o aconselhavam a tomar outra mulher. Até De Pé com Punho concordou. Mas ele simplesmente respondeu, “Você é suficiente.” E ela não tocou mais no assunto. No fundo do coração, orgulhava-se disso e sentia-se feliz sozinha com ele.

Sentia muita falta dele agora. Antes de deixarem o campo de inverno, ele saiu com um grande número de guerreiros para combater os utes. Há quase um mês não tinham notícias dele, nem dos outros guerreiros. Por estar assim separada do marido, não lhe parecia tão desagradável ir para a 52

tenda uma-vez-por-mês. Quando se preparava para deixar sua tenda naquela manhã, a jovem comanche consolava-se com a ideia de que uma ou duas das suas amigas estariam também na tenda, mulheres em cuja companhia o tempo passava depressa.

Mas no caminho ela ouviu a história de Pássaro Esperneante. Depois, a história da tola incursão dos meninos. A manhã explodiu no rosto de De Pé com Punho. Mais uma vez o medo caía sobre seus ombros retos e fortes como um cobertor de ferro e ela entrou na tenda uma-vez-por-mês extremamente abalada.

Porém, ela era muito forte. Seus belos olhos castanho-claros, que brilhavam com inteligência, não deixaram transparecer nada, enquanto costurava e conversava com as amigas.

Eles conheciam o perigo. Toda a aldeia sabia. Mas de nada adiantava falar a respeito. Assim, ninguém falou.

Durante toda a tarde seu corpo pequeno e firme movimentou-se na tenda, sem que ninguém percebesse o temor pesado que ela carregava.

De Pé com Punho tinha vinte e seis anos.

Há quase doze era comanche.

Antes disso, era branca.

E antes disso, ela era... o que mesmo?

Só lembrava daquele nome nas raras ocasiões em que não podia evitar pensar nos homens brancos. Então, por algum motivo inexplicável, ele saltava na frente dos seus olhos.

Oh, sim, ela pensou em comanche, eu me lembro. Antes eu era Cristine.

Então pensava no tempo anterior a esse e era sempre a mesma coisa.

Era como se passasse por uma cortina muito velha e muito enevoada e os dois mundos se tornavam um só, o antigo fundindo-se com o novo. De Pé com Punho era Cristine e Cristine era De Pé com Punho.

Com o passar dos anos, sua pele escureceu e havia nela algo bastante selvagem. Mas, apesar de ter tido dois filhos, seu corpo era o de uma mulher branca. E o cabelo, que se recusava a crescer além dos ombros e se recusava a ficar liso, ainda tinha um tom vermelho acentuado. E os olhos eram castanho-claros.

De Pé com Punho tinha razão para ter medo. Era um sentimento do qual não podia se libertar. Para os olhos de um branco, sempre haveria algo de estranho naquela mulher. Algo que não era completamente índio. E para os olhos experientes do seu povo, havia também algo que não era completamente índio, mesmo depois de todo aquele tempo.

Era uma grande e pesada preocupação, mas De Pé com Punho nunca falava a respeito e muito menos se queixava. Suportava aquele peso em silêncio e com grande bravura em todos os dias de sua vida de índia e fazia isso por uma razão muito importante.

53

De Pé com Punho queria ficar onde estava.

Ela era muito feliz.

54

CAPÍTULO XI

um

O conselho de Dez Ursos terminou sem resolver nada, mas isso não era incomum.

Na maioria das vezes, um conselho importante acabava sem nenhuma solução do problema discutido, indicando uma fase completamente nova na vida política do grupo.

Era nessas ocasiões que, quem quisesse, podia agir por conta própria.

dois

Vento no Cabelo defendeu enfaticamente um novo plano. Ir até o forte e roubar o cavalo, sem fazer mal ao homem branco. Mas, ao invés de garotos, iriam homens. O conselho rejeitou essa segunda idéia, mas Vento no Cabelo não ficou aborrecido com ninguém.

Tinha ouvido todas as opiniões com a mente aberta e ofereceu sua solução. Não

foi aceita, mas os argumentos contra ela não o convenceram de que o plano não era bom.

Ele era um guerreiro respeitado e, como todos os guerreiros respeitados, tinha um direito supremo.

Podia fazer o que bem entendesse.

Se o conselho insistisse na recusa, ou se ele resolvesse agir e o plano fosse um fracasso, corria o risco de ser expulso da tribo.

Vento no Cabelo considerou a situação. O conselho não havia recusado definitivamente, apenas estava confuso. Quanto a ele... bem...

Vento no Cabelo jamais havia fracassado.

Assim, logo que terminou o conselho, ele caminhou por uma das ruas mais movimentadas da aldeia, à procura de alguns amigos, dizendo a mesma coisa em todas as tendas.

— Eu vou roubar aquele cavalo. Quer vir comigo?

Cada amigo respondia com outra pergunta.

— Quando?

E Vento no Cabelo dava a todos a mesma resposta.

— Agora.

três

Era um grupo pequeno. Cinco homens.

Saíram da aldeia para a planície com os cavalos em passo lento.

Pareciam calmos. Porém isso não significava que estavam alegres.

Cavalgaram com expressão sombria, como homens de faces inexpressivas a

caminho dos funerais de um parente distante.

Vento no Cabelo explicou seu plano quando foram apanhar os pôneis.

— Nós pegamos o cavalo. Vocês o vigiam na volta para casa.

Fiquem em volta dele. Se aparecer um homem branco, não atirem, a não ser que ele atire primeiro. Se ele tentar falar, não respondam. Pegamos o cavalo e vamos ver o que acontece.

Vento no Cabelo não teria admitido para ninguém, mas teve uma sensação de alívio quando avistaram o forte.

Havia um cavalo no curral, um cavalo de ótima aparência.

Mas não viram nenhum homem branco.

quatro

O homem branco foi para a cama bem antes do meio-dia. Dormiu algumas horas. No meio da tarde, ele acordou satisfeito porque sua nova ideia estava funcionando.

O Tenente Dunbar resolveu dormir durante o dia e passar a noite em claro, com o fogo aceso. Os homens que roubaram Cisco tinham aparecido de madrugada, em todas as histórias sobre índios, essa era a hora preferida para o ataque. Assim ele estaria acordado quando chegassem.

Ainda sentia-se sonolento, depois da longa sesta. E estava com o corpo pegajoso de suor. Era uma hora tão boa quanto outra qualquer para tomar um banho.

Por isso estava no regato, com água até os ombros e a cabeça ensaboada, quando ouviu os cavalos dos cinco homens chegando ao pé da colina.

Dunbar saiu da água e instintivamente apanhou sua calça.

Atrapalhou-se com ela e, jogando-a para o lado, resolveu apanhar o grande revólver da marinha. Então, subiu a encosta de quatro.

cinco

Os cinco comanches o viram quando se afastavam com Cisco.

Ele estava de pé na borda do penhasco com a água escorrendo pelo corpo e a cabeça coberta com uma coisa branca. Tinha um revólver na mão.

Tudo visto com olhares rápidos por sobre os ombros. Não mais do que isso.

Estavam seguindo as instruções de Vento no Cabelo. Com um dos guerreiros segurando a corda que prendia Cisco e os outros cavalgando em volta, afastaram-se do forte em formação cerrada.

Vento no Cabelo fechava a retaguarda.

56

O homem branco não fez um movimento. Ficou de pé, na borda do penhasco, com o braço ao lado do corpo e o revólver na mão.

Vento no Cabelo podia não se importar nem um pouco com o homem branco. Mas importava-se muito com o que ele representava. Era o inimigo mais constante de todos os guerreiros. O homem branco representava o medo. Uma coisa era retirar-se do campo de batalha depois da luta, mas deixar o medo voar no rosto e não fazer nada... Vento no Cabelo sabia que jamais permitiria que isso acontecesse.

Puxou as rédeas, fez o pônei nervoso dar meia-volta e galopou para o tenente.

seis

Subindo de quatro e às pressas a encosta da colina, o Tenente Dunbar era tudo que um soldado devia ser. Corria ao encontro do inimigo. Não havia outro pensamento em sua cabeça.

Mas tudo isso desapareceu quando chegou ao topo do penhasco.

Estava preparado para criminosos, um bando de fora-da-lei, ladrões que deviam ser punidos.

Em vez disso, o que viu foi um quadro vivo, um quadro de ação tão intensa que o tenente, como um garotinho na sua primeira parada, não conseguiu fazer nada

além de olhar, encantado.

A corrida furiosa dos pôneis de pêlo brilhante, passando por ele, as penas adejando nas rédeas, nas crinas e nas caudas, os enfeites no traseiro.

E os homens que os montavam, cavalgando com o abandono de crianças em cavalos de brinquedo. A pele escura e lisa, os músculos delineados claramente sob ela, o cabelo trançado e brilhante, os arcos, as lanças e os rifles, a tinta dos desenhos ousados nos rostos e braços.

Tudo isso numa harmonia magnífica. Juntos, os homens e os cavalos pareciam a lâmina enorme de um arado correndo na paisagem, com o corte mal tocando a superfície.

Era um colorido, uma velocidade, uma maravilha que ele jamais poderia ter imaginado. Era a glória celebrada da guerra capturada num único mural, e Dunbar ficou imóvel, extasiado, não tanto um homem, mas um par de olhos.

Sentia-se envolto numa densa névoa que começava agora a se dissipar e então percebeu que um deles estava voltando. Como num sonho, Dunbar esforçou-se para acordar. Seu cérebro tentava enviar comandos, mas a comunicação não era contínua. Dunbar não podia mover um músculo.

O cavaleiro aproximava-se com rapidez, galopando diretamente para Dunbar em curso de colisão. O Tenente Dunbar nem pensou que podia ser atropelado pelo cavalo. Não pensou em morrer. Perdera toda a capacidade 57

de raciocinar. Continuou imóvel, olhando como em transe para as ventas dilatadas do cavalo.

sete

Quando Vento no Cabelo estava a menos de nove metros do tenente, puxou as rédeas com tamanha rapidez que, por um momento, seu cavalo sentou no chão literalmente. Com um impulso para cima, o pônei nervoso levantou-se e começou a dançar, inclinando a cabeça para baixo e rodopiando. Vento no Cabelo manteve as rédeas curtas o tempo todo, quase indiferente ao movimento frenético do animal.

Ele olhava para o homem branco nu e imóvel. Completamente imóvel. Vento no

Cabelo nem o via piscar. Mas via o movimento do peito branco. O homem estava vivo.

Não parecia estar com medo. Vento no Cabelo admirou aquela ausência de medo do homem branco, mas ao mesmo tempo, ela o deixava nervoso. O homem devia estar com medo. Como podia não estar? Vento no Cabelo sentiu que o “seu” medo voltava sorrateiro. Sua pele estava toda arrepiada.

Ergueu o rifle acima da cabeça e rugiu enfaticamente.

— Eu sou Vento no Cabelo!

— Vê que não tenho medo de você?

— Está vendo?

O homem branco não respondeu e Vento no Cabelo ficou satisfeito.

Tinha enfrentado face a face o provável inimigo. Tinha desafiado o homem nu e o homem branco não fez nada. Isso bastava.

Fez o pônei dar meia-volta, soltou as rédeas e partiu velozmente na direção dos amigos.

oito

O Tenente Dunbar, atordoado, viu o cavaleiro se afastar. As palavras ecoavam ainda em sua mente. Pelo menos o som delas, como o latido de um cão. Não tinha ideia do que significavam, mas pareciam uma declaração, algo que o guerreiro queria que ele soubesse.

Aos poucos saiu do atordoamento. A primeira coisa que percebeu foi o revólver extremamente pesado na mão. Ele o deixou cair.

Então, caiu de joelhos, lentamente, e encostou as nádegas nos calcanhares. Ficou assim por um longo tempo, com um vazio que nunca sentira antes, fraco como um cãozinho recém-nascido.

Dunbar pensou que jamais seria capaz de um movimento, mas finalmente levantou-se e cambaleou para a cabana. Só com um esforço 58

supremo conseguiu enrolar um cigarro. Mas estava fraco demais para fumar e adormeceu depois de duas ou três tragadas.

nove

A segunda escapada teve uma ou duas coisas diferentes, mas de um modo geral, tudo correu como antes.

Depois de percorrer uns três quilômetros, os comanches puseram seus pôneis a passo. Com cavaleiros dos dois lados e atrás, Cisco escolheu o único caminho aberto. Lançou-se para frente.

O homem que segurava a corda que o prendia foi puxado por cima da cabeça do seu pônei. Por poucos segundos, Vento no Cabelo teve a chance de segurar a ponta da corda, mas chegou tarde. A corda escorregou entre seus dedos.

Depois disso, começou a perseguição. Não foi muito divertida para os comanches. O homem puxado para fora do pônei não tinha nenhuma chance e os outros quatro não tiveram sorte.

Um dos pôneis pisou num buraco de marmota e partiu a perna. Cisco estava rápido como um gato naquela tarde, e dois outros cavaleiros foram lançados fora das selas tentando fazer com que seus pôneis acompanhassem sua corrida em ziguezague.

Sobrou só Vento no Cabelo. Ele seguiu Cisco por algumas centenas de metros, mas quando seu pônei começou a dar sinal de cansaço, a distância que os separava não tinha diminuído e ele resolveu que não valia a pena matar seu pônei favorito por uma coisa que não podia ter.

Enquanto o pônei descansava, Vento no Cabelo observou o cavalo castanho e viu que ele corria na direção geral do forte. A idéia de que talvez Pássaro Esperneante estivesse certo aliviou sua frustração. Podia ser um cavalo mágico, pertencente a uma pessoa mágica.

Deu meia-volta e foi ao encontro dos outros. Estava claro que Vento no Cabelo havia falhado e ninguém quis saber os detalhes.

Ninguém disse nada.

Fizeram a longa viagem de volta em silêncio.

59

CAPÍTULO XII

um

Vento no Cabelo e seus homens encontraram a aldeia de luto.

O grupo que havia saído há tanto tempo para combater os utes estava de volta, afinal.

E as notícias não eram boas.

Conseguiram roubar apenas seis cavalos, o que não dava para cobrir suas perdas. Voltavam de mãos vazias, depois de tanto tempo fora de casa.

Traziam quatro homens gravemente feridos, dos quais apenas um podia sobreviver. Mas a verdadeira tragédia era a morte de seis homens, seis magníficos guerreiros. E pior ainda, só tinham quatro corpos envoltos nos cobertores, nas macas.

Não conseguiram reaver os corpos de dois homens mortos e o que era mais triste, os nomes deles jamais seriam pronunciados.

Um deles era o marido de De Pé com Punho.

dois

Porque ela estava na tenda de uma-vez-por-mês, a notícia foi transmitida de fora, por dois amigos do seu marido.

A princípio, ela ficou impassível, imóvel como uma estátua, sentada no chão da tenda, com as mãos cruzadas no colo e a cabeça um pouco inclinada para frente. Ficou assim grande parte da tarde, deixando que a dor aos poucos devorasse seu coração, enquanto as outras mulheres ocupavam-se das suas tarefas habituais.

Todas a observavam, em parte porque sabiam o quanto ela e o marido eram unidos. Mas era uma mulher branca e isso, mais do que qualquer outra coisa,

exigia uma vigilância cautelosa. Não sabiam como uma mulher branca podia reagir àquele tipo de crise. Portanto, elas a observavam com um misto de cuidado e curiosidade.

Isso foi bom.

De Pé com Punho estava tão arrasada que passou a tarde toda em silêncio completo. Não derramou uma lágrima. Apenas ficou ali sentada, a mente o tempo todo funcionando com uma rapidez perigosa. Pensou na sua perda, no marido e finalmente em si mesma.

Recordou sua vida com ele, as imagens em fragmentos, mas extremamente detalhadas. Uma delas insistia em voltar à sua lembrança... a imagem da única vez que ela havia chorado.

60

Foi numa noite, não muito depois da morte do seu segundo filho. Ela recorreu a tudo que sabia para não se entregar ao desespero. Estava ainda lutando, quando as lágrimas chegaram. Tentou enxugá-las com a roupa de dormir. Já haviam falado sobre outra mulher e ele já havia dito “Você é suficiente”. Porém, isso não bastava para amenizar a dor da perda do segundo filho, a dor que, ela sabia, o marido compartilhava, e De Pé com Punho escondeu o rosto na camisola. Mas não conseguiu se conter e as lágrimas levaram aos soluços.

Quando terminou, ergueu a cabeça e viu o marido sentado perto do fogo, atiçando-o distraidamente, olhando as chamas sem ver.

Seus olhos se encontraram e ela disse, “Eu não sou nada.”

Ele não respondeu logo. Mas seu olhar tranquilo foi até as profundezas da alma da mulher e ela se acalmou... Então, com um leve sorriso, ele repetiu.

“Você é suficiente.”

Lembrava-se tão bem disso agora. O movimento deliberado com que ele se levantou, o gesto brando quando disse, “Chega para lá”, as mãos deslizando sob sua camisola, os braços envolvendo-a com suavidade.

E lembrou do amor descontraído que faziam, tão livre de movimentos, palavras,

energia. Era como boiar indefinidamente num regato invisível e celestial. Foi sua noite mais longa. Quando estavam quase adormecendo, recomeçavam. E outra, e outra vez. Duas pessoas, um só corpo.

Nem a chegada do sol os fez parar. Pela primeira e única vez em suas vidas, não saíram da tenda naquela manhã.

Finalmente o sono os venceu, ao mesmo tempo, e De Pé com Punho lembrava-se de ter adormecido suavemente com a sensação de que o peso de ser duas pessoas era tão leve agora que não tinha mais importância.

Lembrou que não se sentia nem índia nem branca. Ela era um ser único, uma pessoa, não dividida.

De Pé com Punho piscou os olhos e voltou à realidade da tenda de uma-vez-por-mês.

Não era mais uma esposa, uma comanche, nem mesmo uma mulher.

Era nada agora. O que estava esperando?

Uma raspadeira de peles estava no chão, não muito longe dela. De Pé com Punho viu-se mentalmente apanhando-a e viu o instrumento mergulhar em seu peito até o cabo.

Esperou o momento em que ninguém estivesse olhando para ela.

Balançou o corpo algumas vezes, então lançou-se para frente, de quatro, com a mão estendida para a raspadeira.

Apanhou a raspadeira rapidamente e num instante a lâmina estava na frente do seu rosto. Ela a ergueu no ar, deu um grito e com as duas mãos a 61

abaixou sobre o peito, como para apertar um objeto querido junto ao coração.

A outra mulher chegou na fração de segundo que faltava para a raspadeira atingir o alvo. Embora o impacto não fosse suficiente para arrancar a arma da mão de De Pé com Punho, conseguiu desviá-la e a lâmina passou sobre o seio esquerdo, cortou a manga de couro, e mergulhou em seu braço, logo acima do cotovelo.

Ela lutou como um demônio e as mulheres tiveram um trabalho enorme para tirar a raspadeira de sua mão. Assim que a desarmaram, toda a luta abandonou o corpo frágil da mulher branca. Deixou-se cair nos braços das amigas e, como a água que jorra quando se consegue finalmente abrir uma válvula emperrada, os soluços convulsivos a dominaram.

Elas carregaram e arrastaram o corpo pequeno e trêmulo para a cama.

Enquanto uma amiga a embalava como a uma criança, as outras trataram do ferimento em seu braço.

Ela chorou por tanto tempo que as mulheres tiveram de se revezar ao seu lado. Finalmente sua respiração se acalmou e os soluços se transformaram num lamento baixo e doloroso. Então, sem abrir os olhos inchados de tanto chorar, ela repetiu em voz baixa, como se estivesse falando consigo mesma.

— Não sou nada. Não sou nada. Não sou nada.

No começo da noite, as mulheres encheram uma tigela de chifre com sopa rala e entregaram a ela. De Pé com Punho começou com goles pequenos e hesitantes, mas quanto mais tomava, mais sentia que precisava tomar. Acabou de tomar a sopa e recostou na cama, olhando para o teto com os olhos muito abertos.

— Não sou nada – disse outra vez. Mas agora sua voz estava serena e as outras mulheres sabiam que a fase mais perigosa tinha passado. Com palavras carinhosas de consolo, elas acariciaram seu cabelo em desordem e puseram um xale sobre seus ombros frágeis.

três

No mesmo momento em que a exaustão mergulhou De Pé com Punho num sono profundo e sem sonhos, o Tenente Dunbar acordou com o som de patas de cavalo na porta da sua cabana de barro.

Ainda sob o efeito do longo sono, Dunbar não reconheceu o ruído e ficou imóvel, piscando os olhos para acordar de todo e procurando no chão seu revólver da marinha. Antes de encontrar a arma, ele reconheceu o visitante. Era Cisco, de volta outra vez.

Com cautela, Dunbar deslizou silenciosamente da cama e, passando agachado

pelo cavalo, saiu da cabana.

62

Estava escuro, mas ainda era cedo. A estrela vespertina brilhava sozinha no céu. O tenente escutou e observou. Não havia ninguém por perto. Com um largo sorriso, disse em voz alta.

— Aposto que você deu um trabalho e tanto para eles, não é? Venha tomar água.

Levou Cisco até o regato, atônito com a força que sentia. Embora lembrasse perfeitamente da sua paralisia daquela tarde, durante o ataque dos índios, isso parecia muito distante. Não obscuro, mas distante, como a historia. Foi um batismo, concluiu ele, um batismo que o lançou violentamente da imaginação para a realidade. O cavaleiro que se aproximara dele latindo era real. Os homens que levaram Cisco eram reais.

Agora ele os conhecia.

Enquanto Cisco tomava água ruidosamente, o Tenente Dunbar pensou em tudo que tinha acontecido e compreendeu o que tinha feito até então.

Estive esperando, pensou. É isso que estive fazendo o tempo todo.

Balançou a cabeça, rindo silenciosamente. Estou somente esperando.

Jogou uma pedra na água. Esperando o quê? Que alguém me encontre?

Que os índios roubem meu cavalo? Esperando para ver um búfalo?

Mal podia acreditar. Nunca havia andado sobre ovos, contudo era o que tinha feito naquelas duas semanas. Andado sobre ovos, esperando que alguma coisa acontecesse.

Acho melhor acabar com isso agora mesmo, pensou.

Seu pensamento foi interrompido por alguma coisa que se refletia na água, na outra margem do rio.

O Tenente Dunbar ergueu os olhos para a encosta à sua frente.

Uma lua enorme erguia-se no horizonte.

Impulsivamente, ele montou Cisco e foi para o topo do penhasco.

Era uma vista magnífica, aquela lua imensa, amarela como gema de ovo, enchendo o céu noturno como se fosse um novo mundo vindo só para visitá-lo.

Apeou do cavalo, enrolou um cigarro e viu a lua erguer-se rapidamente no céu, com sua topografia desenhada claramente em dois tons.

A planície iluminava-se gradualmente com o movimento da lua. Nas noites anteriores, tudo que ele via era escuridão, e aquela torrente de luz era como um oceano ao qual estivessem tirando toda água.

Dunbar tinha de descer para a planície.

Cavalo e cavaleiro caminharam durante meia hora, trinta minutos de encantamento. Quando finalmente voltaram, o tenente sentia-se seguro e confiante.

Agora estava contente por tudo que tinha acontecido. Não ia mais ficar esperando soldados que nunca chegavam. Não ia mudar seus hábitos 63

de sono. Não ia patrulhar em pequenos círculos temerosos, e não ia mais passar uma noite com os ouvidos e os olhos atentos.

Não ia esperar mais. Faria as coisas acontecerem.

Na manhã seguinte, sairia à procura dos índios.

Que importância tinha se fosse devorado por eles?

Bem, se eles o devorassem, o diabo podia ficar com os restos.

A espera tinha acabado.

quatro

Quando ela abriu os olhos, ao nascer do dia, a primeira coisa que viu foi outro par de olhos. Percebeu então que vários pares de olhos a observavam. A lembrança do que tinha acontecido na véspera a fez sentir-se embaraçada com

tanta atenção. Sua tentativa fora tão sem dignidade, tão contrária à atitude de uma comanche.

Teve vontade de esconder o rosto.

Perguntaram como se sentia e se queria comer. De Pé com Punho disse que sim, estava melhor e seria bom comer alguma coisa.

Enquanto comia, observava as mulheres nos seus afazeres e isso, aliado ao sono restaurador e à comida, fez com que se sentisse mais forte.

A vida continuava e ela era uma pessoa outra vez.

Mas quando procurou seu coração, encontrou-o partido. Precisava ser emendado, se ela quisesse continuar vivendo, e a melhor forma seria um tempo razoável e completo de luto e de dor.

Ela precisava lamentar a perda do seu marido.

Para fazer isso precisava deixar a tenda.

Quando terminou seus preparativos era cedo ainda. As mulheres trançaram seus cabelos, uma jovem saiu para apanhar seu melhor vestido, outra para tirar o melhor pônei do seu marido do curral.

Ninguém a desencorajou quando De Pé com Punho passou um cinto pela alça da bainha da sua melhor faca e o prendeu na cintura. Na véspera elas tinham evitado um ato irracional, mas ela estava mais calma agora e se De Pé com Punho quisesse ainda se matar, nada mais podiam fazer. Muitas mulheres haviam feito isso no passado.

Elas a acompanharam quando ela saiu da tenda, tão bela, tão estranha e tão triste. Uma delas a ajudou a montar. Então o pônei e a mulher se afastaram do pequeno vale onde estava o campo, na direção da planície aberta.

Ninguém a chamou, ninguém chorou e ninguém acenou um adeus.

Apenas a viram se afastar. Mas todas as suas amigas esperavam que ela não se castigasse demais e que voltasse logo.

Todas gostavam de De Pé com Punho.

64

cinco

O Tenente Dunbar apressava-se nos seus preparativos. Deitou-se com intenção de se levantar de madrugada, mas dormiu até depois do nascer do sol. Fez o café rapidamente, fumando o primeiro cigarro do dia enquanto tentava planejar tudo com a maior ordem possível.

Começou com o trabalho mais pesado. Primeiro, a bandeira no armazém. Era mais nova do que a outra, na cabana, por isso ele subiu na parede semi-desabada e a tirou do telhado.

Cortou um pedaço de uma estaca do curral, enfiou-o na bota, mediu com cuidado, cortou um pedaço na parte de cima e prendeu a bandeira.

Estava muito bom.

Trabalhou mais de uma hora preparando Cisco. Aparou os machinhos em volta das patas, penteou a crina e a cauda e passou nelas gordura de bacon.

Grande parte do tempo foi dedicado ao pêlo do animal. Esfregou e escovou para baixo meia dúzia de vezes e, então, recuou para ver o efeito do seu trabalho. Não havia nada mais para fazer. Cisco cintilava como um desenho na página brilhante de um livro de gravuras.

Amarrou o cavalo com uma corda curta para que não se espojasse na terra e entrou na cabana de barro. Apanhou seu uniforme de gala e o escovou cuidadosamente, retirando fios de cabelo e todos os vestígios de poeira. Poliu os botões. Se tivesse tinta amarela, teria passado nas dragonas e nas tiras verticais dos dois lados da calça. Contentou-se com um pouco de saliva e a escova fina. Quando terminou, o uniforme estava mais do que passável.

Poliu as botas altas de montaria também com saliva e as arrumou ao lado do uniforme, sobre a cama.

Quando chegou a hora de cuidar de si mesmo, apanhou uma toalha áspera e a navalha e desceu para o regato. Entrou na água, ensaboou o corpo e a cabeça,

tirou o sabão e saltou na água, ensaboou o corpo e a cabeça, tirou o sabão e saltou para a margem, tudo em menos de cinco minutos. Com cuidado para não se cortar, o tenente fez a barba e depois escanhoou. Quando passou a mão pelo rosto e não sentiu nenhum fio de barba, subiu a encosta para o forte e começou a se vestir.

seis

Cisco inclinou a cabeça e olhou intrigado para a figura que caminhava na sua direção, notando especialmente a faixa colorida na cintura do homem, com as pontas flutuando ao vento. Mesmo sem a faixa, 65

provavelmente o cavalo teria estranhado. Ninguém jamais vira o Tenente Dunbar vestido assim. Era novidade para Cisco, que conhecia seu dono tão bem quanto podia conhecer.

O tenente sempre se vestia simplesmente, não se importando muito com o brilho das paradas, inspeções ou entrevistas com generais.

Mas se as melhores cabeças do exército tivessem se reunido para produzir o mais perfeito oficial subalterno, teriam apenas se aproximado da pompa do Tenente Dunbar naquela magnífica manhã.

Da cabeça aos pés, com o complemento do enorme revólver na cintura, Dunbar era a realização do sonho de todas as mulheres, tão garboso e cintilante que nenhum coração feminino deixaria de bater mais forte ao vê-lo. Nem a cabeça mais sofisticada deixaria de se voltar e os lábios mais frios teriam perguntado:

“Quem é ele?”

Passou a rédea pela boca de Cisco, segurou a crina e saltou sem nenhum esforço para as costas brilhantes do animal. Trotaram até o armazém, onde o tenente, inclinando-se para o lado, apanhou o estandarte e a bandeira que estavam encostados na parede. Enfiou o mastro na bota esquerda, segurou o estandarte com a mão e conduziu Cisco para a planície aberta.

Cavalgou uns cem metros, parou e olhou para trás, sabendo que talvez nunca mais visse aquele lugar. Olhou para o sol. A manha ia em meio. Tinha muito tempo para encontrá-los. Viu ao longe, a oeste, a nuvem plana e opaca que aparecia há três manhãs seguidas. Devia ser a aldeia dos índios.

O tenente olhou para as pontas das suas botas que refletiam o sol.

Com um suspiro de dúvida, pensou que gostaria de uma boa dose de uísque.

Então estalou a língua para Cisco e o pequeno animal, num passo rápido e regular, seguiu para oeste. A bandeira adejava com a brisa e ele cavalgou para encontrar... para encontrar não sabia o quê.

Mas estava a caminho.

sete

Sem que ela tivesse planejado, o luto de De Pé com Punho foi extremamente ritualístico.

Não tinha mais intenção de morrer. Só queria esvaziar a alma e o coração da dor imensa. Queria afastá-la de todo e para sempre, por isso não teve pressa.

Calma e metodicamente, cavalgou durante quase uma hora até encontrar o que queria, um lugar que talvez fosse o ponto de reunião dos deuses.

66

O ponto escolhido poderia ser chamado de colina por todos que viviam na planície. Para qualquer outra pessoa, não passava de uma pequena elevação, como uma onda no mar imenso e liso. Uma única árvore erguia-se no topo da elevação, um velho carvalho nodoso que se apegava à vida apesar de maltratado durante anos por todos que por ali passavam.

Não se via outra árvore ate onde a vista alcançava.

Era um lugar muito solitário. O lugar certo. Ela subiu a pequena colina, apeou do cavalo, desceu um pouco a encosta do outro lado e sentou no chão com as pernas cruzadas.

A brisa sacudia suas tranças. Ela desfez as duas, entregando ao vento o cabelo cor de cereja. Fechou os olhos e começou a balançar o corpo para frente e para trás, pensando na coisa terrível que tinha acontecido em sua vida, profundamente concentrada, proibindo a entrada de qualquer outro pensamento.

Logo depois, as palavras de uma canção surgiram em sua mente. Ela começou a cantar, com voz forte e firme, como se tivesse ensaiado durante muito tempo.

Cantava alto. Às vezes sua voz se embargava, mas ela cantava com todo o coração, com uma beleza doce e suave.

Começou com uma canção simples que exaltava as virtudes do guerreiro e do marido. No fim, lembrou-se de dois novos versos que diziam,

"*Ele foi um grande homem,*

Foi grande para mim."

Fez uma pausa antes de cantar os dois versos. Ergueu o rosto para o céu, com os olhos fechados, tirou a faca da bainha e fez um corte de cinco centímetros no braço. Abaixou a cabeça e olhou para o ferimento. O sangue escorria livremente. Ela recomeçou a cantar, segurando a faca com força.

Na hora seguinte, feriu-se várias vezes com a faca. Eram incisões rasas, mas o sangue corria em profusão e isso a agradou. Sem entrar em detalhes, ela não esqueceu de nada.

Finalmente, depois de implorar ao Grande Espírito que desse a ele um lugar de honra no mundo além do sol, a emoção a dominou. Não faltava mais nada. O ritual estava no fim e isso significava adeus.

Com os olhos cheios de lágrimas, ergueu o vestido de pele de corça para ferir a coxa. Fez um movimento apressado e soltou um gemido. Dessa vez o corte foi profundo. Devia ter atingido uma veia ou artéria, porque quando ela olhou, o sangue saía aos borbotões, acompanhando as batidas do seu coração.

Podia tentar estancar o sangue ou continuar cantando.

Ela escolheu a segunda opção. Estendeu as pernas para frente e, enquanto o sangue encharcava o solo, ergueu a cabeça e cantou, 67

"*Vai ser bom morrer.*

Vai ser bom me juntar a ele.

Vou para onde ele está.”

oito

Por que a brisa soprava diretamente no seu rosto, ela não ouviu a aproximação do cavaleiro.

Ele viu a elevação e achou que seria um bom lugar para uma melhor visão da planície. Até então não tinha visto nada. Se fosse preciso, podia subir na árvore.

O Tenente Dunbar estava no meio da encosta quando o vento levou aos seus ouvidos um som estranho e muito triste. Cautelosamente terminou a subida e viu alguém sentado na outra encosta, de costas para ele. Não sabia se era um homem ou uma mulher. Mas era certamente um índio.

Um índio cantando.

Dunbar estava ainda montado quando a pessoa se voltou para ele.

nove

Não podia dizer o que era, mas De Pé com Punho sentiu que havia alguma coisa atrás dela e virou para trás.

Viu rapidamente o rosto sob o chapéu e então uma rajada de vento enrolou a bandeira na cabeça do cavaleiro.

Foi o bastante. Sabia que era um soldado branco.

Ela não saltou nem correu. Havia algo de mágico na imagem do cavaleiro solitário. A grande bandeira colorida, o pônei de pêlo brilhante e o sol refletindo-se nos ornamentos do uniforme. E agora o rosto outra vez, quando a bandeira se desenrolou, um rosto jovem, de traços marcados e olhos brilhantes. De Pé com Punho piscou os olhos várias vezes, sem saber se era uma visão ou uma pessoa real. Só a bandeira se movia.

Então o soldado mudou de posição na sela. Ele era real. De Pé com Punho ficou de joelhos e começou a descer a encosta, sem pressa, sem um som. Acordava de um pesadelo para mergulhar em outro, um pesadelo real.

Moveu-se lentamente porque estava assustada demais para correr.

dez

68

Dunbar ficou chocado quando viu o rosto dela. Não disse as palavras, nem mentalmente, mas se dissesse, esta seria a frase que definia seu espanto, “Que tipo de mulher é esta?”

O rostinho bem-feito, o cabelo ruivo despenteado e os olhos inteligentes, selvagens o bastante para amar ou odiar com a mesma intensidade, tudo isso o deixou confuso. Não lhe ocorreu que ela podia não ser índia. Teve um único pensamento.

Nunca tinha visto uma mulher tão diferente.

Antes que ele fizesse um movimento ou dissesse alguma coisa, ela ficou de joelhos e Dunbar viu que estava coberta de sangue.

— Oh, meu Deus – ele exclamou.

Ela já estava na metade da encosta quando ele ergueu a mão e disse em voz baixa:

— Espere.

Ao ouvir a palavra, De Pé com Punho começou a correr, cambaleando. O Tenente Dunbar a seguiu a cavalo, pedindo a ela para parar. Quando ele estava a poucos metros, De Pé com Punho olhou para trás, tropeçou e caiu na relva alta.

Dunbar aproximou-se. Ela se arrastava entre a relva e toda vez que ele estendia a mão para apanhá-la, hesitava, como se temesse machucar um animal ferido. Quando finalmente a segurou pelos ombros, a mulher se deitou de costas e ergueu as mãos como garras para arranhar seu rosto.

— Você está ferida – disse ele, afastando as mãos da mulher. – Você está ferida.

Ela lutou por alguns momentos, mas logo se cansou e Dunbar a segurou pelos pulsos. Reunindo as últimas forças, ela procurou se libertar, contorcendo o corpo

e dando pontapés. E então aconteceu uma coisa estranha.

No delírio daquela luta, uma frase soou na mente dela, palavras que não dizia há muitos anos. E escaparam dos seus lábios antes que De Pé com Punho pudesse detê-las.

— Não faça isso – disse ela.

Os dois pararam de lutar. O Tenente não podia acreditar no que acabava de ouvir e De Pé com Punho não podia acreditar que tivesse dito.

Inclinando a cabeça para trás, ela relaxou o corpo. O esforço era demais. De Pé com Punho murmurou algumas palavras em comanche e desmaiou.

onze

A mulher deitada na relva ainda respirava. A maioria dos ferimentos era superficial, mas o da coxa era perigoso. O sangue não parava de sair e o 69

tenente lamentou ter jogado fora a faixa vermelha alguns quilômetros atrás.

Faria um torniquete perfeito.

Dunbar preparava-se para jogar fora outras peças do uniforme.

Quanto mais cavalgava sem ver nada, mais ridículo seu plano parecia.

Jogou a faixa como uma coisa inútil, uma tolice, e ia dobrar a bandeira e voltar para o Forte Sedgewick quando viu a pequena colina e a árvore solitária.

Seu cinto era novo e duro demais. Com a faca da mulher, cortou uma tira da bandeira e fez com ela um torniquete. O sangue diminuiu imediatamente, mas ele precisava comprimir o ferimento. Tirou o uniforme, depois a ceroula comprida e a cortou pela metade. Fez uma bola com uma das pontas e aplicou sobre o ferimento.

Por dez minutos terríveis, o Tenente Dunbar ficou ajoelhado na relva, nu, segurando a compressa com as duas mãos. Num certo momento, pensou que ela estava morta. Encostou o ouvido no peito da mulher. O

coração ainda batia.

Foi um trabalho difícil e enervante, sem saber quem era a mulher, sem saber se ela ia morrer ou não. A relva na base da encosta estava quente e cada vez que ele enxugava o suor com a mão, fazia uma listra de sangue no rosto. Uma vez ou outra ele levantava a compressa e examinava o ferimento. E era sempre a mesma frustração. O sangue não parava. Dunbar trocava a compressa.

Mas ele não desistiu.

Finalmente, quando apenas um filete de sangue escorria do ferimento, ele entrou em ação. O corte na coxa precisava ser costurado, mas isso era impossível. Ele cortou uma perna da ceroula, dobrou e a colocou sobre o ferimento. Então, trabalhando o mais depressa possível, cortou outra tira da bandeira e amarrou o curativo com ela. Repetiu o processo com os ferimentos menores dos braços.

Então, De Pé com Punho começou a gemer. Abriu os olhos algumas vezes, mas estava fraca demais e não reclamou nem quando ele levou o cantil com água aos seus lábios.

Depois de dispensar todos os cuidados médicos possíveis, Dunbar vestiu o uniforme e enquanto abotoava a túnica perguntava a si mesmo o que ia fazer.

Viu o pônei dela na planície e pensou em apanhá-lo. Mas olhou para a mulher deitada na relva e viu que seria tolice. Talvez ela pudesse montar, mas ia precisar de ajuda.

Dunbar olhou para oeste. A nuvem de fumaça estava quase desaparecendo. Apenas alguns filetes opacos subiam para o céu. Se se apressasse podia se orientar por eles, antes que desaparecessem por completo.

70

Passou os braços sob o corpo de De Pé com Punho, levantou-a e a ajeitou do melhor modo possível nas costas de Cisco, pensando em seguir a pé. Mas ela ainda estava semi-consciente e começou a escorregar para o chão.

Segurando-a com uma das mãos, Dunbar conseguiu montar atrás dela. Então encostando-a no seu peito, como um pai embalando a filha ferida, seguiu a direção da fumaça.

Enquanto Cisco os levava através da campina, Dunbar pensava num modo de impressionar os índios selvagens. Não parecia mais tão poderoso nem tão militar. Tinha sangue na túnica e nas mãos. Os curativos da mulher foram feitos com sua roupa de baixo e com a bandeira dos Estados Unidos.

Devia ser melhor assim. Pensando no que havia feito, cavalgando a esmo e estupidamente com as botas polidas, a idiota faixa vermelha e, o cúmulo da bobagem, a bandeira tremulando ao seu lado, o tenente sorriu constrangido.

Olhou para o cabelo ruivo sob seu queixo, imaginando o que a pobre mulher devia ter pensado quando o viu todo aparatado daquele jeito.

De Pé com Punho não estava pensando coisa alguma. Estava num lusco-fusco. Apenas sentia. Sentia o balanço do cavalo, sentia o braço que a segurava e sentia a fazenda estranha da túnica contra o rosto. Acima de tudo, De Pé com Punho sentia-se segura e durante todo o caminho de volta ficou com os olhos fechados, com medo de que toda aquela sensação desaparecesse se os abrisse.

CAPÍTULO XIII

um

Muitos Sorrisos não era um menino muito responsável.

Ninguém podia dizer que era um criador de encrencas, mas Muitos Sorrisos não gostava de trabalhar e, ao contrário da maioria dos índios adolescentes, a ideia de assumir suas responsabilidades não o entusiasmava.

Era um sonhador e, como é típico dos sonhadores, Muitos Sorrisos aprendera que um dos melhores estratagemas para evitar o tédio do trabalho consistia em se isolar dos outros.

Assim, o garoto instável passava o maior tempo possível com o bando de pôneis. Conseguia que o designassem para esse trabalho com frequência, em parte porque estava sempre disposto a aceitá-lo e em parte porque, aos doze anos, entendia muito de cavalos.

Muitos Sorrisos era capaz de prever, com uma exatidão de minutos, o momento

em que uma égua ia dar cria. Tinha um talento especial para domar garanhões indóceis. E quando se tratava de doenças dos cavalos, sabia tanto ou mais do que qualquer homem adulto da aldeia. Os cavalos pareciam passar sempre melhor quando ele estava por perto.

Tudo isso era uma segunda natureza para Muitos Sorrisos... segunda natureza e secundário. Na verdade, gostava de estar com os cavalos porque eles pastavam longe da aldeia, às vezes a mais de um quilômetro e, desse modo, Muitos Sorrisos podia se afastar também dos olhos onipotentes do seu pai, da tarefa de tomar conta dos irmãos menores e do interminável trabalho de manutenção do povoado.

Geralmente outros meninos e meninas brincavam entre a manada, mas a não ser que acontecesse algo especial, Muitos Sorrisos não se misturava com eles.

Preferia montar um animal calmo, castrado, deitar nas costas dele e sonhar, às vezes durante horas, enquanto o céu passava lá no alto, com suas mudanças constantes.

Passou quase toda aquela tarde sonhando assim, feliz por estar longe da aldeia que se ressentia ainda da trágica volta do grupo que tinha saído atrás dos utes. Muitos Sorrisos sabia que, mais cedo ou mais tarde, ele teria de se tornar um guerreiro, e estava resolvido a evitar os grupos que saíam para combater os utes.

Há uma hora desfrutava o prazer raro de estar sozinho com os pôneis.

As outras crianças tinham sido chamadas para a aldeia, para uma coisa ou outra, mas ninguém havia procurado Muitos Sorrisos e isso o fazia o mais 72

feliz dos sonhadores. Se tivesse sorte, podia voltar só à noite e faltava muito ainda para o sol desaparecer no horizonte.

Estava bem no meio dos pôneis, devaneando, imaginando-se dono de uma manada, chefe de um grupo de guerreiros que ninguém ousava enfrentar, quando percebeu um movimento no chão.

Era uma cobra não venenosa das que se enterram no solo, perdida no meio de todas aquelas patas de cavalos, procurando desesperadamente uma saída.

Muitos Sorrisos gostava de cobras e aquela era enorme. Devia ser bem velha.

Uma avó em apuros. Ele deslizou do seu sofá de quatro pernas com a intenção de tirar a cobra daquele lugar perigoso.

Não foi fácil. A cobra era rápida demais e Muitos Sorrisos várias vezes ficou preso entre os cavalos. Passava por debaixo de pescoços e barrigas e só com a determinação de um bom samaritano conseguiu não perder de vista aquela sinuosidade de corpo longo e amarelo.

Tudo acabou bem. Quando estavam quase fora da manada, a cobra finalmente encontrou um buraco no chão e se enfiou nele. Muitos Sorrisos viu apenas a ponta da cauda desaparecendo terra adentro.

Então, vários pôneis relincharam ao mesmo tempo e Muitos Sorrisos viu que estavam com as orelhas empinadas, em sinal de alarme. De repente, todas as cabeças dos animais voltaram-se para a mesma direção.

Alguma coisa se aproximava dos pôneis.

Um arrepio percorreu sua espinha e o prazer de estar sozinho transformou-se em pesadelo. Muitos Sorrisos sentiu medo, mas avançou cautelosamente, escondendo-se no meio dos pôneis, esperando ver antes de ser visto.

Quando começou a ver pedaços vazios da pradaria na sua frente, agachou-se e caminhou perto das pernas dos cavalos. Os animais não tinham entrado em pânico e isso aliviava um pouco o medo que sentia. Mas olhavam ainda alertas, curiosos, e o garoto teve o cuidado de não fazer nenhum ruído.

Parou quando o cavalo passou rapidamente, a uns vinte ou trinta metros de onde estava. Não viu bem porque os pôneis estavam na sua frente, mas estava certo de ter visto uma perna de homem também.

Levantou-se devagar e espiou por sobre as costas de um pônei. Os cabelos de Muitos Sorrisos eriçaram. Um enxame de abelhas parecia zumbir na sua cabeça. Sentiu os lábios e os olhos gelados. Nem piscou.

Nunca tinha visto um antes, mas sabia exatamente o que estava vendo.

Era um homem branco. Um soldado branco com sangue no rosto.

E estava levando alguém com ele. Aquela mulher estranha, aquela De Pé com

Punho.

Ela parecia ferida. Tinha os braços e uma perna envoltos num tecido esquisito. Talvez estivesse morta.

73

O cavalo do soldado branco começou a trotar logo que passou por ele.

Ia direto para a aldeia. Era tarde demais para correr e dar o alarme. Muitos Sorrisos abaixou-se outra vez no meio dos pôneis e começou a andar para o centro. Ia se encrencar por causa disso. O que podia fazer?

Muitos Sorrisos não conseguia nem pensar com clareza, tudo parecia chacoalhar na sua cabeça, como sementes numa maraca. Se estivesse mais calmo teria notado, pela expressão do soldado branco, que ele não estava numa missão hostil. Nada nele indicava um inimigo. Mas as únicas palavras que soavam na mente de Muitos Sorrisos eram, “soldado branco, soldado branco.”

De repente ele pensou, talvez haja outros. Talvez um exército de cabelos na oca esteja atravessando a planície. Talvez estivesse muito perto.

Pensando apenas em compensar seu descuido, Muitos Sorrisos tirou a rédea de cipó que trazia dependurada no pescoço, passou-a pela boca de um pônei forte e o tirou do meio da manada, procurando não fazer nenhum ruído.

Então montou, chicoteou o pônei e saiu a toda velocidade na direção oposta à da aldeia, procurando com olhos atentos qualquer sinal de soldados brancos na planície.

dois

A adrenalina corria célere nas veias do Tenente Dunbar. Aquela manada de pôneis... à primeira vista, pensou que a planície estava se movendo. Nunca tinha visto tantos cavalos. Seiscentos, talvez setecentos.

Teve vontade de parar para ver o espetáculo impressionante. Mas não podia.

Tinha uma mulher nos braços.

Ela estava resistindo bem. Respirava normalmente e não sangrava muito. Estava também muito quieta, e embora fosse pequena, as costas do tenente pareciam a ponto de se partir. Ele a carregava há mais de uma hora e agora, tão perto da aldeia, estava ansioso para chegar. Sua sorte logo seria decidida e essa idéia libertava toda sua adrenalina, porém mais do que tudo, pensava na dor tremenda entre os ombros. A dor o estava matando.

A planície começou a descer e ele viu alguns trechos do regato que a atravessava e depois algumas pontas agudas. Chegou ao meio da encosta e lá estava o acampamento, aparecendo como a lua na noite anterior.

Instintivamente, ele puxou as rédeas. Precisava parar agora. Era um espetáculo digno de ser visto.

Cinquenta ou sessenta casas cônicas, cobertas com peles enfileiravam-se, seguindo a margem do regato. Pareciam acolhedoras e pacíficas sob o sol de fim de tarde, e as sombras longas a faziam parecer enormes, como monumentos antigos e ainda vivos.

74

Dunbar via gente trabalhando em volta das casas. Ouvia algumas vozes dos que andavam pelas avenidas entre as cabanas. Ouviu risos e ficou surpreso. Muitos subiam e desciam a margem alta do rio. Alguns estavam dentro da água.

Montado em Cisco, segurando a mulher que havia encontrado, Dunbar ficou imóvel, sob a forte impressão da cena fora do tempo que se desenrolava ante seus olhos, como um quadro vivo. Um espetáculo primitivo, não tocado pela civilização.

E ele estava ali.

Ia muito além dos limites da sua imaginação e, ao mesmo tempo, sabia que por isso tinha vindo, por isso desejava tanto servir na fronteira.

Era isso, sem que ele soubesse até aquele momento, que ele desejava ver.

Aqueles minutos fugazes, no meio da encosta, jamais se repetiriam em sua vida. Com eles, o tenente sentiu que se tornava parte de algo tão imenso que deixava de ser um tenente, ou um homem, ou um corpo em funcionamento. Durante

aqueles momentos, ele foi um espírito pairando no espaço vazio e sem medida de tempo, do universo. Naqueles preciosos momentos, ele teve a sensação da eternidade.

A mulher tossiu. Ela se mexeu contra seu peito e Dunbar acariciou sua cabeça.

Fez um som de beijo com os lábios e Cisco começou a descer a encosta. Tinham dado alguns passos quando Dunbar viu uma mulher com duas crianças sair de um baixio onde apanhava água.

E eles o viram.

três

A mulher gritou, deixou cair a vasilha com água que carregava, segurou os filhos e correu para a aldeia, gritando, “soldado branco, soldado branco”, a plenos pulmões. Dezenas de cães começaram a latir ao mesmo tempo, as mulheres gritavam pelos filhos e os cavalos corriam entre as tendas, relinchando loucamente. Um pandemônio completo.

Dunbar estava agora mais perto e viu homens correndo por toda a parte. Os que já tinham apanhado as armas corriam para os cavalos com gritos que o faziam lembrar um bando de pássaros em pânico. A aldeia em alvoroço era tão bela quanto a aldeia em repouso. Era como um grande vespeiro no qual tivessem espetado uma vara.

Os homens montados aumentavam em número rapidamente e logo estariam correndo para ele, talvez para matá-lo. Dunbar não esperava provocar tanta confusão, não esperava que fossem tão primitivos. Mas outra coisa dominava seus pensamentos enquanto continuava a se aproximar da aldeia, algo que apagava todo o resto. Pela primeira vez em 75

sua vida, o Tenente Dunbar compreendeu o que sente um invasor. Não era uma boa sensação e teve muito a ver com o que ele faria em seguida. A última coisa que Dunbar queria era ser tomado por um intruso e quando chegou a uma área aberta na entrada do povoado, quando estava suficientemente próximo para ver através da cortina de poeira levantada por toda aquela correria, puxou as rédeas outra vez e parou.

Então desmontou com a mulher nos braços e deu um ou dois passos na frente do

cavalo. Ficou imóvel, com os olhos fechados, segurando a mulher ferida como um viajante oferecendo uma dádiva estranha.

Com o ouvido atento, Dunbar percebeu que o barulho foi diminuindo rapidamente, até se transformar num silêncio total. A cortina de poeira começou a assentar e, só com os ouvidos, Dunbar sentiu que a massa humana que poucos momentos atrás gritava irada contra ele, aproximava-se agora lentamente. No silêncio fantasmagórico, ele ouvia um ou outro tilintar de armas, passos lentos, o relincho de um cavalo que pateava impaciente.

Abriu os olhos. Estavam todos reunidos na entrada da aldeia, guerreiros e jovens na frente, mulheres e crianças atrás. Era um sonho de gente selvagem, vestida com peles e tecidos coloridos, uma raça de seres humanos completamente à parte, olhando para ele, contendo a respiração, a poucos metros de distância.

A mulher pesava nos seus braços e quando Dunbar passou o peso do corpo de um pé para outro, um murmúrio ergueu-se do grupo. Mas ninguém se adiantou para ele.

Alguns homens mais velhos, aparentemente importantes, formaram um grupo à parte, murmurando numa língua tão gutural e tão estranha que para o tenente nem parecia que estavam falando.

Dunbar aproveitou a calmaria e olhou curioso para aquele povo reunido à sua frente, e no meio dos cavaleiros viu um rosto conhecido. Era o mesmo homem, o guerreiro que tinha gritado tão ferozmente para ele em Forte Sedgewick. Vento no Cabelo retribuiu o olhar com tanta intensidade que Dunbar quase se virou para ver se havia alguém às suas costas.

Seus braços estavam tão cansados que o tenente tinha a impressão de que jamais poderia movê-los, mas desafiando o olhar do guerreiro, ergueu a mulher à sua frente, como para dizer, “Tome... por favor, fique com ela.”

Surpreso com o gesto inesperado, Vento no Cabelo hesitou e olhou para os dois lados, evidentemente para verificar se alguém tinha notado aquela comunicação silenciosa. Quando se voltou outra vez, os olhos do homem branco continuavam fitos nele e ainda segurava a mulher com os braços erguidos.

Com um suspiro de alívio, o Tenente Dunbar viu Vento no Cabelo saltar do cavalo e atravessar a clareira, balançando na mão a maça de guerra. Caminhava

para Dunbar e, se o guerreiro sentia algum medo, 76

disfarçava muito bem, pois sua expressão era impassível e fria, como se preparasse para castigar o invasor.

O grupo continuou em silêncio enquanto os passos rápidos de Vento no Cabelo diminuíam a distância que o separava do homem branco, até reduzi-la a nada. Era tarde demais para evitar o que quer que fosse que estava para acontecer. Todos observavam imóveis.

Considerando o que se aproximava dele, o Tenente Dunbar não podia ter agido com maior bravura. Esperou sem piscar os olhos e, embora não houvesse dor em seu rosto, também não havia medo.

Quando Vento no Cabelo estava a menos de um metro e diminuindo o passo, o tenente disse com voz clara e forte:

— Ela está ferida.

Ele baixou os braços, o guerreiro olhou para o rosto da mulher e Dunbar viu que a reconheceu. Na verdade, Vento no Cabelo ficou tão chocado que por um momento o tenente pensou que ela estava morta.

Olhou para a mulher.

Então, com um movimento rápido e seguro, Vento no Cabelo a arrancou dos braços do tenente e quando Dunbar ergueu os olhos outra vez, ele já caminhava de volta para a aldeia, arrastando De Pé com Punho como um cão arrasta o filhote. Ele disse alguma coisa que provocou uma exclamação de espanto de todo o grupo. Correram ao encontro dele.

O tenente continuou imóvel, na frente do seu cavalo, e enquanto toda a aldeia girava em volta de De Pé com Punho, sentiu que o espírito saía do seu corpo. Aquele não era seu povo. Ele jamais os conheceria. Era como se estivesse a milhares de quilômetros daquela gente. Teve vontade de ser pequeno, pequeno bastante para se esconder no primeiro buraco que encontrasse.

O que esperava deles? Certamente pensava que iam correr e abraçá-lo, falar a sua língua, convidá-lo para jantar, rir das suas piadas, assim sem mais nem menos. Como devia estar se sentindo só. Era patético ter esperado algo diferente,

ter se agarrado àqueles absurdos fios de esperança, uma esperança tão insensata que ele nem era capaz de ser honesto consigo mesmo. Tinha se enganado deliberadamente, pensando que era alguma coisa quando, na verdade, não era nada.

Esses pensamentos horríveis assaltavam sua mente como uma tempestade de fagulhas incoerentes e, agora, o fato de estar na frente daquela aldeia primitiva não tinha mais importância. O Tenente Dunbar cambaleava sob o peso de uma mórbida crise pessoal. Seu coração e sua esperança desapareceram no ar como a poeira de giz apagada de uma vez de um quadro-negro. Bem no fundo do seu ser um botão foi apertado e toda sua luz se apagou.

Indiferente a tudo que não fosse o vazio que sentia, o infeliz tenente montou Cisco, fez o cavalo dar meia-volta e retomou o caminho que havia 77

feito com tanto orgulho. Fez isso tão silenciosa e discretamente que os comanches, já ocupados com seus afazeres, só perceberam sua partida quando Dunbar já estava longe.

Dois adolescentes fizeram menção de segui-lo, mas foram impedidos pelos homens sensatos do grupo de Dez Ursos. Eram bastante sábios para reconhecer que uma boa ação acabava de ser praticada, que o soldado branco tinha devolvido um dos seus e que não ganhariam nada perseguindo-o agora.

quatro

Foi a viagem mais longa e mais agonizante da vida do tenente.

Cavalgou vários quilômetros num atordoamento, a cabeça fervendo com pensamentos negativos. Resistiu ao choro como quem resiste ao vomito, mas a auto-piedade o invadiu, onda após onda, e finalmente ele cedeu.

Inclinou o corpo para frente, curvou os ombros e a princípio as lágrimas desceram silenciosas, mas ao primeiro soluço abafado as comportas da represa se abriram. Com o rosto grotescamente contraído, ele soluçou histericamente. Soltou a rédea de Cisco e enquanto os quilômetros passavam sem que ele percebesse, soltou também as rédeas do coração e soluçou como uma criança inconsolável.

cinco

Dunbar nem viu o forte. Quando Cisco parou, ele ergueu os olhos.

Estavam na frente do seu alojamento. Completamente sem forças, ficou durante um longo tempo imóvel, montado no cavalo. Quando afinal levantou a cabeça outra vez, Duas Meias estava no lugar de sempre, na outra margem do rio. A visão do lobo, sentado paciente, como um cão real de caça com aquela expressão tão doce e inquisitiva, provocou outro aperto doloroso na garganta do tenente. Mas não tinha mais lágrimas.

Desmontou, tirou o bridão da boca de Cisco e entrou na cabana.

Jogou a rédea no chão, atirou-se na cama, cobriu a cabeça com um cobertor e enrolou-se como uma bola.

O tenente estava exausto, mas não conseguia dormir. Sem saber por que, pensava em Duas Meias lá fora, esperando tão pacientemente. Com esforço sobre-humano, saiu da cama para a luz do fim do dia e olhou para a outra margem do rio.

O velho lobo continuava lá. Como um sonâmbulo, o tenente foi até o armazém e cortou uma generosa fatia de bacon. Caminhou então até o topo da encosta do seu lado e, enquanto Duas Meias o observava, pôs o bacon na relva, no topo do penhasco.

Então, só pensando em dormir, atirou um pouco de alfafa para Cisco e entrou de novo na cabana. Como um soldado atirando-se no chão para evitar as balas do inimigo, deixou-se cair na cama, puxou o cobertor e cobriu os olhos.

Um rosto que ele conhecia bem, um rosto de mulher veio do passado, desenhando-se na sua mente. Sorria timidamente e seus olhos brilhavam com uma luz que só podia vir do coração. Nos momentos de amargura, ele sempre evocava aquele rosto que aparecia para consolá-lo. Havia muito mais além do rosto, uma história longa com final infeliz, mas o Tenente Dunbar não pensou nisso. O rosto e a expressão maravilhosa era tudo que ele queria recordar e agarrou-se tenazmente à lembrança. Dunbar usava aquele rosto como quem usa uma droga. Era o mais poderoso analgésico que ele conhecia. Não pensava nele com frequência, mas o levava sempre no coração, invocando-o quando o desânimo o vencia.

Ficou imóvel na cama, como um fumante de ópio, e finalmente começou a sentir o efeito calmante daquela imagem. Estava roncando quando Vênus apareceu na frente de uma longa parada de estrelas, no céu infinito da pradaria.

79

CAPÍTULO XIV

um

Alguns minutos depois da partida do homem branco, Dez Ursos convocou a reunião do conselho. Ao contrário das reuniões recentes, que tinham começado e terminado em confusão, Dez Ursos agora sabia exatamente o que queria fazer. Seu plano estava definido e completo antes que o último homem tivesse sentado no chão da sua tenda.

O soldado branco, com sangue no rosto, havia levado De Pé com Punho de volta para eles e Dez Ursos estava convencido de que essa surpresa era um bom presságio que devia ser seguido à risca. Há muitos anos o problema da raça branca o atormentava. Durante muito tempo, não viu nada de bom na vinda deles. Mas desejava desesperadamente descobrir alguma coisa boa. Nessa tarde, Dez Ursos vira uma coisa muito boa afinal e estava resolvido a não deixar passar o que considerava uma oportunidade de ouro.

O soldado branco tinha demonstrado extrema bravura chegando sozinho à aldeia. E, evidentemente, com uma única intenção... não roubar, enganar ou lutar, mas devolver algo que tinha encontrado, uma coisa que pertencia a eles. A conversa sobre deuses provavelmente era tolice, mas uma coisa estava clara para Dez Ursos. Para o bem de todos, aquele homem branco devia ser investigado. Um homem que se comportava daquele modo devia ser muito importante entre os brancos. Talvez tivesse grande influência e poder. Com um homem assim, era possível procurar um acordo.

E sem um acordo, a guerra e o sofrimento chegariam, sem dúvida.

Assim, Dez Ursos estava esperançoso. O que havia visto naquela tarde, embora fosse um fato isolado, parecia para ele uma luz na escuridão e, enquanto os homens iam chegando, pensava no melhor modo de executar seu plano.

Ouvindo as preliminares da reunião, com um ou outro comentário sobre as

questões discutidas, Dez Ursos examinava mentalmente uma lista dos homens mais responsáveis da aldeia, procurando escolher o melhor.

Só quando Vento no Cabelo chegou, atrasado porque estivera cuidando de De Pé com Punho, Dez Ursos compreendeu que não era tarefa para um só homem. Devia enviar dois. Uma vez isso decidido, a escolha foi fácil. Mandaria Pássaro Esperneante, por seus poderes de observação, e Vento no Cabelo, por sua natureza agressiva. Os dois juntos eram dignos representantes das características do seu povo e completavam-se perfeitamente.

Dez Ursos não alongou o conselho. Não queria uma discussão demorada que podia acabar em indecisão. Quando chegou a hora, fez um belo discurso eloquente e lógico, lembrando as histórias da superioridade numérica do homem branco, suas riquezas, especialmente em termos de armas e cavalos. Concluiu dizendo que o homem do forte era sem dúvida um emissário e que sua boa ação era motivo para entendimento, não para luta.

No fim do discurso, fez-se um longo silêncio. Todos sabiam que ele estava com a razão.

Então Vento no Cabelo disse:

— Não acho que seja direito Dez Ursos ir falar com esse homem branco. Ele não é um deus, é só outro homem branco perdido na planície.

O velho índio respondeu com um brilho nos olhos.

— Eu não irei. Mas homens bons devem ir. Homens que podem mostrar o que são os comanches.

Fez uma pausa e fechou os olhos para enfatizar o efeito dramático.

Um minuto passou e todos pensaram que ele tinha adormecido. Mas no último segundo, Dez Ursos abriu os olhos tempo suficiente para dizer, dirigindo-se a Vento no Cabelo:

— Você deve ir. Você e Pássaro Esperneante.

Então fechou os olhos outra vez e cochilou, encerrando o conselho justamente onde queria.

dois

Naquela noite chegou a primeira tempestade da estação, uma frente com quilômetros de extensão, marchando em meio ao rolar surdo do trovão e aos ziguezagues iluminados dos relâmpagos. A chuva trazida por ela varreu a planície em cortinas enormes levadas pelo vento, e todos os seres vivos procuraram seus abrigos.

A tempestade acordou De Pé com Punho.

A chuva batia com força nas paredes de couro da tenda como tiros de milhares de rifles e por alguns momentos ela não sabia o que estava acontecendo. Havia luz e ela voltou-se para o pequeno fogo que estalava ainda no centro da tenda. Com o movimento, sua mão roçou na coxa ferida e sentiu alguma coisa estranha. Passou a ponta dos dedos, cuidadosamente, e sentiu que o ferimento fora costurado.

Lembrou-se de tudo, então.

Ainda sonolenta, examinou a tenda, imaginando de quem seria. Não era a sua.

Sua boca parecia seca como algodão. Tirou a mão de baixo das cobertas e explorou o chão à sua volta. A primeira coisa que encontrou foi 81

uma pequena tigela com água. Apoiada num cotovelo, tomou vários e grandes goles e deitou-se outra vez.

Queria saber muitas coisas, mas estava fraca demais para pensar.

Estava aquecida e confortável com a camisola de dormir. As sombras das chamas dançavam alegremente sobre sua cabeça e sentia-se muito fraca.

Talvez eu esteja morrendo, pensou, e suas pálpebras começaram a se fechar, fazendo desaparecer a luz do fogo. Um pouco antes de adormecer, pensou: não é tão mau assim.

Mas De Pé com Punho não estava morrendo. Estava se recuperando e, quando

ficasse boa, estaria mais forte do que nunca, pois teria aprendido com todo aquele sofrimento.

O bem resultaria do mal. Na verdade, o bem já havia começado. Ela estava num bom lugar, que seria seu lar por muito tempo no futuro.

Estava na tenda de Pássaro Esperneante.

três

No sono profundo, o Tenente Dunbar tinha apenas uma vaga noção do magnífico espetáculo da tempestade lá fora. A chuva castigou a pequena cabana durante horas, mas ele estava tão agasalhado e confortável sob a pilha de cobertores do exército que o fim do mundo podia chegar e passar sem que percebesse.

Dunbar nem mudou de posição na cama e só quando o sol já estava alto, muito depois do fim da tempestade, o canto insistente de uma calhandra da planície o acordou. Antes mesmo de abrir os olhos, sentiu o perfume doce e agradável da campina lavada e refrescada pela chuva.

Estava deitado de costas e, quando finalmente acordou de todo, olhou para a porta da cabana.

Percebeu um movimento rápido e algo baixo e peludo afastou-se da porta, como que se escondendo. O tenente sentou na cama, piscando os olhos. Afastou os cobertores e pé ante pé foi até a porta. Encostado no batente, espiou para fora com um olho.

Duas Meias acabava de sair da sombra do toldo e sentou no sol, no meio do pátio. Viu o tenente e seu corpo ficou tenso. Entreolharam-se por alguns segundos. Então Dunbar esfregou os olhos e quando abaixou as mãos, Duas Meias relaxou o corpo e, deitado de bruços, encostou o focinho no chão entre as patas dianteiras, como um cão obediente à espera do dono.

Cisco relinchou estridentemente no curral e o tenente olhou para ele.

Com o canto dos olhos, percebeu um movimento no pátio e voltou-se a tempo de ver Duas Meias desaparecendo na outra margem do rio. Então, quando olhou outra vez para o curral, ele os viu.

Estavam montados nos pôneis, a menos de cem metros de Dunbar. O

tenente não contou, mas na verdade eram oito.

Dois deles avançaram para o tenente. Dunbar não se moveu, mas ao contrário dos encontros anteriores, não ficou tenso. Eles não pareciam hostis. Os pôneis caminhavam com as cabeças baixas, tranquilos como homens pacíficos voltando de um longo dia de trabalho.

Dunbar estava ansioso, mas sua ansiedade nada tinha a ver com vida ou morte.

Pensava no que ia dizer, como podia se comunicar com eles.

quatro

Pássaro Esperneante e Vento no Cabelo pensavam exatamente o mesmo. O soldado branco era totalmente estranho para eles e não sabiam como aquele encontro ia acabar. O sangue que ainda manchava o rosto do tenente não contribuía positivamente com relação ao resultado da sua missão. Entretanto, no que se referia aos papéis que representavam, eram muito diferentes. Vento no Cabelo cavalgava como um guerreiro, um comanche lutador. Pássaro Esperneante era mais o estadista. Aquele era um momento importante em sua vida, na vida do seu grupo e na vida de toda a tribo. Para Pássaro Esperneante um novo futuro estava começando e ele fazia parte da história.

cinco

Quando se aproximaram mais, Dunbar reconheceu o guerreiro que havia tirado a mulher dos seus braços. Havia algo familiar no outro homem também, mas o tenente não conseguiu lembrar onde o tinha visto. Na verdade não teve tempo.

Os homens pararam a três metros dele.

Pareciam iluminados, cintilando ao sol. Vento no Cabelo usava um peitoral de osso e um disco grande de metal pendia do pescoço de Pássaro Esperneante. Os dois objetos refletiam a luz. Havia também o brilho dos olhos e o sol desenhava listras douradas nos cabelos negros.

Embora o tenente tivesse acabado de acordar, havia um certo brilho nele também, muito mais discreto do que o dos seus visitantes.

A crise emocional tinha passado, deixando-o como a tempestade havia deixado a campina, descansado e cheio de vigor.

O Tenente Dunbar inclinou-se levemente a título de cumprimento e encostou a ponta dos dedos na têmpora, numa continência lenta e deliberada.

Um momento depois, Pássaro Esperneante retribuiu com um movimento estranho, girando a mão na frente do rosto, voltando a palma para o tenente.

Dunbar não sabia o significado do gesto, mas interpretou como um cumprimento amistoso. Olhou em volta, como para se certificar de que o forte estava ainda no lugar, e disse:

— Bem-vindos ao Forte Sedgewick.

Pássaro Esperneante não tinha a menor idéia do significado das palavras, mas como o Tenente Dunbar, achou que era uma espécie de saudação.

— Viemos do acampamento de Dez Ursos para uma conversa de paz

– disse ele.

O tenente não compreendeu.

Uma vez estabelecido que a conversa não era possível, os dois lados ficaram em silêncio. Vento no Cabelo aproveitou o intervalo para examinar os detalhes do forte do homem branco. Olhou longa e atentamente para o toldo que começava a ondular com a brisa.

Os segundos passavam e Pássaro Esperneante continuou impassível montado em seu pônei. Dunbar esfregou a ponta do pé no chão e passou a mão no queixo. O tempo passava, ele começou a ficar nervoso e lembrou então que ainda não tinha tomado café e que estava louco por uma xícara.

Queria um cigarro também.

— Café? – perguntou para Pássaro Esperneante.

O curandeiro inclinou a cabeça para o lado num gesto de curiosidade.

— Café? – repetiu o tenente. Fingiu que segurava uma xícara e levou-a aos lábios. – Café? – perguntou outra vez. – Para beber?

Pássaro Esperneante continuou olhando para o tenente. Vento no Cabelo fez uma pergunta e Pássaro Esperneante respondeu. Então os dois olharam para o tenente como se não o estivessem vendo. Depois do que pareceu a Dunbar uma eternidade, Pássaro Esperneante fez um gesto afirmativo.

— Ótimo, ótimo – disse o tenente, batendo com a mão na coxa. –

Venham então. – Com um gesto, convidou-os a desmontar e acompanhá-lo para a sombra do toldo.

Os comanches o seguiram cautelosamente. Tudo parecia misterioso para eles e o tenente parecia embaraçado, como se tivesse sido apanhado de surpresa pela chegada de convidados antes da hora prevista.

A lenha seca já estava empilhada para o café. Dunbar agachou perto do braseiro e começou a acender o fogo.

— Sentem-se – disse ele. – Por favor.

Mas os índios não entenderam e ele mostrou com gestos, enquanto falava.

Quando eles estavam sentados, Dunbar foi até o armazém e voltou rapidamente com um saco de dois quilos de grãos de café e com o moedor.

Pôs os grãos na máquina e começou a girar a manivela.

Quando os grãos de café começaram a desaparecer no cone de metal do moedor, Dunbar viu Pássaro Esperneante e Vento no Cabelo inclinarem-se curiosos para frente. Não tinha pensado que uma coisa tão simples como um moedor de café podia ser mágica. Mas era mágica para Pássaro Esperneante e Vento no Cabelo. Nunca tinham visto aquela máquina.

O Tenente Dunbar, feliz com a companhia de outras pessoas, depois de tanto tempo, queria que seus convidados se demorassem, por isso não se apressou na tarefa de moer os grãos. Parou de repente e aproximou a máquina dos índios. Girou a manivela lentamente para que pudessem ver os grãos descendo e sendo triturados. Quando faltavam apenas alguns grãos, ele terminou com uma virada rápida e teatral da manivela. Parou, então, dramaticamente, como um mágico esperando a reação do público.

Pássaro Esperneante estava intrigado com a máquina. Passou a ponta dos dedos pela madeira lateral do moedor. Fiel à sua natureza, Vento no Cabelo preferiu o mecanismo de moagem. Enfiou o dedo longo e escuro no funil até a pequena abertura na parte inferior, esperando descobrir o que tinha acontecido com os grãos.

Estava na hora da cena final e Dunbar ergueu a mão, interrompendo a inspeção. Girando a máquina, ele apertou o pequeno botão na base do moedor. Os índios inclinaram-se para frente, mais curiosos do que nunca.

No último momento, como quem descobre uma jóia fabulosa, o Tenente Dunbar arregalou os olhos e com um largo sorriso retirou a gaveta da base do moedor, cheia de pó negro e fresco.

Os comanches estavam muito impressionados. Cada um apanhou uma pitada de pó e cheirou. Depois, em silêncio, observaram seu anfitrião levar o bule ao fogo para ferver a água, e esperaram os novos acontecimentos.

Dunbar serviu aos convidados duas xícaras de café escaldante e negro. Deixando o aroma subir até seus rostos, os homens trocaram um olhar de aprovação. Aquilo cheirava a bom café, muito melhor do que aquele que roubavam dos mexicanos há muitos anos. Muito mais forte.

Dunbar esperou que eles provassem a bebida e ficou surpreso com as caretas dos dois. Alguma coisa estava errada. Os índios falaram ao mesmo tempo. Ao que parecia, era uma pergunta.

O tenente balançou a cabeça.

— Eu não compreendo – disse, erguendo os ombros.

Os índios confabularam brevemente, mas não chegaram a uma conclusão. Então,

Pássaro Esperneante teve uma ideia. Fechou a mão sobre a xícara de café e a abriu, como se estivesse deixando cair alguma coisa dentro da bebida. Fingiu mexer o café com um graveto.

85

O Tenente Dunbar disse alguma coisa que ele não entendeu, levantou-se de um salto e caminhou para a casa malfeita de barro, voltando logo depois com outro saco, que entregou aos dois homens.

Pássaro Esperneante abriu o saco e resmungou quando viu os cristais escuros.

O leve e breve sorriso do índio confirmou que o Tenente Dunbar tinha adivinhado. Eles queriam açúcar.

seis

Pássaro Esperneante sentia-se encorajado com o entusiasmo do jovem soldado. Ele queria conversar e, quando se apresentaram, o Tem Nente os fez repetir os nomes várias vezes, até conseguir pronunciá-los da forma certa. Ele tinha uma aparência estranha e fazia coisas estranhas, mas estava ansioso para ouvir o que diziam e parecia ter uma reserva enorme de energia. Talvez por ter uma natureza pacífica, Pássaro Esperneante admirava muito a energia nos outros.

Ele falou mais do que Pássaro Esperneante estava acostumado a ouvir. Pensando bem, parecia que o homem branco não tinha parado de falar nem um minuto.

Mas ele era divertido. Dava estranhos passos de dança e fazia sinais esquisitos com as mãos e o rosto. Vento no Cabelo chegou até a dar risada.

E isso era difícil.

Além da impressão geral, Pássaro Esperneante descobriu outras coisas. Tem Nente podia não ser um deus. Era humano demais para isso. E

estava sozinho. Não havia mais ninguém no forte. Mas Pássaro Esperneante não ficou sabendo por que ele estava sozinho, nem se esperava mais soldados ou quais eram seus planos. Pássaro Esperneante queria muito saber essas respostas.

Vento no Cabelo cavalgava na sua frente. Seguiam em fila indiana pela trilha

sinuosa no meio dos álamos, acompanhando a margem do rio.

Só o ruído das patas dos pôneis na areia molhada quebrava o silêncio e Pássaro Esperneante perguntava a si mesmo o que Vento no Cabelo estaria pensando. Isso o preocupava um pouco.

Mas Pássaro Esperneante não precisava se preocupar, pois Vento no Cabelo também estava favoravelmente impressionado, muito embora a ideia de matar o soldado branco tivesse passado várias vezes por sua mente.

Há muito tempo considerava os homens brancos como uma irritação inútil, coiotes em volta da carne. Porém, o soldado branco mais de uma vez demonstrou coragem. Era amistoso também. E era engraçado. Muito engraçado.

86

Pássaro Esperneante olhou para as duas sacas de café e de açúcar penduradas na sua sela, acompanhando o balanço do cavalo e pensou então que gostava do soldado branco. Era uma ideia estranha sobre a qual ele precisava meditar.

Muito bem, pensou, finalmente, e se eu gostar dele, que mal há nisso?

Ouviu o som de uma risada abafada que parecia vir de Vento no Cabelo. Então, rindo alto agora, o guerreiro voltou-se na sela e disse:

— Aquilo foi engraçado – disse, sem parar de rir – quando o homem branco virou búfalo.

Sem esperar resposta, virou para frente outra vez. Mas Pássaro Esperneante viu os ombros de Vento no Cabelo subindo e descendo com o riso incontido.

Foi engraçado. O Tem Nente andando de quatro, com as mãos na testa, os dedos em riste fingindo chifres. E o cobertor enfiado sob a camisa, fazendo uma corcunda.

Não, Pássaro Esperneante sorriu, não há nada mais estranho do que um homem branco.

sete

O Tenente Dunbar estendeu o manto pesado sobre a cama e parou para admirá-lo.

Eu nunca vi um búfalo, pensou ele, cheio de orgulho, e já tenho um manto de pele de búfalo.

Sentou reverentemente na beirada da cama, deitou de costas e passou as mãos na pele macia e lisa. Ergueu uma das pontas e examinou o trabalho de tratamento da pele. Encostou o rosto no pêlo, deliciando-se com o cheiro selvagem.

Como as coisas mudam depressa. Algumas horas atrás, ele estava a ponto de desmoronar e, agora, flutuava.

Franziu a testa. Algumas das coisas que tinha feito, aquela imitação de búfalo, por exemplo, foram um pouco exageradas. E ao que parecia só ele tinha falado o tempo todo, demais talvez. Mas eram dúvidas sem importância. Pensando no grande manto de pele, não podia deixar de ficar satisfeito com aquele primeiro encontro.

Dunbar gostou dos dois índios. Gostou mais do que tinha maneiras muito dignas e suaves. Havia uma força nele, algo nos seus modos tranquilos e pacientes que o atraía. Era pacato, mas viril. O outro, o esquentado, que havia tirado a mulher dos seus braços, não era de brincadeira. Mas era fascinante.

E o manto. Presente dos índios. Era mesmo uma coisa!

Descansando deitado sobre o belo manto, o tenente lembrou-se de outras coisas. Com todos aqueles pensamentos novos girando na sua cabeça, não encontrava espaço para meditar sobre a verdadeira fonte da sua euforia.

Usara bem o tempo que passou sozinho no forte, tendo por companhia um cavalo e um lobo. Fez um bom trabalho de reconstrução.

Tudo isso era um ponto a seu favor. Mas a espera e a preocupação grudaram nele como gordura numa fenda e o peso daquela carga era considerável.

Agora a carga fora retirada por dois homens primitivos cuja língua ele não falava, cujo povo ele não conhecia, cujo modo de vida era um mistério para ele.

Sem saber, eles haviam lhe prestado um grande serviço com sua visita. A fonte da euforia do Tenente Dunbar estava na libertação.

Libertação de si mesmo.

Não estava mais sozinho.

88

CAPÍTULO XV

um

17 de maio de 1863

Há muitos dias não escrevo nada neste diário. Tanta coisa aconteceu que nem sei por onde começar.

Os índios já me visitaram três vezes e estou certo de que virão novamente. Sempre os mesmos dois, com a escolta de seis ou sete guerreiros (espanta-me o fato de serem todos guerreiros. Ainda não conheci um homem que não seja).

Nossos encontros têm sido extremamente amistosos, embora muito prejudicados pela barreira da linguagem. Tudo que fiquei sabendo até agora é muito pouco comparado com o que poderia saber. Não sei ainda que tipo de índios eles são, mas desconfio de que sejam comanches. Acho que ouvi, mais de uma vez, uma palavra que parece muito com nossa palavra comanche.

Sei o nome dos meus visitantes, mas não sou capaz de escrevê-los.

São homens agradáveis e interessantes. Diferentes, como a noite e o dia.

Um é extremamente agressivo e sem dúvida um chefe de guerreiros. Seu físico (algo digno de ser visto) e sua natureza fechada e desconfiada fazem dele um guerreiro formidável. Espero sinceramente nunca ter de lutar contra ele, pois teria de me esforçar ao máximo se isso acontecesse. Esse homem, que pode ser considerado belo, embora tenha os olhos muito juntos um do outro, cobiça o meu cavalo e sempre procura me fazer falar sobre Cisco.

Conversamos por meio de sinais, uma espécie de pantomima que os dois

começam a aprender. Mas é um processo muito lento e a maior parte do nosso entendimento baseia-se no fracasso e não no sucesso da comunicação.

O índio feroz toma café com uma quantidade incrível de açúcar.

Logo meu suprimento de açúcar estará no fim. Por sorte, eu não gosto de açúcar. Ah! O feroz (é assim que eu o chamo) é agradável, a despeito dos seus modos taciturnos, como um chefe de um bando de valentões de rua, que impõe respeito por seus atributos físicos. Tendo vivido parte da minha vida nas ruas, é assim que eu o respeito.

Além disso, ele tem uma honestidade crua e uma determinação que me agradam.

É um cara muito direto.

O outro homem, que eu chamo de quieto, gosto imensamente dele.

Ao contrário de feroz, ele é paciente e interessado em saber das coisas.

Acho que se sente tão frustrado quanto eu com a dificuldade de comunicação. Ele me ensinou algumas palavras da sua língua e eu ensinei algumas da nossa a ele. Sei as palavras comanches para cabeça, mão, cavalo, fogo, café, casa e algumas outras, como alô e adeus. Não sei o suficiente para dizer uma frase. Levo muito tempo para pronunciar corretamente. Tenho certeza de que ele sente a mesma dificuldade com a nossa língua.

O índio quieto me chama de Tem Nente e, por algum motivo, não usa meu sobrenome, Dunbar. Tenho certeza de que não é por esquecimento (eu o lembrei muitas vezes), portanto deve haver outra razão. Não há dúvida que soa bem... Tem Nente.

Acho que ele é muito inteligente. Ouve com atenção e parece notar tudo. Cada mudança na direção ou na força do vento, o chamado ocasional de um pássaro merecem sua atenção como se fossem coisas muito mais importantes. Sem a ajuda da linguagem, tenho de me contentar com o que posso sentir, mas tudo indica que ele gosta de mim.

Um incidente relacionado com Duas Meias ilustra bem esse ponto.

Aconteceu durante a última visita dos dois homens. Tomamos uma grande quantidade de café e eu acabava de apresentar aos meus convidados as maravilhas das tiras de bacon. O quieto de repente viu Duas Meias na outra margem do rio. Disse alguma coisa para feroz e ficaram olhando para o lobo. Ansioso para mostrar tudo que eu sabia sobre Duas Meias, fui até a beirada do penhasco com o bacon e a faca na mão.

O feroz, ocupado em pôr açúcar no café e experimentar o bacon, ficou observando de onde estava, mas o quieto levantou-se e me acompanhou. Geralmente eu deixo o bacon na minha margem do rio, mas depois de cortar a fatia generosa, não sei o que deu em mim e a atirei para o outro lado. Foi um bom arremesso e o bacon caiu a poucos metros de Duas Meias. Mas ele continuou imóvel e, por algum tempo, pensei que não ia fazer nada. Mas, abençoado seja o velho amigo, ele aproximou-se do bacon, cheirou e o apanhou com a boca. Foi a primeira vez que o vi apanhar a carne e senti certo orgulho quando ele se afastou com o presente.

Para mim foi apenas uma coisa boa. Mas o índio quieto ficou extremamente impressionado. Olhei para ele. Seu rosto parecia mais tranquilo do que nunca. Inclinou a cabeça várias vezes, num gesto afirmativo, depois adiantando-se, pôs as duas mãos nos meus ombros, como que aprovando o que eu acabava de fazer.

De volta ao fogo, ele fez uma série de gestos e finalmente entendi que estava me convidando para visitar sua casa no dia seguinte. Aceitei prontamente e logo depois eles partiram.

90

É impossível uma descrição completa das minhas impressões sobre o acampamento dos comanches. Eu nunca mais ia parar de escrever. Mas tentarei fazer um breve relato, esperando que minhas observações possam ser úteis, no futuro, no trato com esse povo.

A pouco mais de um quilômetro da aldeia, fui recebido por uma delegação chefiada pelo índio quieto. Seguimos imediatamente para o povoado. Todos vestiam suas melhores roupas. As cores e a beleza dos seus trajes são algo digno de ser visto. Estavam todos estranhamente embaraçados e eu também. Algumas crianças quebraram as fileiras para passar as mãos nas minhas pernas. Todos os outros ficaram a certa distância.

Desmontamos na frente de uma das tendas cônicas e houve um momento de hesitação quando um garoto de uns doze anos correu para levar Cisco. Fizemos uma espécie de cabo-de-guerra com as rédeas, mas o índio quieto aproximou-se, pôs a mão no meu ombro, olhou nos meus olhos e disse que eu não tinha nada a temer. Deixei o garoto levar Cisco. Ele parecia encantado.

Então, o índio quieto me convidou para entrar em sua casa. O

interior era escuro, mas não sombrio. Cheirava a carne e fumaça (Todo o povoado tem um cheiro típico, que não acho desagradável. A melhor descrição que me ocorre é cheiro de vida selvagem). Havia duas mulheres e algumas crianças dentro da casa. O índio quieto fez sinal para que eu me sentasse e as mulheres serviram comida em tigelas rasas. Então todos desapareceram e ficamos sozinhos.

Comemos em silêncio por algum tempo. Pensei em perguntar sobre a mulher da planície. Eu não a tinha visto entre os outros, não sabia se estava viva ou não (ainda não sei). Mas me pareceu um assunto muito complicado, considerando nossas limitações, assim, falamos do melhor modo possível sobre a comida (uma espécie de carne adocicada que achei deliciosa).

Quando ele terminou de comer, enrolei um cigarro e fumei em silêncio. Ele olhava constantemente para a porta da tenda. Tive a impressão de que esperávamos alguém ou alguma coisa. Eu estava certo, pois não demorou muito e a lona da entrada foi erguida e dois índios entraram. Falaram com o índio quieto e ele se levantou imediatamente, fazendo sinal para que eu o seguisse.

Um grande grupo de índios esperava no lado de fora e caminhei no meio deles, passando por várias outras tendas, até chegarmos a uma que era decorada com um grande urso colorido. O índio quieto me empurrou delicadamente para dentro.

Cinco homens estavam sentados em volta do fogo, e olhei imediatamente para o mais velho deles. Vi um homem grande e forte, que devia ter mais de sessenta anos, porém ainda em boa forma. Sua camisa de 91

couro era enfeitada com um belo bordado muito trabalhoso, formando desenhos coloridos. Uma mecha dos seus cabelos grisalhos encontrava-se presa por uma enorme pata de animal que eu imaginei, por causa do desenho na entrada da tenda, ter pertencido a um urso. Mechas de cabelos adornavam as mangas da

camisa e, um pouco mais tarde, percebi que eram escalpos. Uma delas era castanho-clara. Uma descoberta um tanto inquietadora.

Porém, o que mais impressionava era seu rosto. Nunca vi nada igual.

O brilho dos olhos era quase febril. As maçãs do rosto, muito salientes e redondas, e o nariz curvo como um bico. O queixo era quadrado. As linhas que sulcavam sua face dificilmente podiam ser chamadas de rugas.

Pertenciam mais à ordem das rachaduras. Tinha uma marca funda no lado da testa, provavelmente resultado de um ferimento antigo de batalha.

Era uma imagem impressionante de sabedoria muito vivida e de força. Mas nem por um minuto daquela reunião, eu me senti ameaçado.

Parecia evidente que eu era o motivo da conferência. Tive certeza de que foi realizada somente para que o velho índio pudesse me conhecer pessoalmente.

Apareceu um cachimbo e os homens começaram a fumar. Tinha o cabo longo e, pelo que eu pude perceber, o tabaco era do tipo nativo, forte e amargo. Fui o único excluído da cerimônia.

Eu estava ansioso para causar boa impressão e, com vontade de fumar, apanhei os apetrechos para fazer meu cigarro e os ofereci ao velho índio. O índio quieto disse alguma coisa, o chefe estendeu a mão nodosa e apanhou o saco de fumo e o papel. Examinou tudo atentamente. Depois olhou para mim com seus olhos cruéis, de pálpebras pesadas, e devolveu meus pertences. Sem saber se meu oferecimento fora aceito, enrolei um cigarro assim mesmo. O velho homem observou tudo com atenção.

Estendi o cigarro e ele o apanhou. Quieto disse mais alguma coisa e o chefe o devolveu. Por meio de gestos, o índio quieto me pediu para fumar e eu acedi ao pedido.

Sob os olhares atentos de todos, acendi o cigarro, dei uma tragada e soltei a fumaça. Antes que eu tivesse tempo de dar a segunda, o velho estendeu a mão. Entreguei o cigarro a ele. Depois de um exame cauteloso, deu uma tragada, como eu havia feito e soltou a fumaça. Então, aproximou o cigarro do rosto.

Para meu espanto, o velho chefe começou a girar o cigarro entre dois dedos,

rapidamente. A cinza caiu e o fumo saiu de dentro do papel.

Ele amassou o papel e atirou-o no fogo.

Lentamente, o sorriso foi aparecendo no rosto dele e logo todos estavam rindo.

Talvez tivessem me insultado, mas seu bom humor era tão contagioso que não resisti.

92

Depois disso, levaram-me ao meu cavalo e me acompanharam até um ou dois quilômetros da aldeia, onde quieto se despediu discretamente.

Esse é o registro dos fatos essenciais da minha primeira visita ao acampamento dos índios. Não sei o que eles estão pensando agora.

Foi bom ver o Forte Sedgewick outra vez. É o meu lar. Mas espero ansiosamente outra visita aos meus "vizinhos".

Quando olho para o horizonte, a oeste, sempre imagino se uma coluna de homens estará vindo para cá. Espero que minha vigilância no forte e minhas "negociações" com o povo selvagem da planície venham a dar bons frutos.

Tenente John J. Dunbar

93

CAPÍTULO XVI

um

Algumas horas depois da primeira visita do Tenente Dunbar à aldeia, Pássaro Esperneante e Dez Ursos tiveram uma conversa de alto nível. Foi curta e direta.

Dez Ursos gostou do Tenente Dunbar. Gostou da expressão dos olhos dele e Dez Ursos dava muita importância ao que via nos olhos das pessoas. Gostou também das maneiras do tenente. Era humilde e cortês, e Dez Ursos dava grande valor a essas qualidades. A história do cigarro foi engraçada. Como alguém podia fumar uma coisa tão sem substância desafiava a lógica, mas não censurou o Tenente

Dunbar por isso e concordou com Pássaro Esperneante que, como fonte de informações, o homem branco era digno de ser conhecido por eles.

O velho chefe aprovou tacitamente a ideia de Pássaro Esperneante de destruir a barreira da linguagem. Mas impôs certas condições. Pássaro Esperneante devia planejar tudo não-oficialmente. Ele seria o único responsável pelo Tem Nente. Já corria o rumor de que o homem branco era responsável pela escassez de caça. Ninguém sabia como o povo ia reagir se ele começasse a visitar a aldeia com frequência. Podiam se voltar contra ele.

Podiam até matá-lo.

Pássaro Esperneante aceitou as condições, garantindo a Dez Ursos que faria tudo que estivesse ao seu alcance para executar o plano discretamente.

Resolvido isso, passaram a um assunto mais importante.

Os búfalos estavam muito atrasados.

Grupos de reconhecimento percorriam a campina há vários dias e até agora só haviam visto um búfalo. Um animal velho e solitário, sendo destroçado por uma alcatéia de lobos. O que sobrou não servia para nada.

O moral do grupo ficava cada vez mais baixo, à medida que diminuíam as escassas reservas de alimento e não demoraria muito para que o racionamento se tornasse crítico. Estavam se alimentando com carne de gamo, mas os gamos começavam a desaparecer rapidamente. Se os búfalos não chegassem logo, a promessa de um verão abundante seria quebrada pelo choro das crianças.

Os dois homens resolveram que, além de organizar outro grupo de reconhecimento, precisavam urgentemente de uma dança, que devia ser realizada dentro de uma semana.

Pássaro Esperneante se encarregaria dos preparativos.

dois

Foi uma semana estranha para o curandeiro. O tempo era uma desordem

confusa. Quando ele precisava de tempo para fazer alguma coisa, as horas pareciam voar e quando queria que o tempo passasse, ele se arrastava, minuto por minuto. Equilibrar as coisas estava exigindo um esforço insano.

Tinha de considerar milhares de pequenos detalhes para organizar a dança. Seria uma invocação muito sagrada, na qual tomariam parte todas as pessoas da aldeia. O planejamento e a delegação das várias responsabilidades para um evento dessa importância exigiam trabalho de tempo integral.

Além disso, tinha de atender os deveres de marido de duas mulheres, pai de quatro filhos e guia da sua filha adotiva. Mais os problemas rotineiros e as surpresas que surgiam a cada dia, visitas aos doentes, reuniões extraordinárias do conselho com visitantes de honra e a preparação dos remédios.

Pássaro Esperneante era o homem mais ocupado da aldeia.

Havia mais uma coisa, algo que alfinetava sua consciência. Como uma dor de cabeça branda, mas persistente, o Tenente Dunbar não saía da sua cabeça. Com toda a atenção voltada para o presente, o Tem Nente era o futuro, e Pássaro Esperneante não podia resistir a esse chamado. O presente e o futuro ocupavam o mesmo espaço no dia do curandeiro. Seu tempo estava superlotado.

A presença de De Pé com Punho não facilitava as coisas. Ela era o elemento chave do seu plano, e Pássaro Esperneante não podia olhar para a mulher sem pensar no Tem Nente, o que inevitavelmente o levava às trilhas do pensamento especulativo. Mas precisava ficar de olho nela. Era importante falar no assunto no momento e no lugar certo.

Ela estava se recuperando rapidamente, movia-se sem problema agora e já tinha entrado no ritmo de trabalho da sua casa. Muito querida pelas crianças, trabalhava tanto e tão arduamente como qualquer outra pessoa na aldeia. Quando estava sozinha, seu pensamento parecia distante, mas isso era compreensível. Na verdade, ela sempre fora assim.

Às vezes, depois de observá-la por algum tempo, Pássaro Esperneante suspirava mentalmente. Nesses momentos ele procurava respostas a certas perguntas, sendo a principal delas se De Pé com Punho pertencia ou não realmente aos comanches. Mas não podia criar uma resposta e, de qualquer modo, a resposta não ia ajudar em nada. Só duas coisas importavam. De Pé com Punho estava ali e ele precisava dela.

No dia da dança, Pássaro Esperneante não tinha ainda encontrado oportunidade para abordar o assunto como queria. Naquela manhã, ele 95

acordou convencido de que precisava pôr seu plano em andamento se quisesse realmente conseguir alguma coisa.

Enviou três jovens ao Forte Sedgewick. Ele estava ocupado demais para ir e, enquanto aguardava sua volta, teria tempo para falar com De Pé com Punho.

No meio da manhã, sua família toda saiu para uma excursão na margem do rio, deixando De Pé com Punho em casa, preparando um gamo recém-caçado, poupando a Pássaro Esperneante o trabalho de manipulação para falar a sós com ela.

Dentro da tenda, Pássaro Esperneante a observava. Ela não ergueu os olhos nem uma vez, enquanto com a mão ágil manejava a faca, tirando o couro do gamo com a mesma facilidade com que soltava a carne dos ossos.

Finalmente ela parou por um momento para observar um grupo de crianças que brincava de pegar na frente da casa próxima.

— De Pé com Punho – disse ele, em voz baixa, inclinando-se na entrada da tenda.

Ela olhou para ele, mas não disse nada.

— Eu gostaria de falar com você – disse Pássaro Esperneante, desaparecendo dentro da casa.

De Pé com Punho o seguiu.

três

O ambiente estava tenso. Pássaro Esperneante ia dizer coisas que ela provavelmente não queria ouvir e isso o perturbava.

Esperando na frente dele, De Pé com Punho sentia-se como alguém prestes a enfrentar um interrogatório. Não tinha feito nada errado, mas sua vida era agora uma proposição de um dia para o outro. Nunca sabia o que ia acontecer no minuto seguinte e, desde a morte do marido, não sentia forças para enfrentar

nenhum desafio. Seu único consolo era a presença de Pássaro Esperneante. Ele era um homem respeitado por todos e a tinha adotado como filha. Se ela podia confiar em alguém, esse alguém era Pássaro Esperneante.

Mas ele parecia nervoso.

— Sente – disse ele e os dois sentaram no chão. – Como está o ferimento? – começou ele.

— Está cicatrizando – respondeu De Pé com Punho, sem encará-lo de frente.

— A dor passou?

— Sim.

— Você encontrou forças outra vez.

— Estou mais forte agora, estou trabalhando bem.

Ela começou a raspar a terra com a unha e fez um montículo ao lado do pé, enquanto Pássaro Esperneante procurava as palavras certas. Não queria precipitar as coisas, mas também não queria ser interrompido e alguém podia entrar a qualquer momento.

De repente, ela ergueu os olhos e Pássaro Esperneante ficou chocado com a tristeza que viu neles.

— Você está infeliz aqui – disse ele.

— Não – respondeu ela. – Estou satisfeita por estar em sua casa.

Ela mexeu outra vez na terra, espalhando-a com as pontas dos dedos.

— Estou triste sem o meu marido.

Pássaro Esperneante pensou por um momento e ela começou a fazer outro montinho de terra.

— Ele se foi – disse o curandeiro – mas você está aqui. O tempo se move e você

caminha com ele, mesmo que esteja infeliz. Coisas estão para acontecer.

— Sim – disse ela, franzindo os lábios – mas não estou muito interessada no que vai acontecer.

Pássaro Esperneante, de frente para a porta, viu várias sombras que passavam lá fora sem entrar.

— Os brancos estão chegando – disse ele, de repente. – Mais e mais homens brancos chegarão a cada ano.

Um arrepio percorreu a espinha de De Pé com Punho, espalhando-se pelos ombros. Seus olhos adquiriram uma expressão dura e instintivamente ela cerrou os punhos.

— Não irei com eles – disse ela.

Pássaro Esperneante sorriu.

— Não, você não irá. Não existe um guerreiro entre nós que não esteja disposto a lutar para impedir que você nos deixe.

Ouvindo essas palavras tranquilizadoras, a mulher de cabelos avermelhados inclinou-se para frente, curiosa agora.

— Mas eles virão – continuou Pássaro Esperneante. – É uma raça com hábitos e crenças estranhas. É difícil saber qual a melhor atitude.

Todos dizem que são muitos e isso me preocupa. Se vierem como uma enchente, teremos de detê-los. Então, perderemos muitos homens bons, homens como o seu marido. Teremos muitas viúvas tristes.

De Pé com Punho inclinou a cabeça para o peito, meditando sobre as palavras do curandeiro.

— Este homem branco, o que a trouxe para casa, estive com ele.

Estive na sua casa, na parte mais baixa do rio, tomei seu café e conversei com ele. É um homem estranho. Mas eu o observei e acho que tem um bom coração...

Ela ergueu a cabeça e olhou rapidamente para Pássaro Esperneante.

97

— Este homem branco é um soldado. Deve ser muito influente entre os brancos...

Pássaro Esperneante parou de falar. Um pardal comum acabava de entrar na tenda e, sentindo-se preso, debatia-se freneticamente contra as paredes de couro. Pássaro Esperneante o observou em silêncio, até o pássaro encontrar a abertura para saída da fumaça e voar para a liberdade.

Então ele olhou para De Pé com Punho. Ela ignorara o pássaro e estava imóvel com as mãos cruzadas no colo. O curandeiro tentou retomar o fio do seu monólogo. Porém, antes que tivesse tempo para falar, ouviu outra vez o leve ruflar de asas.

Olhou para cima e viu o pardal na parte interna da tenda, perto da abertura para a fumaça. O pássaro mergulhou deliberadamente lá de cima e pousou na cabeça da jovem. Ela não se moveu e o pardal empertigou-se como se estivesse num galho de árvore. De Pé com Punho passou a mão na cabeça distraidamente e o passarinho, como se estivesse pulando corda, deu um salto sobre os dedos dela e pousou sobre os cabelos avermelhados outra vez. Ela continuou mergulhada em seus pensamentos e então o pássaro enfunou o peito e voou rapidamente em linha reta para a porta da tenda.

Desapareceu num piscar de olhos.

Se tivesse tempo, Pássaro Esperneante procuraria tirar algumas conclusões sobre a importância e o significado da visita do pássaro e do papel de De Pé com Punho em tudo aquilo. Não podia dar uma longa caminhada para meditar sobre o assunto, mas Pássaro Esperneante estava certo de que era um bom presságio.

Antes que ele recomeçasse a falar, De Pé com Punho levantou a cabeça.

— O que quer de mim? – perguntou ela.

— Quero ouvir as palavras do soldado branco, mas meus ouvidos não as entendem.

Estava feito. De Pé com Punho disse com voz sombria:

— Eu tenho medo dele.

— Uma centena de soldados brancos com uma centena de cavalos com uma centena de rifles... é isso que devemos temer. Mas ele é só um homem. Nós somos muitos e esta é nossa terra.

Ela sabia que o curandeiro tinha razão, mas isso não a fazia sentir-se mais segura. Parecia constrangida.

— Não me lembro da língua branca – disse, em voz baixa. – Eu sou comanche.

Pássaro Esperneante balançou a cabeça afirmativamente.

— Sim, você é comanche. Não estou pedindo para ser outra coisa.

Estou pedindo para pôr seu povo na frente do seu medo. Conheça o homem branco. Procure encontrar sua língua branca com ele e, então, nós três teremos uma conversa que será útil a todos. Tenho pensado muito nisso.

Ele se calou e a cabana ficou silenciosa.

De Pé com Punho olhou em volta, como se não esperasse ver tudo aquilo durante um longo tempo. Ela não ia a lugar algum, mas em pensamento, dava mais um passo para se afastar de tudo que amava tanto.

— Quando vou conhecer o homem branco? – perguntou.

O silêncio os envolveu outra vez.

Pássaro Esperneante levantou-se.

— Vá para um lugar tranquilo – disse ele – longe da aldeia. Fique sozinha durante um longo tempo, pensando nas palavras da sua língua antiga.

Com o queixo encostado no peito, ela caminhou para a porta da tenda, acompanhada por Pássaro Esperneante.

— Deixe seu medo para trás. Isso vai ser bom – disse ele, quando ela saiu.

Não podia dizer se ela ouviu ou não. De Pé com Punho não olhou para ele e agora afastava-se da cabana.

quatro

De Pé com Punho fez o que foi pedido.

Com uma vasilha de água vazia apoiada no quadril, caminhou pela trilha principal que levava ao rio. Era quase meio-dia e o movimento dos que carregavam água, dos cavalos, lavadeiras e crianças tinha diminuído bastante. Ela andava devagar, procurando uma trilha pouco usada que a levasse a um lugar solitário. Seu coração acelerou quando viu um caminho cheio de mato que saía da trilha principal e seguia os baixios, a cem metros do rio.

Não havia ninguém por perto, mesmo assim ela ficou atenta para qualquer ruído. Escondeu a vasilha atrás de um arbusto e entrou na trilha no momento em que ouviu vozes que se aproximavam.

Caminhou apressadamente entre o mato que cobria a trilha e finalmente depois de alguns metros encontrou, aliviada, um caminho limpo.

Continuou andando mais livremente agora e logo deixou de ouvir as vozes das pessoas que passavam na trilha principal.

Era uma bela manhã. A brisa leve fazia dançar os salgueiros e só se ouvia o som ocasional de um coelho ou um lagarto, assustados por seus passos. Uma manhã para alegria, mas não havia nenhuma em seu coração, marcado com os longos veios da amargura, e a mulher branca dos comanches, diminuindo o passo, deixou que o ódio dominasse seus sentimentos.

Uma parte desse ódio era dirigida ao soldado branco. Ela o odiou por estar naquelas terras, por ser soldado, por ter nascido. Odiou Pássaro 99

Esperneante por seu pedido e por saber que ela não podia recusar. E odiou o Grande Espírito por ser tão cruel. O Grande Espírito tinha partido seu coração. Mas para ele, não bastava matar o coração de alguém.

Por que continua a me torturar, perguntou ela. Eu já estou morta.

Aos poucos, acalmou-se. Mas a amargura não diminuiu, solidificando-se em algo frio e áspero.

Encontre sua linguagem branca. Encontre sua língua branca.

Pensou, com revolta, que estava cansada de ser vítima.

Você quer a minha língua branca, pensou em comanche. Acha que vou valer mais por isso? Pois então vou encontrá-la. E se eu me tornar ninguém por atender seu pedido, serei a maior ninguém do mundo. Não serei digna de ser lembrada.

Com os mocassins deslizando pela relva baixa da trilha, ela começou a voltar para o passado, procurando um ponto de partida, um lugar onde pudesse começar a se lembrar das palavras.

Mas não havia nada. Por mais que se concentrasse, não conseguia lembrar de nada e por alguns momentos sofreu a frustração de ter todas as palavras na ponta da língua sem poder dizer nenhuma. A névoa que envolvia seu passado, ao invés de levantar, parecia ficar cada vez mais densa.

Estava exausta quando chegou à pequena clareira a mais de um quilômetro rio acima da aldeia. Era um lugar magnífico, uma varanda forrada de relva à sombra de um álamo gigantesco, cercada em três lados por telas naturais. O rio naquele ponto era largo e raso com bancos de areia coroados de juncos. No passado, ela ficaria encantada por encontrar um lugar como aquele. De Pé com Punho sabia apreciar a beleza.

Mas agora, ela mal notou. Só queria descansar. Sentou pesadamente na sombra e encostou-se ao tronco da árvore. Cruzou as pernas à moda índia e levantou a barra para que a brisa que vinha do rio brincasse nas suas coxas. Finalmente, fechou os olhos e resolveu recordar.

Mas não conseguiu. Frustrada, rilhou os dentes. Apertou os olhos cansados com as duas mãos.

Enquanto ela esfregava os olhos, a imagem chegou.

Ofuscando-a como uma explosão de cores.

cinco

As imagens tinham surgido em sua mente no verão anterior, quando descobriram que havia soldados brancos perto da aldeia. Certa manhã, quando estava ainda deitada, a boneca apareceu na parede. No meio de uma dança, ela viu a mãe. Mas eram imagens opacas.

100

As que via agora eram vivas e se moviam como num sonho. E

durante todo o tempo, ela ouvia a língua do homem branco. E compreendia todas as palavras.

A primeira imagem surgiu com tanta clareza que a sobressaltou. Era a bainha rasgada de um vestido azul de criança. Viu a mão que examinava a bainha desfeita. Enquanto ela observava, com os olhos fechados, a imagem cresceu. A mão pertencia a uma menina de uns quatorze anos.

estava de pé num quarto com chão de terra, onde havia apenas uma cama tosca, um quadro com um buquê de flores perto da única janela e um aparador acima do qual pendia da parede um espelho com a ponta quebrada.

Ela não via o rosto da menina, inclinado sobre a bainha rasgada do vestido.

Para ver a bainha, ela ergueu um pouco a saia, mostrando as pernas curtas e magras.

Uma voz de mulher chamou de fora do quarto.

“Cristine...”

A menina virou a cabeça e De Pé com Punho compreendeu que estava vendo a si mesma. Seu antigo rosto ficou atento, e então a antiga boca disse, “Já vou, mamãe.”

De Pé com Punho abriu os olhos, assustada com o que acabava de ver, mas como uma ouvinte aos pés de um contador de histórias, queria ver mais.

Fechou os olhos e do galho de um carvalho a cena descortinava-se sobre um

monte de folhas farfalhantes. Uma casa de barro, com a frente longa, sombreada por dois álamos, erguia-se na encosta de uma colina.

Havia uma mesa rústica sobre cavaletes na frente da casa. E sentados à mesa estavam quatro adultos, dois homens e duas mulheres. Eles conversavam e De Pé com Punho compreendia cada palavra.

Três crianças brincavam de cabra-cega no pátio, e as mulheres as observavam atentas, enquanto comentavam o fato de uma delas ter se curado recentemente de uma febre.

Os homens fumavam cachimbos. Sobre a mesa estava o que havia sobrado da refeição da tarde de domingo. Uma tigela com batatas cozidas, vários pratos de verduras, uma pilha de espigas de milho sem grãos, o esqueleto de um peru e meia jarra de leite. Os homens falavam sobre a chuva que parecia iminente.

Ela reconheceu um deles. Era alto e magro. Tinha o rosto encovado, ossudo, o cabelo penteado todo para trás e uma barba curta. Era seu pai.

Um pouco acima, na encosta, viu duas pessoas deitadas na relva de búfalo que crescia no telhado da casa. A princípio não as reconheceu, mas então as viu de perto e claramente.

Ela estava com um garoto da sua idade. Ele se chamava Willy, era magro e pálido. Estavam deitados de costas, lado a lado, de mãos dadas, olhando para as nuvens altas espalhadas no céu espetacular.

Falavam sobre o dia do seu casamento.

— Eu preferia que não tivesse ninguém – disse Cristine, sonhadoramente. – Preferia que você entrasse pela janela uma noite e me levasse embora.

Ela apertou a mão do menino, mas Willy não retribuiu. Ele olhava para as nuvens atentamente.

— Eu não sei não – disse ele.

— O que é que você não sabe?

— Podemos arranjar encrenca.

— Com quem? – perguntou ela, impaciente.

— Com nossos pais.

Cristine olhou para ele e sorriu da preocupação do menino.

— Mas estaríamos casados. Seria só da nossa conta, de mais ninguém.

— É, acho que tem razão – disse ele, ainda com a testa franzida.

Finalmente, o menino suspirou. Entreolharam-se sem virar as cabeças, com os cantos dos olhos.

— Acho que eu não me importo com qualquer encrenca... quando estivermos casados.

— Nem eu – disse ela.

Na mesma posição em que estavam, seus rostos se aproximaram, preparando-se para o beijo. Cristine mudou de idéia no último instante.

— Não podemos – murmurou ela.

Ele ficou magoado.

— Eles nos veriam – murmurou Cristine, outra vez. – Vamos descer daqui.

Willy sorriu quando ela deslizou pelo lado do telhado. Antes de fazer o mesmo, ele olhou para as pessoas que estavam lá embaixo, na frente da casa.

Um grupo de índios se aproximava na planície. Uns doze, todos a cavalo. Tinham o cabelo enrolado no alto da cabeça raspada e os rostos pintados de negro.

— Cristine – murmurou ele, segurando a mão dela.

De bruços, arrastaram-se para frente, chegando à beirada do telhado para ver melhor. Willy tirou do cinto sua arma de caçar esquilos e os dois esticaram os pescoços para baixo.

As mulheres e as crianças já deviam ter entrado, pois seu pai e o outro homem estavam sozinhos no pátio. Três índios se adiantaram. Os outros esperavam a uma distância respeitosa.

O pai de Cristine começou a falar por meio de gestos com um dos três emissários, um pawnee grande, mal-encarado. Ela percebeu que a conversa não ia bem. O índio apontava constantemente para a casa, fazendo o gesto de quem bebe alguma coisa. O pai de Cristine balançava a cabeça, dizendo que não.

Não era a primeira vez que recebiam a visita de índios e o pai de Cristine sempre repartia com eles o que tinham no momento. Aqueles pawnees queriam alguma coisa que ele não tinha... ou que não queria dar.

Willy murmurou no ouvido dela.

— Eles parecem zangados... Acho que querem uísque.

Devia ser isso, pensou ela. Seu pai era contra qualquer bebida forte e ela viu que ele começava a perder a paciência. E paciência era uma das suas características mais acentuadas.

Ele os mandou embora, com gestos, mas os índios não se moveram.

Então, ele ergueu os braços e os pôneis levantaram as cabeças, assustados.

Os índios continuavam imóveis e agora os três estavam carrancudos.

O pai de Cristine disse alguma coisa para o amigo ao seu lado e os dois deram meia-volta, começando a caminhar para a casa.

Não houve tempo para um grito de alarme. O machado do pawnee já descia sobre ele quando o pai de Cristine começou a se voltar. A lâmina enterrou-se no seu ombro. Com um gemido rouco, como se tivesse tirado todo o ar dos seus pulmões, ele cambaleou até o meio do pátio. O pawnee enorme foi atrás dele brandindo o machado até derrubá-lo.

O outro homem branco tentou fugir, mas as flechas sibilantes o derrubaram quando estava quase na porta da casa.

Sons terríveis inundaram os ouvidos de Cristine. Gritos de desespero vinham da casa e os índios que tinham ficado a certa distância avançaram num galope, gritando como loucos. Alguém estava berrando no seu rosto.

Era Willy.

— Corra, Cristine... corra!

Willy encostou a planta do pé no traseiro dela e Cristine deslizou até onde terminava o telhado e começava a pradaria. Olhou para trás e viu o garoto magricela de pé na beirada do telhado com sua arma de caçar esquilos, apontada para o pátio. Ele atirou e por um momento ficou imóvel.

Então virou o rifle ao contrário e segurando-o como se fosse um bastão saltou no ar e desapareceu.

Então ela correu, louca de medo, e atravessou o baixio atrás da casa com as perninhas magras de quatorze anos movendo-se como uma máquina.

O sol ofuscava seus olhos e ela caiu várias vezes, esfolando os joelhos. Mas levantava-se imediatamente, o medo da morte maior do que a dor do ferimento. Se uma parede de tijolos se erguesse de repente no meio do baixio, ela a teria atravessado.

Sabia que não ia aguentar por muito tempo e, mesmo que aguentasse, eles estavam a cavalo, por isso quando chegou no começo da curva do baixio, onde as margens eram mais altas, ela procurou um lugar para se esconder.

Não encontrou nada que servisse e a dor nos pulmões começava a se tornar insuportável quando viu uma abertura escura, parcialmente encoberta por uma moita de arbustos, no meio da encosta, à sua esquerda.

Gemendo e chorando, ela escalou a margem alta do rio, como um ratinho procurando abrigo, lançou-se para dentro do buraco. A cabeça entrou, mas não os ombros. A abertura era muito pequena. Cristine sentou sobre os calcanhares e bateu nos lados do buraco com os punhos fechados.

A terra era solta e começou a desmoronar. Cristine cavou febrilmente e, depois

de alguns momentos, conseguiu entrar no buraco.

O espaço era pouco. Ela se ajeitou na posição fetal, com a sensação terrível de estar presa numa garrafa. Com o olho direito podia ver alguns metros do rio, por sobre a entrada da abertura. Não apareceu ninguém. Mas viu a fumaça negra subindo da direção da casa. Suas mãos estavam juntas, na altura do pescoço, e ela segurou o pequeno crucifixo que usava desde pequena. Segurou-o com força e esperou.

seis

Quando o sol começou a descer no horizonte, atrás dela, a menina ficou mais animada. Temia que um deles a tivesse visto quando fugia, mas a cada hora que passava, suas chances melhoravam. Rezou para a noite chegar depressa. Seria quase impossível ser encontrada no escuro.

Uma hora depois de o sol se pôr, ouviu patas de cavalos no baixio e conteve a respiração. A noite estava escura, sem lua, e não dava para ver nada. O ruído foi diminuindo e morreu na distância.

Sua boca estava tão seca que era difícil até engolir, e o latejar dos joelhos feridos parecia ecoar por todo seu corpo. Ela teria dado qualquer coisa para esticar o corpo. Mas não podia se mover mais do que dois centímetros em cada direção. Não podia se virar e todo seu lado esquerdo estava adormecido.

Enquanto a noite mais longa de sua vida arrastava-se interminavelmente, o desconforto crescia e explodia como uma febre e ela recorria a todas as suas forças para não entrar em pânico. Teria morrido de choque se não se controlasse, mas Cristine sempre encontrava um meio de acalmar aqueles acessos de histeria. Se havia em tudo aquilo alguma misericórdia era o fato de ela não pensar, nem por um minuto, no que tinha acontecido à sua família e aos amigos. Uma vez ou outra, ouvia o último gemido do pai. O que ela ouviu quando o machado do pawnee enterrou-se 104

nas suas costas. Mas sempre conseguia parar de pensar, não permitindo que nada mais entrasse em sua mente. Sempre teve fama de ser valente e foi essa valentia que a salvou.

Mais ou menos à meia-noite ela adormeceu e acordou alguns minutos depois com uma claustrofobia frenética. Como o laço corrediço de uma corda, quanto

mais ela procurava se mover, mais parecia ficar presa no espaço minúsculo.

Seus gritos dolorosos ecoavam no baixio.

Finalmente, sem forças para gritar, entregou-se a um choro longo e reparador. Quando as lágrimas também acabaram, ela estava exausta, calma, fraca como um animal preso há horas numa armadilha.

Procurando afastar a idéia de sair do esconderijo, concentrou-se numa série de atividades para se sentir mais confortável. Começou movendo os pés para trás e para frente, desistindo de um dedo só quando conseguia mexer com ele, separado dos outros. Suas mãos estavam relativamente livres e ela apertou as pontas dos dedos umas contra as outras até esgotar todas as combinações possíveis de movimentos. Contou os dentes. Recitou o Pai-Nosso, soletrando cada palavra. Compôs uma longa canção sobre o que era estar naquele buraco na terra. Depois, cantou o que tinha inventado.

sete

Quando surgiu a primeira luz da manhã, ela começou a chorar outra vez, certa de que não ia suportar outro dia. Estava no limite das suas forças.

Assim, quando ouviu o ruído de patas de cavalos, a idéia de morrer nas mãos de alguém parecia muito melhor do que morrer naquele buraco.

— Socorro! – gritou. – Ajudem-me!

Os cavalos pararam imediatamente. Alguém subia a encosta, pisando nas pedras. O ruído de passos cessou e o rosto de um índio apareceu na entrada do buraco. Cristine não queria olhar para ele, mas não podia virar a cabeça. Fechou os olhos na frente do comanche atônito.

— Por favor... me tire daqui – murmurou ela.

Num instante, mãos fortes a tiraram para fora, para o sol. Cristine não podia ficar de pé. Sentou no chão, estendendo as pernas aos poucos, enquanto os índios discutiam o que fazer com ela.

A maioria achava que não lucrariam nada a levando com eles. Ela era muito pequena, muito magra e muito fraca. Se ficassem com aquela coisinha patética

seriam acusados da carnificina feita pelos pawnees na casa de barro.

O chefe pensava diferente. As pessoas da casa de barro provavelmente não seriam encontradas por algum tempo. O lugar era muito 105

distante e isolado. E então os comanches já estariam longe. Tinham apenas dois cativos, dois mexicanos, e cativos eram sempre valiosos. Se a menina morresse a caminho da aldeia, eles a deixariam ao lado da trilha e ninguém ia saber de nada. Se ela sobrevivesse, podia ser útil trabalhando na aldeia ou como objeto de troca, se fosse o caso. O chefe lembrou aos outros da tradição da tribo de que os cativos tornavam-se quase sempre bons comanches e nunca era demais ter bons comanches.

O assunto foi resolvido rapidamente. Talvez o argumento dos que preferiam matá-la fosse melhor, mas o homem que era a favor de levá-la com eles era um jovem guerreiro com um futuro muito promissor na chefia da aldeia e ninguém queria ir contra ele.

oito

Cristine sobreviveu a todas as privações da longa viagem, em parte graças aos cuidados do jovem guerreiro de futuro promissor que, como ela aprendeu mais tarde, chamava-se Pássaro Esperneante.

Com o passar do tempo, ela compreendeu que aquele povo era o seu povo e muito diferente dos que tinham massacrado sua família e seus amigos. Os comanches tornaram-se o seu mundo e ela os amava tanto quanto odiava os pawnees. Mas, ao passo que esse ódio permaneceu vivo em seu coração, a lembrança da família perdida foi desaparecendo aos poucos, como que tragada por areia movediça.

Até esse dia, o dia em que ela desenterrou o seu passado.

Porém, De Pé com Punho não estava pensando naquelas imagens claras e vívidas quando saiu da sombra do álamo e caminhou para o rio.

Quando entrou na água e lavou o rosto, não pensava na mãe ou no pai. Eles tinham desaparecido há muito tempo e a lembrança não lhe era de nenhuma utilidade.

Olhando para a outra margem do rio, pensava só nos pawnees, imaginando se eles iam aparecer no território dos comanches naquele verão.

No íntimo, desejava que aparecessem. Queria outra oportunidade para sua vingança.

Alguns verões atrás, essa oportunidade havia surgido e ela a aproveitou ao máximo. Surgiu sob a forma de um guerreiro arrogante apanhado vivo pelos comanches para exigirem resgate.

De Pé com Punho e um grupo de mulheres foram receber os guerreiros comanches que voltavam com o prisioneiro na entrada da aldeia.

E foi ela quem chefiou o ataque que os guerreiros comanches não conseguiram evitar. Tiraram o pawnee do cavalo e o fizeram em pedaços ali mesmo. De Pé com Punho foi a primeira a cravar a faca no inimigo e só se afastou quando o homem estava reduzido a pedaços ensanguentados.

106

Aquela retaliação foi muito gratificante, mas não o suficiente para que ela não sonhasse com outra oportunidade.

Voltando pela trilha pouco usada, sentiu que aquela visita ao passado a tornara mais comanche do que nunca. Caminhava com a cabeça erguida e o coração fortalecido.

O soldado branco parecia sem importância agora. Resolveu que falaria com ele apenas o que De Pé com Punho tivesse vontade de falar.

107

CAPÍTULO XVII

um

A visita dos três jovens montados em seus pôneis foi uma surpresa.

Tímidos e respeitosos, pareciam mensageiros, mas o Tenente Dunbar ficou alerta. Não conhecia ainda as diferenças tribais e, para ele, os três homens

podiam ser qualquer coisa.

Com o rifle no ombro, ele caminhou cem metros atrás do armazém para ir ao encontro deles. Um dos jovens fez a saudação usada pelo índio quieto e Dunbar respondeu com sua costumeira inclinação de cabeça.

A conversa por meio de gestos foi curta e simples. Os índios o convidaram para acompanhá-los à aldeia e o tenente concordou. Esperaram enquanto ele passava o bridão em Cisco, falando em voz baixa, mas o Tenente Dunbar não lhes deu muita atenção.

Estava ansioso para saber o que eles queriam e ficou satisfeito quando se afastaram do forte a galope.

dois

Era a mesma mulher e, embora estivesse um pouco afastada deles no fundo da tenda, Dunbar olhava constantemente para ela. O vestido de pele de gamo não permitia que ele descobrisse se o ferimento estava cicatrizado.

Ela parecia estar bem fisicamente, mas seu rosto era inexpressivo.

Um pouco sombrio, mas de um modo geral não revelava nenhum sentimento. Dunbar olhava para ela com insistência porque tinha certeza de que a mulher era o motivo principal daquele convite. Queria que eles fossem direto ao assunto, mas sua experiência limitada com os índios o ensinara a ser paciente.

Assim, esperou que o curandeiro preparasse cuidadosamente seu cachimbo. Dunbar olhou outra vez para De Pé com Punho. Por uma fração de segundo, seus olhos se encontraram e ele notou novamente que eram muito mais claros do que os dos índios da aldeia. Lembrou as palavras dela na pradaria, “não faça isso!” E, então, o cabelo cor de cereja adquiriu um novo significado para ele. Dunbar sentiu um frio na espinha.

Oh, meu Deus, pensou, essa mulher é branca.

O tenente percebeu que Pássaro Esperneante estava atento à mulher sentada no fundo da tenda. Quando ofereceu o cachimbo ao visitante especial, ele olhou de relance para ela.

O Tenente Dunbar não sabia o que fazer com o cachimbo e Pássaro Esperneante delicadamente o ajudou, ensinando-o a segurar o tubo longo e macio no ângulo certo. O fumo era forte e áspero, mas Dunbar gostou do aroma. Um bom fumo. O cachimbo também era fascinante. Pesado na mão, ficava extremamente leve quando se começava a fumar, como se fosse sair voando dos seus dedos, se se descuidasse.

Os dois fumaram por alguns momentos, passando o cachimbo de um para o outro. Então, Pássaro Esperneante pôs o cachimbo no chão, cuidadosamente. Olhou para De Pé com Punho e, com um pequeno movimento da mão, mandou que ela se aproximasse.

Depois de uma pequena hesitação, ela apoiou a mão no chão e se levantou. O Tenente Dunbar, sempre cavalheiro, levantou-se de um salto, provocando com isso uma tremenda confusão.

Tudo aconteceu rápida e violentamente. Dunbar só viu a faca quando a mulher já estava quase em cima dele. O braço de Pássaro Esperneante chocou-se com seu peito e ele caiu para trás. Antes de tocar o chão, viu a mulher avançar agachada, pontuando as palavras ferozes com movimentos agressivos da mão que segurava a faca.

Pássaro Esperneante lançou-se sobre ela e enquanto torcia o pulso da mulher com uma das mãos, até fazer cair a faca, com a outra a empurrou para o chão. O tenente sentou no momento em que Pássaro Esperneante voltava-se para ele com um brilho ameaçador nos olhos escuros.

Desesperado para desfazer o terrível mal-entendido, Dunbar ficou de pé e sacudiu as mãos várias vezes, repetindo, “não, não”. Fez então a leve inclinação que usava para cumprimentar os índios em Forte Sedgewick, apontou para a mulher no chão e curvou-se outra vez.

Então Pássaro Esperneante compreendeu. O homem branco estava apenas tentando ser delicado. Não pretendia atacar ninguém. Disse alguma coisa para De Pé com Punho e ela levantou-se e ficou imóvel, com os olhos baixos, evitando qualquer contato com o soldado branco.

Por um momento, os três ficaram imóveis.

O Tenente Dunbar esperou. Pássaro Esperneante passou o dedo longo e escuro no lado do nariz, meditando, concentrado. Então murmurou alguma coisa para De Pé com Punho e ela ergueu os olhos. Pareciam mais claros do que antes. E mais inexpressivos. E olhavam diretamente para Dunbar.

Por meio de gestos, Pássaro Esperneante pediu ao tenente para sentar.

Voltaram à posição anterior, um de frente para o outro. O curandeiro disse mais alguma coisa em voz baixa para a mulher e ela se adiantou, sentando com a leveza de uma pena a menos de um metro de Dunbar.

Pássaro Esperneante olhou de um para o outro, na expectativa. Levou a ponta de um dedo aos lábios, uma e duas vezes, até o tenente entender que devia dizer alguma coisa para a mulher sentada ao seu lado.

O tenente avançou um pouco a cabeça para ela, até conseguir ver um pedacinho dos olhos claros.

— Alô – disse ele.

Ela piscou os olhos rapidamente.

— Alô – repetiu Dunbar.

De Pé com Punho lembrou-se da palavra. Mas sua língua branca estava enferrujada como uma dobradiça velha. Tinha medo do que podia dizer e seu subconsciente rebelava-se ainda contra aquela conversa. Depois de várias tentativas silenciosas, conseguiu.

— Ulô – respondeu rapidamente, abaixando a cabeça.

Pássaro Esperneante ficou tão entusiasmado que, contrariando seus hábitos, bateu com a mão aberta na perna. Estendeu o braço e tocou na mão de Dunbar, pedindo a ele para continuar falando.

— Fala? – perguntou o tenente, completando a pergunta com o sinal que Pássaro Esperneante tinha usado. – Fala inglês?

De Pé com Punho levou o dedo ao lado da testa e balançou a cabeça afirmativamente, tentando explicar que as palavras estavam na sua cabeça.

Encostou dois dedos nos lábios e agora com um gesto de negação, mostrou que o problema estava na sua língua.

O tenente não compreendeu tudo. Os olhos dela continuavam inexpressivos e hostis, mas a descontração dos movimentos parecia indicar que estava disposta a se comunicar.

— Eu sou... – começou ele, apontando para sua túnica. – Eu sou John.

Eu sou John.

Os olhos dela mantinham-se fixos na boca de Dunbar.

— Eu sou John – repetiu ele.

De Pé com Punho moveu os lábios silenciosamente, ensaiando a palavra. Finalmente, repetiu com perfeita clareza. Ficou chocada. O

Tenente Dunbar ficou chocado.

Ela disse:

— Willie.

Vendo o espanto do tenente, Pássaro Esperneante compreendeu que alguma coisa tinha saído errada. Sem poder fazer nada, viu De Pé com Punho começar uma pantomima complicada. Cobriu os olhos com as mãos e esfregou o rosto. Cobriu o nariz como para não sentir um cheiro desagradável e balançou a cabeça freneticamente. Então, apoiou as palmas das mãos no chão e deu um suspiro profundo, movendo os lábios silenciosamente. O coração de Pássaro Esperneante se apertou. Talvez ele tivesse esperado muito da experiência.

O Tenente Dunbar também não entendeu nada. Pensou que o longo cativeiro a tinha enlouquecido.

Mas a experiência de Pássaro Esperneante, embora extremamente difícil, não era demais para ela. E De Pé com Punho não estava louca. As 110

palavras do soldado branco, suas lembranças e a língua antiga misturavam-se em sua mente. Escolher a coisa certa era como tirar uma carta com os olhos fechados. De Pé com Punho olhou vagamente para o espaço, procurando desfazer a confusão.

Pássaro Esperneante começou a falar, mas ela o interrompeu com uma torrente de comanche.

De Pé com Punho fechou os olhos por alguns momentos. Quando os abriu, olhou para o tenente por entre o cabelo despenteado e ele pôde notar que estavam mais calmos. Com um gesto lento da mão, pediu em comanche para ele dizer mais alguma coisa.

Dunbar pigarreou.

— Eu sou John – disse, pronunciando cada palavra cuidadosamente.

– John... John...

Mais uma vez os lábios dela ensaiaram a palavra silenciosamente e, então, ela disse:

— Jun.

— Sim – Dunbar, extasiado, fez um gesto afirmativo. – John.

— Jun – ela repetiu.

O Tenente Dunbar inclinou a cabeça para trás. Era um som doce para ele, o som de seu nome. Há meses não o ouvia.

De Pé com Punho não pôde conter um sorriso. Sua vida recente parecia repleta de testas franzidas. Era bom poder rir de alguém, nem que fosse um pouco.

Os dois olharam para Pássaro Esperneante.

Ele não sorria. Mas seus olhos tinham um tênue brilho de felicidade.

três

O processo foi lento naquela tarde. De Pé com Punho demorava muito nas suas

tentativas de repetir as palavras simples ditas por Dunbar.

Às vezes repetiam palavras de uma sílaba dez ou doze vezes, num esforço tedioso e cansativo. A pronúncia também deixava muito a desejar. Não era exatamente o que se podia chamar de conversa.

Mas Pássaro Esperneante estava muito esperançoso. De Pé com Punho disse a ele que lembrava muito bem as palavras da língua dos brancos. Só tinha dificuldade em pronunciá-las. O curandeiro sabia que a prática ia desenferrujar a língua dela e sua mente galopava com a perspectiva do dia em que a conversa entre eles fosse fácil e repleta de informações.

Ficou um pouco irritado quando um dos seus auxiliares entrou na tenda e disse que precisavam dele para dirigir os preparativos finais da dança daquela noite.

111

Mas foi com um sorriso que apertou a mão do homem branco e despediu-se dele com palavras dos cabelos na boca.

— Ulô, Jun.

quatro

Dunbar não entendeu muito bem aquele final brusco da reunião.

Aparentemente tudo tinha ido muito bem. Algo de mais importante com certeza teria acontecido.

Na porta da tenda de Pássaro Esperneante, Dunbar olhou para a rua principal da aldeia. Estavam se reunindo num espaço aberto, no fim da rua perto da tenda com o desenho do urso. Ele queria ficar, ver o que ia acontecer.

Mas o índio quieto já tinha desaparecido no meio do povo. Ele viu a mulher, tão pequena entre os índios que também não eram muito grandes, caminhando entre duas mulheres. De Pé com Punho não olhou para ele, mas o tenente a seguiu com os olhos, vendo duas pessoas numa só, a mulher branca e a mulher índia.

Então com surpresa, ele viu o garoto risonho montado em Cisco, aproximando-se dele. O menino puxou a rédea, saltou do cavalo, acariciou o pescoço de Cisco

e disse alguma coisa que o tenente interpretou como um elogio às virtudes do seu animal.

A multidão aumentava na clareira agora e ninguém se preocupava com o homem de uniforme. O tenente pensou outra vez em ficar, mas sabia que, sem um convite formal, não seria bem-vindo. Ninguém o convidou.

O sol começava a descer para o horizonte e seu estômago roncava de fome. Se quisesse chegar ao forte antes do anoitecer, evitando muito trabalho para preparar o jantar, precisava correr. Montou, virou Cisco para a saída da aldeia e partiu num galope macio.

Quase na saída ele viu uns doze homens reunidos atrás de uma das últimas tendas. Usavam roupas vistosas e variadas e tinham os corpos pintados com desenhos de cores fortes. Como chapéu, todos usavam uma cabeça de búfalo completa, com chifres e pêlos. Só os olhos escuros e os narizes grandes eram visíveis sob os estranhos capacetes.

Dunbar ergueu o braço quando passou por eles. Alguns olharam na sua direção, mas nenhum retribuiu o cumprimento e o tenente seguiu seu caminho.

cinco

As visitas de Duas Meias não se limitavam mais ao fim da tarde ou ao começo da manhã. Agora o velho lobo aparecia a qualquer hora e ficava 112

muito à vontade nos domínios do Tenente Dunbar, como um cão de acampamento. A distância entre os dois diminuía gradualmente e a familiaridade crescia. Enquanto o tenente solitário fazia seu trabalho, geralmente Duas Meias o observava a menos de sete metros. Quando ele começava a escrever no seu diário, o lobo deitava no chão tranquilamente piscando os olhos amarelos com curiosidade.

Dunbar sentiu-se muito sozinho na viagem de volta ao forte. O fim brusco do encontro com a mulher que era duas pessoas e a excitação misteriosa do povo da aldeia (na qual ele não tomou parte) trouxeram de volta sua antiga inimiga, a sensação de não ser aceito. Durante toda a vida o tenente sentira a necessidade de participar e, como acontece com muitos mortais, muitas vezes tinha de enfrentar a solidão. No caso do Tenente Dunbar, a solidão era a característica dominante da sua vida, por isso foi com satisfação que viu o velho Duas Meias

levantando-se sob o toldo quando entrou no forte no começo da noite.

O lobo foi até o pátio e sentou calmamente quando Dunbar apeou de Cisco.

O tenente viu que havia mais alguma coisa sob o toldo. Era uma galinha da planície grande e gorda, e morta há pouco tempo. O sangue no pescoço da ave ainda estava úmido. Porém, fora as marcas de dentes, a galinha estava intacta. Sem uma pena fora do lugar. Um enigma que só podia ter uma solução e o tenente olhou para Duas Meias.

— Isto é seu? – perguntou.

O lobo ergueu os olhos e piscou enquanto o Tenente Dunbar examinava outra vez a galinha.

— Muito bem – Dunbar deu de ombros. – Acho que é nosso.

seis

O tenente depenou, limpou e grelhou a ave na fogueira sob o olhar atento de Duas Meias. Enquanto a galinha estava no espeto, o lobo seguiu Dunbar até o curral e esperou pacientemente que ele preparasse a ração de Cisco. Então voltou para perto do fogo, à espera do banquete.

Era uma boa ave, macia e com muita carne. O tenente comeu devagar, tirando as tiras de carne dos ossos, e jogando uma ou outra para Duas Meias. Quando terminou, atirou a carcaça no pátio e o velho lobo desapareceu com ela dentro da noite.

O tenente sentou na cadeira de lona, fumando, ouvindo os ruídos da noite. Pensou no longo caminho que tinha percorrido em tão pouco tempo.

Antes, aqueles mesmos sons o deixavam nervoso, impediam-no de dormir.

Agora eram tão familiares que chegavam a ser reconfortantes.

Pensou naquele dia e achou que tinha sido muito bom. Enquanto o fogo se extinguia e ele fumava o segundo cigarro, Dunbar pensou como era maravilhoso

poder se comunicar pessoal e diretamente com os índios.

Congratulou-se pelo bom serviço que estava prestando como representante dos Estados Unidos da América. E sem nenhuma orientação oficial.

De repente, pensou na Guerra Civil. Talvez ele não fosse mais um representante dos Estados Unidos. Talvez a guerra tivesse terminado. Os Estados Confederados da América... Dunbar não podia imaginar uma coisa dessas. Mas podia ser. Há muito tempo ele não tinha nenhuma informação a respeito.

Tudo isso o fez pensar em sua carreira e teve de admitir que pensava cada vez menos no exército. O fato de estar no meio de uma grande aventura era responsável por essa omissão, mas ali sentado perto do fogo quase extinto e ouvindo os coiotes na margem do rio, perguntou a si mesmo se não teria encontrado uma vida melhor. Uma vida para a qual precisava muito pouco. Cisco e Duas Meias não eram humanos, mas sua lealdade inabalável era gratificante, como nenhum relacionamento humano podia ser. Dunbar estava feliz com eles.

E havia os índios. Dunbar gostava deles. Pelo menos eram vizinhos excelentes, educados, sinceros e generosos. Embora ele fosse branco demais para adotar os costumes dos nativos, sentia-se bem no meio deles.

Os índios possuíam uma certa sabedoria de vida. Talvez por isso sentia-se atraído por eles. O tenente nunca sentia muita necessidade de aprender coisas. Ele realizava coisas, às vezes com perfeição. Mas sentia que essa característica da sua personalidade estava mudando.

Sim, ele pensou, é isso. Posso aprender com eles. Eles sabem das coisas. Se o exército jamais chegar aqui, acho que ninguém vai perder grande coisa.

De repente, Dunbar sentiu sono. Com um bocejo, jogou o cigarro nas brasas da fogueira e estendeu os braços acima da cabeça.

“Dormir”, disse ele, “agora vou dormir como um morto, a noite inteira.”

sete

O Tenente Dunbar acordou alarmado na escuridão da madrugada.

Sua cabana de barro estava tremendo. A terra tremia também e um som trovejante enchia o ar.

Ele saltou da cama e escutou com atenção. O som vinha de muito perto, de algum ponto da margem do rio.

Vestiu a calça, calçou as botas e saiu da cabana. Lá fora o som era mais forte e enchia a noite, ressoando com um eco na pradaria.

114

Dunbar sentiu-se muito pequeno.

O trovão não se dirigia para ele e, sem saber exatamente por quê, descartou a possibilidade de que toda aquela energia solta na planície fosse resultado de algum fenômeno da natureza, como um terremoto ou uma enchente. Alguma coisa viva fazia a terra tremer e ele tinha de ver o que era.

A luz da lanterna era ínfima comparada ao estrondo que se fazia ouvir em algum ponto à sua frente. Não tinha caminhado nem cem metros no topo da colina quando avistou algo à luz fraca da lanterna. Era poeira, uma parede enorme erguia-se em direção ao céu, como um mar revolto.

O tenente diminuiu o passo à medida que se aproximava. E então, de repente, compreendeu que o som era provocado por milhares de patas e que a poeira era provocada por uma quantidade incrível de animais. Dunbar mal podia acreditar no que estava vendo.

Os búfalos.

Um deles saiu da nuvem de poeira. E outro e mais outro. Dunbar os via passar rapidamente, uma visão tão magnífica como se os animais estivessem parados à sua frente. Naquele momento, a imagem do búfalo gravou-se para sempre na lembrança de Dunbar.

Naquele instante, sozinho com sua lanterna, ele compreendeu o que o búfalo significava para o mundo no qual vivia. Era como o oceano para os peixes, o céu para os pássaros, o ar para os pulmões humanos.

Os búfalos eram a vida da pradaria.

E agora milhares e milhares deles desciam a margem alta, atravessavam o rio com a facilidade com que um trem passa por uma poça d’água. Subiam a outra margem e entravam na campina, seguindo para um lugar que só eles conheciam, uma torrente de cascos e chifres e carne atravessando a paisagem com uma força além da imaginação.

Dunbar deitou a lanterna ao chão e começou a correr. Parou apenas para apanhar o bridão de Cisco. Nem vestiu a camisa. Montou e saiu a galope. Com o peito encostado no pescoço do pequeno castanho, afrouxou completamente a rédea.

oito

A aldeia cintilava à luz das fogueiras quando o Tenente Dunbar desceu para a depressão onde ficavam as tendas e galopou pela rua central.

Agora via as chamas da fogueira maior e as pessoas em volta dela, os homens com cabeças de búfalo dançando, e ouvia os tambores e o canto profundo e ritmado.

Mas Dunbar parecia não estar consciente do espetáculo, assim como não estava consciente da viagem que acabava de fazer, galopando a toda 115

velocidade, percorrendo quilômetros e quilômetros de pradaria. Não via o suor que cobria todo o corpo de Cisco. Tinha uma única coisa em mente quando entrou galopando na rua principal da aldeia... a palavra comanche para búfalo. Ele a repetia e repetia mentalmente, tentando lembrar a pronúncia exata.

Agora estava gritando. Mas, com os tambores e o canto, ninguém tinha percebido ainda sua chegada. Quando estava próximo do fogo, Dunbar tentou parar Cisco, mas o cavalo com o impulso da louca corrida não obedeceu ao comando.

Cavalo e cavaleiro entraram a galope no meio da dança, espalhando comanches para todos os lados. Com um esforço supremo, o tenente puxou a rédea, mas quando os quartos traseiros de Cisco roçaram o chão, seu pescoço e sua cabeça levantaram-se e as patas dianteiras agitaram-se loucamente no ar. Dunbar deslizou das costas suadas do cavalo e caiu no chão com um baque surdo.

Antes que pudesse fazer um movimento, uma meia dúzia de guerreiros furiosos estava em cima dele. Um dos homens, com uma maça, podia ter terminado tudo

naquele momento, mas os homens amontoados uns sobres os outros não podiam acertar o tenente.

Rolaram no chão numa bola caótica. Dunbar gritava “búfalo”, enquanto se defendia dos socos e pontapés. Mas ninguém entendia e alguns dos golpes começavam a acertar o alvo.

De repente, ele sentiu diminuir o peso que o prendia ao solo. Alguém estava gritando acima do tumulto e a voz lhe pareceu familiar.

Então, não tinha mais ninguém em cima dele. Dunbar estava deitado no chão sozinho, olhando atordoado para uma multidão de rostos. Um deles se aproximou.

Pássaro Esperneante.

O tenente disse:

— Búfalo.

Respirava com dificuldade e sua voz saiu num murmúrio.

Pássaro Esperneante chegou para perto.

— Búfalo – disse o tenente, ofegante.

Pássaro Esperneante resmungou e balançou a cabeça. Encostou o ouvido num canto da boca de Dunbar e o tenente repetiu a palavra, esforçando-se para pronunciar direito.

— Búfalo.

Os olhos de Pássaro Esperneante estavam outra vez na frente do rosto de Dunbar.

— Búfalo?

— Sim – respondeu Dunbar com um fraco sorriso iluminando seu rosto. – Sim... búfalo... búfalo.

Exausto, ele fechou os olhos e ouviu Pássaro Esperneante gritar a palavra no silêncio que agora envolvia a aldeia.

A resposta foi um rugido de alegria saído da garganta de cada comanche e, por uma fração de segundo, o tenente pensou que ia desmaiar com a força daquele brado. Piscando os olhos para afastar a névoa que os cobria, sentiu que braços fortes o levantavam do chão.

Quando o ex-tenente ergueu os olhos, foi recebido por um mar de rostos sorridentes. Estava rodeado por todo o povo da aldeia.

CAPÍTULO XVIII

um

Foram todos.

O acampamento na margem do rio ficou praticamente deserto quando a caravana partiu ao raiar do dia.

Grupos de observadores avançados dirigiram-se para todas as direções. O grupo de guerreiros montados ia na frente. Vinham depois as mulheres e as crianças, algumas a cavalo, outras não. As que iam a pé caminhavam ao lado de pôneis que puxavam as macas com todo o material necessário. Os muito velhos também viajavam nas macas de rede puxadas por pôneis.

Tudo era espantoso. A extensão incrível da coluna, a velocidade com que viajavam, o barulho que faziam, a organização perfeita que designava uma tarefa para cada um.

Mas para o Tenente Dunbar, o mais extraordinário era o modo com que estava sendo tratado. Praticamente da noite para o dia passou de alguém visto pelos índios com desconfiança ou indiferença para uma posição importante no grupo. As mulheres sorriam abertamente para ele e os guerreiros chegavam a partilhar suas piadas com o tenente. As crianças, que eram em grande número, procuravam sua companhia e às vezes tornavam-se incômodas.

Tratando-o desse modo, os comanches revelavam uma característica

completamente nova de sua natureza e deixavam de ser o povo desconfiado e estóico que ele conhecia. Agora era um grupo de pessoas decididas e alegres, e era assim que o tenente se sentia.

A chegada dos búfalos teria, de qualquer modo, melhorado a disposição dos comanches, mas o tenente sabia que a sua presença acrescentava brilho à empreitada e, certo disso, ele cavalgava ereto e orgulhoso, atravessando a pradaria.

Muito antes de chegarem ao Forte Sedgewick, um grupo de observadores avançados trouxe a notícia de que tinham encontrado as marcas da passagem do búfalo exatamente onde o tenente dissera que devia estar e logo foram despachados mais homens para descobrir a localização exata do campo de pasto da manada.

Cada homem saiu levando vários cavalos descansados atrás de si.

Iam cavalgar até encontrar a manada e depois voltar, para avisar a coluna sobre o número aproximado de animais e a distância que estavam deles.

Avisariam também a presença de qualquer inimigo que estivesse invadindo o campo de caça dos comanches.

Enquanto a coluna passava, Dunbar foi até o forte. Apanhou um bom suprimento de fumo, seu revólver, o rifle, uma túnica, a ração de Cisco e em poucos minutos estava outra vez ao lado de Pássaro Esperneante e seus auxiliares.

Depois que atravessaram o rio, a um sinal de Pássaro Esperneante, Dunbar adiantou-se e os dois passaram a cavalgar na frente da coluna. Foi então que o tenente viu pela primeira vez o rastro dos búfalos, uma enorme faixa de terra revolvida, com seiscentos metros de largura, estendendo-se a perder de vista na planície, como uma imensa estrada cheia de esterco.

Pássaro Esperneante descrevia alguma coisa com gestos que o tenente não compreendia, quando duas nuvens de poeira surgiram no horizonte. As nuvens aos poucos se transformaram em cavaleiros. Dois observadores avançados.

Puxando os cavalos reservas, chegaram a galope e pararam bem na frente do

grupo de Dez Ursos para fazer o relatório.

Pássaro Esperneante aproximou-se do grupo e Dunbar, sem entender o que estavam dizendo, observava atentamente o curandeiro, procurando descobrir alguma coisa pela expressão do seu rosto.

Mas o que ele viu não o ajudou muito. Se entendesse a língua, ficaria sabendo que a manada estava pastando num grande vale a uns doze quilômetros da coluna, uma distância que podiam percorrer facilmente até o cair da noite.

A conversa ficou animada e o tenente inclinou-se para frente, atento, como se pudesse entender. Os observadores faziam gestos largos, primeiro para o sul, depois para o leste. A expressão dos ouvintes era preocupada agora e depois de várias perguntas aos dois homens, Dez Ursos reuniu seus melhores conselheiros, todos a cavalo, para deliberar.

Logo depois, dois cavaleiros afastaram-se do grupo e galoparam ao longo da coluna. Pássaro Esperneante olhou uma vez para o tenente e Dunbar sentiu que a expressão do curandeiro não dizia tudo que devia ser dito.

Patas de cavalo soaram atrás dele e o tenente, voltando-se, viu uma dúzia de cavaleiros galopando para frente da coluna. O feroz estava no comando.

Pararam perto dos homens de Dez Ursos, receberam instruções e, na companhia de um dos observadores, galoparam velozmente na direção geral de leste.

A coluna começou a se mover outra vez e quando Pássaro Esperneante voltou ao seu lugar viu que os olhos do tenente estavam repletos de perguntas. Não era possível explicar aquilo para ele, aquele presságio nefasto.

Os observadores haviam descoberto inimigos nas vizinhanças, inimigos misteriosos de um outro mundo. Suas ações provavam que eram 119

um povo sem valor e sem alma, predadores selvagens que não respeitavam os direitos dos comanches. Era importante castigá-los pelo que tinham feito.

Assim, Pássaro Esperneante evitou os olhos inquisidores do tenente, olhando para a nuvem de poeira levantada por Vento no Cabelo e seus guerreiros, com uma prece para o sucesso da missão.

dois

Assim que divisou as pequenas saliências rosadas a distância, ele sentiu que ia ver algo muito desagradável. Havia manchas negras nas saliências rosadas e quando a coluna chegou mais perto, Dunbar viu que elas se moviam. Até o ar parecia ter ficado abafado de repente e Dunbar desabotoou outro botão da túnica.

Pássaro Esperneante o levou para frente da coluna por um motivo.

Sua intenção não era punir, mas ensinar e para isso era melhor ver do que ouvir. O impacto seria maior para quem estivesse na frente. Maior para os dois. Era um espetáculo novo também para Pássaro Esperneante.

Como o mercúrio num termômetro, um misto de lamento e repulsa subiu à garganta do tenente. Ele começou a engolir seguidamente para evitar que saísse de sua boca, enquanto ao lado de Pássaro Esperneante, conduzia a coluna pelo centro do campo de morte.

Dunbar contou vinte e sete búfalos. E embora não pudesse contar também, calculou que devia haver pelo menos esse número de corvos em cada corpo. Algumas cabeças de búfalo estavam cobertas de enxames de pássaros negros que lutavam, gritavam e se agrediam disputando os olhos dos búfalos mortos. As carcaças que já não tinham olhos estavam também cobertas de pássaros que andavam de um lado para outro, tirando pedaços e defecando continuamente, como para acentuar a abundância do banquete.

Lobos apareciam vindos de todos os lados. Assim que a coluna passasse, atacariam os ombros, as pernas e as barrigas dos animais mortos.

Mas havia mais do que o suficiente para todos os lobos e todos os pássaros num raio de muitos quilômetros. Dunbar calculou rapidamente que devia haver uns sete mil quilos de carne morta deteriorando no sol da tarde.

Tudo aquilo deixado ali para apodrecer, pensou ele, imaginando se podia ser uma espécie de advertência macabra de um arquiinimigo dos índios.

Vinte e sete peles haviam sido retiradas, do pescoço às ancas dos búfalos, e quando ele passou perto de um animal maior que os outros, viu que não havia língua na sua boca aberta. Mas isso era tudo. O resto ficou para apodrecer na campina.

120

O Tenente Dunbar lembrou então do homem morto na viela. Como aqueles búfalos, ele também estava deitado de lado. A bala tinha entrado pela base da sua cabeça, levando na saída toda a mandíbula do homem.

Nesse tempo ele era apenas John Dunbar, um garoto de quatorze anos. Mais tarde, durante sua vida, vira dezenas de homens mortos.

Homens sem rosto, homens com o cérebro escorrendo para o chão feito mingau derramado. Mas lembrava melhor do primeiro. Especialmente por causa dos dedos.

Ele estava bem atrás do chefe de polícia quando descobriram que os dedos do homem morto tinham sido amputados. O chefe de polícia olhou em volta e disse, para ninguém em particular, “Este cara foi morto por causa dos seus anéis.”

E agora aqueles búfalos mortos, com as entranhas espalhadas pela campina só porque alguém queria suas línguas e suas peles. Para Dunbar era o mesmo tipo de crime.

Quando viu um bezerro ainda não-nascido, preso à barriga aberta da mãe, a mesma palavra que tinha ouvido naquela noite, na viela, surgiu em sua mente como um sinal luminoso.

Assassinato.

Dunbar olhou para Pássaro Esperneante. O curandeiro olhava para o bezerro não-nascido e seu rosto era uma máscara sombria e tristonha.

O tenente se voltou na sela e olhou para a coluna que caminhava entre a carnificina. Famintos como estavam, depois de semanas de escassez, ninguém parou para aproveitar a fartura de carne que os rodeava. Não se ouviam mais as vozes alegres daquela manhã e Dunbar percebeu em todos os rostos a melancolia de quem vê uma boa trilha transformar-se num pesadelo.

três

As sombras dos cavalos eram longas e enormes quando chegaram ao campo de caça. Enquanto as mulheres e crianças tratavam da instalação do acampamento,

quase todos os homens saíram para localizar a manada antes do cair da noite.

O Tenente Dunbar foi com eles.

Mais ou menos a um quilômetro do acampamento encontraram três observadores acampados a cem metros de um baixio do rio.

Deixando os cavalos no sopé, sessenta guerreiros comanches e um homem branco começaram a subir em silêncio a encosta oeste que levava à bacia. Quando estavam perto do topo, todos se deitaram no chão e se arrastaram pelos últimos metros.

121

O tenente olhou para Pássaro Esperneante. O curandeiro sorriu, apontou para frente e levou um dedo aos lábios. Tinham chegado.

A poucos metros de onde ele estava, a terra parecia acabar e só havia céu na sua frente e ele compreendeu que tinham escalado a encosta de um penhasco. Levantou a cabeça para olhar a grande depressão a cem metros abaixo e sentiu no rosto a brisa constante da planície.

Era um vale magnífico com cerca de seis ou sete quilômetros de largura e pelo menos dezesseis de comprimento. A relva mais luxuriante ondulava ao vento.

Mas o tenente mal notou a relva ou o tamanho do vale. Nem o céu, repleto de nuvens agora, e nem o sol poente com seu miraculoso espetáculo de raios em catedral podiam ser comparados ao manto vivo e enorme que cobria o vale.

Era atordoante a ideia de tantos animais ocupando o mesmo espaço.

Os números giravam loucamente na cabeça do tenente. Cinquenta, setenta, cem mil? Talvez mais do que isso? Não dava para calcular.

Ele não saltou nem gritou nem murmurou extasiado e reverente.

Aquela cena deixava todo o resto em suspenso. Ele não sentia as pedras de tamanhos variados sob o corpo. Uma vespa azul pousou na ponta do seu queixo e ele não a espantou. Tudo que podia fazer era piscar os olhos maravilhados com aquele tapete magnífico.

Dunbar estava vendo um milagre.

Quando Pássaro Esperneante bateu em seu ombro, percebeu que sua boca, aberta durante todo aquele tempo, estava seca por causa do vento da pradaria.

Virou a cabeça obedientemente e olhou para a encosta.

Os índios já estavam descendo.

quatro

Cavalgavam no escuro há meia hora quando viram as fogueiras como pontos distantes. A sensação estranha era de sonho.

Estamos em casa, pensou. Aquilo é o nosso lar.

Como podia ser? Um acampamento provisório numa planície distante, ocupada por duzentos nativos com pele diferente da sua, cuja língua era uma mistura de rosnados e gritos, cujas crenças eram ainda um mistério e provavelmente sempre seriam.

Mas naquela noite, ele estava muito cansado. Naquela noite o acampamento prometia o conforto de um lar. Era o lar e ele estava satisfeito por vê-lo.

Os outros, as dezenas de homens seminus com os quais ele tinha cavalgado os últimos poucos quilômetros, sentiam a mesma coisa.

Começaram a conversar outra vez. Os cavalos farejavam o acampamento e andavam quase nas pontas das patas, ansiosos para disparar num trote acelerado.

Dunbar gostaria de ver Pássaro Esperneante entre as sombras vagas que o rodeavam. Os olhos do curandeiro diziam muitas coisas e ali no escuro, numa proximidade tão íntima com aqueles homens selvagens que se aproximavam do seu lar selvagem, ele sentia falta dos olhos reveladores de Pássaro Esperneante.

A meio quilômetro de distância ouviam as vozes e os tambores. Um murmúrio correu pelas fileiras dos guerreiros e, de repente, os cavalos partiram em disparada. Estavam tão juntos e movendo-se num passo tão igual que, por um

momento, o Tenente Dunbar sentiu que era parte de uma energia indestrutível, uma onda de homens e cavalos que ninguém ousava deter.

Os homens gritavam estridentemente como coiotes e Dunbar, levado pelo entusiasmo, deu também alguns gritos de alegria.

Via agora as chamas das fogueiras e as silhuetas das pessoas.

Perceberam a chegada dos homens e algumas delas corriam para a campina ao encontro deles.

Dunbar teve uma sensação estranha, a impressão de que o acampamento estava anormalmente agitado, de que alguma coisa importante tinha acontecido durante a ausência dos homens. Olhava atentamente para todos os lados, à procura de uma pista para a diferença.

Então ele viu a carroça, parada perto da maior fogueira, tão deslocada quanto uma carruagem flutuando no mar.

Havia gente branca no acampamento.

Ele puxou rapidamente as rédeas de Cisco, deixando que os outros passassem na frente, enquanto pensava no assunto.

A carroça era muito primitiva, muito feia. Enquanto Cisco dançava impaciente, Dunbar sobressaltou-se com os próprios pensamentos. Não queria ouvir as vozes que tinham vindo na carroça. Não queria ver os rostos brancos que estariam tão ansiosos para vê-lo. Não queria responder suas perguntas. Não queria saber as novidades que ignorava.

Mas não tinha escolha. Não podia ir para nenhum outro lugar. Soltou um pouco a rédea de Cisco e avançou lentamente.

Parou a menos de quinze metros. Os índios dançavam alegremente enquanto os observadores saltavam dos cavalos. Dunbar esperou que os pôneis fossem levados embora e examinou atentamente todos os rostos que podia ver.

Não havia nenhum branco.

Aproximou-se mais e parou novamente, sempre procurando.

Nenhum homem branco.

123

Viu feroz e o homem do seu pequeno grupo que havia deixado o acampamento naquela tarde. Pareciam ser o centro das atenções. Aquilo era sem dúvida mais do que uma recepção comum. Era uma comemoração.

Compridas varetas passavam de mão em mão. Eles gritavam. Os outros, reunidos em volta, gritavam também.

Dunbar e Cisco aproximaram-se mais e o tenente viu então o que havia de errado. Não eram varetas, mas lanças. Um deles aproximou-se de Vento no Cabelo e ergueu sua lança no ar. Ele não sorria, mas sem dúvida estava feliz. Quando soltou um grito longo e vibrante, Dunbar viu o cabelo perto da ponta da lança.

No mesmo instante compreendeu que era um escalpo. Um escalpo recente. O cabelo era negro e crespo.

Olhou para as outras lanças. Outras duas tinham escalpos, um castanho-claro, o outro cor de areia, quase louro. Olhou rapidamente para a carroça e viu o que não tinha notado antes. Estava cheia de peles de búfalo.

E então tudo ficou claro como um céu sem nuvens.

As peles pertenciam aos búfalos mortos e os escalpos pertenciam aos homens que os tinham assassinado, homens que estavam vivos naquela tarde. Homens brancos. O tenente ficou confuso e atordoado. Não podia participar daquilo, nem como espectador. Tinha de ir embora.

Quando fez Cisco dar meia-volta para partir, seus olhos encontraram os de Pássaro Esperneante. O curandeiro estava sorrindo, mas quando viu o Tenente Dunbar na sombra, fora da luz da fogueira, o sorriso desapareceu.

Então, como para evitar que o soldado branco ficasse embaraçado, virou de costas.

Dunbar queria acreditar que o coração de Pássaro Esperneante estava com ele, que, de certo modo, compreendia sua confusão. Mas não podia pensar agora.

Precisava sair e ficar sozinho. Deu uma volta, evitando o centro do acampamento, apanhou seus pertences e saiu para a pradaria com Cisco. Cavalgou até não avistar mais as fogueiras. Estendeu sua cama de campanha no chão e deitou olhando para as estrelas, tentando se convencer de que os homens mortos não eram bons e mereciam morrer. Mas não conseguia. Não tinha certeza disso e mesmo que tivesse... bem, não competia a ele julgar. Queria acreditar que Vento no Cabelo e Pássaro Esperneante e todos os outros que tomaram parte naquelas mortes não estavam felizes com seu feito. Mas estavam.

Mais do que qualquer coisa, queria acreditar que ele não estava ali.

Queria acreditar que estava flutuando para as estrelas. Mas não estava.

Ouviu Cisco deitar na relva com um suspiro pesado. Tudo estava quieto agora e os pensamentos de Dunbar se voltaram para dentro, para ele mesmo. Ou melhor, para o que não parecia existir. Ele não pertencia aos índios. Não pertencia aos brancos. E não tinha chegado a hora de pertencer às estrelas.

Pertencia exatamente ao lugar em que estava agora. A lugar nenhum.

Um soluço subiu à sua garganta. Dunbar engoliu em seco para detê-lo. Mas outros vieram e Dunbar não via por que devia contê-los por mais tempo.

cinco

Alguém bateu em suas costas. Dunbar acordou pensando que era um sonho. O cobertor estava pesado e úmido de orvalho. Devia ter coberto a cabeça com ele durante a noite.

Ergueu a ponta do cobertor e espiou para a luz incerta da manhã.

Cisco estava de pé, sozinho, na relva a poucos metros dele, com as orelhas empinadas.

Outra vez. Alguém o empurrou de leve nas costas com a ponta do pé.

O Tenente Dunbar jogou para longe o cobertor e olhou para o homem que estava de pé ao seu lado.

Era Vento no Cabelo, com linhas cor de terra pintadas no rosto sério e um rifle novo em folha na mão. Ele começou a levantar o rifle e o tenente conteve a respiração. Sua vez tinha chegado. Imaginou seus cabelos na ponta da lança de feroz.

Mas o índio ergueu mais o rifle e sorriu. Cutucou o lado do tenente com a ponta do pé e disse algo em comanche. O tenente ficou imóvel e Vento no Cabelo apontou o rifle para uma caça imaginária. Depois, pôs um pedaço de carne imaginário na boca e, como se estivesse brincando com um velho amigo, cutucou outra vez as costelas de Dunbar com a ponta do mocassim.

seis

Cavalgaram a favor do vento, todos os homens aptos do grupo, em formação de ferradura, um crescente móvel com mais de meio quilômetro de largura. Iam devagar, com cuidado para não espantar os búfalos até o último momento, até chegar a hora de começar a correr.

Como um noviço entre caçadores experientes, o Tenente Dunbar procurava entender a estratégia da caçada à medida que ia sendo posta em prática. De onde estava, perto do centro da formação, viu que eles pretendiam isolar uma pequena parte da manada. Os cavaleiros da direita do grande crescente já tinham quase conseguido isso, enquanto o centro reforçava a retaguarda. À sua esquerda, a formação seguia em linha reta.

Faziam um círculo.

125

Dunbar estava bastante próximo para ouvir os berros dos bezerros, os mugidos das mães e um ou outro rosnado dos machos enormes. Havia vários milhares de animais à sua frente.

O tenente olhou para a direita. Vento no Cabelo cavalgava ao seu lado, com olhos atentos, enquanto se aproximavam da manada. Parecia ignorar o cavalo que montava e o rifle que tinha na mão. Seus olhos perscrutadores estavam em todo lugar ao mesmo tempo, nos caçadores, na presa e na distância entre eles, que diminuía rapidamente. Se o ar fosse visível, ele teria visto a menor mudança. Parecia estar ouvindo a contagem regressiva de um relógio invisível.

Até o Tenente Dunbar, sem prática naquelas coisas, sentia a tensão tomar conta dele. O ar parecia morto. Não transmitia absolutamente nada.

Dunbar não ouvia mais as patas dos pôneis. Até a manada na frente deles estava silenciosa. A morte descia sobre a campina como uma nuvem implacável.

Quando Dunbar estava a uns cem metros da manada, um grupo de animais hirsutos deu meia-volta e ficou de frente para ele. Ergueram as cabeças grandes, farejando o ar parado, procurando identificar o que seus ouvidos anunciavam, mas os olhos fracos não conseguiram distinguir a natureza do perigo. Suas caudas levantaram-se, enrolando-se sobre as ancas como pequenas bandeiras. O búfalo maior do grupo escavou a relva, balançou a cabeça e rosnou ameaçadoramente, desafiando a intrusão dos cavaleiros que se aproximavam.

Dunbar compreendeu então que, para cada caçador, o que ia acontecer agora não seria a conclusão infalível e predeterminada de um plano, algo previsto e preparado, mas que, para matar aqueles animais, cada homem estaria arriscando a própria vida.

Ouviu uma comoção no flanco direito, na extremidade do crescente.

Os caçadores estavam atacando.

Com velocidade espantosa o primeiro ataque provocou uma ação em cadeia que apanhou Dunbar como uma onda que se quebra sobre o banhista desprevenido.

Os búfalos que estavam de frente para ele fizeram meia-volta e correram. No mesmo instante, todos os pôneis avançaram. Aconteceu tão depressa que Cisco quase saiu de baixo do tenente. Dunbar ergueu a mão para segurar o chapéu, erguido pelo vento, mas tarde demais. Não tinha importância. Não podia parar agora, nem que usasse toda sua força. o pequeno castanho devorava a distância como se tivesse fogo nas patas, como se sua vida dependesse da velocidade.

Dunbar olhou para a direita e para a esquerda e não viu ninguém.

Olhou para trás e lá vinham os cavaleiros deitados sobre os pescoços dos seus pôneis. Galopavam a toda velocidade, mas comparados com Cisco pareciam se arrastar, esforçando-se para acompanhá-lo. A cada segundo 126

ficavam mais para trás e de repente Dunbar tinha um espaço só seu. Estava entre

os caçadores e os búfalos.

Ele puxou as rédeas de Cisco, mas o castanho não deu nenhum sinal de ter percebido. Seu pescoço estava esticado para frente, as orelhas achatadas na cabeça, as narinas dilatadas ao máximo, devorando o vento que o levava para os búfalos.

O Tenente Dunbar não teve tempo para pensar. A pradaria voava sob seus pés, o céu rolava lá em cima e entre os dois, numa extensa linha bem à sua frente, corria a enorme massa de búfalos.

Agora ele podia ver o movimento dos músculos dos animais na corrida. Via as solas dos seus cascos. Dentro de segundos poderia tocá-los.

Dunbar voava para um pesadelo mortal, um homem num barco aberto flutuando para o topo da catarata enorme. O tenente não gritou. Não rezou nem fez o sinal da cruz. Mas fechou os olhos. Viu mentalmente os rostos da mãe e do pai. Estavam fazendo uma coisa que ele jamais os vira fazer. Beijavam-se apaixonadamente, no meio de um pulsar barulhento de milhares de tambores. O tenente abriu os olhos e viu-se numa paisagem de sonho, um vale cheio de rochas gigantescas marrons e negras que corriam todas na mesma direção.

Corriam com a manada.

O trovejar tremendo de milhares de cascos fendidos tinha o silêncio estranho de um dilúvio e por alguns momentos Dunbar seguiu serenamente à deriva, levado pela quietude insana do estouro da manada.

Agarrado ao pescoço de Cisco, olhou para o tapete maciço e móvel do qual fazia parte agora e imaginou que, se quisesse, podia saltar do cavalo e chegar à segurança do espaço vazio, passando por cima das costas dos búfalos, como um garoto passando de pedra em pedra para atravessar um regato.

O rifle escorregou da sua mão suada e quase caiu e, nesse momento, o búfalo que corria à sua esquerda, a uns cinquenta centímetros de distância, virou para ele rapidamente. Com um arremesso da cabeça peluda, tentou acertar Cisco com os chifres. Mas o castanho era muito rápido. Saltou para o lado e o chifre apenas passou de raspão no seu pescoço. Dunbar quase caiu com o movimento brusco. Se caísse estaria morto. Mas os búfalos formavam uma massa tão compacta em volta dele que o tenente bateu com as costas neles e conseguiu se firmar nas

costas de Cisco outra vez.

Tomado de pânico, ele abaixou o rifle e atirou no búfalo que tinha atacado Cisco. Foi um péssimo tiro, mas a bala partiu a perna dianteira do animal. Os joelhos do búfalo dobraram e Dunbar ouviu o estalido do pescoço que se partia quando ele saltou no ar.

De repente ele estava em campo aberto. Os búfalos afastaram-se com o estampido do tiro. Dunbar puxou com força as rédeas de Cisco e o cavalo 127

obedeceu. Pararam quase imediatamente. O ruído surdo da manada distanciava-se agora.

Olhou para os búfalos e viu que seus companheiros os tinham alcançado finalmente. Dunbar ficou parado por alguns minutos, vendo o espetáculo daqueles homens nus a cavalo, correndo no meio de todos aqueles animais, como rolhas saltando no mar revolto. Via os arcos retesados e as explosões de poeira quando os búfalos caíam, um a um.

Então ele voltou. Queria ver o búfalo que tinha matado. Queria confirmar o que parecia fantástico demais para ser verdade.

Tudo tinha acontecido em menos tempo do que ele precisava para se barbear.

sete

Era um animal grande, mas morto, deitado imóvel e sozinho na relva baixa, parecia maior.

Como visitante numa exposição, o Tenente Dunbar deu uma volta completa em redor do corpo. Parou perto da cabeça monstruosa, segurou um dos chifres e puxou. A cabeça era muito pesada. Passou a mão pelo corpo do animal, sobre a giba peluda e macia, pelas costas inclinadas, pela anca coberta de pêlo. Segurou a cauda pela ponta. Parecia ridiculamente pequena.

Dunbar voltou, agachou-se frente à cabeça do búfalo e puxou a barbicha longa e negra. Lembrou da barbicha do general e imaginou se aquele búfalo seria também um membro importante da manada.

Levantou-se e recuou alguns passos, impressionado ainda com o animal morto.

A existência de uma criatura notável como aquela era um mistério maravilhoso. E havia milhares delas.

Talvez milhões, pensou Dunbar.

Não estava orgulhoso por ter tirado a vida do búfalo, mas também não sentia remorso. Além de um profundo respeito, não tinha outro sentimento, apenas uma reação física. Seu estômago estava contorcendo-se e roncando. Sua boca ficou cheia d'água. Há vários dias vinha comendo frugalmente e agora, olhando para aquela enorme pilha de carne, sentia intensamente a fome.

Menos de dez minutos depois da investida furiosa, a caçada terminou.

Os búfalos desapareceram, deixando seus mortos para trás. Os caçadores, ao lado da caça, esperavam que as mulheres, crianças e velhos aparecessem com o equipamento necessário para retirar a carne e a pele. Os homens, excitados, falavam alto e Dunbar imaginou se aquilo era o começo de algum festival.

De repente, Vento no Cabelo saiu no galope, acompanhado por dois guerreiros. Com um largo sorriso o índio fez o pônei pesado dar meia-volta e o tenente viu um corte profundo logo abaixo do joelho do guerreiro.

Mas Vento no Cabelo parecia não notar que estava ferido. Sempre sorrindo, aproximou-se do tenente e o cumprimentou com uma bem-intencionada palmada nas costas que jogou Dunbar no chão.

Rindo alegremente, Vento no Cabelo ajudou o tenente a se levantar, pôs uma faca de lâmina grossa na sua mão e falou em comanche, apontando para o búfalo morto.

Dunbar ficou imóvel, olhando embaraçado para a faca. Sorriu e balançou a cabeça. Não sabia o que fazer.

Vento no Cabelo disse alguma coisa para os companheiros e eles riram, bateu no ombro do tenente com a mão pesada e retirou a faca da sua mão. Então, abaixou-se sobre um joelho ao lado da barriga do búfalo de Dunbar.

Com a pose de um trinchador experimentado, enfiou a faca no peito do búfalo e,

usando as duas mãos, puxou a lâmina fazendo uma abertura.

As entranhas saltaram para fora. Vento no Cabelo enfiou a mão na cavidade e a girou dentro do animal, como se estivesse procurando algo no escuro.

Encontrou o que queria, puxou duas vezes com força e levantou-se com um fígado enorme que mal cabia nas duas mãos. Imitando a saudação já bastante conhecida do soldado, estendeu o troféu para o tenente atônito.

Cautelosamente Dunbar aceitou o órgão ainda quente e, sem saber o que fazer, curvou o corpo de leve e, com a maior delicadeza possível, devolveu o fígado ao guerreiro.

Em circunstâncias normais isso seria uma ofensa a Vento no Cabelo, mas o índio lembrou que “Jun” era branco e, portanto, ignorante. Com outra reverência, ele enfiou uma das pontas do fígado na boca e tirou um pedaço de bom tamanho.

O Tenente Dunbar olhou incrédulo, enquanto Vento no Cabelo passava o fígado para os amigos. Os dois morderam tirando bons pedaços da carne crua. Comiam avidamente como se fosse torta de maçã.

Nesse momento, uma pequena multidão, alguns a cavalo, outros a pé, rodeava o búfalo de Dunbar. Pássaro Esperneante estava entre eles, bem como De Pé com Punho. Ela e outra mulher já tinham começado a esfolar o animal.

Mais uma vez Vento no Cabelo ofereceu o fígado, agora comido pela metade e mais uma vez Dunbar o aceitou, segurando-o hesitante e procurando entre os outros índios um sinal ou um olhar que o tirasse daquela enrascada.

Não encontrou. Olhavam para ele em silêncio, esperando, e Dunbar compreendeu que seria ridículo devolver o fígado outra vez. Até Pássaro Esperneante esperava.

Então Dunbar levou o fígado à boca pensando que ia ser fácil, o mesmo que se obrigar a comer uma colherada de alguma coisa que detestava, como feijão-de-lima.

Esperando não vomitar, ele mordeu o fígado cru.

A carne era incrivelmente macia. Derretia-se na boca. Dunbar mastigou lentamente, olhando para o horizonte e por um momento esqueceu os espectadores silenciosos enquanto suas papilas gustativas enviavam a mensagem ao cérebro.

Era delicioso.

Sem pensar, Dunbar deu outra mordida. Com um sorriso espontâneo, ele ergueu acima da cabeça o que sobrava ainda da carne.

Seus companheiros caçadores responderam com um brado selvagem de aplauso.

130

CAPÍTULO XIX

um

Como acontece com muitas pessoas, o Tenente Dunbar havia passado grande parte da vida à margem dos fatos, mais como observador do que como participante. Quando participava, agia independente do grupo, como no caso da sua experiência na guerra.

Era frustrante estar sempre assim separado.

Alguma coisa mudou nessa rotina de uma vida toda quando ele ergueu o fígado com entusiasmo, o símbolo do seu feito, e ouviu os gritos de encorajamento dos companheiros. Naquele momento sentiu a satisfação de pertencer a alguma coisa cujo todo era maior do que as partes. Uma sensação muito profunda, desde o começo, que solidificou e se tornou permanente durante os dias que passou no campo de caça e nas noites que passou no acampamento provisório.

O exército exaltava as virtudes do serviço, do sacrifício individual em nome de Deus, da pátria ou de ambos. O tenente fez o melhor possível para se adaptar a esses dogmas, mas o que mais se gravou em sua mente foi o serviço prestado ao exército. Não no seu coração. Jamais passou além da retórica vazia e pálida do patriotismo.

Os comanches eram diferentes.

Era um povo primitivo. Viviam num mundo grande, isolado e estranho, considerado pelos brancos apenas como centenas de quilômetros inúteis para serem atravessados.

Mas os fatos das suas vidas pareciam agora menos importantes para ele. Formavam um grupo que vivia e prosperava por meio do serviço. Era com o serviço que controlavam o frágil destino das suas existências.

Serviço constantemente prestado, fielmente e sem nenhuma queixa, ao belo e simples espírito do seu modo de vida, e nele o Tenente Dunbar encontrou uma paz que o agradava.

Não procurou se enganar. Não pensou em se tornar índio. Mas sabia que, enquanto estivesse com eles, serviria dentro do mesmo espírito.

Essa revelação fez dele um homem muito mais feliz.

dois

O tratamento dos animais mortos era um empreendimento colossal.

Eram cerca de dezessete búfalos espalhados como balas de chocolate no chão de terra e, em volta de cada um deles, cada família instalava uma 131

verdadeira fábrica portátil que funcionava com rapidez e precisão incríveis, transformando os animais em produtos de uso.

A quantidade de sangue impressionou o tenente. Encharcava o solo como suco de fruta numa toalha de mesa. Cobria os braços e os rostos dos açougueiros. Pingava dos pôneis e das macas de rede que levavam a carne para o acampamento.

Eles aproveitavam tudo. A pele, a carne, as entranhas, os cascos, as caudas e as cabeças. Tudo isso desapareceu em poucas horas, deixando a pradaria como uma gigantesca mesa de fim de banquete.

O Tenente Dunbar ficou o tempo todo passeando com os guerreiros.

Os ânimos estavam elevados, pois somente dois deles haviam se ferido, mesmo assim sem gravidade. Um pônei teve de ser sacrificado, mas isso era pouco

comparado à abundância da caça conquistada.

Todos estavam satisfeitos e passaram a tarde fumando, comendo e contando histórias. Dunbar não entendia as palavras, mas era fácil entender o que contavam. Eram histórias sobre como se livraram do perigo, sobre arcos partidos e sobre os que tinham conseguido sair ilesos.

Quando pediram ao tenente para contar a sua história, ele relatou a aventura com gestos tão teatrais que os guerreiros quase morreram de rir.

Sua representação tornou-se o maior sucesso do dia e teve de repeti-la mais de seis vezes. O resultado era sempre o mesmo. No meio da história, os ouvintes estavam apertando as barrigas, quase chorando de tanto rir.

O Tenente Dunbar não se importava. Ele ria também. E não se importava com o papel da sorte nas suas aventuras, pois sabia que eram reais. E sabia que, por meio delas, tinha realizado algo de maravilhoso.

Era agora “um dos rapazes”.

três

A primeira coisa que viu quando voltaram ao acampamento naquela noite foi seu chapéu. Estava na cabeça de um homem de meia-idade que Dunbar não conhecia.

Houve um breve momento de tensão quando o Tenente Dunbar caminhou direto para o homem, apontou para o chapéu do exército que mal servia na cabeça do índio, e disse calmamente:

— Isso é meu.

O guerreiro olhou para ele intrigado e tirou o chapéu, examinou para ver se tinha alguma coisa estranha e pôs na cabeça outra vez. Então, tirou a faca do cinto, estendeu-a para o tenente e afastou-se sem dizer uma palavra.

Dunbar viu o chapéu desaparecer de vista e olhou para a faca que tinha nas mãos. A bainha enfeitada de contas parecia um tesouro e ele saiu 132

à procura de Pássaro Esperneante, pensando que tinha levado muita vantagem na

troca.

Andou livremente pelo acampamento e por toda a parte era cumprimentado com alegria.

Os homens acenavam com as cabeças, as mulheres sorriam e as crianças o acompanhavam com risadinhas abafadas. Toda a aldeia estava eufórica com a perspectiva do banquete iminente e a presença de Dunbar era mais um motivo de alegria. Sem nenhuma proclamação formal ou consenso, todos o viam como um amuleto vivo.

Pássaro Esperneante o levou para frente da tenda de Dez Ursos onde realizavam uma cerimônia de agradecimento. O velho índio estava ainda em ótima forma e o lombo do seu búfalo estava sendo assado em primeiro lugar. Quando ficou pronto, o próprio Dez Ursos cortou um pedaço, disse algumas palavras para o Grande Espírito e homenageou o tenente estendendo para ele aquela primeira parte do búfalo.

Dunbar fez sua saudação, deu uma mordida e galantemente devolveu a carne para Dez Ursos, um gesto que impressionou profundamente o velho índio. Ele acendeu um cachimbo e mais uma vez homenageou o tenente, oferecendo a primeira tragada.

A cerimônia do cachimbo na frente da tenda de Dez Ursos marcou o começo de uma grande noite. Todos tinham uma fogueira acesa e em todas elas estavam assando carne, ancas, costelas e uma variedade enorme de pedaços saborosos.

Iluminada como uma pequena cidade, a aldeia provisória cintilou até tarde da noite, com a fumaça espiralando para o céu escuro e o cheiro de carne assada espalhando-se por uma extensão de quilômetros.

Todos comeram como se não fosse existir o amanhã. Quando estavam mais do que satisfeitos, faziam uma pausa, reunindo-se em pequenos grupos para conversar ou disputar jogos de azar. Mas assim que a comida assentava, voltavam para a fogueira e comiam até não poder mais, outra vez.

A noite mal começara e o tenente tinha a impressão de haver comido um búfalo inteiro. Ele e Vento no Cabelo tinham caminhado por todo o acampamento e em cada fogueira eram tratados como reis.

Dirigiam-se a outro grupo festivo quando o tenente parou atrás de uma tenda e por meio de gestos disse a Vento no Cabelo que estava com dor de estômago e queria dormir.

Mas Vento no Cabelo, ao invés de prestar atenção no que ele tentava dizer, olhava fixamente para a túnica do tenente. Dunbar olhou também para as fileiras de botões brilhantes e ergueu os olhos para seu companheiro de caçada. Vento no Cabelo encostou a ponta do dedo num dos botões.

— Você quer isto? – perguntou o tenente e o guerreiro pareceu sair de um encantamento com o som da sua voz.

Vento no Cabelo ficou calado. Examinou a ponta do dedo para ver se tinha saído alguma coisa do botão.

— Se você quer – disse o tenente – pode ficar com ela.

Desabotoou a túnica, tirou-a e a estendeu para o índio.

Vento no Cabelo sabia que Dunbar a estava oferecendo, mas não aceitou imediatamente. Começou a desamarrar o belo peitoral de ossos finos e ocos que trazia preso ao pescoço e na cintura. Então ele o estendeu para Dunbar, segurando a túnica com a outra mão.

O tenente ajudou-o a abotoar a túnica e, quando terminou, Vento no Cabelo parecia uma criança no Natal.

Dunbar estendeu para o índio o belo peitoral, mas Vento no Cabelo não quis aceitar. Sacudiu a cabeça violentamente e agitou as mãos. Depois, com gestos, indicou que o soldado devia usar o peitoral.

— Não posso aceitar isto – gaguejou o tenente. – Isto não é... não é uma troca justa... Você compreende?

Mas Vento no Cabelo não queria discutir o assunto. Para ele era mais do que justa. Os peitorais tinham grandes poderes e eram objetos de manufatura demorada. Mas a túnica era a única no gênero.

O guerreiro fez Dunbar dar meia-volta, pôs o peitoral sobre seu peito e amarrou as tiras com força.

Assim a troca foi feita e os dois homens ficaram satisfeitos. Vento no Cabelo resmungou uma despedida e caminhou para a fogueira mais próxima. A nova aquisição era apertada e áspera sobre a pele. Mas isso não importava. Estava certo de que a túnica era mais um complemento aos seus muitos encantos. Com o tempo talvez provasse possuir alguma medicina muito forte, especialmente os botões de metal e as fitas douradas dos ombros.

Era um grande prêmio.

quatro

Querendo evitar que o fizessem comer mais se atravessasse o campo, o Tenente Dunbar saiu para a pradaria e caminhou por fora da aldeia provisória, esperando encontrar a tenda de Pássaro Esperneante e dormir.

Estava dando a segunda volta quando viu a tenda com a marca do urso e, sabendo que a de Pássaro Esperneante devia ficar perto, entrou outra vez no acampamento.

Tinha dado alguns passos quando um som o fez parar atrás de uma tenda simples. A luz de uma fogueira iluminava o chão bem na sua frente e o som vinha daquele fogo. Alguém estava cantando, uma voz alta, monótona e distintamente feminina.

Encostado no lado da tenda, o Tenente Dunbar espiou cautelosamente.

Umas doze jovens, terminado o trabalho do dia, cantavam e dançavam num círculo irregular em volta do fogo. Dunbar achou que não se tratava de uma cerimônia formal. O canto era pontuado por risos e tudo indicava que a dança era improvisada, apenas uma brincadeira.

Seus olhos acidentalmente caíram no peitoral, iluminado com a luz alaranjada do fogo. Num impulso, ele passou a mão pelos ossos redondos que cobriam quase todo seu peito e sua barriga. Que maravilha era ver tanta beleza e tanta força no mesmo lugar e na mesma hora. Dunbar sentiu-se muito especial.

Vou guardar isto para sempre, pensou ele sonhadoramente.

Quando olhou outra vez, algumas das jovens tinham saído do círculo, formando um grupo que ria e cochichava, evidentemente falando do homem branco com o peitoral de ossos. Olhavam para ele e, embora Dunbar não pudesse ver, havia uma pitada de malícia naqueles olhos.

Como um objeto constante de discussão durante todas aquelas semanas, todas conheciam o tenente. Talvez um deus, um palhaço, um herói, um agente de mistério. Ele não sabia, mas atingira um *status* raro na cultura comanche, um *status* que talvez fosse mais apreciado pelas mulheres.

Dunbar era uma celebridade.

E agora, sua celebridade e sua beleza natural eram acentuadas, especialmente para as mulheres, pela adição do magnífico peitoral.

Com apenas a sugestão de uma reverência, o tenente, constrangido, deu um passo em direção à luz do fogo, pensando em passar rapidamente sem interromper o divertimento delas.

Mas uma das mulheres estendeu o braço e segurou a mão dele delicadamente. O contato o imobilizou. Dunbar olhou para as mulheres, ouviu os risos abafados e maliciosos e imaginou qual a peça que iam lhe pregar agora.

Duas ou três começaram a cantar e quando a dança ficou de novo animada, várias delas o puxaram pelo braço. Estava sendo convidado para dançar.

Não havia muita gente por perto. Não ia ter um público assistindo seu desempenho.

Além disso, pensou Dunbar, um pouco de exercício seria bom para a digestão.

A dança era lenta e simples. Levantar um pé, deixar levantado, abaixar. Levantar o outro pé, deixar levantado, abaixar. O tenente entrou no círculo e ensaiou alguns passos. Aprendeu logo e num instante estava acompanhando as dançarinas, com um largo sorriso e divertindo-se a valer.

Dançar sempre foi fácil para ele. Era uma das suas válvulas de escape favoritas. Embalado pela dança e pelas vozes das mulheres, o tenente começou a levantar os pés cada vez mais altos, abaixando-os com um novo floreio. Começou a girar os braços como rodas, deixando-se envolver cada vez mais pelo ritmo. Finalmente, quando estava integrado na dança, o tenente, sempre sorrindo, fechou os olhos e entregou-se completamente ao êxtase dos movimentos.

Assim ele não viu que o círculo estava se fechando. Só quando colidiu com a mulher que estava na sua frente, Dunbar percebeu o quanto estava próximo. Olhou preocupado para as mulheres do círculo, mas elas o tranquilizaram com largos sorrisos. Dunbar continuou a dançar.

Agora ele sentia o toque ocasional de um seio, extremamente macio nas suas costas. Sua cintura a todo o momento entrava em contato com o traseiro à sua frente. Quando ele se afastava um pouco, entrava em contato com os seios atrás.

Tudo aquilo era mais inesperado do que excitante. Há tanto tempo não tocava uma mulher que parecia uma coisa completamente nova, nova demais para saber o que devia fazer.

Sem nenhuma mudança de expressão, as mulheres fechavam cada vez mais o círculo. Sempre sorrindo. Sempre tocando-o com os seios e com as nádegas.

Dunbar não levantava mais as pernas. Estava tão apertado entre as mulheres que o grupo todo apenas pulava para cima e para baixo. O círculo se desfez e as mulheres lançaram-se sobre ele, tocando-o tentadoramente, ora nas costas, ora na barriga, ora no traseiro. De repente, estavam esfregando seu ponto mais íntimo, a frente da sua calça.

Mais um segundo e o tenente teria fugido, mas antes que pudesse fazer um movimento, elas o deixaram.

Dunbar as viu desaparecer na noite como meninas embaraçadas.

Então ele voltou-se para ver o que as tinha assustado.

Ele estava de pé, sozinho perto do fogo, resplandecente e sinistro com uma cabeça de coruja sobre os cabelos. Pássaro Esperneante resmungou alguma coisa, mas o tenente não podia dizer se ele estava zangado ou não.

O curandeiro afastou-se do fogo e, como um cãozinho novo certo de que fez alguma coisa errada e ainda não foi punido, o Tenente Dunbar o acompanhou.

cinco

Afinal, sua dança com as mulheres não teve nenhuma repercussão.

Mas para seu desespero, Dunbar viu que a fogueira na frente da tenda de 136

Pássaro Esperneante estava ainda rodeada de gente, disputando as primeiras costelas que saíam do fogo.

Assim, o tenente sentou outra vez, aquecendo-se com a alegria das pessoas que o rodeavam e enchendo mais de carne seu estômago já repleto.

Uma hora depois, ele mal conseguia manter os olhos abertos. Olhou para Pássaro Esperneante. O curandeiro levantou-se, levou o soldado branco para o interior da tenda e mostrou uma esteira arrumada especialmente para ele, ao lado de uma das paredes.

O Tenente Dunbar sentou no manto que cobria a esteira e começou a tirar as botas. Estava com tanto sono que não se lembrou de dizer boa noite e viu apenas as costas do curandeiro, quando ele já saía da tenda.

Dunbar deixou a bota cair descuidadamente no chão e deitou-se.

Com um braço sobre os olhos, flutuou para o sono. No lusco-fusco, entre a vigília e o sono, imagens sexuais vagas e indistintas inundaram sua mente.

Mulheres moviam-se em volta dele. Não via seus rostos, mas ouvia as vozes doces e murmurantes. Via os corpos passando perto dele, girando como as pregas de um vestido dançando na brisa.

Sentia o toque leve das suas mãos e, quando deslizou para o sono, sentiu um corpo nu junto ao seu.

seis

Alguém estava rindo baixinho perto do seu ouvido e ele não podia abrir os olhos. As pálpebras estavam pesadas demais. Mas o riso continuou e ele sentiu um

cheiro diferente. A pele de búfalo. Percebeu então que a risada não era em seu ouvido. Mas dentro da tenda.

Com esforço abriu os olhos e virou para o lugar de onde vinha o som.

Não viu nada e ergueu um pouco a cabeça. A tenda estava silenciosa e as formas imprecisas da família de Pássaro Esperneante imóveis.

Aparentemente todos dormiam.

Então ele ouviu o riso outra vez, alto e suave, definitivamente um riso feminino e vinha de um lugar bem na frente da sua esteira. O tenente levantou mais a cabeça, o bastante para ver o fogo quase apagado no centro da tenda.

A mulher riu outra vez e uma voz de homem, baixa e carinhosa, chegou aos seus ouvidos. Dunbar viu o volume estranho que estava sempre dependurado acima da cama de Pássaro Esperneante. O barulho vinha dali.

Dunbar não tinha ideia do que estava acontecendo e, esfregando os olhos, levantou mais o corpo.

Agora ele via dois vultos com as cabeças e os pescoços para fora da coberta e movimentando-se num ritmo animado demais para aquela hora da noite. O tenente entrecerrou os olhos, tentando ver no escuro.

Os corpos mudaram de posição. Um passou para cima do outro e tornaram-se um só. Houve um momento de completo silêncio e então ouviu um gemido longo e baixo, como ar exalado dos pulmões, e Dunbar compreendeu que estavam fazendo sexo.

Sentindo-se um perfeito idiota, deitou outra vez rapidamente esperando que nenhum dos dois tivesse visto seu rosto cretino olhando para eles.

Mais acordado do que dormindo agora, ele ficou deitado, ouvindo os sons irregulares e urgentes daquele ato de amor. Com os olhos acostumados ao escuro, via a forma da pessoa que estava dormindo ao seu lado.

O movimento tranquilo das cobertas indicava um sono profundo. A mulher

estava deitada de lado, de costas para ele. Mas Dunbar reconheceu o formato da cabeça e o cabelo embaraçado cor de cereja.

De Pé com Punho dormia sozinha e o tenente pensou nela. Tinha sangue de branco, porém, em tudo o mais, era uma comanche. Falava a língua deles como uma nativa. O inglês era estranho para ela. Não parecia coagida ou maltratada. Não havia nada de cativo nela. Parecia igual a todas as mulheres da aldeia agora. Ele imaginou que devia ter sido apanhada pelos comanches quando era muito jovem.

Quase dominado pelo sono, as perguntas sobre a mulher que era duas pessoas aos poucos fundiram-se numa só.

Será que ela é feliz, perguntou o tenente para si mesmo.

A pergunta persistiu, misturando-se preguiçosamente aos sons que faziam Pássaro Esperneante e sua mulher.

Então, sem nenhum esforço, a pergunta começou a girar cada vez com maior velocidade. Sempre girando, ela subiu até desaparecer de vista e o Tenente Dunbar adormeceu outra vez.

CAPÍTULO XX

um

Passaram menos de três dias completos no acampamento de caça e três dias é pouco tempo para uma mudança quase radical.

Mas foi o que aconteceu.

A vida do Tenente Dunbar mudou de direção.

A mudança não foi resultado de nenhum acontecimento isolado ou insólito. Não teve nenhuma visão mística. Deus não apareceu para ele. Não recebeu o título de guerreiro comanche.

Não houve um momento de prova, nenhuma evidência para a qual pudesse

apontar, dizendo que estava ali ou aqui, neste ou naquele momento.

Foi como se um belo e misterioso vírus de revelação, há muito tempo incubado, chegasse finalmente ao primeiro plano da sua vida.

Na manhã seguinte à caçada, ele acordou com a mente clara. Sem sinal de sono ou preguiça. O tenente pensou que há muito tempo não acordava assim, desde que era menino.

Seus pés estavam pegajosos. Apanhou as botas e passando pelas pessoas que dormiam na tenda, saiu, esperando encontrar um lugar onde pudesse se lavar. Encontrou assim que saiu da tenda. O orvalho cobria quilômetros e quilômetros da pradaria.

Deixando as botas perto da tenda, o tenente caminhou para o leste, porque sabia que a manada de pôneis estava em algum lugar naquela direção. Queria ver como estava Cisco.

As primeiras listras rosadas do nascer do dia começavam a iluminar a noite e o tenente olhava para elas maravilhado, sem notar que as pernas das suas calças estavam molhadas de orvalho.

Cada dia começa com um milagre, pensou de repente.

As faixas de luz aumentavam, mudando de cor a cada segundo.

Seja qual for o Deus que existe, agradeço a Deus por este dia.

Gostou tanto da frase que a repetiu em voz alta.

— Seja qual for o Deus que existe, agradeço a Deus por este dia.

Apareceram as cabeças dos primeiros cavalos, com as orelhas empinadas, em silhueta contra a luz da aurora. Dunbar viu também a cabeça de um índio. Provavelmente do menino com o eterno sorriso.

Não foi difícil encontrar Cisco. O castanho relinchou quando o viu e o coração de Dunbar cresceu, feliz. O cavalo encostou o focinho no seu peito e ficou imóvel por alguns momentos, os dois envoltos pelo frescor da manhã. Dunbar levantou a cabeça de Cisco carinhosamente e assoprou nas narinas do cavalo.

Curiosos, os outros animais aproximaram-se deles e antes que se tornassem importunos, o tenente passou o bridão pela cabeça de Cisco e voltaram para o acampamento.

A pequena caminhada de volta foi tão impressionante quanto a de ida.

O acampamento de caça estava perfeitamente sintonizado com o relógio da natureza e, como o dia, começava a voltar à vida.

Alguns fogos já estavam acesos e no pequeno espaço de tempo que ele esteve fora, todos haviam se levantado. À medida que o dia clareava, como uma lâmpada que se acende gradualmente, as figuras que se moviam no acampamento iluminavam-se também.

— Quanta harmonia – disse o tenente, caminhando com um braço sobre as costas de Cisco.

Então passou para uma linha de pensamento profunda e complexa a respeito das virtudes da harmonia, que o ocupou durante o tempo em que ele tomou café.

dois

Saíram novamente naquela manhã e Dunbar matou outro búfalo.

Dessa vez ele controlou Cisco na hora da investida e, ao invés de se misturar com a manada, correu por fora, escolheu o animal e o derrubou.

Caprichou a pontaria, mesmo assim, seu primeiro tiro foi muito alto e precisou de um segundo para terminar o serviço.

Dunbar matou uma fêmea bem grande e os guerreiros, depois de examinar o animal, o cumprimentaram pela escolha. Não havia a mesma tensão nem o entusiasmo do primeiro dia. Ele não comeu nenhum fígado fresco, mas, sob todos os aspectos, sentiu-se mais competente.

Mais uma vez as mulheres e as crianças encheram a planície para trabalhar nos búfalos mortos e, no fim da tarde, o acampamento estava repleto de carne. Inúmeros secadores de madeira, recurvados ao peso da carne, pareciam

cogumelos depois da chuva, e teve início novo banquete de carne fresca.

Os guerreiros mais jovens e alguns garotos ainda não preparados para as lides de guerra organizaram uma corrida de cavalos logo depois de chegarem ao acampamento. Muitos Sorrisos queria montar Cisco. Fez o pedido de modo tão respeitoso que o tenente não pôde recusar e várias corridas já haviam sido realizadas quando ele percebeu, com humor, que os vencedores ficavam com os cavalos dos vencidos. Dunbar torceu para Muitos Sorrisos com os dedos das duas mãos cruzados e, felizmente para ele, o garoto venceu as três provas em que tomou parte.

Mais tarde começaram a jogar e Vento no Cabelo convidou o tenente para juntar-se a eles. A não ser pelo uso dos dados, Dunbar não conhecia o 140

jogo e o aprendizado custou quase todo seu estoque de fumo. Alguns jogadores estavam interessados na calça com as tiras amarelas dos lados, mas depois de ter trocado o chapéu e a túnica, o tenente achou que devia manter pelo menos uma sugestão de uniforme.

Além disso, do modo que iam as coisas, ia perder e não tinha mais nada para vestir.

Eles gostaram do peitoral, mas isso também estava fora de cogitação.

Dunbar ofereceu o velho par de botas que estava usando, mas não tinha utilidade para os índios. Então, ofereceu o rifle e os jogadores aceitaram imediatamente. A aposta do rifle foi uma sensação, o valor das apostas cresceu e o jogo atraiu muitos espectadores.

A essa altura o tenente já sabia o que estava fazendo e com a continuação do jogo, os dados começaram a gostar dele. Dunbar pegou uma maré de sorte e quando a poeira assentou, além de ganhar o rifle, tornou-se o feliz proprietário de três pôneis.

Os perdedores entregaram seus tesouros com tanta delicadeza e bom humor que Dunbar achou que devia retribuir com a mesma moeda.

Imediatamente fez presentes do que acabava de ganhar. O pônei mais alto e mais forte deu para Vento no Cabelo. Depois, com uma multidão de curiosos andando atrás dele, atravessou o acampamento com os dois outros cavalos e quando

chegou à tenda de Pássaro Esperneante, entregou as rédeas ao curandeiro.

Pássaro Esperneante ficou satisfeito, mas atônito. Quando explicaram a origem dos cavalos, ele olhou em volta, viu De Pé com Punho e a chamou para que falasse por ele com o homem branco.

Ela estava horrível, com sangue nos braços, no rosto e no avental que protegia sua roupa. Ouviu em silêncio o que o curandeiro queria.

Alegou ignorância, balançando a cabeça, mas Pássaro Esperneante insistiu e o grupo na frente da tenda ficou em silêncio esperando para ver se ela era capaz de falar inglês, como Pássaro Esperneante queria.

Ela abaixou os olhos e repetiu uma palavra várias vezes, em silêncio.

Então, olhou para o tenente e tentou:

— Abrigado – disse ela.

O tenente contraiu o rosto.

— O quê? – perguntou, com um sorriso.

— Brigado.

Encostou a ponta do dedo no braço dele e depois apontou os pôneis.

— Cavalos.

— Obrigado? – adivinhou o tenente. – Obrigado para mim?

De Pé com Punho fez que sim com a cabeça.

— Sim – disse ela claramente.

O tenente estendeu o braço para apertar a mão de Pássaro Esperneante, mas ela o deteve. Não tinha terminado ainda e, com um dedo em riste, colocou-se entre os dois cavalos.

— Cavalo – disse, apontando para o tenente com a outra mão.

Repetiu a palavra e apontou para Pássaro Esperneante.

— Um para mim? – perguntou o tenente, repetindo os gestos dela. –

E um para ele?

De Pé com Punho suspirou feliz e, vendo que ele compreendia, sorriu.

— Sim – disse ela e, sem que precisasse pensar, outra palavra antiga saiu dos seus lábios. – Correto.

A palavra rígida e formal soou estranhamente e o tenente riu alto. De Pé com Punho, como uma garotinha que acaba de dizer uma bobagem, cobriu a boca com a mão.

Só os dois entenderam. Ela e o tenente sabiam que a palavra tinha saído espontaneamente dos seus lábios. Olharam para Pássaro Esperneante e depois para os outros índios. Ninguém parecia ter percebido e os olhos do oficial da cavalaria e os da mulher que era duas encontraram-se risonhos, reconhecendo algo que era só deles, que só os dois podiam entender. Não era possível explicar satisfatoriamente para os outros. Não era suficientemente engraçado para merecer esse reforço.

O Tenente Dunbar não ficou com o outro pônei. Resolveu levá-lo para a tenda de Dez Ursos e com esse gesto ganhou mais um ponto positivo junto aos índios. A tradição dos comanches mandava que os ricos distribuíssem sua riqueza entre os mais pobres. Mas Dunbar inverteu essa lei e o velho índio ficou convencido de que aquele homem branco era realmente extraordinário.

Naquela noite, sentado perto da fogueira de Pássaro Esperneante, ouvindo a conversa dos homens, Dunbar viu De Pé com Punho, sentada no chão a poucos metros e olhando para ele com a cabeça inclinada para o lado e uma expressão de curiosidade nos olhos claros. Antes que ela tivesse tempo de desviar a vista, Dunbar, muito sério, inclinou a cabeça como para ouvir melhor a conversa dos guerreiros, pôs a mão em concha num dos lados da boca e disse em voz alta.

— Correto.

De Pé com Punho virou o rosto rapidamente, e Dunbar ouviu seu riso abafado.

três

Não adiantava ficar mais tempo. Tinham toda a carne que podiam carregar. Um pouco depois do nascer do dia, tudo estava pronto e a coluna 142

iniciou a marcha. Com todas as redes de couro carregadas ao máximo, a viagem de volta levou o dobro do tempo e começava a escurecer quando chegaram ao Forte Sedgewick.

Descarregaram vários quilos de carne charqueada no armazém do forte. E então vieram as despedidas. De pé na porta da sua cabana, o tenente viu a caravana seguir caminho para a aldeia, na parte alta do rio.

Quase instintivamente, seus olhos percorreram a longa coluna barulhenta, esperando ver De Pé com Punho.

Mas não a encontrou.

quatro

O Tenente Dunbar voltou ao forte com sentimentos conflitantes.

O forte era seu lar e isso era confortador. Era bom tirar as botas, deitar na sua cama e descansar, sem ser observado por ninguém. Com os olhos semicerrados, olhou preguiçosamente para a luz bruxuleante do lampião e depois para o interior da cabana silenciosa. Tudo estava no lugar certo, e ele também.

Contudo, depois de alguns minutos, seu pé direito começou a tremer incontrolavelmente.

O que está fazendo, perguntou a si mesmo, parando de mexer o pé, você não está nervoso.

Logo depois, percebeu que os dedos da mão direita tamborilavam impacientes no seu peito.

Dunbar não estava nervoso. Estava entediado. Entediado e sozinho.

No passado ele teria enrolado um cigarro para se distrair. Porém não tinha mais fumo.

Vou dar uma espiada no rio, pensou. Levantou-se, calçou as botas e saiu da cabana.

Lembrou-se do peitoral, sua mais preciosa possessão. Estava sobre a sela do exército que ele tinha levado para a cabana. Entrou outra vez só para vê-lo.

O peitoral brilhava à luz fraca do lampião. Dunbar passou a mão sobre os ossos. Pareciam feitos de vidro. Ele o apanhou e os ossos produziram um estalido surdo como se estivessem se beijando. Dunbar sentiu com prazer o contato frio e sólido do peitoral sobre a pele.

A “espiada no rio” transformou-se numa longa caminhada. A lua estava quase cheia outra vez e não precisava da lanterna para seguir a margem alta do regato.

Caminhou sem pressa, parando para olhar o rio ou para observar um galho inclinado pela brisa, ou um coelho entre os arbustos. Tudo parecia indiferente à sua presença.

143

Dunbar teve a impressão de ser invisível. Uma sensação agradável.

Depois de quase uma hora, caminhou de volta para a cabana. Porém, apesar do passo leve e descontraído e da atenção que dava às coisas estranhas à sua pessoa, o tenente não estava nem um pouco invisível.

Não nas vezes em que parou para olhar a lua. Então ele erguia a cabeça, virava o corpo de frente para a luz mágica e o peitoral cintilava muito branco, como uma estrela presa à terra.

cinco

No dia seguinte, algo de estranho aconteceu.

Dunbar passou a manhã e parte da tarde tentando trabalhar no forte.

Verificou e separou os suprimentos que restavam, queimou alguns itens inúteis,

descobriu um modo de proteger a carne de charque e escreveu no seu diário.

Fez tudo isso sem entusiasmo. Pensou em refazer a cerca do curral, porém resolveu que estava só tentando inventar trabalho. Já fizera isso antes. O tenente tinha a impressão de estar navegando sem leme.

Quando o sol já estava bem baixo no horizonte, Dunbar pensou em sair para a pradaria. O dia estava quente e depois de todo aquele trabalho, sua calça estava manchada de suor. O tenente não via razão para suportar aquele desconforto. Assim, caminhou nu para a campina, esperando encontrar Duas Meias.

Dessa vez não procurou o rio, mas a pradaria imensa coberta de relva que se estendia em todas as direções, ondulando como se tivesse vida própria.

A relva, na sua altura máxima, em alguns lugares roçava seus quadris.

O céu estava cheio de nuvens felpudas e muito brancas, como recortes colados no céu de puro azul.

A um quilômetro do forte, ele deitou na relva alta no topo de uma pequena elevação. Protegido do vento, aproveitando o último calor do sol, Dunbar olhou sonhadoramente para as nuvens vagarosas.

O tenente virou de lado para queimar as costas. Quando se moveu entre a relva foi invadido por algo que não sentia há tanto tempo e que a princípio não conseguiu identificar.

A relva farfalhava suavemente com a brisa. O sol nas suas costas era como um manto aquecido. A sensação cresceu dentro dele e Dunbar entregou-se a ela.

Abaixou um dos braços e parou de pensar. Nada incentivava aquele ato, nenhuma visão, nenhuma palavra, nenhuma lembrança. Ele estava sentindo, nada mais.

Quando terminou, olhou para o céu e viu a terra girando no movimento das nuvens. Deitou de costas, com os braços estendidos aos lados do corpo, como um cadáver, e flutuou por algum tempo no seu leito de relva e de terra.

Então fechou os olhos e cochilou durante meia hora.

seis

Naquela noite, Dunbar agitou-se na cama, com o pensamento saltando de uma coisa a outra, como se estivesse examinando uma série de quartos, a fim de escolher o melhor lugar para descansar. Os quartos estavam trancados ou não eram bastante acolhedores. Então chegou ao lugar ao qual, ele sabia, estava ligado para sempre.

Um quarto cheio de índios.

A ideia parecia tão clara e lógica que ele pensou em ir imediatamente para a aldeia de Dez Ursos. Mas seria um ato impetuoso demais.

Vou levantar cedo, pensou. Talvez possa ficar alguns dias na aldeia, desta vez.

Acordou antes do nascer do dia, mas não se levantou, resistindo à ideia de uma viagem precipitada. Queria ir sem esperanças absurdas. Ficou na cama até surgir a primeira luz do sol.

Só faltava vestir a camisa. Dunbar vestiu uma das mangas, parou e, olhando pela janela, verificou o tempo. Já estava quente ali dentro, provavelmente estaria mais quente lá fora.

Vai ser um dia escaldante, pensou ele, tirando o braço da manga da camisa.

O peitoral estava agora dependurado num gancho e quando o apanhou, o tenente sentiu que era o que realmente queria usar, independente do tempo.

Pôs a camisa numa mochila. Podia precisar dela.

sete

Duas Meias o esperava.

Quando o Tenente Dunbar saiu da cabana, ele recuou alguns passos rapidamente, girou o corpo, andou para o lado e deitou-se, ofegando como um filhote.

Dunbar inclinou a cabeça para o lado, curioso.

— O que deu em você?

O lobo ergueu a cabeça e havia tanta intensidade no seu olhar que o tenente riu baixinho.

— Quer ir comigo?

145

Duas Meias levantou-se de um salto e olhou para o tenente, sem mover um músculo.

— Está bem, venha então.

oito

Pássaro Esperneante acordou pensando em “Jun”, sozinho lá no forte do homem branco.

“Jun”. Que nome estranho. O que podia significar? Jovem Cavaleiro, talvez. Ou Cavaleiro Veloz. Provavelmente alguma coisa ligada a essa habilidade.

Era bom ver chegar o fim da estação de caça. Com a vinda dos búfalos, o problema da alimentação estava resolvido e isso significava que podia dedicar-se com maior regularidade ao seu projeto preferido. Ia recomeçá-lo nesse dia mesmo.

O curandeiro convidou dois conselheiros seus amigos para o acompanharem ao forte. Ficou surpreso com o entusiasmo com que aceitaram o convite e interpretou isso como um bom presságio. Ninguém mais estava com medo. Na verdade, todos pareciam perfeitamente à vontade com o soldado branco. Naqueles últimos dias o curandeiro tinha ouvido até comentários amistosos a respeito dele.

Pássaro Esperneante saiu da aldeia com um ótimo pressentimento sobre o dia que começava. Os primeiros estágios do seu plano foram um sucesso. A semente estava plantada. Agora podia partir para o objetivo principal, a investigação sobre a raça branca.

nove

Dunbar calculou que devia ter percorrido quase seis quilômetros.

Pensou que o lobo ia desistir na marca dos três quilômetros. Quando chegaram à marca de quase cinco, começou a ficar surpreso e agora estava atônito.

Entraram numa passagem estreita, coberta de relva, entre duas encostas e o lobo continuava com eles. Era a primeira vez que o seguia por tanto tempo.

O tenente fez Cisco dar meia-volta e olhou para Duas Meias. Como sempre fazia, o lobo parou também. Cisco abaixou a cabeça e começou a pastar. Dunbar caminhou na direção do lobo, pensando que desse modo o faria desistir de acompanhá-lo. Mas a cabeça com as orelhas levantadas, acima da relva alta, não se moveu e quando o tenente afinal parou, estava a menos de um metro de Duas Meias.

O lobo inclinou a cabeça para o lado, na expectativa, mas não fez nenhum outro movimento quando Dunbar se agachou na sua frente.

— Acho que você não será bem-vindo aonde eu vou – disse Dunbar em voz alta, como se estivesse conversando com um vizinho amigo.

Então olhou para o sol.

— Vai esquentar muito, por que você não volta para casa?

O lobo ouviu atentamente, mas não se moveu.

Dunbar levantou-se.

— Vamos, Duas Meias – disse irritado – vá para casa.

Sacudiu as mãos como quem enxota galinhas e Duas Meias desviou-se rapidamente para o lado.

O tenente repetiu o gesto e o lobo saltou outra vez, mas estava claro que ele não pretendia ir embora.

— Tudo bem então – disse Dunbar enfaticamente – não volte para casa. Mas

fique aqui. Fique aqui mesmo.

Pontuou as palavras com o dedo em riste e começou a dar meia-volta.

Então ouviu um uivo prolongado, profundo e lamentoso.

Um uivo.

O tenente deu meia-volta outra vez e lá estava Duas Meias, com o focinho erguido para o céu, os olhos fixos em Dunbar, gemendo como uma criança teimosa.

Para um observador objetivo, a cena era notável, mas para o tenente, que conhecia tão bem Duas Meias, foi a última gota.

— Vá para casa! – rugiu Dunbar, avançando para Duas Meias.

Como uma criança que abusou da paciência do pai, o lobo abaixou as orelhas e recuou com o rabo entre as pernas.

O tenente correu na outra direção, para montar rapidamente e galopar a toda velocidade, impedindo assim que Duas Meias o acompanhasse.

Quando corria sobre a relva, pensando em seu plano, olhou para baixo e viu o lobo trotando alegremente ao seu lado.

— Vá para casa – rosnou o tenente, avançando para seu perseguidor.

Duas Meias saltou em pânico, como um coelho assustado, e pairou no ar por um momento. Quando suas patas tocaram outra vez o solo, o tenente estava a um passo dele. Dunbar agarrou a base da cauda do lobo e torceu. Duas Meias disparou como se tivessem acendido fogos de artifício debaixo dele e Dunbar riu tanto que parou de correr.

Duas Meias parou rapidamente, derrapando na relva e olhou para trás com expressão tão constrangida que o tenente sentiu pena.

Dunbar acenou um adeus e, ainda rindo, caminhou para Cisco que tinha se afastado um pouco, escolhendo as melhores hastes de relva.

O tenente começou a correr, ainda rindo do susto de Duas Meias ao toque de suas mãos.

147

De repente, ele deu um salto. Alguma coisa segurou sua perna e logo soltou. Voltou-se, preparado para enfrentar o atacante traiçoeiro.

Lá estava Duas Meias, ofegante como um lutador de boxe entre dois assaltos.

O Tenente Dunbar olhou para o lobo por alguns segundos.

Duas Meias olhou casualmente na direção do forte, como se pensasse que a brincadeira estava no fim.

— Está bem – disse o tenente em voz baixa, com um gesto de aquiescência. – Pode vir comigo ou pode ficar. Não tenho mais tempo a perder.

Podia ter sido um leve ruído ou alguma coisa no vento. Fosse o que fosse, Duas Meias percebeu. Girou o corpo rapidamente e olhou para a trilha com o pêlo do pescoço eriçado.

Dunbar olhou também e viu Pássaro Esperneante com dois homens.

Eles o observavam de perto, no alto de uma elevação.

Dunbar acenou e gritou.

— Alô.

Duas Meias afastou-se sorrateiramente.

dez

Pássaro Esperneante e os amigos estavam ali há algum tempo, o suficiente para ver toda a cena. Acharam muito divertida. Além disso, Pássaro Esperneante sabia que acabava de ver algo muito precioso, algo que explicava um dos enigmas do homem branco... o enigma de como chamá-lo.

Todo homem devia ter um verdadeiro nome, pensava ele, descendo a colina ao encontro do Tenente Dunbar, especialmente um homem que agia daquele modo.

Lembrou-se dos nomes antigos, como Homem que Brilha como a Neve, e alguns dos mais recentes, como Encontra Búfalo. Nenhum deles servia. Muito menos Jun.

Sim, este era o nome certo. Combinava com a personalidade do soldado branco. Seria lembrado por todos com esse nome. E Pássaro Esperneante tinha duas testemunhas para defender sua escolha, duas testemunhas presentes no momento em que o Grande Espírito fez a revelação.

Repetiu o nome várias vezes, enquanto descia a encosta. O som era tão bom quanto o próprio nome.

Dança com Lobos.

148

CAPÍTULO XXI

um

Foi um dia tranquilo e um dos mais satisfatórios da vida do Tenente Dunbar.

A família de Pássaro Esperneante o recebeu com carinho e respeito, como a um convidado e amigo. Estavam sinceramente contentes com sua presença.

Ele e Pássaro Esperneante sentaram-se para fumar o cachimbo e devido às interrupções constantes, mas agradáveis, a cerimônia continuou até o meio da tarde.

A notícia do novo nome do Tenente Dunbar, e a história que o justificava, percorreu o campo com a velocidade do relâmpago e qualquer suspeita que ainda podiam ter sobre o soldado branco evaporou-se.

Ele não era um deus, mas também não era como os cabelos na boca que eles conheciam. Era um homem com poderes especiais. Os guerreiros apareciam constantemente, uns para um cumprimento breve, outros só para ver Dança com Lobos.

O tenente conhecia quase todos. Para cada um que chegava, ficava de pé e fazia sua saudação discreta. Alguns retribuíam o gesto. Outros estendiam a mão, como

o tinham visto fazer várias vezes.

Não podiam conversar muito, mas o tenente estava cada vez melhor na linguagem dos gestos, o bastante para relembrar alguns episódios importantes da caçada. Esse assunto foi o tema de quase todas as visitas.

Depois de algumas horas, as visitas cessaram e Dunbar perguntava a si mesmo por que não tinha visto ainda De Pé com Punho. Talvez ela não fizesse parte da agenda. Então Vento no Cabelo entrou na tenda.

Antes dos cumprimentos, os dois homens examinaram os objetos que haviam trocado, a túnica desbotada e o peitoral cintilante. Era algo que os unia e os fazia sentir-se seguros.

Apertando a mão do guerreiro, Dunbar pensou, gosto deste cara, é bom vê-lo outra vez.

Vento no Cabelo pensava a mesma coisa e os dois sentaram para uma conversa amigável, embora um não entendesse nada do que o outro dizia.

Pássaro Esperneante chamou a mulher para servir a comida e os três comeram com apetite e em silêncio, carne-seca moída e cerejas.

Após a refeição prepararam outro cachimbo e os dois índios começaram a conversar. Dunbar não tinha a mínima ideia do que estavam dizendo. Mas os gestos pareciam indicar que se tratava de coisa importante.

Pareciam estar planejando uma atividade qualquer e ele não se surpreendeu quando, no fim da conversa, os homens se levantaram e o convidaram para sair com eles.

Dunbar os acompanhou até os fundos da tenda de Pássaro Esperneante, onde estavam empilhados vários galhos flexíveis de salgueiro ao lado de um monte de gravetos e folhas secas.

Os dois homens conversaram outra vez por algum tempo e depois começaram a trabalhar. Quando o tenente compreendeu o que estavam fazendo, procurou ajudar aqui e ali, mas sua contribuição era mínima. Num instante o material se

transformou num pequeno caramanchão com mais ou menos um metro e meio de altura.

Deixaram uma abertura num dos lados e convidaram o tenente para entrar primeiro. Não dava para ficar de pé. Dunbar sentou no chão. Era um lugar espaçoso e tranquilo. O mato seco protegia do sol, permitindo ao mesmo tempo a entrada do ar.

Quando terminou a inspeção, Dunbar viu que Pássaro Esperneante e Vento no Cabelo tinham desaparecido. Uma semana atrás isso o teria preocupado. Mas, como os índios, Dunbar não tinha mais nenhuma desconfiança. Ficou sentado, com as costas apoiadas na parede surpreendentemente forte, ouvindo os ruídos já familiares da aldeia de Dez Ursos, à espera dos próximos acontecimentos.

Não esperou muito.

Ouviu passos que se aproximavam. Pássaro Esperneante entrou e sentou no chão, a uma boa distância de Dunbar.

O tenente viu uma sombra do lado de fora. Alguém esperava para entrar. Devia ser Vento no Cabelo.

Pássaro Esperneante chamou em voz baixa. O movimento da sombra lá fora foi acompanhado pelo canto metálico de pequenos sinos e De Pé com Punho apareceu, curvando-se para entrar na porta baixa.

Dunbar afastou-se um pouco para o lado, abrindo espaço, e na fração de segundo que ela levou para sentar, o tenente teve tempo para ver as novidades.

Os sinos estavam costurados nos mocassins adornados com contas. O

vestido de pele de gamo parecia uma herança de família, algo muito precioso, só usado em ocasiões especiais. Fileiras de dentes de alce enfeitavam o corpete.

Num dos braços usava uma pulseira de bronze maciço e no pescoço uma gargantilha feita com os mesmos ossos redondos em forma de tubo usados no peitoral de Dunbar. O cabelo, limpo e perfumado, pendia nas costas numa única trança, revelando mais do rosto de maçãs salientes e traços finos. Ela parecia mais frágil e mais feminina. E mais branca.

O tenente compreendeu que o caramanchão fora construído para aquele encontro e outros iguais. E na fração de tempo que ela levou para sentar, compreendeu o quanto havia sentido sua falta.

De Pé com Punho não olhou para ele e enquanto Pássaro Esperneante murmurava alguma coisa em comanche, Dunbar resolveu tomar a iniciativa e dizer alô.

Acontece que ambos viraram as cabeças, abriram os lábios e disseram “alô” ao mesmo tempo. As palavras colidiram no espaço que os separava e os dois recuaram embaraçados.

Pássaro Esperneante interpretou aquilo como um bom presságio. Via duas pessoas pensando do mesmo modo. Como era exatamente o que ele queria, achou interessante.

O curandeiro riu baixinho. Então, apontou para o Tenente Dunbar e resmungou, como para dizer, “Continuem... você primeiro.”

— Alô – disse Dunbar, amavelmente.

Ela levantou a cabeça. Sua expressão era formal, mas sem a hostilidade dos outros encontros.

— Ulô – respondeu De Pé com Punho.

dois

Naquele dia ficaram muito tempo no caramanchão improvisado, fazendo uma revisão das poucas palavras que haviam trocado no primeiro encontro formal.

No fim da tarde, quando os três estavam fartos das repetições monótonas e hesitantes, De Pé com Punho de repente lembrou-se das palavras que traduziam seu nome para o inglês.

Entusiasmada com a descoberta, começou a explicar para o tenente.

Primeiro tinha de mostrar o que ia dizer. Apontou para ele e disse “Jun”, depois

apontou para si mesma e não disse nada. Com o mesmo movimento ergueu um dedo que dizia, “Espere, eu vou mostrar.”

Segundo o método que estavam seguindo, o tenente fazia o gesto que ela mandava e depois procurava a palavra que o descrevia em inglês. Ela queria que ele ficasse de pé, mas isso era impossível dentro do caramanchão, por isso De Pé com Punho fez sinal para que todos saíssem.

Lá fora teriam maior liberdade de movimentos.

O Tenente Dunbar adivinhou “levantar”, “levanta-se”, “fica em pé”, e “estou levantado”, antes de encontrar a expressão certa, “de pé”. A preposição “com” não foi tão difícil e ele adivinhou “punho” na primeira tentativa. Depois de o tenente dizer o nome em inglês, ela o ensinou a dizer em comanche.

Partindo daí, ele conseguiu entender, em rápida sucessão, Vento no Cabelo, Dez Ursos e Pássaro Esperneante.

O Tenente Dunbar estava entusiasmado. Pediu alguma coisa com que pudesse escrever e com um pedaço de carvão escreveu os quatro nomes em comanche fonético numa tira de casca branca de árvore.

De Pé com Punho manteve-se reservada o tempo todo. Mas no íntimo estava entusiasmada. As palavras em inglês inundavam sua mente à medida que portas, há tanto tempo fechadas, se abriam uma a uma. Estava eufórica com o prazer de aprender.

Cada vez que o tenente repetia as palavras escritas na casca de árvore e quanto mais aperfeiçoava a pronúncia, ela o encorajava com um sorriso e dizia “sim”.

O tenente não precisava ver o sorriso para saber que o encorajamento era sincero. Bastava ouvir o som da afirmativa e ver o brilho dos olhos claros. Ouvir o tenente dizer aquelas palavras em inglês e em comanche significava algo especial para ela. A euforia não demonstrada da mulher contagiava todos eles. O tenente a sentia como algo tangível.

Ela não era mais a mulher triste e perdida que ele havia encontrado na campina. Aquele momento fora deixado para trás. Dunbar sentiu-se feliz, ao perceber que

a crise estava superada.

O melhor de tudo era o pequeno pedaço de casca de árvore na sua mão. Ele o segurava com força. Não queria nem pensar em perdê-lo. Era a primeira parte do mapa que o conduziria ao seu futuro com aquele povo, fosse ele qual fosse. De agora em diante, quase tudo era possível.

Contudo, dos três, o mais profundamente afetado era Pássaro Esperneante. Para ele, era um milagre do mais alto nível, o mesmo que assistir algo tão definitivo como o nascimento ou a morte.

Seu sonho tornava-se realidade.

Quando ouviu o tenente dizer seu nome em comanche, foi como se uma parede instransponível tivesse se desfeito em fumaça. E eles estavam progredindo. Estavam se comunicando.

De Pé com Punho cresceu também aos seus olhos. Ela não era mais uma comanche. Como uma ponte para suas palavras, tornava-se algo mais.

Com o tenente, ele ouvia isso no som das palavras que ela dizia em inglês e na nova força do seu olhar. Alguma coisa fora acrescentada, algo que faltava antes, e Pássaro Esperneante sabia exatamente o que era.

Seu sangue, há muito tempo enterrado, corria outra vez nas veias, seu sangue branco, não-diluído.

O impacto de tudo isso era mais do que o curandeiro podia suportar e, como um professor que sabe quando os alunos precisam descansar, ele disse a De Pé com Punho que era o bastante para um dia.

Uma leve expressão de desapontamento passou pelo rosto dela. Mas logo abaixou a cabeça obedientemente.

Porém, naquele momento, uma ideia maravilhosa ocorreu a De Pé com Punho. Olhou para Pássaro Esperneante e respeitosamente perguntou se podiam tentar só mais uma coisa.

Ela queria ensinar ao soldado branco seu nome comanche.

Era uma boa ideia que Pássaro Esperneante não podia recusar à filha adotiva. Permitiu que ela continuasse.

De Pé com Punho lembrou-se imediatamente da palavra. Ela a via, mas não podia pronunciar. E não lembrava como a dizia quando era pequena. Os homens esperaram enquanto ela pesquisava a memória.

Então o tenente ergueu a mão para espantar um inseto pousado na sua orelha e ela viu tudo claramente outra vez.

Agarrou a mão do tenente ainda no ar e encostou as pontas dos dedos cautelosamente na cintura dele. Antes que os dois homens tivessem tempo de reagir, ela o conduziu nos passos imperfeitos, mas inconfundíveis de uma valsa.

Depois de alguns segundos De Pé com Punho recuou timidamente.

Dunbar estava em estado de choque. Só com esforço conseguiu lembrar a finalidade daquele exercício.

Uma luz acendeu em sua mente e saltou para os olhos. Então, como o único aluno da classe que sabe a resposta, Dunbar sorriu para a professora.

três

O resto foi fácil.

O Tenente Dunbar abaixou-se apoiado num joelho e escreveu o nome no último espaço em branco da casca de árvore. Olhou longamente para as três palavras em inglês. Parecia maior do que um simples nome.

Quanto mais olhava, mais ele gostava.

Repetiu o nome mentalmente. Dança com Lobos.

Dunbar levantou-se, curvou-se de leve na direção de Pássaro Esperneante e como um mordomo anunciando a chegada de um convidado para o jantar, humildemente e sem fanfarra, repetiu o nome.

Dessa vez, em comanche.

— Dança com Lobos.

153

CAPÍTULO XXII

um

Dança com Lobos passou aquela noite na tenda de Pássaro Esperneante. Estava exausto, mas como acontece frequentemente, cansado demais para dormir. Os acontecimentos do dia espocavam em sua mente como pipoca em óleo fervente.

Quando afinal adormeceu, entrou no lusco-fusco de um sonho que não tinha desde a infância. Rodeado de estrelas, ele flutuava no vazio gelado e silencioso do espaço, um garotinho sem peso, sozinho num mundo negro e prateado.

Mas não estava com medo. Aconchegado no calor de uma cama com dossel, flutuar à deriva no universo imenso, como uma semente isolada, mesmo que fosse por toda a eternidade, não era difícil. Era um prazer.

Foi assim que ele adormeceu naquela primeira noite no acampamento ancestral de verão dos comanches.

dois

Nos meses seguintes, o Tenente Dunbar dormiu muitas vezes na aldeia de Dez Ursos.

Voltava sempre ao Forte Sedgewick, mas essas visitas eram provocadas por um sentimento de culpa, não pela vontade de voltar.

Quando estava no forte sabia que fazia aquilo apenas para manter as aparências. Mas sentia que era necessário.

Não tinha nenhum motivo lógico para ficar no forte. Convencido agora de que o exército havia abandonado aquele posto e a ele também, pensava em voltar ao Forte Hays. Seu dever estava cumprido. Na verdade, sua devoção ao posto e ao exército dos Estados Unidos foi exemplar. Podia partir de cabeça erguida.

O que o impedia de fazer isso era o chamado de um mundo diferente, um mundo que ele começava a explorar. Não sabia exatamente quando tinha acontecido, mas chegou à conclusão de que seu sonho de servir na fronteira, um sonho criado dentro dos pequenos limites do serviço militar, desde o começo apontava para a aventura ilimitada que vivia agora. Países, raças e exércitos empalideciam perto dela. Dunbar tinha descoberto uma sede insaciável e não podia ignorá-la como um homem agonizante não pode recusar a água.

Precisava ver o fim daquela aventura e, por isso, afastou a ideia de voltar para o exército. Mas não afastou a ideia de o exército voltar para ele.

Mais cedo ou mais tarde isso tinha de acontecer.

Assim, nas suas visitas ao forte, ocupava-se com trivialidades, como reparar um rasgão ocasional no toldo, tirar teias de aranha dos cantos da cabana de barro, escrever no diário.

Obrigava-se a essas tarefas como um modo artificial de manter contato com sua vida antiga. Apesar do seu profundo envolvimento com os comanches, não tinha coragem de jogar fora todo o resto e aquele trabalho vazio e sem sentido o impedia de perder toda a ligação com o passado.

Visitando o forte regularmente, ele preservava a ideia da disciplina, inútil agora, e desse modo preservava a ideia da existência do Tenente John J. Dunbar, U.S.A.

O diário não continha mais a descrição dos seus dias. A maior parte das anotações não passava de uma estimativa da data, um breve comentário sobre o tempo ou sobre sua saúde e a assinatura. Mesmo que quisesse, seria demais para ele descrever a vida que estava levando. Além disso, era assunto pessoal.

Invariavelmente ele descia a encosta até o rio, na companhia de Duas Meias. O lobo fora seu primeiro contato real e Dunbar sempre o via com satisfação. Os momentos que passavam juntos, em silêncio, eram preciosos para ele.

Dunbar parava por alguns minutos na margem do rio, vendo o movimento da água. Dependendo da luz, podia ver seu rosto claramente, como num espelho. O cabelo comprido descia até abaixo dos ombros. A pele estava escurecida pelo sol e pelo vento. Dunbar virava de um lado para outro, como um modelo, admirando

o peitoral que usava agora como um uniforme. Com exceção de Cisco, não possuía nada mais precioso.

Às vezes a imagem na água o deixava confuso. Parecia tanto um deles, agora. Quando isso acontecia, equilibrando-se numa perna ele levantava a outra tanto quanto possível para que a água refletisse a calça com as tiras amarelas dos lados e as botas altas de montaria.

Uma vez ou outra pensava em trocar a calça e as botas pelas perneiras e mocassins dos índios, mas o reflexo no regato sempre dizia que aqueles restos do uniforme faziam parte dele. De certo modo, era parte da disciplina. Ia usar a calça e as botas até elas se desintegrarem. Então pensaria no que fazer.

Em certos dias, quando sentia-se mais índio do que branco, galgava a encosta e então o forte parecia um lugar da antiguidade, uma relíquia fantasmagórica de um posto tão perdido no tempo que custava acreditar que fizera parte dele.

Com o passar do tempo, aquelas idas ao Forte Sedgewick transformaram-se numa obrigação desagradável. Eram agora menos 155

frequentes e menos demoradas. Mas não deixou de voltar ao seu antigo posto.

três

A aldeia de Dez Ursos era o centro da sua vida, porém, apesar de sentir-se completamente à vontade, o Tenente Dunbar movia-se como um homem separado dos outros. Sua pele, sua fala, a calça e as botas o identificavam como um visitante de um mundo diferente e, como De Pé com Punho, ele se tornou duas pessoas numa só.

A integração no modo de vida dos comanches era constantemente pontuada pelos vestígios do mundo que deixara para trás e quando Dunbar pensava no seu verdadeiro lugar na vida, seu olhar ficava distante e vago.

Uma névoa, branca e indefinida, inundava sua mente como se todos seus processos normais tivessem parado. Depois de alguns segundos a névoa levantava e ele prosseguia com seu trabalho, sem saber ao certo o que tinha acontecido.

Felizmente, esses alheamentos tornaram-se menos frequentes com o passar do

tempo.

As primeiras seis semanas da sua vida na aldeia de Dez Ursos giraram em torno de um lugar específico, o pequeno caramanchão de gravetos secos, atrás da tenda de Pássaro Esperneante.

Foi ali que, em sessões de várias horas, na parte da manhã e da tarde, o tenente conversou livremente, pela primeira vez, com Pássaro Esperneante.

A fluência da intérprete melhorava a cada dia e no fim da primeira semana os três estavam conversando demoradamente.

Dunbar sempre achou que Pássaro Esperneante era uma boa pessoa, mas quando De Pé com Punho começou a passar para o inglês grande parte do seu pensamento, Dunbar descobriu que estava tratando com uma inteligência superior, de acordo com os mais altos padrões que ele conhecia.

No começo, limitavam-se mais a perguntas e respostas. O Tenente Dunbar contou a história de como foi parar no Forte Sedgewick e do seu isolamento inexplicável. O curandeiro achou a história interessante, mas uma frustração para os objetivos que tinha em mente. Dança com Lobos não sabia quase nada. Não conhecia sequer a missão do exército, quanto mais seus planos específicos. Não ia obter nenhuma informação de caráter militar. Ele era um simples soldado.

Mas a raça branca era outra coisa.

— Por que os brancos vêm à nossa terra? – perguntava Pássaro Esperneante.

E Dunbar respondia.

— Acho que eles não querem ficar nas suas terras, só querem passar por elas.

Pássaro Esperneante dizia:

— Os texanos já estão nas nossas terras, derrubando árvores e destruindo o solo. Eles matam os búfalos e os deixam na relva. Isso está acontecendo agora. E eles são muitos. Quantos mais virão?

Nesse ponto, o tenente franzia os lábios e respondia:

— Eu não sei.

— Ouvi dizer – continuava o curandeiro – que os brancos só querem paz no país. Por que vêm sempre com soldados de cabelo na boca? Por que aqueles *rangers* texanos com cabelo na boca nos perseguem, quando tudo que queremos é ficar em paz? Ouvi falar das conversas que os chefes brancos tiveram com meus irmãos. Ouvi dizer que são conversas pacíficas e cheias de promessas. Mas me disseram que essas promessas sempre são quebradas. Se chefes brancos nos visitarem, como vou saber se estão dizendo a verdade? Devemos aceitar seus presentes? Devemos assinar seus papéis para mostrar que vai haver paz entre nós? Quando eu era menino, muitos comanches foram a uma casa da lei, no Texas, para uma grande reunião com os chefes brancos e foram mortos a tiros.

O tenente procurava dar respostas lógicas às perguntas de Pássaro Esperneante, mas na melhor das hipóteses eram apenas fracas teorias e quando se via pressionado a uma resposta mais clara, inevitavelmente dizia:

— Na verdade, eu não sei.

Dunbar procurava ser cauteloso, pois percebia a grande preocupação de Pássaro Esperneante e não tinha coragem de dizer sinceramente o que pensava. Se os brancos chegassem com toda a sua força, os povos índios, por mais corajosamente que lutassem, seriam sempre uma minoria. Seriam vencidos só pela força das armas.

Ao mesmo tempo não podia dizer a Pássaro Esperneante para esquecer sua preocupação. Ele precisava se preocupar. Acontece que o tenente não podia dizer a verdade. Também não podia mentir. Era um impasse e, sentindo-se encurralado, Dunbar escondia-se atrás de uma suposta ignorância, à espera de um assunto mais agradável.

Mas, a cada dia, como uma mancha que se recusa a desaparecer, a mesma pergunta ficava no ar.

— Quantos mais virão?

quatro

Aos poucos, De Pé com Punho começou a esperar ansiosamente as reuniões no caramanchão rústico.

157

Agora que fora aceito pela aldeia, Dança com Lobos não era mais um problema. Seus elos com a sociedade dos brancos tinham quase desaparecido e embora fosse ainda representante de uma ameaça terrível, ele mesmo não era ameaçador. Nem parecia mais um soldado.

A princípio, a atenção que todos davam às suas atividades no caramanchão aborrecia De Pé com Punho. A instrução de Dança com Lobos, sua presença na aldeia e o papel-chave que ela desempenhava como intermediária eram tópicos constantes das conversas. Aquela notoriedade a constrangia, como se estivesse sendo vigiada. Preocupava-se especialmente com as possíveis críticas ao fato de estar negligenciando os deveres comuns a todas as mulheres comanches. Era verdade que Pássaro Esperneante a tinha isentado desses deveres, mas mesmo assim isso a preocupava.

Porém, depois da segunda semana, nada do que temia tinha acontecido e o novo respeito com que a tratavam teve um efeito muito positivo na sua personalidade. Seu sorriso era mais frequente e andava com os ombros mais retos. A importância do seu novo papel emprestava ao seu porte uma nova autoridade que todos podiam ver. Sua vida tornava-se mais vasta e no íntimo ela sabia que isso era bom.

Outras pessoas sabiam também.

Certa noite, estava apanhando lenha quando uma das suas amigas parou perto dela e disse, com orgulho:

— Todos estão falando de você.

De Pé com Punho ergueu o corpo, sem saber ao certo o significado daquela observação.

— O que estão dizendo? – perguntou com voz inexpressiva.

— Dizem que você está fazendo mágica. Dizem que talvez deva mudar seu nome.

— Que outro nome eu devia usar?

— Oh, eu não sei – respondeu a amiga. – Língua Mágica, talvez, alguma coisa assim. É só conversa.

Enquanto caminhavam juntas, no fim do dia, De Pé com Punho pensou no assunto. Já estavam na entrada da aldeia quando ela falou outra vez.

— Gosto do meu nome – disse, certa de que logo todos iam saber o que ela queria. – Vou ficar com ele.

Algumas noites mais tarde, voltava para a tenda de Pássaro Esperneante, depois de fazer suas necessidades, quando alguém começou a cantar numa das tendas próximas. Parou para ouvir e ficou atônita.

Os comanches têm uma ponte

Que passa para um outro mundo

O nome dessa ponte é De Pé com Punho.

158

Muito embaraçada para ouvir mais, ela voltou correndo para a tenda.

Mas quando se deitou e puxou as cobertas até o queixo, já tinha mudado de opinião. Pensou nas palavras que acabava de ouvir e, depois de algum tempo, achou que pareciam muito boas.

Dormiu profundamente naquela noite e já estava claro quando acordou na manhã seguinte. Apressou-se para recuperar o tempo perdido, saiu da tenda e parou de repente.

Dança com Lobos saía da aldeia no seu cavalo castanho. O aperto que sentiu no coração foi uma surpresa para ela. A ideia da partida dele não a preocupava muito, mas a ideia de que ele podia não voltar era tão angustiante que refletiu-se no seu rosto.

De Pé com Punho corou só de pensar que alguém podia vê-la assim.

Olhou para os lados e ficou mais corada ainda.

Pássaro Esperneante a observava.

Seu coração disparou e ela procurou se controlar. O curandeiro aproximou-se.

— Hoje não teremos conversa – disse ele, observando-a com uma atenção que a deixou gelada.

— Compreendo – respondeu, tentando falar com voz inexpressiva.

Mas viu a curiosidade nos olhos dele, curiosidade que pedia uma explicação.

— Eu gosto das conversas – disse ela. – Sinto-me feliz fazendo as palavras dos brancos.

— Ele quer ver o forte do homem branco. Voltará ao anoitecer.

Com outro olhar intrigado e atento, o curandeiro acrescentou: —

Faremos mais conversa amanhã.

cinco

O dia para ela se arrastou, de minuto em minuto.

De Pé com Punho vigiava o sol como um empregado de escritório entediado escuta cada tique-taque do relógio. Nada é mais lento do que vigiar o tempo. Não conseguia se concentrar no que estava fazendo.

Quando não estava vigiando o tempo, estava devaneando.

Agora que ele aparecia como uma pessoa real, ela descobriu muitas coisas dignas de serem admiradas. Algumas podiam ser atribuídas ao fato dos dois serem brancos. Outras pertenciam só a ele. Todas as interessavam.

Sentia um orgulho inexplicável quando pensava nos feitos dele, feitos conhecidos por todo seu povo.

Lembrando-se da sua mímica, ela ria. Às vezes ele era muito engraçado. Engraçado, mas não tolo. Em tudo que fazia ou dizia parecia 159

sincero, aberto, respeitoso e cheio de bom humor. Estava convencida de que essas qualidades eram genuínas.

Quando o viu com o peitoral, a princípio achou que não combinava, como uma cartola não combinava com um comanche. Mas ele o usava todos os dias, sem dar nenhuma atenção especial ao adorno. E nunca o tirava do peito. Era evidente que era um objeto valioso para ele.

O cabelo dele era emaranhado como o dela, não espesso e liso como o dos outros. E ele não procurou mudar isso.

Também continuava a usar a calça e as botas com a mesma naturalidade com que usava o peitoral.

Tudo isso levava à conclusão de que Dança com Lobos era uma pessoa honesta. Todos os seres do mundo admiram certas características especiais nas outras pessoas. Para De Pé com Punho, essa característica era a honestidade.

Pensou em Dança com Lobos o dia todo e à medida que a tarde se adiantava, os pensamentos ficavam mais ousados. Ela o imaginou voltando ao pôr-do-sol. Ela os imaginou juntos, no caramanchão, no dia seguinte.

Outra imagem lhe veio à mente, quando estava ajoelhada na beira do rio, no fim da tarde, enchendo de água uma jarra. Estavam juntos no caramanchão. Ele falava sobre sua vida e ela ouvia. Mas não havia mais ninguém com eles.

Pássaro Esperneante não estava lá.

seis

Seu devaneio tornou-se realidade no dia seguinte.

Quando começaram a conversar, chegou um índio dizendo que um grupo de jovens guerreiros queria fazer uma incursão contra os pawnees.

Como o assunto já fora comentado e os jovens em questão eram inexperientes, Dez Ursos convocou uma reunião extraordinária do conselho.

Pássaro Esperneante saiu para a reunião e, de repente, estavam os dois sozinhos.

O silêncio era tão pesado que começaram a ficar nervosos. Os dois queriam falar, mas a dificuldade para escolher o assunto e pensar no modo de transformá-lo em palavras os deixava mudos.

Finalmente, De Pé com Punho descobriu um modo de começar a conversa, mas chegou tarde demais.

Ele voltou-se e disse tímida, mas claramente.

— Quero saber tudo sobre você.

De Pé com Punho virou o rosto para pensar. Ainda era difícil para ela.

Com o pensamento fragmentado pelo esforço, ela disse, com palavras claras, mas hesitantes:

160

— O que... o que você sabe... o que quer saber?

sete

Durante o resto daquela manhã, ela falou, prendendo a atenção do tenente com a história da sua vida como branca, sua captura e sua longa vida como comanche.

Cada vez que tentava terminar uma história, ele fazia outra pergunta.

Por mais que desejasse, não conseguiu falar de outra coisa.

Ele perguntou por que tinha aquele nome e ela contou a história da sua chegada à aldeia, tantos anos atrás. A lembrança dos primeiros meses era muito vaga, mas lembrava muito bem do dia que recebeu o nome.

Não foi adotada oficialmente por ninguém, nem foi aceita como membro do grupo. Só trabalhava. À medida que ela executava com perfeição as tarefas, ia sendo designada para trabalhos menos pesados e começou a aprender os vários modos de vida da planície. Porém, quanto mais trabalhava, mais se ressentia da sua condição insignificante no grupo.

E algumas mulheres abusavam dela impiedosamente, com ofensas e

provocações.

No lado de fora de uma tenda, certa manhã ela conseguiu levar a melhor sobre a pior delas. Pequena e despreparada, não tinha condições para vencer uma luta. Mas o soco com que se defendeu foi violento e desfechado no momento exato. Acertou a ponta do queixo e a mulher desabou no chão, desmaiada. Ela chutou a mulher inconsciente para ter certeza de que não ia voltar a atacá-la e ficou de pé na frente das outras com os punhos cerrados. Uma menininha pequena e frágil, pronta para enfrentar todas que a ofendessem outra vez.

Ninguém a desafiou. Apenas assistiram. Logo voltaram aos seus afazeres, deixando a mulher malvada caída no chão.

Ninguém mais provocou ou maltratou a menininha outra vez. A família que cuidava dela começou a tratá-la com bondade e o caminho para se tornar uma comanche estava aberto. Desde esse dia, ela passou a se chamar De Pé com Punho.

Um calor diferente encheu o ar do caramanchão quando ela contou essa história. O Tenente Dunbar quis saber o lugar exato que o soco tinha acertado o queixo da mulher e De Pé com Punho, timidamente, roçou o queixo dele com a mão fechada.

Dunbar arregalou os olhos.

Então, girando-os nas órbitas, caiu para trás.

Foi engraçado e ela continuou a brincadeira, ajudou-o a sentar, puxando-o pelo braço.

Aquela conversa e a brincadeira foram um prazer imenso para os dois, mas a familiaridade repentina preocupou um pouco De Pé com Punho.

Não queria que ele fizesse perguntas de caráter pessoal, perguntas sobre seu *status* como mulher. Sentia que iam ser feitas e a expectativa prejudicou sua concentração. Ficou nervosa e menos comunicativa.

O tenente percebeu o distanciamento e ficou também nervoso e menos

comunicativo.

Então, o silêncio os envolveu outra vez.

Mas Dunbar resolveu falar, assim mesmo. Não sabia bem por quê, mas precisava perguntar. Se não fizesse agora, nunca mais faria. Por isso perguntou.

Com a maior naturalidade possível, ele esticou uma perna e bocejou.

— Você é casada? – perguntou.

De Pé com Punho olhou para as mãos no colo. Balançou a cabeça, embaraçada, e disse:

— Não.

O tenente ia perguntar por quê, quando a viu cobrir o rosto com as mãos. Esperou um momento, imaginando o que podia estar errado.

Ela ficou completamente imóvel.

Quando ele ia falar outra vez, De Pé com Punho levantou-se e saiu do caramanchão.

Ela desapareceu antes que Dunbar tivesse tempo de chamá-la.

Arrasado e furioso por ter feito a pergunta, ele esperava, contra toda esperança, que o erro, fosse qual fosse, pudesse ser corrigido. Mas não podia fazer nada para isso. Não podia pedir conselho a Pássaro Esperneante.

Não podia nem falar com ele.

Ficou ali sozinho e frustrado durante dez minutos. Então saiu e dirigiu-se para onde estavam os pôneis. Precisava andar e cavalgar.

De Pé com Punho também saíra a cavalo. Atravessou o rio e seguiu uma trilha ao lado dos baixios, procurando pensar.

Não conseguiu ordenar os pensamentos.

Seus sentimentos para com Dança com Lobos estavam tremendamente confusos.

Até pouco tempo atrás, ela odiava a própria ideia da existência dele. Nos últimos dias, não pensara em nada mais que não fosse ele. Havia muitas outras contradições.

Sobressaltada, percebeu que nem tinha pensado no marido morto, que era o centro de sua vida há algumas semanas e agora estava esquecido.

A culpa tomou conta dela.

Ia voltar para a aldeia quando seu pônei levantou as orelhas e relinchou assustado.

Alguma coisa muito grande passou por uma moita atrás dela.

Sabendo que, pelo barulho, só podia ser um urso, De Pé com Punho fez o cavalo apressar o passo.

162

Atravessava o rio quando pensou, será que Dança com Lobos já viu um urso?

De Pé com Punho ficou chocada. Não podia permitir que isso acontecesse. Estava sempre pensando nele. Era intolerável.

Quando chegou à outra margem, a mulher que era duas pessoas resolveu que, a partir desse dia, seu papel de tradutora seria puramente um negócio, como a troca de mercadorias. Não passaria disso, nem em sua mente.

Tinha de acabar com aquilo.

163

CAPÍTULO XXIII

um

O passeio solitário do Tenente Dunbar o levou também ao longo do rio. Mas, enquanto De Pé com Punho foi para o sul, ele foi para o norte.

Apesar do calor intenso do dia, afastou-se uns três quilômetros da margem do rio. Saiu para o campo aberto com a ideia de que, rodeado de espaço, ia sentir-se

melhor.

O tenente estava muito deprimido.

A imagem daquela fuga brusca do caramanchão não saía da sua mente e ele procurava uma explicação. Mas havia uma sensação de finalidade naquela partida e Dunbar não se livrava da impressão de ter deixado alguma coisa muito boa escapar entre seus dedos.

Censurava-se amargamente por não ter ido atrás dela. Poderiam talvez estar conversando felizes naquele momento, com o problema resolvido, fosse ele qual fosse.

Dunbar queria falar de si mesmo. Agora, isso talvez nunca acontecesse. Queria voltar ao caramanchão com ela, mas ao invés disso estava andando a esmo como uma alma perdida sob o sol escaldante.

Era a primeira vez que se afastava tanto da aldeia naquela direção e com surpresa notou como a paisagem mudava radicalmente. O que estava vendo adiante eram montanhas de verdade, não meras elevações na planície.

Enormes desfiladeiros escarpados estendiam-se entre os montes.

Sentindo-se atordoado de repente, por causa do calor e da autocrítica severa a que estava se submetendo, ele apertou levemente os joelhos nos lados de Cisco. Mais ou menos a meio quilômetro, ele via a entrada sombreada de um desfiladeiro estendendo-se pela pradaria.

Os paredões dos dois lados deviam ter trinta metros de altura, ou mais, e a sombra que envolveu o cavalo e cavaleiro era agradavelmente refrescante. Mas à medida que avançavam devagar, escolhendo o caminho no chão rochoso, o desfiladeiro ficava mais sinistro. Os paredões pareciam querer fechar-se sobre eles. Dunbar sentiu que Cisco retesava os músculos nervosamente e, na quietude total da tarde, ele ouvia cada vez mais nitidamente as batidas do próprio coração.

Dunbar tinha a certeza de ter entrado num lugar muito antigo. Talvez a morada do mal.

Pensava em voltar quando, de repente, o desfiladeiro começou a se alargar. Adiante, no espaço entre os paredões, viu um bosque de álamos, com as copas

cintilando à luz clara do sol.

164

Depois de muitas voltas, ele e Cisco chegaram a uma clareira natural onde estavam os álamos. Em pleno verão, tudo estava verde e embora Dunbar não visse nenhum rio, tinha certeza de que havia água por perto.

Cisco arqueou o pescoço e farejou o ar. O cavalo devia estar com sede também. Dunbar afrouxou a rédea. Cisco passou por fora do bosque de álamos e depois de caminhar uns cem metros chegou à base de um paredão de rocha nua, que marcava o fim do desfiladeiro. Ali o cavalo parou.

Dunbar viu então uma pequena fonte, com menos de dois metros de largura, coberta por uma camada de folhas e algas. Antes mesmo de o tenente desmontar, Cisco já estava enfiando o focinho entre as folhas e algas tomando grandes goles de água.

Dunbar ajoelhou na beira da fonte, ao lado do cavalo, estendeu a mão para a água e então alguma coisa chamou sua atenção. Havia uma fenda na base da parede de rocha, suficientemente alta para dar passagem a um homem.

O tenente enfiou o rosto na água e bebeu ao lado de Cisco. Tirou o bridão do cavalo, jogou-o na relva, perto da fonte, e entrou na fenda escura da rocha.

Estava deliciosamente fresco. O solo era liso e até onde ele podia ver, o lugar estava vazio. Mas quando observou o chão, teve certeza da presença do homem naquele lugar. Havia restos de carvão de milhares de fogueiras espalhados pelo chão, como penas arrancadas.

O teto começou a ficar mais baixo. O tenente o tocou e seus dedos ficaram cheios de fuligem.

Ainda um pouco atordoado, ele resolveu sentar e bateu com as nádegas no chão com tanta força que soltou um gemido de dor.

Estava de frente para a entrada que, a uns cem metros de distância, era agora uma janela para a tarde. Cisco pastava satisfeito ao lado da fonte.

Atrás dele, as folhas das árvores cintilavam como espelhos. O frescor do ar ali

dentro o envolveu e Dunbar de repente sentiu um cansaço imenso e total.

Deitou no solo macio e arenoso, cruzou os braços sob a cabeça e olhou para o teto da caverna.

O teto era de rocha sólida escurecida pela fuligem das inúmeras fogueiras e sob a fuligem havia marcas visíveis. Eram marcas profundas, feitas pela mão do homem.

O sono estava chegando, mas Dunbar sentia-se fascinado por aquelas marcas. Esforçava-se para descobrir algum significado nelas, como um astrônomo procurando divisar o contorno de Taurus.

De repente os desenhos tomaram forma. Lá estava o desenho primitivo de um búfalo com todos os detalhes básicos, até a cauda erguida.

Ao lado do búfalo estava um caçador, com uma lança apontada para o animal.

165

O sono tomou conta dele então. Pensando que a água da fonte talvez tivesse alguma poção mágica, ele fechou os olhos.

Mesmo de olhos fechados, via ainda o desenho do teto. O caçador parecia familiar. Não era uma cópia exata, mas o rosto tinha alguma coisa dos traços de Pássaro Esperneante, traços passados de geração em geração, através de centenas de anos.

Então, o caçador era ele, Dunbar.

O tenente adormeceu.

dois

As árvores estavam desfolhadas.

Remendos de neve espalhavam-se pelo chão.

Fazia muito frio.

Os soldados, formados em círculo, esperavam imóveis com os rifles no chão, ao

seu lado.

Ele foi de um em um, examinando os rostos gelados e azuis, à procura de algum sinal de vida. Nenhum reagiu à sua presença.

Seu pai estava entre eles, com a valise de médico que parecia uma extensão natural do seu braço. Viu um amigo de infância que morreu afogado. Viu o dono do estábulo na sua antiga cidade, que batia nos cavalos quando eles saíam da linha. Viu o General Grant, imóvel como a Esfinge, com o quepe militar. Viu um homem de olhos lacrimejantes com colarinho de padre. Viu uma prostituta, o rosto morto manchado de ruge e pó. Viu sua professora do curso primário com seios enormes. Viu o rosto suave de sua mãe com as lágrimas congeladas nas faces.

O vasto exército da sua vida desfilou ante seus olhos numa procissão interminável.

Havia armas, grandes canhões de bronze sobre rodas.

Alguém aproximava-se do círculo dos soldados mortos.

Era Dez Ursos. Caminhava levemente no chão gelado, só com um cobertor sobre os ombros magros. Como um turista curioso, parou na frente dos canhões. A mão cor de cobre retirou a coberta para sentir o frio do cano da arma.

O canhão disparou e Dez Ursos subiu numa nuvem de fumaça. A parte superior do seu corpo rodopiou lentamente no céu morto de inverno.

O sangue jorrava no lugar em que ele tinha estado, como água saindo de uma mangueira. Seu rosto estava inexpressivo. Suas tranças flutuavam preguiçosamente nos dois lados da cabeça.

Outros canhões dispararam e, como Dez Ursos, as tendas da sua aldeia subiram no ar. Giraram no espaço como pesados cones de papel e 166

voltaram para a terra, caindo de cabeça para baixo, enterrando as pontas superiores no chão gelado.

Os soldados não tinham rostos agora. Como um bando de banhistas alegres a caminho da praia num dia quente de verão, avançaram para as pessoas indefesas,

sem a proteção das tendas.

Primeiro atiraram para longe as crianças de todas as idades. Elas voaram no ar. Os galhos desfolhados das árvores trespassavam os corpos pequeninos e as crianças se contorciam, seu sangue corria pelos troncos gelados e os soldados continuavam seu trabalho.

Abriam homens e mulheres como se fossem presentes de Natal.

Atirando em suas cabeças, levantando a parte superior do crânio, abriam os corpos com as baionetas e separavam as bordas do ferimento com as mãos, cortavam pernas e braços e os atiravam para longe.

Os índios estavam cheios de dinheiro. Moedas de prata saíam de todos os membros. Notas verdes saltavam das barrigas. Ouro saía das cabeças que pareciam jarras de balas, abertas.

O grande exército retirava-se agora com as carroças repletas de riquezas. Alguns soldados corriam ao lado delas, apanhando avidamente o excesso que caía no chão.

Os homens começaram a brigar e muito depois de terem desaparecido, o clarão da luta nas fileiras do exército riscava o céu como relâmpagos atrás das montanhas.

Um soldado ficou para trás e, atordoado, caminhava tristemente entre os corpos espalhados no chão.

Era ele, Dunbar.

Os corações dos índios eviscerados batiam ainda, num ritmo cadenciado e uníssono que parecia música.

Ele enfiou a mão na túnica e a viu subir e descer acompanhando as batidas do coração. Viu seu hálito congelando na frente do rosto. Logo estaria congelado também.

Deitou-se no meio dos cadáveres com um suspiro longo e lamentoso que, ao invés de diminuir, foi se avolumando cada vez mais, voou em círculo sobre o campo da morte, passando rapidamente por seus ouvidos, com uma mensagem

de dor que ele não compreendeu.

três

O Tenente Dunbar acordou gelado até os ossos.

Estava escuro.

O vento assobiava através da fenda na rocha.

167

Levantou-se de um salto, bateu a cabeça no teto e caiu de joelhos.

Com a dor forte da pancada, entrecerrou os olhos e viu uma luz cor de prata na entrada da fenda. O luar.

Em pânico, Dunbar ergueu o corpo a meio e, como um macaco, caminhou com a mão levantada, para calcular a altura do teto. Logo que conseguiu ficar de pé correu para a entrada da fenda e só parou quando chegou à clareira banhada de luar.

Cisco tinha desaparecido.

Dunbar o chamou com um assobio estridente e alto.

Nada.

Deu alguns passos para o centro da clareira e assobiou outra vez.

Percebeu um movimento no pequeno bosque e o pêlo castanho de Cisco brilhou como âmbar quando ele saiu para a clareira.

Dunbar estendeu a mão para o bridão que deixara ao lado da fonte quando alguma coisa se moveu no ar. Olhou para trás a tempo de ver uma enorme coruja orelhuda que passou acima da cabeça de Cisco, na direção de uma encosta íngreme e desapareceu entre os galhos do álamo mais alto.

O voo da coruja tinha algo de fantasmagórico. Cisco sentiu também.

Quando Dunbar chegou perto dele, o castanho tremia de medo.

quatro

Voltaram pela trilha entre os paredões do desfiladeiro e entraram na pradaria com o alívio do nadador que vê a superfície depois de um mergulho longo e profundo.

Dunbar inclinou o corpo um pouco para a frente e Cisco disparou pela campina no seu galope macio.

Dunbar sentia-se revigorado, feliz por estar acordado, vivo e distanciando-se rapidamente daquele sonho estranho e perturbador. Não importava de onde tinha vindo ou o que significava. As imagens eram muito recentes e muito profundas para serem revividas agora. Procurou afastá-las da mente com outros pensamentos, enquanto ouvia o ritmo leve e cadenciado das patas de Cisco.

A cada quilômetro crescia nele a sensação de força e poder. Estava nos movimentos do galope fácil de Cisco e na unidade que Dunbar sentia em si mesmo, unidade com seu cavalo e com a pradaria e na perspectiva de voltar como um ser completo à aldeia que era agora seu lar. Sabia que precisava acertar as coisas com De Pé com Punho e que o sonho grotesco teria de ser assimilado e projetado para algum lugar do futuro.

Porém, naquele momento, tudo isso era sem importância. Não constituía uma ameaça, pois tinha a sensação de que sua vida como ser humano era uma folha em branco, que o quadro-negro da sua história fora 168

apagado completamente. O futuro estava aberto como no dia do seu nascimento e seu espírito pairava livre no ar. Era o único homem na terra, um rei sem súditos, vagando nos territórios ilimitados da própria vida.

Estava satisfeito por eles serem comanches e não kiowas. Lembrou-se então de algo ouvido no passado, o apelido dos comanches.

Os Senhores das Planícies, era assim que os chamavam. E Dunbar era um deles.

Dominado pelo devaneio, soltou as rédeas e cruzou os braços com as palmas das mãos sobre o peitoral de ossos brilhantes.

— Eu sou Dança com Lobos – gritou. – Eu sou Dança com Lobos.

cinco

Quando ele entrou na aldeia naquela noite, Pássaro Esperneante, Vento no Cabelo e outros homens estavam sentados em volta do fogo.

O curandeiro, preocupado, enviara um pequeno grupo de homens para procurar o soldado branco nas quatro direções. Mas não houve nenhum alarme geral. Tudo foi feito discretamente. Os homens voltaram sem nada para relatar e Pássaro Esperneante esqueceu o incidente. Quando se tratava de alguma coisa fora da sua esfera de influência, ele entregava nas mãos do Grande Espírito.

Estava mais preocupado com o que vira no rosto da sua filha adotiva do que com o desaparecimento de Dança com Lobos. Quando mencionou o nome dele, notou uma expressão nos olhos dela, como se estivesse escondendo alguma coisa.

Mas isso também estava fora do seu controle. Se tinha acontecido algo importante entre os dois, seria revelado na hora certa.

Foi com alívio que ele viu o cavalo castanho e o cavaleiro aproximando-se da fogueira.

O tenente desmontou e cumprimentou os homens, em comanche.

Eles responderam e esperaram que dissesse alguma coisa sobre seu desaparecimento.

Dunbar ficou de pé na frente deles como um hóspede não-convidado, girando a rédea de Cisco entre os dedos. Todos perceberam que parecia estar pensando em alguma coisa importante.

Depois de alguns segundos, ele olhou diretamente para Pássaro Esperneante e o curandeiro pensou que nunca o vira tão calmo e seguro.

Então Dunbar sorriu. Um sorriso leve e confiante.

Em perfeito comanche ele disse:

— Eu sou Dança com Lobos.

Deu meia-volta e levou Cisco para tomar água no rio.

CAPÍTULO XXIV

um

A primeira reunião do conselho de Dez Ursos foi inconclusiva, mas no dia seguinte ao da volta do Tenente Dunbar, houve nova reunião e dessa vez chegaram a uma conclusão sólida e definitiva.

Ao invés de partirem imediatamente para a incursão contra os pawnees, como queriam os guerreiros mais jovens, dedicariam uma semana aos preparativos necessários. Decidiram também que os jovens seriam acompanhados por dois guerreiros experientes.

Vento no Cabelo seria o chefe do grupo e Pássaro Esperneante se encarregaria da orientação espiritual dos assuntos de ordem prática, como a escolha dos lugares de acampamento, hora do ataque, bem como a interpretação de presságios que certamente apareceriam. Era um grupo pequeno, de mais ou menos vinte guerreiros, e visava mais ao saque do que a vingança.

O interesse era geral, por ser a primeira vez que alguns dos jovens tomariam parte numa incursão como guerreiros e, além disso, a escolha de dois homens tão ilustres para guiá-los era suficiente para quebrar a tranquilidade habitual da aldeia de Dez Ursos.

A rotina diária do Tenente Dunbar, já alterada por aquela ausência de um dia e uma noite no desfiladeiro, também sofreu modificações. Com toda aquela agitação, as reuniões no caramanchão eram constantemente interrompidas e, no fim de dois dias, desistiram de continuar.

Sobrecarregado de trabalho, Pássaro Esperneante ficou satisfeito por poder dar toda atenção aos preparativos da incursão. De Pé com Punho e Dança com Lobos ficaram satisfeitos também com a oportunidade do relaxamento da tensão. Via-se claramente que ela se esforçava para manter a distância entre os dois e isso bastava para que ele aceitasse de bom grado o fim daqueles encontros.

Estava interessado nos preparativos e acompanhava Pássaro Esperneante sempre que possível.

O curandeiro parecia estar em contato permanente com toda a aldeia e Dança com Lobos sentia-se feliz por ser incluído, nem que fosse só como observador. Não falava comanche fluentemente, mas já conseguia entender o essencial e estava tão treinado na linguagem dos gestos que, nos últimos dias que precederam a partida dos guerreiros, De Pé com Punho raramente foi chamada para interpretar o que ele dizia.

Foi uma educação de primeira classe para o antigo Tenente Dunbar.

Tomava parte em muitas reuniões onde as responsabilidades eram 170

delegadas a cada membro do grupo, com cuidado e tato extremos.

Deduzindo do que via e ouvia, descobriu, entre muitas outras, uma qualidade especial em Pássaro Esperneante, a habilidade de fazer com que cada homem se sentisse como um fator de importância crucial para a expedição eminente.

Dança com Lobos passava muito tempo também com Vento no Cabelo. O guerreiro havia lutado várias vezes contra os pawnees, por isso todos queriam ouvir seus relatos sobre essas lutas. Na verdade, tinham importância vital para o preparo dos jovens. Os homens reuniam-se na tenda de Vento no Cabelo para aulas informais sobre as táticas de guerra e, com o passar dos dias, o entusiasmo contagiou também Dança com Lobos.

Começou lentamente, nada mais do que reflexões sobre como seria tomar parte numa incursão de guerreiros, mas transformou-se num desejo enorme de participar da luta contra os inimigos dos comanches.

Esperou pacientemente o momento oportuno para fazer o pedido.

Dança com Lobos tinha muitas chances de ser aceito, mas o momento chegou e ele não teve coragem de falar. Temia que alguém dissesse “não”.

Dois dias antes da data marcada para a partida, uma manada de antílopes foi vista perto da aldeia e um grupo de guerreiros, incluindo Dança com Lobos, saiu à procura de carne.

Com a técnica de envolvimento da manada num ataque em meia-lua, a mesma que haviam usado com os búfalos, conseguiram matar cerca de sessenta antílopes.

Carne fresca era sempre bem-vinda, porém o mais importante era que o aparecimento dos antílopes e o bom resultado da caçada foram considerados como indícios de que teriam sucesso no ataque aos pawnees.

Os guerreiros partiriam mais tranquilos, sabendo que suas famílias teriam comida suficiente, mesmo que ficassem fora algumas semanas.

Naquela noite houve uma dança de agradecimento e estavam todos felizes. Todos, menos Dança com Lobos. À medida que as horas passavam sua tristeza crescia e ele os observava de longe. Só pensava que ia ser deixado para trás e a ideia era insuportável.

Dunbar aproximou-se aos poucos e, quando a dança terminou, estava ao lado da sua intérprete.

— Quero falar com Pássaro Esperneante – disse ele.

Alguma coisa está errada, pensou De Pé com Punho. Olhou para ele, procurando descobrir o que era, mas sem resultado.

— Quando?

— Agora.

dois

171

Enquanto os três caminhavam para a tenda, Pássaro Esperneante e De Pé com Punho notaram que Dança com Lobos mal continha o nervosismo.

A ansiedade era evidente quando sentaram na tenda do curandeiro.

Pássaro Esperneante apressou as formalidades de praxe e logo foi direto ao assunto.

— Faça a sua fala – disse ele, por intermédio da jovem.

— Eu quero ir.

— Ir aonde? – perguntou ela.

Dança com Lobos mudou de posição, embaraçado, reunindo coragem.

— Contra os pawnees.

Ela passou a informação para Pássaro Esperneante. A não ser por um leve arregalar dos olhos, o curandeiro ficou impassível.

— Por que quer fazer guerra contra os pawnees? – perguntou, com lógica. – Não fizeram nada para você.

Dança com Lobos pensou por um momento.

— São inimigos dos comanches.

Pássaro Esperneante não gostou. Havia algo de forçado no pedido.

Dança com Lobos estava apressando as coisas.

— Só guerreiros comanches podem fazer parte dessa incursão – disse ele, friamente.

— Eu fui guerreiro no exército do homem branco por mais tempo do que alguns jovens do grupo têm de aprendizado. Muitos vão guerrear pela primeira vez.

— Eles aprenderam a guerra dos comanches – disse o curandeiro, calmamente. – Você não. O modo do homem branco não é o modo dos comanches.

Dança com Lobos sentiu enfraquecer sua determinação. Sabia que estava perdendo. Disse em voz baixa:

— Não posso aprender o modo de guerrear dos comanches se ficar na aldeia.

Era difícil para Pássaro Esperneante. Desejou que aquilo não estivesse acontecendo.

Sua afeição por Dança com Lobos era profunda. Era responsável pelo soldado branco e o soldado branco demonstrou valer os riscos que o curandeiro tinha enfrentado. Valia mais do que isso.

Por outro lado, o curandeiro tinha conquistado sua posição no grupo por intermédio da procura constante da sabedoria. Era sábio e prudente agora e

compreendia suficientemente o mundo para ajudar seu povo.

Sentia-se dividido entre a afeição por um homem e o bem da comunidade. Sabia que não se tratava de uma escolha. Toda a sua 172

prudência dizia que seria errado concordar com o pedido de Dança com Lobos.

Enquanto pensava, ouviu Dança com Lobos dizer alguma coisa para De Pé com Punho.

— Ele pede para você falar com Dez Ursos sobre o assunto.

Pássaro Esperneante olhou nos olhos esperançosos do seu protegido e disse:

— Vou fazer isso.

três

Dança com Lobos dormiu mal naquela noite, furioso por não conseguir se acalmar. A decisão só seria tomada no dia seguinte e o amanhã parecia muito longe. Passou a noite toda dormindo dez minutos e acordado vinte. Meia hora antes da alvorada, finalmente desistiu e foi tomar banho no rio.

A ideia de esperar a notícia na aldeia era intolerável e aceitou alegremente o convite de Vento no Cabelo para sair à procura de búfalos.

Cavalgaram um longo tempo para o leste e a tarde ia em meio quando voltaram para a aldeia.

Muitos Sorrisos levou Cisco para junto dos outros pôneis e Dança com Lobos, com o coração disparado, foi para a tenda de Pássaro Esperneante.

A tenda estava vazia.

Resolveu esperar até chegar alguém, mas ouviu vozes de mulheres trabalhando atrás da tenda e, quanto mais prestava atenção, menos entendia o que estava acontecendo. Não demorou muito e, curioso, saiu para averiguar.

Atrás da tenda de Pássaro Esperneante, a poucos metros do caramanchão das reuniões, ele viu De Pé com Punho e as duas mulheres do curandeiro terminando

a construção de uma nova tenda.

Estavam dando os últimos pontos nas bainhas e ele as observou por algum tempo antes de perguntar.

— Onde está Pássaro Esperneante?

— Com Dez Ursos – disse ela.

— Vou esperar por ele. – Dança com Lobos deu alguns passos, para voltar à tenda do curandeiro.

— Se quiser – disse ela, sem erguer os olhos do trabalho –, pode esperar aqui.

Parou para enxugar o suor da testa e olhou para ele.

— Fizemos isto para você.

quatro

A conversa com Dez Ursos não foi demorada, pelo menos não a parte essencial.

O velho chefe estava de bom humor. Seus ossos doloridos gostavam do calor e embora não pudesse acompanhar os guerreiros, a perspectiva de um ataque bem-sucedido aos odiados pawnees o enchia de prazer. Seus netos estavam redondos como bolas, graças aos banquetes de verão, e ultimamente suas três mulheres pareciam mais alegres do que nunca.

Pássaro Esperneante não podia ter escolhido melhor hora para tratar de um assunto delicado.

Dez Ursos ouviu impassível quando Pássaro Esperneante falou sobre o pedido de Dança com Lobos. Antes de responder ele reabasteceu de fumo o cachimbo.

— Você me disse o que há no coração dele – observou o velho chefe com voz rouca. – O que há no seu?

Ofereceu o cachimbo ao curandeiro.

— Meu coração diz que ele está ansioso demais. Quer muito, muito cedo. Ele é um guerreiro, mas não um comanche. Vai demorar ainda para que seja um comanche.

Dez Ursos sorriu.

— Você sempre fala bem, Pássaro Esperneante. E você vê bem.

O velho chefe acendeu o cachimbo e passou para o curandeiro.

— Agora diga – continuou o chefe –, sobre o que você quer meu conselho?

cinco

A princípio foi um grande desapontamento. Só comparável a um rebaixamento de posto no exército. Mas era pior do que isso. O maior desapontamento de sua vida.

Contudo, ficou atônito com o pouco tempo que durou. Desapareceu assim que Pássaro Esperneante e De Pé com Punho saíram da tenda.

Deitado na cama nova, na sua nova casa, ele meditou sobre essa mudança. Há poucos minutos tinha recebido a notícia, mas não estava arrasado agora, apenas levemente desapontado.

Tem algo a ver com estar aqui, pensou, estar com essa gente. Tem algo a ver com saber aceitar as coisas.

Pássaro Esperneante fez tudo com extrema precisão. Chegou acompanhado das duas mulheres que carregavam as mantas. De Pé com Punho e uma das suas esposas. Quando a cama estava arrumada, a mulher do curandeiro saiu e os três, Pássaro Esperneante, De Pé com Punho e 174

Dança com Lobos ficaram de pé, um de frente para os outros, no meio da tenda.

Pássaro Esperneante não disse nada sobre a incursão ou sobre a resposta ao pedido de Dança com Lobos. Apenas começou a falar.

— Será bom você fazer conversa com De Pé com Punho enquanto eu estiver fora. Devem fazer isso na minha tenda para que minha família o veja. Quero que

minha família o conheça e quero que você a conheça. Vou me sentir melhor sabendo que você vai tomar conta da minha família enquanto eu estiver fora. Venha comer na minha fogueira se tiver fome.

Feito o convite para jantar, o curandeiro deu meia-volta bruscamente e saiu. De Pé com Punho saiu com ele.

Logo que eles se afastaram, Dança com Lobos viu com surpresa que sua depressão tinha desaparecido, substituída por um enorme contentamento. Não se sentia diminuído. Sentia-se maior.

A família de Pássaro Esperneante ia ficar sob sua proteção e a ideia de servi-los desse modo o agradava imensamente. Ia estar outra vez com De Pé com Punho e isso também era animador.

Os guerreiros ficariam fora por muito tempo, assim teria oportunidade para aprender melhor a língua dos comanches. E sabia que estaria aprendendo mais do que a língua daquele povo. Se trabalhasse arduamente estaria num nível bem mais alto quando seu mentor voltasse da guerra. Gostou da ideia.

Os tambores soavam na aldeia. A grande dança de despedida estava começando e ele queria estar lá. Gostava daquelas danças.

Dança com Lobos saiu da cama e olhou em volta. A tenda estava vazia, mas logo estaria cheia com os apetrechos da sua vida e era bom ter alguma coisa só sua outra vez.

Saiu da tenda para o começo da noite. A hora do jantar tinha passado enquanto ele devaneava, mas a fumaça das fogueiras ainda enchia o ar e ele aspirou o cheiro da comida com prazer.

Então Dança com Lobos tomou uma decisão.

Vou ficar aqui, disse para si mesmo, é a coisa mais certa.

Caminhou na direção do som dos tambores.

Quando chegou à rua principal, encontrou dois guerreiros conhecidos.

Por meio de sinais, perguntaram se ele ia dançar naquela noite. Dança com

Lobos respondeu afirmativamente e com tanto entusiasmo que os homens riram.

175

CAPÍTULO XXV

um

Depois da partida dos guerreiros, a aldeia entrou numa rotina pastoral, uma rotação eterna de aurora para dia, dia para anoitecer, anoitecer para noite. A pradaria era como o único lugar existente no mundo.

Dança com Lobos logo se adaptou, seguindo quase sonhadoramente o ciclo tranquilo daquela vida. Uma vida de cavalgar, caçar e fazer reconhecimentos era fisicamente cansativa, mas seu corpo estava bem acostumado e quando o ritmo dos seus dias ficou estabelecido, passou a realizar essas atividades sem esforço.

A família de Pássaro Esperneante tomava grande parte do seu tempo.

As mulheres praticamente faziam todo o trabalho na aldeia, mas ele sentia-se na obrigação de controlar o dia-a-dia de suas vidas, bem como das crianças e, desse modo, estava sempre mais do que ocupado.

Na dança de despedida, Dança com Lobos ganhou um presente de Vento no Cabelo. Um bom arco e uma aljava com flechas. Ele procurou um velho guerreiro chamado Bezerro de Pedra para aprender a usá-las com eficiência. Numa semana de aprendizado, os dois tornaram-se amigos e Dança com Lobos aparecia sempre na tenda de Bezerro de Pedra.

Aprendeu a cuidar das armas e a fazer reparos rápidos nas mesmas.

Aprendeu as letras de várias canções importantes e a música com que deviam ser cantadas. Viu Bezerro de Pedra fazer fogo com pequenos instrumentos de madeira e preparar seus próprios medicamentos.

Dança com Lobos era um aluno atento e interessado, aprendendo com tanta facilidade que Bezerro de Pedra o apelidou de Rápido.

Fazia várias horas de reconhecimento todos os dias, como a maior parte dos homens. Saíam em grupos de três ou quatro e em pouco tempo Dança com

Lobos aprendeu os rudimentos das coisas mais necessárias, como reconhecer a duração das marcas deixadas pelos animais e determinar as condições atmosféricas.

Os búfalos apareciam e desapareciam misteriosamente. Certos dias, não viam nenhum, em outros viam tantos que até achavam graça.

Os reconhecimentos estavam sendo proveitosos nos dois pontos que contavam. Tinham bastante carne e não haviam encontrado nenhum inimigo.

Depois de alguns dias, Dança com Lobos perguntava a si mesmo por que todo mundo não morava numa tenda. Quando pensava nos lugares em que tinha morado, tudo que via era uma coleção de quartos estéreis.

176

Para ele, a tenda era um verdadeiro lar. Era fresca nos dias mais quentes e, por maior que fosse a agitação lá fora, seu espaço parecia sempre cheio de paz.

Dança com Lobos gostava das horas que passava sozinho na tenda.

Sua parte favorita do dia era o fim da tarde. Nessa hora ele estava quase sempre perto da porta da tenda, fazendo algum pequeno trabalho, como lustrar as botas, olhar os desenhos das nuvens no céu ou ouvir o leve assobio do vento.

Sem nenhum esforço, naqueles fins de tarde que passava sozinho, seu pensamento descansava, vagando preguiçosamente no espaço.

dois

Não demorou para que um fato da sua vida dominasse todos os outros.

Esse fato era De Pé com Punho.

Recomeçaram as conversas, dessa vez sob os olhos desatentos, mas sempre presentes da família de Pássaro Esperneante.

O curandeiro deixou instruções para que continuassem com as conversas, porém, sem a orientação dele, não sabiam que assunto deveria ser discutido.

Nos primeiros dias fizeram apenas uma revisão mecânica e sem grande interesse.

De certo modo, era melhor assim. Ela ainda estava confusa e embaraçada. A impessoalidade daqueles primeiros encontros facilitou a retomada do rimo das reuniões passadas. Permitiu a ela manter a distância necessária para se acostumar com ele outra vez.

Dança com Lobos estava satisfeito. O tédio das conversas ia ao encontro do seu desejo sincero de reparar o erro que partira o elo que os unia e ele esperou pacientemente por uma melhora no relacionamento.

Estava indo muito bem no aprendizado da língua comanche, mas logo se tornou evidente que ficar na tenda grande parte da manhã limitava seus progressos. Ele precisava saber os nomes de tantas coisas que estavam lá fora. E as interrupções eram muito frequentes.

Mas esperou, sem se queixar, permitindo que De Pé com Punho passasse por cima das palavras que ela não podia explicar.

Certa tarde, logo depois da refeição do meio-dia, ela não conseguiu encontrar a palavra para relva e De Pé com Punho achou que deviam sair da tenda. Uma palavra levava a outra e naquela tarde ficaram mais de uma hora fora da tenda. Caminharam pela aldeia, tão atentos ao estudo que não sentiram o passar do tempo.

Esse padrão foi repetido e reforçado nos dias seguintes. Todos se acostumaram a vê-los andando pela aldeia e conversando, esquecidos de tudo que não fossem os objetos do seu trabalho. Um osso, o pedaço de couro que formava a porta da tenda, sol, cascos de animais, bule, cão, galho, céu, criança, cabelo, manta, rosto, longe, perto, aqui, ali, brilhante, opaco, e assim por diante.

A cada dia a língua comanche se enraizava mais em sua mente e longo Dança com Lobos estava falando mais do que simples palavras isoladas. Formava frases e as juntava com uma avidez que provocava muitos erros.

“O fogo cresce na pradaria.”

“Comer água é bom para mim.”

“Aquele homem é um osso?”

Era como um bom corredor que caía a cada três passos, mas continuava lutando contra o atoleiro da nova língua, assim, com pura força de vontade, começou a fazer progressos.

Nenhum fracasso abatia seu espírito e ele saltava cada obstáculo com o bom humor e a determinação que faziam dele uma pessoa tão interessante.

Cada dia demoravam-se menos tempo na tenda. Lá fora estavam livres e a aldeia sempre agora envolta num manto de quietude. Tornou-se um lugar extremamente tranquilo.

Todos pensavam nos homens que tinham saído para enfrentar os perigos na região dos pawnees. À medida que os dias passavam, eram mais intensas e mais devotas as preces dos parentes e amigos pela segurança dos guerreiros. Do dia para a noite, as preces tornaram-se a característica mais marcante da vida da aldeia. Por menor e mais rápida que fosse a oração, rezavam às refeições, nas reuniões, no trabalho.

A atmosfera de devoção que envolveu a aldeia dava maior liberdade de ação a Dança com Lobos e De Pé com Punho. Mergulhados na espera e na prece, ninguém prestava atenção aos dois brancos. Eles passeavam serenos, como se estivessem dentro de uma bolha de ar, como se fossem uma entidade separada e independente.

Ficavam juntos três ou quatro horas por dia, sem se tocar e sem falar sobre eles mesmos. Observavam uma formalidade cuidadosa e superficial.

Riam juntos e comentavam fenômenos comuns, como o tempo. Mas os sentimentos permaneciam escondidos. De Pé com Punho estava sendo cautelosa com os próprios sentimentos e Dança com Lobos respeitava isso.

três

Duas semanas depois da partida dos guerreiros ocorreu uma mudança profunda.

No fim da tarde, depois de uma longa cavalgada de reconhecimento sob o sol

brutal, Dança com Lobos foi à tenda de Pássaro Esperneante, não encontrou ninguém e saiu na direção do rio à procura da família.

Encontrou as duas mulheres de Pássaro Esperneante dando banho nos filhos. De Pé com Punho não estava com elas. Ficou por perto o tempo suficiente para que as crianças tivessem oportunidade de jogar água nele e voltou para a aldeia.

O sol continuava escaldante e quando viu o caramanchão de mato e gravetos, foi atraído pela promessa de frescor e silêncio.

Assim que entrou ele a viu. Já haviam tido a conversa naquele dia e ambos ficaram embaraçados.

Dança com Lobos sentou a uma distância discreta e disse alô.

— Está... está quente – respondeu ela, como para desculpar sua presença.

— Sim – concordou ele –, muito quente.

Ele não precisava, mas levantou a mão para enxugar a testa. Um expediente ingênuo para demonstrar que estava ali pelo mesmo motivo.

Mas interrompeu no meio o gesto fingido. Foi invadido por uma necessidade premente de dizer a ela o que sentia.

Ele começou a falar. Disse que estava confuso. Disse como era bom estar ali. Falou sobre sua tenda e como gostava de morar nela. Segurou o peitoral com as duas mãos e disse o quanto gostava dele, que era uma coisa maravilhosa. Encostou-o no rosto e disse:

— Eu amo isto.

Depois continuou.

— Mas eu sou branco... e sou um soldado. É bom para mim estar aqui, ou é uma tolice? Será que eu sou tolo?

Ele via a atenção concentrada nos olhos dela.

— É não... Eu não sei – respondeu ela.

Fez-se um silêncio e ela esperou.

— Não sei para onde ir – disse ele, em voz baixa. – Não sei onde devo ficar.

Ela virou a cabeça lentamente e olhou para a entrada do caramanchão.

— Eu sei – disse De Pé com Punho.

Estava ainda perdida em seus pensamentos, olhando para a tarde lá fora quando ele disse:

— Eu quero ficar aqui.

De Pé com Punho voltou-se para ele. Seu rosto estava muito belo, iluminado pela luz do poente, a mesma luz que brilhava nos olhos grandes e compreensivos.

— Sim – disse ela, compreendendo exatamente o que ele sentia.

De Pé com Punho abaixou a cabeça. Quando ergueu os olhos, Dança com Lobos sentiu-se devorado, como havia sentido na primeira vez que viu a pradaria, com Timmons. Os olhos dela eram olhos cheios de sentimento, com uma beleza que poucos homens têm oportunidade de ver. Eram olhos eternos.

Dança com Lobos apaixonou-se naquele instante.

De Pé com Punho estava apaixonada há mais tempo. Desde que ele começou a falar. Não foi de repente, mas aos poucos, até ela não ter mais dúvida. Ela se via nele. Via que podiam ser um.

Falaram um pouco mais e depois ficaram em silêncio. Durante alguns minutos olharam para a tarde, os dois sabendo o que o outro estava pensando, mas sem coragem de falar.

O encanto foi quebrado quando um dos filhos de Pássaro Esperneante passou pela porta, olhou para dentro, viu os dois e perguntou o que estavam fazendo.

De Pé com Punho sorriu para o intruso inocente e disse, em comanche:

— Está quente. Estamos sentados na sombra.

O menino achou tão lógico que entrou e sentou no colo de Dança com Lobos. Os dois simularam uma luta por alguns momentos.

De repente, o garoto levantou-se e disse para De Pé com Punho que estava com fome.

— Está bem – disse ela, em comanche, e segurou a mão dele.

Voltou-se para Dança com Lobos.

— Comer?

— Sim. Muita fome.

Saíram do pequeno caramanchão e foram para a cabana de Pássaro Esperneante para acender o fogo.

quatro

Seu primeiro compromisso, na manhã seguinte, foi visitar Bezerro de Pedra. Chegou cedo na tenda do guerreiro e foi imediatamente convidado para entrar e tomar café.

Quando acabaram de comer, os dois homens saíram para conversar um pouco enquanto Bezerro de Pedra preparava os galhos de salgueiro para fazer novas flechas. A não ser suas conversas com De Pé com Punho, foi a comunicação mais sofisticada que ele já tivera na aldeia.

Bezerro de Pedra ficou impressionado. Aquele Dança com Lobos, há tão pouco tempo com eles, já falava comanche. E falava bem.

180

O velho guerreiro compreendeu também que Dança com Lobos queria alguma coisa e quando a conversa mudou de repente para De Pé com Punho, compreendeu que era disso que se tratava.

Dança com Lobos procurou falar com a maior naturalidade possível, mas

Bezerro de Pedra era raposa velha e percebeu que a pergunta era importante para seu amigo.

— De Pé com Punho é casada?

— Sim, é – disse Bezerro de Pedra.

A resposta atingiu Dança com Lobos como a pior notícia que podia ouvir. Ele ficou calado.

— Onde está o marido dela? – perguntou, afinal. – Eu não o vejo.

— Está morto.

Dança com Lobos não tinha considerado essa possibilidade.

— Quando ele morreu?

Bezerro de Pedra levantou os olhos do que estava fazendo.

— Não é educado falar dos mortos – disse ele. – Mas você é tão novo que vou contar. Foi mais ou menos no tempo da lua nova, na primavera. Ela estava lamentando sua morte no dia que você a encontrou e a trouxe para nós.

Dança com Lobos não perguntou nada mais, mas Bezerro de Pedra deu mais algumas informações voluntárias. Mencionou o lugar relativamente importante do homem morto na aldeia e a ausência de filhos do seu casamento com De Pé com Punho.

Dança com Lobos precisava digerir o que tinha ouvido. Agradeceu e se despediu.

Bezerro de Pedra imaginou se estaria acontecendo alguma coisa entre os dois, mas decidindo que não era da sua conta, voltou ao trabalho.

cinco

Dança com Lobos fez a única coisa que conhecia para pôr em ordem seus pensamentos. Apanhou Cisco na manada de pôneis e saiu da aldeia.

Sabia que ela o esperava na tenda de Pássaro Esperneante, mas um turbilhão

girava na sua cabeça e não queria pensar em estar com ela agora.

Seguiu o rio e depois de uns três ou quatro quilômetros resolveu ir até o Forte Sedgewick. Não visitava o forte há quase duas semanas e de repente teve vontade de revê-lo, como se o lugar tivesse algo importante para lhe dizer.

Mesmo a distância ele viu que as últimas tempestades de verão tinham destruído o toldo. A lona estava quase completamente solta e muito rasgada. O que sobrava farfalhava ao vento como a vela esgarçada de um navio fantasma.

Duas Meias o esperava perto da encosta, e Dança com Lobos atirou para ele o pedaço de charque que trazia para comer no caminho. Não estava com fome.

Os ratos do campo fugiram assustados quando ele chegou na porta do armazém. Tinham destruído a única coisa que ainda havia lá, um saco de bolachas emboloradas.

Na cabana, seu antigo lar, ele deitou na pequena cama de campanha e olhou para as paredes semidesabadas.

Tirou o relógio quebrado do seu pai do gancho na parede, pensando em guardá-lo no bolso da calça. Mas olhou para ele por alguns segundos e o dependurou outra vez.

Seu pai estava morto há seis anos. Ou eram sete? Sua mãe estava morta há mais tempo. Ele lembrava dos detalhes da sua vida com eles, mas as pessoas... as pessoas pareciam ter desaparecido há centenas de anos.

Viu o diário numa das banquetas e o apanhou. Folheou, e começou a ler suas páginas. Era estranho, elas também pareciam muito antigas, e desaparecidas, coisa de um passado muito distante.

Às vezes ria do que tinha escrito, mas a maior parte das anotações o comovia. Sua vida fora refeita e agora pedaços da vida antiga restavam naquele diário. Era apenas uma curiosidade que nada tinha a ver com seu futuro. Mas era interessante olhar para trás e ver o longo caminho que havia percorrido.

No fim havia algumas páginas em branco e ocorreu-lhe a ideia estranha de que

devia haver um fechamento, alguma coisa inteligente e misteriosa, talvez.

Mas quando levantou os olhos para pensar, a única coisa que viu nas paredes de barro foi o rosto dela. Viu as pernas fortes e bem-feitas abaixo da bainha do vestido de pele de gamo. Viu as mãos longas e belas, saindo das mangas. Viu a curva suave dos seios sob o corpete. Viu as maçãs salientes e as sobrancelhas espessas e expressivas e os olhos eternos e o cabelo ondulado cor de cereja.

Pensou nos seus ataques de raiva repentinos e na luz que iluminava seu rosto no caramanchão. Pensou na sua modéstia, na sua dignidade e no seu sofrimento.

Tudo que via e tudo que pensava, ele adorava.

Olhou para a página em branco. Agora sabia o que escrever. Com alegria imensa viu o sentimento aparecer vivo sob a forma de palavras.

Fim do verão, 1863

Eu amo De Pé com Punho.

Dança com Lobos

182

Fechou o diário e o pôs bem no centro da cama, pensando em deixá-lo ali para que a posteridade desvendasse seu mistério.

Quando saiu, viu com alívio que Duas Meias tinha desaparecido.

Sabendo que não ia vê-lo mais, fez uma prece para seu avô o lobo, desejando a ele uma boa vida nos anos que lhe restavam.

Saltou para as costas fortes de Cisco, gritou um adeus em comanche e galopou a toda velocidade.

Olhou para trás para o Forte Sedgewick, mas viu só a pradaria estendendo-se a perder de vista.

seis

Ela estava esperando há uma hora quando uma das mulheres de Pássaro

Esperneante perguntou:

— Onde está Dança com Lobos?

A espera fora difícil, cada minuto repleto com a lembrança dele.

Quando ouviu a pergunta, procurou responder sem revelar seus sentimentos.

— Oh, sim... Dança com Lobos. Não, não sei onde ele está.

Então saiu para perguntar se alguém o tinha visto. Sim, ele saiu cedo e foi para o sul. Ela imaginou então que devia ter ido ao forte do homem branco.

Sem querer saber o porquê daquela visita, voltou a atenção para os alforjes que estava fazendo, procurando se isolar das distrações da aldeia, para pensar só nele.

Mas isso não bastava.

Queria estar a sós com ele, nem que fosse só em pensamento e, depois da refeição do meio-dia, desceu para o rio pela trilha principal.

Geralmente o movimento da aldeia parava um pouco depois do almoço e ela não encontrou ninguém na margem do rio. Tirou os mocassins, montou num tronco forte que se estendia rio adentro como um pontão e pôs os pés dentro da água fria.

A brisa fraca que soprava era suficiente para amenizar o calor. Com as mãos apoiadas nas pernas, os ombros relaxados, entrecerrou os olhos e observou pensativamente a correnteza que passava sob o tronco.

Se ele aparecesse agora. Se olhasse para ela com aqueles olhos cheios de força e desse aquela risada engraçada e dissesse que eles iam embora. Ela iria imediatamente, não importava para onde.

Lembrou então o seu primeiro encontro, claramente, como se tivesse acontecido na véspera. A viagem de volta, semiconsciente, cheia de sangue.

Lembrou de como sentiu-se segura com o braço dele nas suas costas, seu rosto encostado na fazenda de cheiro estranho da sua túnica.

Agora compreendia o que significava. Compreendia que o que sentiu naquele momento era o que estava sentindo agora. Era apenas a semente, enterrada e invisível cujo significado ela não conhecia. Mas o Grande Espírito sabia. O Grande Espírito fez a semente crescer. O Grande Espírito, no seu Grande Mistério, tinha incentivado o crescimento da semente o tempo todo.

Aquilo que sentiu então, aquela sensação de segurança, sabia agora que não era a segurança que sentimos quando ameaçados pelo inimigo, por uma tempestade ou um ferimento. Não era uma coisa física. Era a segurança que sentia no coração. Estava lá desde o começo.

Tinha acontecido a coisa mais maravilhosa desta vida, pensou ela. O

Grande Espírito nos uniu.

Ainda no atordoamento da ideia maravilhosa de como tudo tinha acontecido, ela ouviu um leve barulho na água não muito longe de onde estava.

Ele estava agachado numa pequena extensão de areia, lavando o rosto calma e lentamente. Olhou para ela e sem enxugar a água que escorria pelo rosto, sorriu como um garotinho.

— Alô – disse ele. – Eu fui ao forte.

Disse-o como se tivessem vivido juntos a vida inteira. Ela respondeu com a mesma naturalidade.

— Eu sei.

— Podemos conversar um pouco?

— Sim – disse ela. – Eu estava esperando por isso.

Vozes soaram à distância, perto da parte alta da trilha.

— Onde podemos ir? – perguntou ele.

— Sei de um lugar.

Ela levantou-se rapidamente e, acompanhada de perto por Dança com Lobos, seguiu pela trilha antiga e cheia de mato que havia descoberto quando Pássaro Esperneante pediu para recordar a língua do homem branco.

Só seus passos, o farfalhar das folhas e o canto dos pássaros que eram abundantes nos baixios, quebravam o silêncio.

Seus corações batiam com força, na expectativa do que ia acontecer e com o suspense de quando e como aconteceria.

Apareceu então a clareira com a varanda natural coberta. Sempre em silêncio, sentaram com as pernas cruzadas na sombra do grande álamo, de frente para o rio.

Não podiam falar. Era como se todos os outros sons tivessem se calado também. Tudo estava imóvel.

De Pé com Punho abaixou a cabeça e viu que uma parte da costura da calça dele estava desfeita. Dança com Lobos estava com a mão na perna.

— Está rasgada – murmurou ela, tocando a calça levemente com a ponta dos dedos. Não retirou a mão. Os dedos pequeninos ficaram imóveis na perna dele.

Como guiados por uma força externa, suas cabeças se aproximaram suavemente. Seus dedos se entrelaçaram. O contato era tão delicioso quanto o sexo. Nenhum dos dois seria capaz de lembrar a sequência exata do que aconteceu, mas no momento seguinte estavam se beijando.

Não foi um grande beijo, apenas o roçar e depois a leve pressão de um lábio contra o outro.

Mas selou o amor que os unia.

Com os rostos encostados, sentindo o cheiro um do outro, eles mergulharam num sonho. No sonho faziam amor e quando terminaram, e estavam deitados lado a lado, sob o grande álamo, Dança com Lobos viu as lágrimas nos olhos dela.

Ele esperou um longo tempo, mas ela não disse nada.

— Conte-me – murmurou ele.

— Estou feliz – disse De Pé com Punho. – Estou feliz porque o Grande Espírito permitiu que eu vivesse até este dia.

— Eu sinto a mesma coisa – disse ele.

Então ela o abraçou com força e começou a chorar. Dança com Lobos segurou a mão dela, sem temer a alegria que descia em lágrimas pelo rosto da mulher.

sete

Fizeram amor durante toda a tarde, com longas conversas nos intervalos. Quando as sombras começaram a cobrir a clareira, sentaram outra vez. Na certa dariam pela falta dos dois se demorassem mais.

Olhavam o brilho da água quando ele disse:

— Falei com Bezerro de Pedra... Eu sei por que você fugiu naquele dia... no dia em que perguntei se era casada.

Ela ficou de pé e estendeu a mão. Dança com Lobos a segurou e ela o puxou para se levantar.

— Tive uma vida boa com ele. Ele foi embora porque você estava chegando. É assim que eu vejo tudo agora.

Ela o levou para fora da clareira e voltaram para a aldeia, abraçados.

Quando ouviram as vozes que vinham da aldeia, pararam. A trilha principal estava bem à sua frente.

Com um leve aperto de mão, os amantes instintivamente esconderam-se entre os salgueiros, e como se isso pudesse ajudá-los a ter forças para passar aquela noite separados, uniram-se outra vez, rapidamente, como se fosse um beijo de despedida.

Quando estavam a uns dois passos da trilha que levava à aldeia, pararam outra vez, abraçaram-se e ela murmurou:

— Eu estou de luto e nosso povo não vai aprovar se souberem do nosso amor. Precisamos guardar esse amor cuidadosamente até chegar o momento em que todos possam ver.

Ele fez um gesto afirmativo, abraçaram-se rapidamente e ela entrou na trilha cheia de mato.

Dança com Lobos esperou dez minutos entre os salgueiros e então entrou também na trilha. Sentiu-se satisfeito por não encontrar ninguém enquanto subia a encosta para a aldeia.

Foi direto para sua tenda e deitou na esteira, olhando pela abertura de entrada para o que restava de luz, sonhando com aquela tarde à sombra do álamo.

Quando escureceu, deitou de costas sobre as mantas espessas e só então se deu conta de que estava exausto. Virou para o lado e sentiu o cheiro dela numa das mãos. Desejando que o cheiro permanecesse ali durante toda a noite, ele adormeceu.

CAPÍTULO XXVI

um

Os dias seguintes foram de euforia para De Pé com Punho e Dança com Lobos.

O sorriso era constante nos seus lábios, seus rostos estavam radiantes e românticos, e onde quer que estivessem, seus pés pareciam não tocar o solo.

Na companhia de outras pessoas eram discretos, não demonstrando o menor sinal de afeição. Estavam tão preocupados em esconder o que sentiam que as sessões de conversa tornaram-se mais formais do que nunca.

Quando ficavam sozinhos na tenda aproveitavam para dar as mãos, fazendo amor com os dedos entrelaçados. Mas não passava disso.

Procuravam se encontrar secretamente pelo menos uma vez por dia, geralmente no rio. Não podiam evitar isso, mas nem sempre era fácil esperar para estarem completamente sozinhos e De Pé com Punho preocupava-se muito com o risco de serem descobertos.

Pensavam em casamento desde o começo. Era a vontade dos dois. E

quanto antes melhor. Mas ao que parecia, a viuvez era um obstáculo difícil de ser vencido. Os costumes dos comanches determinavam um certo período de luto e só o pai da viúva podia libertá-la antes desse tempo. Se ela não tivesse pai, o guerreiro que a sustentava ficava com a responsabilidade. De Pé com Punho só podia contar com a boa vontade de Pássaro Esperneante para conseguir a anulação do seu luto. Só ele podia resolver que ela não era mais uma viúva e isso podia demorar muito.

Dança com Lobos procurava tranquilizar a amada, dizendo que tudo ia dar certo e que ela não precisava se preocupar. Mas ela se preocupava.

Durante uma crise de depressão por causa desse impasse; ela propôs que fugissem juntos. Mas Dança com Lobos apenas riu e não falaram mais no assunto.

Eles se arriscavam. Duas vezes, nos quatro dias que se seguiram ao encontro na clareira, ela deixou a tenda de Pássaro Esperneante no escuro da madrugada e foi para a tenda de Dança com Lobos. Ficaram juntos até a primeira luz do dia, falando baixinho, os corpos nus unidos sob a manta.

De um modo geral eles iam muito bem, considerando que estavam completamente apaixonados. Agiam com dignidade, prudência e disciplina.

E não estavam enganando quase ninguém.

Todos aqueles que sabiam o que é o amor entre um homem e uma mulher viam esse amor nos rostos de Dança com Lobos e De Pé com Punho.

A maioria dessas pessoas não tinha coragem de condenar o amor, não importa em que circunstâncias. Os poucos que podiam considerar aquilo uma ofensa, ficavam calados por falta de provas. O mais importante era o fato de que o amor

dos dois não constituía ameaça para a comunidade em geral. Mesmo os elementos mais velhos e conservadores, no íntimo, admitiam que a união em potencial tinha sentido.

Afinal, os dois eram brancos.

dois

Na quinta noite depois do encontro no rio, De Pé com Punho quis estar com ele outra vez. Esperou que todos estivessem dormindo na tenda de Pássaro Esperneante. Esperou até muito depois de estarem todos ressonando suavemente, para ter certeza de que ninguém a veria sair.

Acabava de notar o cheiro forte de chuva no ar quando vozes estridentes quebraram o silêncio. Todo mundo acordou e num instante estavam fora das tendas. Alguma coisa tinha acontecido. A aldeia toda estava acordada. Ela correu pela rua principal, seguindo os outros que se dirigiam para uma grande fogueira que parecia ser o centro das atenções.

Naquela desordem, procurava Dança com Lobos, mas só o avistou quando chegou perto do fogo.

Quando caminhavam um para o outro, De Pé com Punho viu alguns índios encolhidos junto ao fogo. Eram seis. Havia outros, deitados no chão, alguns mortos, outros horrivelmente feridos. Eram kiowas, velhos amigos e companheiros de caça dos comanches.

Os seis homens ilesos estavam quase ensandecidos de medo.

Gesticulavam ansiosamente, falando por meio de sinais com Dez Ursos e dois ou três dos seus conselheiros. Os índios da aldeia observavam em silêncio, atentos à história dos kiowas.

Antes que De Pé com Punho e Dança com Lobos vencessem a distância que os separava, as mulheres começaram a gritar. Logo depois, a multidão se desfez. Mulheres e crianças voltavam correndo para suas tendas, colidindo umas com as outras, no seu pânico. Os guerreiros rodeavam Dez Ursos e uma palavra saía de todos os lábios, rolando pela aldeia como o trovão que rolava no céu escuro naquele instante.

Dança com Lobos conhecia muito bem aquela palavra. Já a ouvira várias vezes nas conversas e nas histórias.

“Pawnee”.

Lado a lado, Dança com Lobos e De Pé com Punho aproximaram-se dos guerreiros que rodeavam Dez Ursos. Ela contou, no ouvido dele, o que tinha acontecido aos kiowas.

Um grupo pequeno, com menos de vinte homens, saíra à procura dos búfalos, a uns quinze quilômetros da aldeia dos comanches. Foram atacados por uma grande força de guerreiros pawnees, uns oitenta homens, talvez mais. Foi no começo da noite e nenhum deles teria escapado se não fosse pela escuridão e por conhecerem melhor aquela parte da planície.

Eles protegeram a retirada do melhor modo possível, mas com um exército tão numeroso, em pouco tempo os pawnees encontrariam a aldeia dos comanches. Talvez já estivessem se preparando para atacar. Os kiowas achavam que em poucas horas estariam prontos. Ninguém duvidava de que ia haver um ataque e provavelmente um pouco antes do nascer do dia.

Dez Ursos começou a dar ordens que De Pé com Punho e Dança com Lobos não ouviam. Porém, era evidente, pela expressão do velho chefe, que ele estava preocupado. Dez dos seus guerreiros mais notáveis estavam fora, com Vento no Cabelo e Pássaro Esperneante. Os homens que haviam ficado eram bons também, mas estariam em minoria perigosa contra o exército de oitenta pawnees.

A reunião em volta do fogo terminou numa anarquia estranha. Os guerreiros menos importantes dispersaram-se, correndo para todos os lados, à procura dos seus chefes preferidos.

Dança com Lobos teve uma sensação desagradável. Tudo parecia desorganizado. Os trovões soavam mais perto e com intervalos menores. A chuva inevitável ajudaria a aproximação dos pawnees.

Mas aquela era sua aldeia agora e ele correu para Bezerro de Pedra, pensando só numa coisa.

— Vou com você – disse, quando alcançou o velho guerreiro.

Bezerro de Pedra olhou carrancudo para ele.

— Vai ser uma luta dura. Os pawnees nunca vêm para roubar cavalos. Eles querem sangue.

Dança com Lobos balançou a cabeça afirmativamente.

— Apanhe suas armas e venha à minha tenda – ordenou o guerreiro.

— Eu faço isso – ofereceu De Pé com Punho e, suspendendo um pouco o vestido, saiu correndo.

Dança com Lobos acompanhou Bezerro de Pedra.

Tentava calcular quantas balas tinha ainda no rifle e no revólver, quando uma ideia o fez parar de repente.

— Bezerro de Pedra – chamou. – Bezerro de Pedra.

O guerreiro voltou-se para ele.

— Eu tenho armas – disse Dança com Lobos. – Enterradas perto do forte do homem branco. Muitas armas.

Os dois voltaram imediatamente para a fogueira.

Dez Ursos estava ainda interrogando os caçadores kiowas.

189

Os pobres homens, apavorados e traumatizados com a experiência, encolheram-se quando viram Dança com Lobos e só se acalmaram depois de uma rápida explicação de Dez Ursos.

O velho chefe voltou-se rapidamente quando Bezerro de Pedra disse que tinham armas de fogo.

— Que armas? – perguntou, ansiosamente.

— Armas dos soldados brancos... rifles – respondeu Dança com Lobos.

Foi uma decisão difícil para Dez Ursos. Embora gostasse de Dança com Lobos, alguma coisa no seu velho sangue índio o fazia desconfiar do homem branco. Levariam algum tempo para desenterrar as armas. Os pawnees talvez estivessem muito perto agora e ele precisava de todos os homens para defender a aldeia. Tinha de considerar a longa viagem até o forte do homem branco. E a chuva ia chegar a qualquer momento.

Porém, ia ser uma luta difícil e ele sabia que os rifles fariam grande diferença. Provavelmente os pawnees não tinham muitos. Faltavam algumas horas para o nascer do dia e tinham tempo para ir até o forte dos homens com cabelo na boca e voltar.

— As armas estão em caixas... Cobertas com madeira – disse Dança com Lobos, interrompendo os pensamentos do chefe. – Precisaremos de poucos homens e algumas padiolas.

Dez Ursos tinha de arriscar. Ordenou que Bezerro de Pedra fosse com Dança com Lobos, levando dois homens e seis pôneis, dois para carregar as armas. Mandou que se apressassem.

três

Cisco estava à sua espera na frente da tenda, com o bridão e as rédeas. Ele entrou. O fogo estava aceso e De Pé com Punho, agachada, mexia alguma coisa numa pequena vasilha.

Suas armas, o rifle, o revólver grande, o arco, a aljava cheia de flechas e a faca de lâmina longa estavam enfileirados no chão.

Dança com Lobos afivelou na cintura o coldre com o revólver. De Pé com Punho aproximou-se com a vasilha na mão.

— Me dê seu rosto – ordenou ela.

Ele ficou imóvel. De Pé com Punho enfiou o dedo no líquido espesso e vermelho da vasilha.

— Você é quem deve fazer isto, mas não temos tempo e você não sabe como se

faz. Eu faço para você.

Com movimentos rápidos e seguros, ela desenhou uma linha horizontal na testa dele e uma vertical em cada face. Com pequenos pontos, 190

desenhou uma pata de lobo sobre uma das linhas do rosto e recuou para apreciar o trabalho.

Fez um gesto de aprovação e Dança com Lobos dependurou o arco e a aljava nos ombros.

— Você sabe atirar? – perguntou ele.

— Sei – respondeu De Pé com Punho.

— Então, fique com isto.

Estendeu o rifle para ela.

Não houve abraços nem palavras de despedida.

Ele saiu, saltou para as costas de Cisco e partiu.

quatro

Cavalgaram longe do rio, procurando o caminho mais reto possível, através da pradaria.

O céu estava aterrador. Era como se quatro tempestades estivessem convergindo para o mesmo lugar. Os relâmpagos pareciam fogo de artilharia em volta deles.

Tiveram de parar quando uma das padiolas soltou-se das amarras e, enquanto a consertavam, Dança com Lobos teve uma ideia horrível. E se ele não conseguisse localizar as armas? Há muito tempo não via o marcador de costela de búfalo enterrado para marcar o lugar. Mesmo que ainda estivesse lá, não seria fácil encontrá-lo. Essa possibilidade o deixou gelado.

Pingos grandes e pesados de chuva começaram a cair quando chegaram ao forte. Ele os levou ao local que imaginava ser, mas não conseguia enxergar nada no escuro. Disse aos homens o que deviam procurar e os quatro, montados, se

espalharam, procurando o pedaço branco de osso na relva alta.

A chuva estava mais forte agora e dez minutos passaram sem nenhum sinal da costela de búfalo. O vento soprava e os relâmpagos riscavam o céu com intervalos de segundos. Ao mesmo tempo em que iluminavam o solo, ofuscavam os olhos dos homens.

Depois de vinte minutos de angústia, o coração de Dança com Lobos estava apertado. Procuravam ainda no mesmo lugar e nada.

Então, acima do vento, da chuva e do trovão, ele ouviu alguma coisa se partir sob as patas de Cisco.

Dança com Lobos chamou os outros e saltou para o chão. Logo estavam todos de quatro, procurando às cegas entre a relva.

De repente, Bezerro de Pedra levantou-se de um salto, sacudindo na mão um pedaço branco da costela.

191

De pé no lugar em que tinham encontrado o pedaço de osso, Dança com Lobo esperou o próximo relâmpago. Quando o céu se iluminou outra vez, ele olhou rapidamente para o Forte Sedgewick e usando-o como referência, começou a andar, passo a passo para o norte.

Logo sentiu o solo esponjoso sob os pés e chamou os outros. Os homens abaixaram-se para ajudá-lo a cavar. A terra cedeu facilmente e em poucos minutos estavam tirando do túmulo de lama duas caixas longas com rifles.

cinco

Cavalgavam há menos de meia hora quando a tempestade desabou com toda força. A chuva descia como imensos lençóis de água. Não se via nada e os quatro homens, transportando as padiolas, seguiram caminho quase às cegas.

Mas com a importância da missão tomando absoluta prioridade em suas mentes, não pararam nem uma vez e fizeram a viagem de volta em tempo extraordinário.

Quando finalmente avistaram a aldeia, a tempestade já tinha amainado. Acima

dela, longas faixas cinzentas apareciam no céu turbulento e à luz mortiça da manhã podiam ver que o povoado estava ainda em paz.

Começavam a descer a encosta que levava à aldeia quando uma barragem espetacular de luz clareou a parte alta do rio. Por três ou quatro segundos, os relâmpagos iluminaram a paisagem como se fosse dia claro.

Dança com Lobos viu e os outros viram também.

Uma longa fileira de cavaleiros atravessava o rio a menos de seiscentos metros da aldeia.

Outro relâmpago iluminou o céu e eles viram o inimigo desaparecer na depressão dos baixios. O plano deles era evidente. Fariam a aproximação pelo norte, aproveitando a folhagem na margem do rio, para chegar a cem metros sem serem vistos. Então, atacariam.

Mais uns vinte minutos e os pawnees estariam em posição de ataque.

seis

Havia vinte e quatro rifles em cada caixa. Dança com Lobos os distribuiu entre os guerreiros que estavam reunidos na frente da tenda de Dez Ursos, enquanto o velho chefe dava as últimas instruções.

Sabiam que o ataque principal viria do rio, mas provavelmente outra força diversionária ia atacar da pradaria, dando ao grosso do grupo a oportunidade de atacar a aldeia pelas costas. Ele destacou dois guerreiros 192

experimentados e alguns dos seus homens para rechaçar o provável ataque pela campina.

Então, bateu no ombro de Dança com Lobos e os guerreiros ouviram suas palavras.

— Se você fosse um soldado branco – perguntou o velho chefe – e tivesse todos esses homens armados, o que faria?

Dança com Lobos pensou rapidamente.

— Eu me esconderia na aldeia...

Os guerreiros mais próximos soltaram gritos de escárnio. Dez Ursos ergueu a mão, impondo silêncio e disse, zangado:

— Dança com Lobos não terminou sua resposta.

— Eu me esconderia na aldeia, atrás das tendas, à espera só dos que viessem do rio, não da campina. Deixaria que o inimigo se mostrasse primeiro. Deixaria que pensassem que estavam todos lutando no outro lado e que poderiam entrar com facilidade. Então, eu mandaria os homens escondidos atrás das tendas saltar para a frente, atirando. Depois, daria ordem para atacar o inimigo com facas e maças. Rechaçaria o inimigo até o rio e mataria tantos que eles jamais apareceriam por aqui.

O velho chefe ouviu com atenção. Olhou para os seus guerreiros e disse, em voz alta:

— Dança com Lobos e eu pensamos do mesmo modo. Mataríamos tantos que eles nunca mais iam aparecer por aqui. Vamos fazer isso, em silêncio.

Cautelosa e silenciosamente, os homens tomaram posição atrás das tendas que davam para o rio, armados com seus rifles.

Antes de tomar posição, Dança com Lobos foi até a tenda de Pássaro Esperneante. Viu as crianças reunidas sob as mantas de couro e, na frente delas, sentadas, as duas mulheres de Pássaro Esperneante, cada uma com uma maça no colo e De Pé com Punho com seu rifle. Elas não disseram nada e ele também não. Só queria ver se estavam prontas.

Dança com Lobos passou pelo caramanchão e parou atrás da sua tenda. Era a mais próxima do rio. Bezerro de Pedra estava no outro lado.

Depois de um leve aceno de cabeça, os dois voltaram a atenção para o campo aberto à sua frente. Descia por uns cem metros antes de chegar aos baixios.

A chuva estava mais fraca, mas ainda atrapalhava o campo de visão.

Nuvens pesadas cobriam o céu e a meia-luz do nascer do dia não podia ser chamada de claridade. Eles viam muito pouco, mas tinham certeza de que o

inimigo estava ali.

Dança com Lobos olhou para a direita, depois para a esquerda. Os guerreiros comanches agrupavam-se atrás das tendas, com os rifles prontos para atirar. Até Dez Ursos estava entre eles.

193

A luz ficou mais forte. As nuvens de tempestade começavam a se afastar levando a chuva com elas. De repente o sol apareceu e um minuto depois o rio ergueu-se do leito como uma parede de neblina.

Dança com Lobos entrecerrou os olhos e viu, atrás da névoa, os vultos escuros dos homens, avançando como espíritos entre os salgueiros e os álamos.

Ele começou a sentir algo que não sentia há muito tempo. Aquela sensação que fazia seus olhos ficarem completamente negros, que o transformava numa máquina que não podia ser desligada.

Por maiores, mais numerosos ou mais fortes que fossem os homens que se moviam na neblina, não os temia. Eram o inimigo e estavam na porta da sua casa. Queria lutar contra eles. Mal podia esperar para enfrentá-los.

Ouviu tiros na outra extremidade da aldeia. A força diversionária acabava de atacar o pequeno grupo de defensores, na outra frente.

O barulho da luta aumentou e ele verificou a fileira de homens.

Alguns mais esquentados tentaram deixar seu posto e correr para ajudar o pequeno grupo, mas os guerreiros mais velhos conseguiram detê-los e ninguém se moveu.

Mais uma vez ele olhou para a neblina nos baixios.

Eles avançavam lentamente, alguns a pé, outros a cavalo. Subiam a pequena encosta, inimigos cautelosos, com o cabelo enrolado no alto das cabeças raspadas, sonhando com a carnificina.

A cavalaria dos pawnees estava atrás dos homens a pé e Dança com Lobos queria que estivesse na frente. Queria que os cavaleiros recebessem a maior

força de fogo.

Tragam os cavalos para a frente, pediu ele, em silêncio. Tragam os cavalos primeiro.

Olhou para seus homens. Queria que eles esperassem mais alguns minutos e com surpresa viu que quase todos olhavam para ele. Esperavam um sinal.

Dança com Lobos ergueu um braço bem acima da cabeça.

Um som gutural e confuso subiu dos baixios. Aumentou de intensidade, rolando na manhã quieta e chuvosa como uma onda de ar quente. Era o grito de ataque dos pawnees.

Quando atacaram, a cavalaria passou na frente dos homens a pé.

Dança com Lobos abaixou o braço e saltou detrás da tenda com o rifle erguido. Os outros comanches fizeram o mesmo.

O fogo dos rifles atingiu os cavaleiros a uma distância de mais ou menos vinte metros e, como uma faca afiada cortando a pele, destroçou a carga da cavalaria dos pawnees. Os homens caíam dos cavalos como brinquedos de uma prateleira e os que não foram atingidos ficaram atordoados com o ruído ensurdecedor de quarenta rifles.

Sempre atirando, os comanches contra-atacaram, atravessando a neblina azul, perseguindo o inimigo atônito.

Foi um ataque tão furioso que Dança com Lobos colidiu violentamente com o primeiro pawnee que encontrou. Quando os dois rolaram no chão, ele encostou o cano do seu revólver no rosto do índio e atirou.

Depois disso, atirava em todo pawnee que aparecia na sua frente, e matou mais dois em rápida sucessão.

Quase foi derrubado por alguma coisa grande e pesada que o atingiu por trás. Era um dos pôneis dos pawnees que tinha sobrevivido ao tiroteio.

Dança com Lobos segurou a rédea e montou.

Os pawnees pareciam galinhas atacadas por lobos e começavam a recuar, procurando desesperadamente o abrigo dos arbustos nos baixios.

Dança com Lobos escolheu um guerreiro grande que fugia como um desesperado e emparelhou com ele. Apontou para a nuca do homem e apertou o gatilho, mas o tiro não saiu. Segurou então o revólver pelo cano e golpeou o guerreiro em fuga com a coronha. O pawnee caiu bem na frente dele e o pônei de Dança com Lobos passou por cima.

À sua frente, outro pawnee com um lenço vermelho-vivo na cabeça levantava-se do chão. Ele também ia fugir para os baixios.

Dança com Lobos esporeou o pônei selvagemente com os calcanhares e quando emparelhou com o índio fujão atirou-se sobre o homem de turbante, agarrando-o pela cabeça, ao mesmo tempo que deslizava das costas do pônei.

Com o impulso, os dois rolaram pelo único espaço aberto e bateram violentamente num álamo enorme. Dança com Lobos, segurando a cabeça do homem com as duas mãos, começou a bater com ela contra o tronco da árvore, antes de perceber que os olhos do índio estavam mortos. O pawnee estava empalado num galho baixo como um pedaço de carne.

Quando ele recuou um pouco, o homem morto caiu para a frente com os braços balançando, como se quisesse abraçar seu matador. Dança com Lobos recuou mais e o corpo caiu de bruços no chão.

No mesmo instante, ele percebeu que a gritaria tinha cessado.

A luta estava terminada.

Sentindo-se fraco de repente, cambaleou, seguindo a margem dos baixios, chegou à trilha principal e caminhou para o rio, desviando-se dos corpos dos pawnees espalhados no chão.

Uns doze comanches montados, Bezerro de Pedra entre eles, perseguiam o que restava do exército dos pawnees na margem oposta.

Dança com Lobos os viu desaparecer no outro lado do rio. Então voltou

vagarosamente para a aldeia. Quando começou a subir a rampa, ouviu os gritos. Chegou ao topo e o campo de batalha onde ele acabava de lutar abriu-se à sua frente.

Parecia uma área de piquenique abandonada às pressas. Havia sobras por todos os lados. Um grande número de pawnees mortos. Os guerreiros comanches andavam entre eles, comentando com entusiasmo.

— Eu matei este – dizia um.

— Este está respirando – dizia outro, convidando quem estivesse mais perto a ajudá-lo a acabar com o homem no chão.

As mulheres e as crianças corriam agora para o campo de batalha.

Alguns corpos estavam sendo mutilados.

Dança com Lobos parou de repente e ficou imóvel, cansado demais para voltar para o baixio, enojado demais para seguir para a frente.

Um dos guerreiros o viu e gritou.

— Dança com Lobos!

De repente, estava rodeado de guerreiros comanches. Como formigas empurrando uma pedra morro acima, eles o empurraram para o meio do campo, cantando seu nome.

Atordoado, deixou que o empurrassem, sem compreender aquela felicidade toda. Estavam eufóricos com a morte e a destruição que os rodeavam e isso Dança com Lobos não compreendia.

Mas, ali parado, ouvindo os homens gritarem seu nome, finalmente compreendeu. Nunca tinha estado numa luta como aquela, mas de repente começou a ver a vitória sob um outro prisma.

Aquela mortandade não foi feita em nome de um objetivo político obscuro. Não foi uma batalha para conquista de território, de riquezas ou para conseguir a

liberdade. Aquela batalha não tinha ego.

Foi travada para proteger os lares que estavam a poucos passos dali.

E para proteger as mulheres e os filhos e os entes queridos dentro desses lares. Para defender a comida armazenada que os alimentaria no inverno, comida que todos tinham trabalhado tanto para conseguir.

Para cada membro do grupo era uma grande vitória pessoal.

Então, ficou orgulhoso por ouvir seu nome gritado por todos e, olhando para baixo, reconheceu um dos homens que tinha matado.

— Eu matei este – gritou ele.

Alguém gritou no seu ouvido.

— Sim, eu vi quando você atirou.

Agora, Dança com Lobos estava marchando com eles, gritando os nomes dos seus companheiros comanches.

O sol esparramou-se sobre a aldeia e os guerreiros começaram uma dança espontânea de vitória, exortando-se mutuamente com palmadas nas costas e gritos de triunfo, rodopiando e saltando entre os corpos dos pawnees.

sete

196

A força que defendeu a frente da aldeia matou dois inimigos. No campo atrás das tendas havia vinte e sete corpos. Encontraram mais quatro nos baixios e os perseguidores do grupo de Bezerro de Pedra mataram três.

Quantos tinham conseguido fugir, feridos, ninguém sabia.

Sete comanches estavam feridos, apenas dois gravemente, mas o milagre estava no número de mortos. Não tinham perdido nenhum comanche. Nem os mais velhos lembravam de uma vitória igual.

A aldeia comemorou o triunfo durante dois dias. Todos os homens foram

cumulados de honrarias, mas um dos guerreiros foi mais exaltado do que os outros. Dança com Lobos.

Durante o tempo da sua vida na planície, a opinião dos comanches a seu respeito tinha mudado muitas vezes. Agora, o círculo se fechava. Agora eles o viam quase como o tinham visto no começo. Ninguém disse que ele era um deus, mas para aquele povo, Dança com Lobos era pouco menos do que isso.

Os jovens rodeavam sua tenda. As mulheres solteiras flertavam abertamente com ele. Seu nome estava em todas as mentes. Nenhuma conversa, fosse qual fosse o assunto, seguia seu curso sem a menção do nome de Dança com Lobos.

A maior honraria foi prestada por Dez Ursos. Num gesto sem precedentes, ele deu ao herói um cachimbo da sua própria tenda.

Dança com Lobos gostava daquela atenção, mas não fazia nada para encorajá-la. A celebridade inesperada e duradoura perturbava a rotina dos seus dias. Havia sempre alguém no seu caminho. O pior de tudo era que quase não tinha tempo para estar com De Pé com Punho.

Por isso, de todas as pessoas da aldeia, foi ele quem ficou mais aliviado com a volta de Pássaro Esperneante e Vento no Cabelo.

Depois de várias semanas de viagem ainda não tinham encontrado o inimigo quando tempestades de neve, repentinas e fora da estação, os apanharam no sopé de uma cadeia de montanhas.

Interpretando isso como o anúncio de um inverno precoce e selvagem, Pássaro Esperneante interrompeu a expedição e voltaram para casa, a fim de apressar os preparativos da grande mudança para o sul.

CAPÍTULO XXVII

um

Se o grupo tinha dúvidas a respeito de voltar com as mãos vazias, elas desapareceram com a notícia da incrível vitória sobre os pawnees.

Um efeito colateral e imediato da volta dos guerreiros foi o arrefecimento do calor da celebridade de Dança com Lobos. A adoração continuou, mas grande parte da atenção voltou-se para Pássaro Esperneante e Vento no Cabelo, devido às altas posições que ocupavam entre seu povo e a antiga rotina foi quase inteiramente restaurada.

Embora não demonstrasse publicamente, Pássaro Esperneante estava estarrecido com o progresso de Dança com Lobos. Sua bravura e habilidade na luta contra os pawnees não podiam ser ignoradas, mas o que mais impressionou o feiticeiro foi seu progresso como comanche e seu domínio da língua.

A intenção do curandeiro fora apenas saber alguma coisa sobre a raça branca e era difícil, mesmo para um homem com a experiência de Pássaro Esperneante, aceitar o fato de que aquele soldado branco solitário, que até alguns meses atrás nunca tinha visto um índio, era agora um comanche.

Mais difícil ainda era acreditar que ele se tornara um líder de outros comanches. Mas a verdade estava ali para quem quisesse ver, nos jovens que o seguiam e no modo com que todos falavam dele.

Pássaro Esperneante não compreendia como isso tinha acontecido.

Finalmente, chegou à conclusão de que era outra parte do Grande Mistério que envolvia o Grande Espírito.

Por sorte ele conseguiu aceitar essas mudanças tão rápidas e estranhas, pois assim preparou o caminho para outra surpresa. Sua mulher contou quando estavam na cama, na sua primeira noite em casa.

— Você tem certeza? – perguntou ele, completamente confuso. –

Acho difícil acreditar nisso.

— Quando você vir os dois juntos vai saber – murmurou ela. –

Qualquer um pode ver.

— Parece uma coisa boa?

Ela respondeu com uma risadinha divertida.

— Não é sempre uma coisa boa? – brincou, aconchegando-se a ele.

dois

198

De manhã bem cedo, Pássaro Esperneante apareceu na entrada da tenda da celebridade, tão carrancudo que Dança com Lobos ficou impressionado.

Depois dos cumprimentos, sentaram-se.

Dança com Lobos acabava de encher de fumo seu novo cachimbo quando Pássaro Esperneante, com uma inesperada demonstração de maus modos, interrompeu seu anfitrião.

— Você está falando bem – disse ele.

Dança com Lobos parou de arrumar o fumo no cachimbo.

— Obrigado – respondeu. – Gosto de falar comanche.

— Então diga... o que há entre você e De Pé com Punho?

Dança com Lobos quase deixou cair o cachimbo. Gaguejou alguma coisa ininteligível antes de conseguir falar coerentemente.

— O que quer dizer?

Pássaro Esperneante ficou rubro de raiva e repetiu.

— Há alguma coisa entre você e ela?

Dança com Lobos não gostou do tom da pergunta. Sua resposta soou como um desafio.

— Eu a amo.

— Quer casar com ela?

— Quero.

Pássaro Esperneante pensou por um momento. Ele faria objeção ao amor entre os dois, mas não via nada desaprovador, desde que fosse dentro do matrimônio.

Levantou-se.

— Espere aqui na tenda – disse, severamente.

Antes que Dança com Lobos pudesse responder, ele saiu.

De qualquer modo, ele teria obedecido. Os modos bruscos de Pássaro Esperneante quase o mataram de medo. Dança com Lobos ficou sentado exatamente onde estava.

três

Pássaro Esperneante parou na tenda de Vento no Cabelo e na de Bezerro de Pedra, demorando cerca de cinco minutos em cada uma.

Voltou para sua tenda, balançando a cabeça. De certo modo, ele esperava isso. Mas, mesmo assim, era estranho.

Ah, o Grande Mistério, pensou, com um suspiro. Sempre procuro vê-lo antes dele chegar, mas nunca consigo.

Encontrou De Pé com Punho sentada na tenda.

— De Pé com Punho – o tom seco e breve chamou a atenção dela. –

Você não é mais uma viúva.

199

Disse isso, saiu da tenda e foi procurar seu pônei favorito. Precisava de um passeio longo e solitário.

quatro

Não demorou muito, Vento no Cabelo e Bezerro de Pedra chegaram à tenda de Dança com Lobos. Espiaram para dentro.

— O que você está fazendo aí? – perguntou Vento no Cabelo.

— Pássaro Esperneante me mandou esperar.

Bezerro de Pedra sorriu como quem sabe das coisas.

— Talvez tenha de esperar muito tempo. Pássaro Esperneante saiu a cavalo para a planície, há poucos minutos. Não parecia estar com pressa.

Dança com Lobos não sabia o que fazer, nem o que dizer. Notou um sorriso nos lábios de Vento no Cabelo.

— Posso entrar? – perguntou o guerreiro, com ar malicioso.

— Sim, por favor... por favor, sentem.

Os dois visitantes sentaram na frente de Dança com Lobos. Pareciam dois garotos com um segredo.

— Estou esperando Pássaro Esperneante – disse ele, secamente. – O

que vocês querem?

Vento no Cabelo inclinou-se para a frente. Sorria ainda.

— Estão dizendo que você quer casar.

Dança com Lobos mudou de cor. No espaço de poucos segundos, seu rosto passou do rosa-claro para o vermelho profundo e vivo.

Os dois homens riram alto.

— Com quem? – perguntou ele com voz rouca.

Os guerreiros trocaram um olhar de dúvida.

— Com De Pé com Punho – disse Vento no Cabelo. – Foi o que ouvimos. É com ela mesmo?

— Ela está de luto – gaguejou ele. – Ela é uma...

— Não hoje – interrompeu Bezerro de Pedra. – Hoje ela foi liberada.

Pássaro Esperneante a liberou.

— Foi mesmo?

Os dois homens balançaram a cabeça afirmativamente, mais sérios agora, e Dança com Lobos compreendeu que havia um movimento a favor do casamento. Do seu casamento.

— O que devo fazer?

Os visitantes examinaram o interior da tenda, carrancudos.

Terminaram a inspeção e balançaram a cabeça.

— Você é muito pobre, meu amigo – disse Vento no Cabelo. – Não sei se pode casar. Você precisa dar alguma coisa e não vejo nada aqui.

Dança com Lobos olhou em volta com uma tristeza enorme.

200

— Não, não tenho muita coisa – concordou.

Depois de um breve silêncio, perguntou:

— Vocês podem me ajudar?

Os dois homens representaram o papel até o fim. Bezerro de Pedra franziu os lábios com ar de dúvida. Vento no Cabelo abaixou a cabeça e passou a mão na testa.

Depois de um silêncio longo e agonizante para Dança com Lobos, Bezerro de Pedra suspirou profundamente e olhou nos olhos dele.

— Talvez seja possível – disse.

cinco

Foi um ótimo dia para Vento no Cabelo e Bezerro de Pedra.

Divertiram-se, comentando a visita a Dança com Lobos, especialmente as

expressões engraçadas do rosto dele, enquanto caminhavam pela aldeia, tratando de venda e compra de cavalos.

Casamentos eram geralmente ocasiões tranquilas, mas a natureza dos noivos e a união, logo depois da vitória sobre os pawnees, eram motivos de expectativa e boa vontade.

Todos estavam ansiosos para participar, e Dança com Lobos começou a receber presentes.

Os que possuíam muitos cavalos faziam questão de contribuir. Até as famílias mais pobres queriam dar o que não podiam. Era difícil dizer não a essas pessoas, mas eles disseram.

De acordo com um plano preconcebido, os presentes de cavalos começaram a chegar de madrugada e, quando a estrela vespertina surgiu no céu, havia mais de vinte pôneis na frente da tenda de Dança com Lobos.

Orientado por Bezerro de Pedra e Vento no Cabelo, o noivo levou os animais até a tenda de Pássaro Esperneante e os amarrou do lado de fora.

A generosidade e o interesse do povo da aldeia eram gratificantes.

Mas Dança com Lobos queria dar seu presente pessoal. Tirou o seu grande revólver da cintura e deixou fora da tenda também.

Então voltou para casa, mandou embora os dois padrinhos e quase não dormiu naquela noite.

De madrugada ele saiu e olhou para a tenda de Pássaro Esperneante.

Vento no Cabelo dissera que, se a proposta fosse aceita, os cavalos não estariam lá pela manhã. Do contrário estariam na frente da tenda.

Os pôneis tinham desaparecido.

A hora seguinte Dança com Lobos dedicou à própria aparência. Fez a barba com capricho, engraxou as botas, limpou o peitoral e passou óleo no cabelo.

Estava terminando os preparativos quando ouviu a voz de Pássaro Esperneante fora da tenda.

— Dança com Lobos.

Esperando que o curandeiro não estivesse sozinho, o noivo saiu da tenda.

Ali estava Pássaro Esperneante esplendidamente belo nos seus trajes de gala. Um pouco atrás dele estava De Pé com Punho. E atrás dos dois a aldeia toda esperava, com ar solene.

Depois da troca dos cumprimentos formais, Dança com Lobos ouviu atentamente o discurso do curandeiro sobre os deveres de um marido comanche.

Dança com Lobos não tirava os olhos da figura pequena de sua noiva, imóvel, com a cabeça levemente inclinada. Estava com seu melhor vestido de pele de corça enfeitado com dentes de alce. Nos pés tinha os mocassins especiais e no pescoço uma gargantilha de ossos redondos.

Durante o discurso de Pássaro Esperneante, ela levantou a cabeça e Dança com Lobos, vendo outra vez aquele rosto, teve certeza de que jamais se cansaria de olhar para ela.

Parecia que Pássaro Esperneante nunca mais ia parar de falar. Mas parou.

— Você ouviu tudo que eu disse? – perguntou o curandeiro.

— Ouvi.

— Ótimo – resmungou Pássaro Esperneante.

Então mandou que De Pé com Punho se adiantasse.

A jovem obedeceu, de cabeça baixa, e Pássaro Esperneante ergueu a mão dela nas suas, passou-a para Dança com Lobos e mandou que ele a levasse para dentro da tenda.

O casamento foi feito quando passaram pela porta. Depois, o povo da aldeia voltou tranquilamente aos seus afazeres.

Durante toda a tarde, grupos de pessoas chegavam para depositar presentes na frente da tenda dos recém-casados. Ao cair da noite havia uma impressionante coleção de objetos úteis no lado de fora da porta.

Parecia festa de Natal dos homens brancos.

Durante algum tempo essa generosidade foi ignorada pelo novo casal.

No dia do casamento não viram nada e ninguém. No dia do casamento, eles ficaram em casa. E a porta da tenda permaneceu fechada.

202

CAPÍTULO XXVIII

um

Dois dias depois do casamento, houve uma reunião do conselho.

Com as chuvas recentes, de fim da estação, a relva seca tomou nova vida, por isso resolveram adiar a mudança para o acampamento de inverno em favor da manada de cavalos. Se ficassem um pouco mais, os pôneis engordariam alguns quilos, o que era importante para enfrentar o inverno.

Assim, ficou decidido que ficariam mais duas semanas na aldeia de verão.

Ninguém ficou mais satisfeito com isso do que Dança com Lobos e De Pé com Punho. Flutuavam descuidados nos primeiros dias do casamento e não queriam interromper aquele ritmo especial. Era difícil sair da cama. Arrumar a bagagem e marchar centenas de quilômetros numa coluna longa e barulhenta, naquele momento, parecia impossível.

Resolveram fazer um filho e as pessoas que passavam raramente viam a porta da tenda aberta.

Quando Dança com Lobos finalmente apareceu, teve de aguentar as brincadeiras dos amigos. Vento no Cabelo foi o mais impiedoso. Se Dança com Lobos aparecia para fumar com eles, era recebido com perguntas sobre o estado da sua masculinidade ou com expressões de espanto por vê-lo fora da cama. Vento no Cabelo tentou até dar a ele o apelido de Uma Abelha, alusão ao fato da sua

insistência em polinizar uma única flor, mas por sorte o apelido não pegou.

Dança com Lobos aceitava calmamente as brincadeiras. Tendo a mulher que desejava, sentia-se invencível e nada podia atingi-lo.

Quanto à sua vida fora da tenda, estava sendo muito satisfatória. Saía quase todos os dias para caçar com Vento no Cabelo e Bezerro de Pedra.

Os três eram agora grandes amigos e estavam sempre juntos.

As conversas com Pássaro Esperneante continuaram. Eram fluentes agora e os assuntos ilimitados. Seu desejo de aprender era maior que o do curandeiro e Pássaro Esperneante discursava longamente sobre tudo, desde a história da tribo até o preparo dos medicamentos. Encorajado pelo interesse ávido do aluno por assuntos espirituais, ele satisfazia com agrado sua curiosidade.

A religião comanche era simples, baseada no ambiente natural, nos animais e elementos que os rodeavam. Mas a prática era complexa, repleta de rituais e tabus. Era assunto para muitas e muitas horas de conversa.

A vida de Dança com Lobos era agora mais rica do que nunca e isso refletia-se na sua expressão e no seu porte. Natural e progressivamente ele perdia a ingenuidade, sem perder o encanto. Tornava-se mais homem sem 203

perder o entusiasmo do garoto e aos poucos solidificava seu papel de membro da comunidade, sem perder a personalidade individual.

Pássaro Esperneante, sempre sintonizado com a alma das coisas, orgulhava-se imensamente do seu protegido e uma noite, no fim de uma caminhada depois do jantar, pôs a mão no ombro de Dança com Lobos e disse:

— Existem muitas trilhas nesta vida, porém a mais importante poucos homens são capazes de percorrer... mesmo os homens comanches.

É a trilha do verdadeiro ser humano. Eu acho que você está nessa trilha.

Gosto de ver isso. Faz bem ao meu coração.

Dança com Lobos guardou para sempre essas palavras na lembrança, como um tesouro muito especial. Mas não as repetiu a ninguém. Nem para De Pé com

Punho. Passaram a ser uma parte da sua medicina particular.

dois

Quando faltavam poucos dias para a grande viagem, Pássaro Esperneante, certa manhã, disse que ia visitar um lugar especial. A viagem de ida e volta levaria um dia e talvez parte da noite, mas se Dança com Lobos quisesse acompanhá-lo, seria bem-vindo.

Atravessaram o coração da pradaria, cavalgando durante várias horas na direção geral de sudeste. A vastidão do espaço que invadiam fazia o homem sentir-se pequeno e os dois pouco falaram.

Quase ao meio-dia, seguiram para o sul e dentro de uma hora chegaram ao topo de uma encosta longa, que descia até o rio.

Viam a cor e o desenho do rio estendendo-se para leste e oeste. Mas à sua frente, estava escondido por enormes florestas.

Dança com Lobos piscou os olhos várias vezes, como se estivesse tentando decifrar uma miragem. Daquela distância era difícil calcular, mas via que as árvores eram muito altas. Algumas deviam ter dezoito ou vinte metros.

O bosque estendia-se rio abaixo por quase um quilômetro, sua pujança contrastando com o terreno plano e vazio que o rodeava. Parecia criado pelo capricho de um espírito misterioso.

— Este lugar existe? – perguntou Dança com Lobos, em tom de brincadeira.

Pássaro Esperneante sorriu.

— Talvez não. É um lugar sagrado para nós... e até mesmo para alguns dos nossos inimigos. Dizem que aqui os animais se renovam e refazem as forças. As árvores abrigam todos os animais criados pelo Grande Espírito. Dizem que eles nasceram aqui quando a vida começou e 204

voltam constantemente ao lugar do seu nascimento. Há muito tempo não venho a este bosque. Vamos dar água aos cavalos e dar uma olhada por aí.

À medida que se aproximavam, a força da floresta tornava-se mais intensa e

Dança com Lobos sentiu-se muito pequeno. Pensou no jardim do Éden.

Mas quando as árvores se fecharam sobre eles, ambos sentiram que algo estava errado.

Não se ouvia nenhum som.

— Está quieto – disse Dança com Lobos.

Pássaro Esperneante não respondeu. Ouvia e vigiava com a concentração de um gato.

Quanto mais se aprofundavam na floresta, mais sufocante ficava o silêncio e Dança com Lobos compreendeu, com um arrepio na espinha, que só uma coisa podia provocar aquele vácuo de som. Sentia o cheiro. O gosto estava na ponta da sua língua.

Havia morte no ar.

Pássaro Esperneante puxou bruscamente a rédea do pônei. A trilha alargava-se agora e Dança com Lobos olhou por cima do ombro do companheiro. Ficou maravilhado com o que viu.

Uma clareira enorme abria-se à frente deles. Os intervalos entre as árvores eram suficientes para conter todas as tendas da aldeia de Dez Ursos, mais os cavalos. A luz do sol inundava o solo da floresta, com enormes lagos de calor.

Ele podia visualizar uma utopia fantástica, povoada por uma raça sagrada, vivendo em sintonia com todas as coisas vivas.

A mão do homem não podia fazer nada que rivalizasse com a vastidão e a beleza daquela catedral ao ar livre.

Mas a mão do homem podia destruí-la. E ali estava a prova.

O lugar fora horrivelmente profanado.

Árvores de todos os tamanhos estavam tombadas ao chão, em alguns lugares umas sobre as outras, como palitos espalhados sobre a mesa. A maior parte conservava ainda os galhos e não se podia imaginar com que objetivo tinham

sido derrubadas.

Os dois homens avançaram devagar e Dança com Lobos começou a ouvir um zumbido estranho.

A princípio, pensou em abelhas ou vespas e olhou para os galhos das árvores, tentando localizar seus ninhos.

Mas à medida que avançavam para o centro da catedral, percebeu que o zumbido não vinha do alto, mas de baixo. E era provocado pelo bater de asas de milhares e milhares de moscas.

Corpos mortos e pedaços de corpos espalhavam-se por toda a parte.

Havia animais pequenos, texugos, gambás e esquilos, a maior parte deles intacta, um ou outro sem a cauda. Apodreciam onde tinham sido abatidos.

Tudo parecia indicar que o único objetivo daquela mortandade era o divertimento.

Os principais alvos do genocídio eram os gamos. Havia uma enorme quantidade deles. Poucos estavam quase inteiros, faltando apenas os melhores pedaços de carne. A maioria estava mutilada.

Olhos opacos e sem vida olhavam para ele nas cabeças decepadas.

Alguns estavam no solo da floresta. Outros amontoados ao acaso, em pilhas de seis ou sete cada uma.

Num determinado lugar as cabeças estavam arrumadas nariz com nariz, como se estivessem conversando. Devia ser uma parte do divertimento.

As pernas eram ainda mais grotescas. Também separadas dos corpos, demoravam mais para deteriorar e pareciam brilhantes e belas, como que prontas para o movimento.

Mas formavam um quadro triste, os cascos fendidos e delicados e as pernas graciosas, cobertas de pêlo... que não iam a lugar nenhum. Estavam também

amontoadas em pequenas pilhas, como lenha, e deviam ser mais de cem.

Embora cansados da longa viagem, os dois homens não fizeram menção de desmontar. Eles e os pôneis continuaram a andar.

Numa pequena depressão da clareira havia quatro barracos decrépitos, quatro feridas purulentas no solo da floresta.

Aparentemente os homens que derrubaram tantas árvores não tinham intenção de construir coisa alguma. Porém, mesmo que tivessem feito um esforço, o resultado teria sido o mesmo. Os barracos eram esquálidos e malfeitos, monstruosidades repugnantes.

Não era um lugar bom para viver.

Garrafas de uísque vazias espalhavam-se em profusão em volta dos barracos. Havia também grande quantidade de objetos inúteis, uma xícara quebrada, um cinto remendado, o cano amassado de um rifle, tudo espalhado pelo chão.

Entre dois barracos, encontraram um par de perus selvagens, amarrados um ao outro, pelos pés, intactos.

Atrás das choupanas, havia uma escavação ampla, cheia até a borda com corpos apodrecidos de veados, sem pele, sem pernas e sem cabeças.

O zumbido das moscas era tão forte que Dança com Lobos teve de gritar para ser ouvido.

— Vamos esperar por esses homens?

Pássaro Esperneante não queria gritar e levou seu pônei para perto de Dança com Lobos.

— Eles partiram há uma semana ou mais. Vamos dar água aos cavalos e voltar para casa.

Durante a primeira hora da viagem de volta, nenhum dos dois falou.

Pássaro Esperneante olhava com tristeza para a frente e Dança com Lobos ia de cabeça baixa, envergonhado por pertencer à raça branca e pensando no seu sonho na fenda da rocha, no desfiladeiro.

Não tinha contado para ninguém, mas agora sentia que precisava contar. Não parecia mais um sonho, e sim uma visão.

Quando pararam para descansar os cavalos, contou para Pássaro Esperneante, descrevendo as imagens, claras ainda na sua lembrança, sem omitir nenhum detalhe.

O curandeiro escutou o longo relato sem interromper. Quando Dança com Lobos acabou de falar, ele olhou sombriamente para o chão.

— Nós todos estávamos mortos?

— Todos que eu vi – disse Dança com Lobos –, mas não todos que conheço. Você não estava lá.

— Dez Ursos precisa ouvir esse sonho – disse Pássaro Esperneante.

Montaram e cavalgaram velozmente pela pradaria, chegando à aldeia um pouco antes do pôr-do-sol.

quatro

Os dois homens relataram a profanação da floresta sagrada, que só podia ter sido feita por um grupo grande de caçadores brancos. Os animais mortos eram, sem dúvida, uma distração à parte. Provavelmente os caçadores estavam à procura dos búfalos para dizimá-los em maior escala.

Dez Ursos balançou a cabeça afirmativamente algumas vezes, mas não fez nenhuma pergunta.

Então, Dança com Lobos contou, pela segunda vez, seu sonho terrível.

O velho chefe continuou em silêncio, com o rosto inescrutável como sempre. Quando Dança com Lobos terminou, não fez nenhum comentário.

Apanhou o cachimbo e disse:

— Vamos fumar agora.

Dança com Lobos sabia que o chefe ia pensar no assunto, mas quando passaram o cachimbo, ele ficou impaciente, ansioso para tirar um peso do coração.

Finalmente, disse:

— Vou falar mais um pouco.

O velho chefe fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Na época em que consegui conversar com Pássaro Esperneante –disse Dança com Lobos –, ele me fazia uma pergunta para a qual eu não 207

tinha resposta. Pássaro Esperneante perguntava, “Quantos homens brancos virão?” e eu dizia, “Não sei”. Isso é verdade. Não sei quantos virão. Mas uma coisa posso dizer. Acredito que virão muitos.

“Os homens brancos são muitos, mais do que podemos contar. Se quiserem fazer guerra contra vocês, eles farão com milhares de soldados com cabelo na boca. Os soldados terão grandes canhões de guerra capazes de destruir uma aldeia como a sua com um ou dois tiros.

“Isso me dá medo. Tenho medo até do meu sonho porque sei que será realidade. Não sei o que se pode fazer. Mas venho da raça dos homens brancos e os conheço. Eu os conheço agora como jamais conheci antes. Eu temo por todos os comanches.”

Dez Ursos continuava a balançar a cabeça afirmativamente, mas Dança com Lobos não podia dizer como o velho chefe estava aceitando suas palavras.

Dez Ursos levantou-se e deu alguns passos na tenda, parando perto da cama. Tirou de uma prateleira um embrulho do tamanho de um melão e voltou para o fogo.

Sentou com um gemido.

— Acho que você está certo – disse, então, para Dança com Lobos. –

É difícil saber o que devemos fazer. Sou um homem velho, de muitos invernos e sinto-me inseguro quando se trata do homem branco e dos seus soldados com cabelo na boca. Mas quero lhe mostrar uma coisa.

As mãos nodosas desataram a parte de cima da sacola de couro cru, e afastaram para baixo as bordas. Apareceu uma peça de metal enferrujado do tamanho de uma cabeça humana.

Era a primeira vez que Pássaro Esperneante via aquele objeto e não tinha ideia do que podia ser.

Dança com Lobos também nunca tinha visto. Mas sabia o que era.

Lembrou-se do desenho num livro de história. Era o capacete de um conquistador espanhol.

— Esse povo foi o primeiro a chegar às nossas terras. Eles vieram a cavalo... naquele tempo nós não tínhamos cavalos... e atiraram em nós com armas trovejantes que não conhecíamos. Procuravam o metal brilhante e ficamos com medo deles. Isso foi no tempo do avô do meu avô. No fim, nós os expulsamos.

O velho índio deu uma tragada profunda no cachimbo e soltou várias baforadas de fumaça.

— Então, os mexicanos começaram a vir. Tivemos de fazer a guerra contra eles e fomos bem-sucedidos. Eles têm muito medo de nós e não vêm mais às nossas terras.

“No meu tempo, o homem branco começou a aparecer. Os texanos.

Eles são como todos os outros que desejam alguma coisa da nossa terra.

Tiram sem pedir. Ficam zangados quando nos veem instalados nas nossas 208

terras e, quando não fazemos o que querem, eles tentam nos matar. Matam mulheres e crianças como se fossem guerreiros.

“Quando eu era jovem, lutei contra os texanos. Matamos muitos e roubamos algumas das suas mulheres e crianças. Uma dessas crianças é a mulher de Dança com Lobos.

“Depois de algum tempo começaram as conversas de paz. Nós nos encontramos com os texanos e fizemos acordos com eles. Esses acordos eram sempre violados. Sempre que os brancos queriam alguma coisa nova, as palavras no papel deixavam de existir. Sempre foi assim.

“Fiquei farto daquilo e muitos anos atrás, eu trouxe meu povo para cá, para bem longe dos brancos. Há muito tempo vivemos em paz aqui.

“Mas este é o último pedaço da nossa terra. Não temos mais para onde ir. Quando penso nos homens brancos chegando à nossa terra, agora, é como eu já disse. É difícil saber o que fazer.

“Eu sempre fui um homem de paz, feliz por estar na minha terra e sem querer nada dos homens brancos. Nada. Mas acho que você tem razão.

Eles vão continuar a vir.

“Quando penso nisso, olho para esta sacola, sabendo o que há dentro dela e fico certo de que lutaremos para defender nossa terra e tudo que ela contém. Nossa terra é tudo que temos. É tudo que queremos.

“Lutaremos para conservá-la.

“Mas não penso que teremos de lutar neste inverno, e depois de tudo que vocês me contaram, acho que devemos ir agora.

“Amanhã cedo, desarmamos nossas tendas e vamos para o acampamento de inverno.”

209

CAPÍTULO XXIX

um

Naquela noite, Dança com Lobos adormeceu com alguma coisa perturbando sua mente. No dia seguinte, quando acordou, ainda estava lá e embora ele soubesse que tinha algo a ver com a presença dos caçadores brancos a um dia e meio da aldeia, com seu sonho e com as palavras de Dez Ursos, não podia dizer exatamente o que era.

Uma hora depois do nascer do sol, quando começavam a levantar acampamento, ele sentiu que a ideia de partir era um alívio para ele. O

acampamento de inverno era mais remoto ainda do que a aldeia. De Pé com Punho achava que estava grávida e, pensando na proteção do acampamento de inverno para sua nova família, sentia-se mais tranquila.

Ninguém poderia encontrá-los então. Seria como se não existissem.

Ele também só existiria para o seu povo de adoção.

Então, de repente, seu coração disparou loucamente.

Ele existia.

E como um idiota, tinha deixado a prova para ser encontrada por qualquer um. A ficha de identidade do Tenente John J. Dunbar estava escrita para quem quisesse ler, em cima da cama, na cabana de barro, nas páginas do seu diário.

Como os dois tinham pouco o que fazer, De Pé com Punho estava ajudando outras famílias. Ele ia perder tempo procurando-a naquela confusão toda e não queria se demorar em explicações. Cada minuto da existência do diário era agora uma ameaça.

Correu para a manada de pôneis, pensando só em reaver o diário indiscreto.

Entrava com Cisco na aldeia quando encontrou Pássaro Esperneante.

O curandeiro não gostou da ideia. Queriam partir antes do meio-dia e não podiam esperar, se a viagem ao forte do homem branco e a volta tomassem mais tempo do que ele esperava.

Mas Dança com Lobos estava resolvido e Pássaro Esperneante concordou. Se ele se atrasasse não era difícil seguir o rastro da coluna, mas o curandeiro insistiu para que ele se apressasse. Não gostava daquele tipo de surpresa de última hora.

O pequeno castanho galopava feliz pela pradaria. Nos últimos dias o ar estava mais fresco e nessa manhã soprava uma brisa agradável. Cisco gostava de sentir o vento no focinho e eles devoravam os quilômetros que os separavam do forte.

A última encosta assomou na frente deles e Dança com Lobos, quase deitado nas costas do cavalo, mandou Cisco percorrer o quilômetro que restava a toda velocidade.

Subiram a encosta e começaram a descida para o velho forte.

Dança com Lobos viu tudo de repente.

O Forte Sedgewick estava repleto de soldados.

Galoparam mais meio quilômetro e então ele fez Cisco parar. O

castanho abaixou a cabeça e girou loucamente e Dança com Lobos a custo o acalmou. Atônito, ele procurava compreender aquela visão irreal do campo vivo e movimentado.

Havia várias barracas de lona armadas em volta do velho armazém e da cabana de barro. Viu dois canhões Hotchkins, montados em carros com rodas, ao lado do seu antigo alojamento. O curral quase desmoronado estava cheio de cavalos. E o forte repleto de homens uniformizados.

Andavam, conversavam e trabalhavam.

Uma carroça estava parada a cinquenta metros deles e dentro dela, olhando para ele com espanto, viu quatro soldados rasos.

De onde estava não dava para ver que eram muito jovens.

Os soldados adolescentes nunca tinham visto um índio, mas nas poucas semanas de treinamento, foram lembrados com insistência que logo estariam lutando contra um inimigo esperto, astuto e sedento de sangue.

Agora estavam vendo esse inimigo.

Os garotos entraram em pânico.

Dança com Lobos viu os rifles que se erguiam quando Cisco recuou.

Não podia fazer nada. A rajada de tiros não o acertou, mas ele foi atirado ao chão, ileso.

Porém uma das balas atingiu Cisco no meio do peito e foi direto ao coração. Ele estava morto antes de cair.

Ignorando os gritos dos soldados que corriam para ele, Dança com Lobos aproximou-se do cavalo caído. Segurou a cabeça de Cisco e levantou o focinho. Mas não havia mais vida nele.

Dança com Lobos ficou furioso. Uma frase formou-se em sua mente.

Vejam o que vocês fizeram. Voltou-se para o som dos pés que se aproximavam, pronto para gritar as palavras.

Quando estava de frente para os homens, a coronha de um rifle chocou-se violentamente com seu rosto. Tudo escureceu.

três

211

Sentiu o cheiro de terra. Seu rosto estava encostado no chão. Ouvia vozes abafadas e alguém disse:

— Sargento Murphy... ele está acordando.

Dança com Lobos virou o rosto e fez uma careta de dor quando seu malar quebrado encostou no chão.

Levou a mão ao ferimento e a retirou rapidamente. A dor espalhou-se por todo o lado da cabeça.

Só conseguiu abrir um olho. O outro estava completamente fechado.

Quando sua visão clareou, viu onde estava. No velho armazém do forte.

Alguém chutou o lado do seu corpo.

— Você aí, sentado!

A ponta de uma bota rolou seu corpo e Dança com Lobos afastou-se para evitar novo contato. Encontrou a parede dos fundos do armazém.

Sentou então e, com um olho só, viu primeiro o rosto do sargento de barba, de pé na sua frente, depois os rostos curiosos dos soldados brancos amontoados perto da porta.

Alguém gritou atrás deles.

— Abram caminho para o Major Hatch, homens – e os rostos desapareceram.

Dois oficiais entraram no velho armazém, um tenente jovem de rosto liso e barbeado e um homem muito mais velho, de barba comprida e grisalha num uniforme deselegante. Os olhos do oficial mais velho eram pequenos. As barbas douradas nos seus ombros tinham a folha de carvalho da insígnia de major.

Os dois oficiais olhavam para ele com cara de nojo.

— O que ele é, sargento? – perguntou o major, com voz seca e cautelosa.

— Não sei ainda, senhor.

— Ele fala inglês?

— Também não sei, senhor... Ei, você... você fala inglês?

Dança com Lobos piscou várias vezes o olho aberto.

— Fala? – perguntou o sargento outra vez, levando os dedos aos lábios. – Fala?

Ele chutou de leve a bota preta de montaria do cativo e Dança com Lobos enrijeceu o corpo. Não foi um movimento ameaçador, mas os dois oficiais saltaram para trás.

Tinham medo dele.

— Você fala? – perguntou o sargento outra vez.

— Eu falo inglês – disse Dança com Lobos, com voz cansada. – Meu rosto dói

quando eu falo... Um dos seus garotos quebrou meu osso.

Os soldados ficaram chocados ouvindo as palavras em inglês perfeito e por um momento olharam para ele, atônitos.

212

Dança com Lobos parecia branco e parecia índio. Era impossível dizer qual parte era a verdadeira. Agora, pelo menos, sabiam que era branco.

Durante o silêncio, os soldados tinham se amontoado outra vez na porta e Dança com Lobos dirigiu-se a eles.

— Um desses idiotas estúpidos matou meu cavalo.

O major ignorou o comentário.

— Quem é você?

— Sou o Primeiro-Tenente John J. Dunbar, Exército dos Estados Unidos.

— Por que está vestido como um índio?

Mesmo que quisesse, Dança com Lobos não podia nem começar a responder. E ele não queria.

— Este é o meu posto – disse ele. – Vim do Forte Hays em abril, e não havia ninguém aqui.

O major e o tenente conversaram por algum tempo, murmurando um ao ouvido do outro.

— Pode provar isso? – perguntou o tenente.

— Debaixo da cama, na outra cabana está uma folha de papel dobrada com minhas ordens. Em cima da cama está meu diário. Vai contar tudo que querem saber.

Estava tudo acabado para Dança com Lobos. Apoiou o lado bom do rosto na mão. Estava com o coração partido. O grupo ia partir sem ele.

Quando se livrasse daquela encrenca, se conseguisse se livrar, seria tarde demais para encontrá-lo. Cisco estava lá fora, morto. Dança com Lobos queria chorar. Mas não ousava. Apenas abaixou a cabeça.

Alguém saiu do armazém, mas ele não levantou o olho para ver quem era. Alguns segundos se passaram e então o sargento murmurou com voz rouca.

— Você virou índio, não foi?

Dança com Lobos ergueu a cabeça. O sargento estava inclinado para ele com um sorriso malicioso.

— Não virou?

Dança com Lobos não respondeu. Apoiou a cabeça outra vez na mão e só olhou para cima quando o tenente e o major reapareceram.

Dessa vez foi o tenente quem falou:

— Qual é o seu nome?

— Dunbar... D-u-n-b-a-r... John J.

— Estas são as suas ordens?

Estendeu um papel amarelado. Dança com Lobos entrecerrou o olho para ver melhor.

— Sim.

— O nome aqui é Rumbar – disse o tenente, carrancudo. – A data está a lápis e o resto a tinta. A assinatura do oficial que autorizou a ordem está manchada. Ilegível. O que tem a dizer sobre isso?

Dança com Lobos ouviu a suspeita na voz do tenente. Compreendeu então que não acreditavam nele.

— Essas foram as ordens que recebi no Forte Hays – respondeu secamente.

O rosto do tenente se contraiu. Não parecia satisfeito.

— Leia o diário – disse Dança com Lobos.

— Não há diário nenhum – respondeu o jovem oficial.

Dança com Lobos olhou atentamente para ele, certo de que o homem estava mentindo.

Mas o tenente estava dizendo a verdade.

Um dos homens do grupo avançado, o primeiro a chegar ao Forte Sedgewick, tinha encontrado o diário. Era um soldado raso analfabeto chamado Sheets e escondeu o livro na túnica, pensando que podia servir de papel higiênico. Sheets ouviu dizer que estavam procurando um diário, que o homem branco selvagem dizia que era dele. Talvez fosse melhor devolver. Podia ser recompensado. Mas, pensando melhor, Sheets teve medo de ser repreendido. Ou coisa pior. Já tinha cumprido sentença mais de uma vez por pequenos furtos. Assim, o diário continuou escondido dentro da sua túnica.

— Queremos que explique sua aparência – continuou o tenente.

Agora falava como um interrogador. – Se você é quem diz, por que não está de uniforme?

Dança com Lobos encostou na parede do armazém.

— O que o exército está fazendo aqui?

O major e o tenente trocaram mais alguns cochichos e o tenente disse:

— Nossa missão é reaver propriedade roubada, incluindo cativos brancos aprisionados em ataques hostis.

— Não houve nenhum ataque e não existe nenhum cativo – mentiu Dança com Lobos.

— Vamos verificar isso por nós mesmos – respondeu o tenente.

Os oficiais confabularam novamente em voz baixa e dessa vez a conversa foi

longa. Afinal, o tenente pigarreou.

— Nós vamos lhe dar a chance de provar sua lealdade ao país. Se nos levar aos acampamentos hostis e nos servir de intérprete, sua conduta será reavaliada.

— Que conduta?

— Sua traição.

Dança com Lobos sorriu.

— Pensam que sou um traidor?

O tenente ergueu a voz, zangado.

— Está disposto a cooperar ou não?

— Vocês não têm nada que fazer aqui. É tudo que posso dizer.

— Então não temos escolha senão prendê-lo. Pode ficar aí sentado pensando na sua situação. Se revolver cooperar, informe o Sargento Murphy e então conversaremos.

O major e o tenente saíram do armazém. O Sargento Wilcox designou dois homens para ficarem de guarda na porta e Dança com Lobos ficou sozinho.

quatro

Pássaro Esperneante esperou o máximo possível, mas no começo da tarde o grupo de Dez Ursos começou a longa marcha para o sul, através da planície.

De Pé com Punho insistiu em esperar pelo marido e ficou histérica quando a obrigaram a partir. As mulheres de Pássaro Esperneante tiveram de usar de força para contê-la.

Mas De Pé com Punho não era a única pessoa preocupada. Todos estavam preocupados. Houve uma reunião do conselho no último minuto e três jovens, com pôneis velozes, foram despachados para procurar Dança com Lobos no forte.

cinco

Depois de três horas, lutando para suportar a dor no rosto, Dança com Lobos disse que precisava ir ao banheiro.

Caminhando para a encosta, entre dois soldados, ele sentiu repulsa por aqueles homens e pelo acampamento. Não gostava do cheiro deles. O

som das suas vozes parecia áspero aos seus ouvidos. Até o modo como se moviam era pesado e sem elegância.

Dança com Lobos urinou no topo da encosta e os dois soldados o levaram de volta ao armazém. Estava pensando num modo de fugir quando uma carroça carregando madeira e três soldados entraram barulhentamente no acampamento e parou perto dele.

Um dos homens da carroça chamou em voz alta alguém que tinha ficado no forte e Dança com Lobos viu um soldado alto caminhar para a carroça. Os homens sorriam uns para os outros, enquanto o soldado alto se aproximava deles.

Dança com Lobos ouviu um deles dizer:

— Olhe o que trouxemos para você, Burns.

Os homens apanharam alguma coisa e jogaram pelo lado da carroça.

O soldado alto saltou para trás assustado quando o corpo de Duas Meias caiu aos seus pés com um baque surdo.

Os homens saltaram da carroça, zombando do soldado alto que continuava a recuar para longe do lobo morto.

Um dos madeireiros riu asperamente:

— É um dos grandes, não é, Burns?

Dois homens apanharam o corpo de Duas Meias, um segurando a cabeça, o outro, as pernas traseiras. Então, acompanhados pelas risadas de todos os

soldados, começaram a perseguir o soldado alto por todo o pátio.

Dança com Lobos lançou-se para a frente com tanta velocidade que ninguém teve tempo para se mover antes dele estar em cima dos soldados que carregaram Duas Meias. Com murros curtos e fortes, deixou um deles desacordado.

Correu atrás do outro e o derrubou com uma rasteira. Então, suas mãos estavam apertando o pescoço do homem. O rosto do soldado começava a ficar roxo e Dança com Lobos viu os olhos dele perderem o brilho quando alguma coisa o atingiu na nuca e a cortina negra desceu sobre ele outra vez.

Era quase noite quando voltou a si. A princípio quase não notou a dor intensa e latejante na cabeça. A primeira coisa que ouviu foi o ruído metálico quando se moveu. Então, sentiu o frio do metal. Estava com as mãos acorrentadas. Mexeu os pés. Acorrentados também.

Quando o major e o tenente voltaram, com mais perguntas, ele respondeu com um olhar assassino e uma saraivada de insultos em comanche. Cada vez que perguntavam alguma coisa, ele respondia em comanche. Finalmente, eles desistiram.

Mais tarde, o sargento grandalhão pôs uma tigela com uma papa informe ao lado dele.

Dança com Lobos chutou a tigela com os pés acorrentados.

seis

Os enviados de Pássaro Esperneante chegaram à meia-noite com a triste notícia.

Tinham contado mais de sessenta soldados pesadamente armados no forte do homem branco. Viram o cavalo castanho morto na encosta. E um pouco antes do anoitecer tinham visto Dança com Lobos ser levado até o topo da encosta da margem do rio, com correntes nos pés e nas mãos.

Todo o grupo iniciou então a tática de evasão. Arrumaram tudo e marcharam durante a noite, em grupos de dez ou menos, cada grupo numa direção, para se encontrar alguns dias depois no acampamento de inverno.

Dez Ursos sabia que não ia conseguir detê-los, por isso nem tentou.

Um grupo de vinte guerreiros, entre os quais estavam Pássaro Esperneante, Bezerro de Pedra e Vento no Cabelo, saíram depois de uma hora da chegada dos observadores, prometendo só lutar contra o inimigo branco se tivessem certeza do sucesso da missão.

sete

O Major Hatch tomou a decisão naquela mesma noite. Não queria ser perturbado com o problema de um homem selvagem, meio branco e meio índio sentado ali debaixo do seu nariz. O major não era imaginativo e desde o começo ficou intrigado e com medo do seu exótico prisioneiro.

Não ocorreu ao soldado de pouca visão que podia usar Dança com Lobos vantajosamente como um instrumento de troca. A presença dele já estava abalando seu comando.

Mandá-lo de volta ao Forte Hays parecia uma excelente ideia. Como prisioneiro, ele teria muito mais valor para o major do que ficando no forte.

A captura de um traidor enriqueceria sua imagem junto aos seus superiores.

O exército ia falar sobre o prisioneiro, e cada vez que falassem dele, certamente falariam do major que o capturou.

O major apagou seu lampião e puxou as cobertas para cima com um bocejo satisfeito. Tudo ia dar certo, pensou. Um ótimo começo para a sua campanha.

oito

Na manhã seguinte, eles foram buscar o prisioneiro.

Obedecendo às ordens do Sargento Murphy, dois homens ajudaram Dança com Lobos a ficar de pé. O sargento então perguntou ao major:

— Devemos vestir um uniforme nele, senhor, limpar o homem um pouco?

— É claro que não – disse o major, asperamente. – Vamos, ponham o homem na carroça.

Seis homens foram designados para a viagem de volta ao Forte Hays.

Quatro a cavalo, dois na frente e dois atrás, um dirigindo a carroça e um para guardar o prisioneiro.

Seguiram para o leste, atravessando a vasta pradaria que ele tanto amava. Mas naquela manhã luminosa de outubro não havia amor no coração de Dança com Lobos. Ele não disse uma palavra aos seus captores e enquanto sacolejava na parte de trás da carroça, ouvindo o tinir das correntes, considerava as possibilidades de fuga.

Não conseguiria nunca dominar a escolta. Podia matar um, ou talvez dois. Mas seria morto depois. Mas pensou em tentar assim mesmo. Não achava tão má a ideia de morrer lutando contra aqueles homens. Era melhor do que acabar preso numa cela.

Cada vez que pensava nela, seu coração se partia. Quando o rosto da mulher começava a surgir em sua mente, procurava pensar em outra coisa.

Tinha de fazer isso quase de minuto a minuto. Era a pior das agonias.

Duvidava que aparecesse alguém para libertá-lo. Tinha certeza de que todos queriam fazer isso, mas Dez Ursos não ia comprometer a segurança do seu povo por causa de um único homem. Dança com Lobos tinha de fazer tudo sozinho.

Por outro lado, sabia que deviam ter enviado alguém à sua procura e que sabiam da sua situação. Se tivessem demorado o suficiente para ver sua saída da carroça, com uma escolta de seis homens, podia haver uma chance.

O tempo passava e Dança com Lobos agarrou-se a essa ideia, como sua única esperança. Cada vez que a carroça diminuía a marcha, numa subida, ou descia uma encosta, ele prendia a respiração, desejando ouvir o silvo de uma flecha ou o estampido de um tiro.

Ao meio-dia não tinha ouvido coisa alguma.

Seguiram longe do rio por um longo tempo, mas agora aproximavam-se dele outra vez. Seguiram pela margem, à procura de um lugar para atravessar. Então

os soldados que iam na frente encontraram um baixio com marcas de patas de búfalos.

O rio era largo, mas as moitas nas margens eram espessas, bastante espessas para uma cilada. Enquanto a carroça descia a margem íngreme, Dança com Lobos aguçou os ouvidos e os olhos.

O sargento que comandava o grupo deu ordem de parada antes de entrarem no rio. Por um ou dois longos minutos, eles examinaram as moitas dos baixios. Então o sargento pôs as mãos em concha aos lados da boca e mandou a carroça descer.

Dança com Lobos cerrou os punhos e levantou o corpo. Não via nada e não ouvia nada.

Mas sabia que eles estavam lá.

Quando a primeira flecha, muito mais rápida do que o soldado de guarda na carroça, que estava ainda tentando erguer o rifle, assobiou no ar, Dança com Lobos deu um salto e passou a corrente que prendia suas mãos em volta do pescoço do homem.

Tiros de rifle explodiram atrás dele e Dança com Lobos esticou a corrente, sentindo a carne ceder sob o metal e a garganta do soldado afundou.

Com o canto do olho viu o sargento cair para a frente, montado ainda, com uma flecha enterrada nas costas. O soldado que dirigia a carroça pulou 218

para fora e com água até os joelhos atirava desesperadamente com uma pistola.

Dança com Lobos saltou para as costas dele e depois de uma luta breve na água, ficou de pé e, usando a corrente como um chicote manejado com as duas mãos, açoitou a cabeça do soldado que caiu molemente e ficou boiando na água rasa. Dança com Lobos só parou quando a água se tingiu de vermelho.

Ouviu gritos rio abaixo, na parte alta da margem. Dança com Lobos olhou para cima e viu o último soldado tentando fugir. Devia estar ferido porque balançava loucamente na sela.

Vento no Cabelo estava bem atrás do homem condenado. Quando os cavalos

emparelharam, Dança com Lobos ouviu o baque surdo da maça de Vento no Cabelo partindo a cabeça do inimigo.

Atrás dele tudo estava quieto. Dança com Lobos voltou-se. Os dois homens da retaguarda estavam mortos, esparramados na água.

Alguns guerreiros espetavam as lanças nos corpos dos soldados e ele ficou eufórico quando viu que um deles era Bezerro de Pedra.

A mão pesada segurou seu ombro e Dança com Lobos viu-se na frente do largo sorriso de Pássaro Esperneante.

— Que grande luta – gritou o curandeiro. – Nós os pegamos com tanta facilidade e ninguém está ferido.

— Eu peguei dois – Dança com Lobos gritou também. Ergueu no ar as mãos acorrentadas e berrou: – Com isto.

O grupo de salvamento não perdeu tempo. Depois de uma procura apressada, encontraram a chave das correntes no corpo do sargento.

Então, montaram nos seus pôneis e saíram no galope, seguindo um caminho que passava quilômetros ao sul e a leste do Forte Sedgewick.

CAPÍTULO XXX

um

Dois centímetros de neve caída antes da estação cobriram completamente os traços do povo de Dez Ursos até o acampamento de inverno.

Todos fizeram a viagem em ótimo tempo e seis dias depois estavam reunidos no fundo do enorme desfiladeiro que seria seu lar durante vários meses.

Era um lugar saturado com a história dos comanches e tinha um nome bastante significativo, O Grande Espírito Pára Aqui. O desfiladeiro tinha quilômetros de comprimento e mais de um quilômetro de largura em vários lugares e alguns paredões com seiscentos metros de altura. Os comanches passavam os invernos

ali desde o começo dos tempos. Era o lugar ideal, com pastagem e muita água para o povo e para os pôneis, além de ser protegido das nevascas que assolavam o topo do desfiladeiro durante todo o inverno. Ficava também fora do alcance dos inimigos.

Outros grupos passavam o inverno no desfiladeiro e velhos amigos e parentes que não se viam desde o começo da primavera encontravam-se com grande alegria.

Porém, logo que se instalou, o grupo de Dez Ursos entrou em compasso de espera. Só ficariam tranquilos quando tivessem notícia do grupo de salvamento.

No meio da manhã no dia seguinte ao da chegada ao desfiladeiro, um observador entrou no acampamento a todo galope com a notícia de que o grupo de guerreiros estava chegando. Disse que Dança com Lobos vinha com eles.

De Pé com Punho correu pela trilha, na frente de todos, chorando enquanto corria e quando viu os cavaleiros, em fila indiana na trilha à sua frente, gritou o nome dele.

Só parou de gritar quando se encontraram.

dois

A neve fora de tempo foi o prelúdio da tremenda nevasca que caiu naquela tarde.

Todos ficaram perto das tendas durante dois dias.

Dança com Lobos e De Pé com Punho não viram quase ninguém.

220

Pássaro Esperneante fez o melhor possível pelo rosto de Dança com Lobos, diminuindo a inchação e tentando apressar a cura com remédios de ervas. Não podia fazer nada com o osso frágil partido e deixou que a natureza se encarregasse de emendá-lo.

Dança com Lobos não estava preocupado com a fratura. Um assunto mais sério o perturbava e, procurando resolver, não queria falar com ninguém.

Falava só com De Pé com Punho, mas não dizia muito sobre o que estava pensando. Passava a maior parte do tempo deitado na tenda, como um homem doente. De Pé com Punho ficava com ele, tentando imaginar o que estaria acontecendo, mas esperando que ele dissesse, como sabia que ele iria dizer.

No terceiro dia da tempestade, Dança com Lobos saiu para uma caminhada longa e solitária. Quando voltou, contou a ela sua decisão definitiva.

De Pé com Punho afastou-se dele e ficou sentada durante quase uma hora, de cabeça baixa, em silenciosa contemplação.

Finalmente ela disse:

— Então é assim que vai ser? – Seus olhos estavam tristes.

Dança com Lobos estava triste também.

— Sim – respondeu, em voz baixa.

Ela suspirou dolorosamente, procurando conter as lágrimas.

— Então, assim será.

três

Dança com Lobos pediu uma reunião do conselho. Queria falar com Dez Ursos. Pediu também a presença de Pássaro Esperneante, Vento no Cabelo, Bezerro de Pedra e todos os que Dez Ursos achasse que deviam comparecer.

Reuniram-se na noite seguinte. A nevasca começava a amainar e todos estavam de bom humor. Comeram e fumaram animados, falando sobre a luta no rio e o salvamento de Dança com Lobos.

Ele esperou pacientemente. Sentia-se feliz com os amigos.

Mas quando diminuiu o entusiasmo da conversa, aproveitou o primeiro silêncio.

— Quero dizer o que estou pensando – disse Dança com Lobos, começando a reunião oficial do conselho.

Todos sabiam que devia ser algo muito importante e ficaram atentos.

Dez Ursos teve o cuidado de ficar com o ouvido melhor voltado para ele, para não perder nem uma palavra.

221

— Eu não estou com vocês há muito tempo, mas no meu coração é como se fosse toda a minha vida. Sinto orgulho de ser comanche. Gosto do modo de vida dos comanches e gosto de vocês todos como se fôssemos do mesmo sangue. No meu coração e no meu espírito, sempre estarei com vocês. Por isso, devem saber que é muito difícil para mim dizer que preciso deixá-los.

A tenda explodiu com exclamações de espanto, todos eles curiosos e incrédulos. Vento no Cabelo levantou-se de um salto e começou a andar de um lado para o outro, sacudindo a mão como para afastar aquela ideia tola.

Dança com Lobos ficou imóvel no meio do barulho.

Olhou para o fogo, com as mãos cruzadas no colo.

Dez Ursos ergueu a mão, pedindo silêncio. Todos se calaram.

Mas Vento no Cabelo continuou a andar pela tenda e Dez Ursos rugiu.

— Sente-se, Vento no Cabelo. Nosso irmão não terminou.

Vento no Cabelo obedeceu com relutância e Dança com Lobos continuou.

— Matar aqueles soldados no rio foi uma boa coisa. Devolveu a minha liberdade e meu coração encheu-se de alegria quando meus irmãos foram me ajudar.

“Não me importei de matar aqueles homens. Fiquei satisfeito.

“Mas vocês não conhecem o homem branco como eu conheço. Os soldados pensam que sou um deles que agiu mal. Pensam que eu os traí.

Aos seus olhos eu sou um traidor porque preferi viver com vocês. Não me importa que eles estejam certos ou não, mas saibam que é isso que eles pensam.

“Os homens brancos vão caçar o traidor durante um tempo muito maior do que caçariam qualquer outro homem. Para eles, o traidor é a pior coisa que um

soldado pode ser. Portanto, vão me caçar até me encontrar.

Não vão desistir.

“Quando me encontrarem, encontrarão vocês. Vão querer me enforcar e vão querer o mesmo castigo para vocês. Talvez eles os castiguem mesmo que eu não esteja aqui. Eu não sei.

“Se fosse só por nós, talvez eu ficasse, mas é mais do que isso. São suas mulheres, seus filhos e os filhos e mulheres dos seus amigos. Todo seu povo vai sofrer.

“Não podem me encontrar aqui com vocês. Isso é tudo. Por isso, eu devo partir. De Pé com Punho concorda e iremos juntos.”

Ninguém fez um movimento por alguns segundos. Sabiam que ele tinha razão, mas não sabiam o que dizer.

— Para onde vocês vão? – perguntou Pássaro Esperneante.

— Não sei. Para muito longe. Longe destas terras.

222

O silêncio começava a ficar insuportável quando Dez Ursos tossiu de leve.

— Você falou bem, Dança com Lobos. Seu nome viverá nos corações do nosso povo enquanto existirem os comanches. Nós nos encarregaremos disso. Quando quer ir?

— Quando a neve parar de cair – disse Dança com Lobos, com voz baixa.

— A neve vai parar amanhã – garantiu Dez Ursos. – Vamos todos dormir agora.

quatro

Dez Ursos era um homem extraordinário.

Vencera o padrão de longevidade da planície e em cada estação da sua vida acumulou uma grande sabedoria. Essa sabedoria cresceu até se dobrar sobre si mesma e, no ocaso da sua vida, Dez Ursos chegava ao pináculo... Era um

homem sábio.

Os velhos olhos estavam fracos, mas na sua fraqueza viam com uma clareza que ninguém mais, nem Pássaro Esperneante, podia ver. Seus ouvidos estavam mudos, mas os sons realmente importantes nunca deixavam de chegar até eles. E ultimamente estava acontecendo uma coisa maravilhosa. Sem poder confiar nos sentidos, que ficavam cada vez mais fracos, Dez Ursos podia *sentir* a vida do seu povo. Possuía, desde menino, uma intuição especial, mas isto era muito mais. Era ver com todo o seu ser, ao invés de sentir-se velho e acabado, Dez Ursos era revigorado pelo poder estranho e misterioso que lhe foi concedido.

Mas o poder, que demorou tanto para chegar e parecia tão infalível, falhou. Durante dois dias inteiros, depois da reunião com Dança com Lobos, o chefe ficou sentado na sua tenda fumando e tentando descobrir o que tinha saído errado.

“A neve vai parar amanhã.”

As palavras não foram premeditadas. Apareceram em sua boca como colocadas ali pelo Grande Espírito antes que Dez Ursos tivesse tempo para pensar.

Mas a neve não parou. A tempestade ficou mais forte. No fim do segundo dia, a neve empilhava-se, alta, contra as paredes das tendas. E as pilhas cresciam a cada hora. Dez Ursos as sentia subindo em volta da sua tenda.

Seu apetite desapareceu e o velho chefe ignorou tudo, exceto o cachimbo e o fogo. Passava o tempo todo olhando para as chamas que ondulavam no centro da tenda. Pediu ao Grande Espírito para ter pena de 223

um homem velho e conceder a ele uma última parcela de compreensão, mas foi tudo inútil.

Finalmente, Dez Ursos começou a interpretar seu erro de cálculo como um presságio. Pensou que devia ser o aviso do fim da sua vida. E

então quando, depois de aceitar essa ideia, resignado, começou a ensaiar seu canto de morte, algo de fantástico aconteceu.

A velha mulher, companheira de toda sua vida, o viu levantar-se bruscamente do lado do fogo, enrolar-se num manto e sair da tenda.

Perguntou onde ele ia, mas não obteve resposta.

Na verdade, ele não ouviu a pergunta. Escutava uma voz dentro da sua cabeça. A voz disse uma única frase e Dez Ursos estava obedecendo ao comando.

A voz disse, “Vá à tenda de Dança com Lobos.”

Indiferente ao esforço que isso significava, Dez Ursos caminhou pela neve alta. Quando chegou à tenda, na extremidade do acampamento, hesitou antes de bater.

Não havia ninguém por perto. A neve caía em grandes flocos, pesada e úmida. Enquanto esperava, Dez Ursos teve a impressão de ouvir a neve, de ouvir cada floco caindo no chão. Era um som celestial e, de pé, ali fora no frio, Dez Ursos sentiu a cabeça girar. Por alguns momentos, pensou que tinha passado para o além.

Um gavião gritou e, quando ele procurou o pássaro, viu a fumaça subindo em espiral da abertura da tenda de Dança com Lobos. Piscou os olhos para tirar a neve que os cobria e bateu de leve na parte de couro que servia de porta.

Quando a porta se abriu, uma imensa onda de calor correu ao encontro dele. Envolveu o velho homem, o fez passar rapidamente por Dança com Lobos e, como uma coisa viva, o fez entrar na tenda. Dez Ursos ficou parado no meio da tenda e sentiu a cabeça girar outra vez. Agora girava de alívio pois, no tempo que levou para sair do frio e entrar no calor da tenda, Dez Ursos resolveu o mistério do seu erro.

O erro não foi seu. Foi cometido por outro que não o notou. Dez Ursos apenas completou o erro quando disse, “A neve vai parar amanhã.”

A neve estava certa. Devia ter ouvido a neve primeiro. Dez Ursos sorriu e balançou a cabeça. Era tão simples. Como eu não percebi? Ainda tenho muito que aprender, pensou ele.

O homem que cometeu o erro estava agora na sua frente, mas Dez Ursos não sentia ressentimento contra Dança com Lobos e sorriu vendo a expressão intrigada e curiosa no rosto do jovem.

Dança com Lobos, atônito, conseguiu dizer:

— Por favor... sente ao lado do meu fogo.

224

Dez Ursos sentou, examinando a tenda e o que viu confirmou o que o torvelinho em sua cabeça acabava de dizer. Era um lar feliz e bem organizado. Ele abriu o manto para que seu corpo recebesse mais calor.

— É um belo fogo – disse ele, satisfeito. – Na minha idade, um bom fogo é melhor do que qualquer outra coisa.

De Pé com Punho pôs uma tigela com comida ao lado de cada homem, depois foi para onde ficava a cama, na parte de trás da tenda, e começou a costurar. Mas estava atenta à conversa que ia começar.

Os homens comeram em silêncio durante alguns minutos, Dez Ursos mastigando cuidadosamente. Então, ele empurrou a tigela para o lado e, com uma tosse discreta, disse:

— Eu estive pensando desde que você falou, na minha tenda. Queria saber como ia seu coração doente e resolvi ver por mim mesmo.

Examinou a tenda outra vez, depois olhou diretamente para Dança com Lobos.

— Este lugar não parece ter um coração doente.

— Hum... não, não – gaguejou Dança com Lobos. – Sim, nós somos felizes aqui.

Dez Ursos sorriu e balançou a cabeça afirmativamente.

— Foi o que pensei.

Fez-se silêncio, Dez Ursos olhou para as chamas e seus olhos foram se fechando aos poucos. Dança com Lobos esperou delicadamente, sem saber o que fazer. Talvez perguntar ao velho chefe se queria se deitar. Ele tinha caminhado na neve. Mas agora era tarde demais para isso. Seu hóspede importante já estava cochilando.

Dez Ursos mudou de posição e falou, como se estivesse dormindo:

— Estive pensando no que você disse... nas razões que apresentou para ir embora.

Abriu os olhos de repente e Dança com Lobos ficou admirado com o brilho que viu neles. Pareciam duas estrelas.

— Você pode nos deixar quando quiser... mas não por essas razões.

Essas razões são erradas. Todos os soldados de cabelo na boca do mundo podem vasculhar nosso acampamento que não encontrarão o homem que procuram, o homem igual a eles, que se chama Tem Nente.

Dez Ursos espalmou as mãos e disse com voz cheia de alegria:

— O homem chamado Tem Nente não está aqui. Nesta tenda eles só encontrarão um guerreiro comanche, um bom guerreiro comanche e sua mulher.

Dança com Lobos ficou calado. Olhou por sobre o ombro para De Pé com Punho, viu o sorriso nos lábios dela, mas a cabeça continuou abaixada para o trabalho. Ele não podia dizer nada.

Agora Dez Ursos olhava para a ponta de um cachimbo quase pronto para fumar. Apontou o dedo magro e disse:

— Você está preparando um cachimbo, Dança com Lobos?

— Estou.

Dez Ursos estendeu as mãos e Dança com Lobos deu a ele o cachimbo. O velho chefe o aproximou do rosto e examinou com atenção.

— Acho que vai ser um cachimbo muito bom... Que tal é fumar nele?

— Eu não sei – respondeu Dança com Lobos. – Ainda não experimentei.

— Vamos fumar um pouco – disse Dez Ursos, devolvendo o cachimbo. – É bom passar o tempo assim.

CAPÍTULO XXXI

Foi um inverno bom para ficar debaixo das mantas de pele. A não ser por uma caçada ocasional, os comanches raramente saíam das tendas.

Passavam tanto tempo sentados ao lado do fogo que aquele inverno foi chamado Inverno de Muita Fumaça.

Quando chegou a primavera, todos estavam ansiosos para partir, e logo que o gelo começou a derreter, a coluna estava na trilha outra vez.

Naquele ano montaram o acampamento em outro lugar, muito além do Forte Sedgewick. Um bom lugar com muita água e relva para os pôneis.

Os búfalos chegaram aos milhares e a caçada foi proveitosa. Poucos homens ficaram feridos. No fim daquele verão, nasceram muitas crianças, mais do que costumavam nascer.

Evitavam as trilhas mais usadas, e não viram nenhum homem branco, só os mercadores mexicanos. Todos estavam felizes, sem preocupações.

Porém, uma maré humana, que eles não podiam ver nem ouvir, erguia-se no leste. Logo os alcançaria. Os bons tempos daquele verão seriam os últimos para eles. Estavam se esgotando e logo não existiriam nunca mais.

***

O AUTOR

Michael Blake trabalhou em jornais, fábricas, rádio e lavou pratos em restaurantes até escrever seu primeiro romance, *Dança com lobos*. O

livro foi um sucesso de vendas estrondoso e deu origem ao filme do mesmo nome, com Kevin Costner dirigindo e estrelando, e roteiro — premiado com um Oscar — do próprio Michael Blake.

O escritor vive na Califórnia com seus cães e cavalos.

Ilustração de capa:

CHARLES M. RUSSELL

The buffalo hunt – 1919

228

Document Outline

- CAP&#65533;TULO I
- CAP&#65533;TULO II
- CAP&#65533;TULO III
- CAP&#65533;TULO IV
- CAP&#65533;TULO V
- CAP&#65533;TULO VI
- CAP&#65533;TULO VII
- CAP&#65533;TULO VIII
- CAP&#65533;TULO IX
- CAP&#65533;TULO X
- CAP&#65533;TULO XI
- CAP&#65533;TULO XII
- CAP&#65533;TULO XIII
- CAP&#65533;TULO XIV
- CAP&#65533;TULO XV
- CAP&#65533;TULO XVI
- CAP&#65533;TULO XVII
- CAP&#65533;TULO XVIII
- CAP&#65533;TULO XIX
- CAP&#65533;TULO XX
- CAP&#65533;TULO XXI
- CAP&#65533;TULO XXII
- CAP&#65533;TULO XXIII
- CAP&#65533;TULO XXIV
- CAP&#65533;TULO XXV
- CAP&#65533;TULO XXVI
- CAP&#65533;TULO XXVII
- CAP&#65533;TULO XXVIII
- CAP&#65533;TULO XXIX
- CAP&#65533;TULO XXX
- CAP&#65533;TULO XXXI
- O AUTOR